

A GÊNESE

Allan Kardec

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

Matéria, Espaço e Tempo.
Geologia, teorias da Terra.
Gênese biológica e espiritual.
Milagres e Predições do Evangelho

A Gênese
Os milagres e as predições Segundo o Espiritismo
Copyright by Fundação Espírita André Luiz • 2013

Mundo Maior Editora
Fundação Espírita André Luiz

Diretoria Editorial: Onofre Astinfero Baptista
Editor: Antonio Ribeiro Guimarães
Assistente Editorial: Marta Moro
Criação de Capa: André Marouço Silva/Leonardo Lopes
Tradução: Sandra Regina Keppler

Rua São Gabriel, 364, térreo
Guarulhos/SP – CEP 07056-090
Tel.: (11) 4964-4700

e-mail: editorial@mundomaior.com.br

2ª edição – 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kardec, Allan, 1804-1869.

A Gênese : os milagres e as predições segundo o
espiritismo / Allan Kardec ; [tradução Sandra
Regina Keppler]. -- 2. ed. -- Guarulhos, SP :
Mundo Maior Editora, 2013.

Título original: A Gênese.

1. Ciência e espiritismo 2. Espiritismo –
Filosofia 3. Milagres 4. Profecias I. Título.
II. Título: Os milagres e as predições segundo o
espiritismo.

13-02994

CDD-133.901

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a
autorização por escrito da Editora.
(Lei nº 9.610 de 19.2.1998).

SUMÁRIO

A GÊNESE

Capítulo I – Caráter da revelação espírita	13
Capítulo II – Deus	49
Existência de Deus.....	49
Da Natureza divina	52
A providência	55
A visão de Deus	60
Capítulo III – O bem e o mal.....	63
Origem do bem e do mal.....	63
O instinto e a inteligência.....	68
Destruição dos seres vivos uns pelos outros	73
Capítulo IV – Papel da Ciência na Gênese	77
Capítulo V – Sistemas antigos e modernos do mundo	85
Capítulo VI – Uranografia geral	93
O espaço e o tempo	93
A matéria	96
As leis e as forças	99
A primeira criação	101
A criação universal	104
Os sóis e os planetas	106
Os satélites	108
Os cometas	109
A Via-Láctea.....	111
As estrelas fixas	113
Os desertos do espaço.....	115
Sucessão eterna dos mundos	117

A vida universal	120
Diversidade dos mundos.....	121
Capítulo VII — Esboço geológico da Terra	125
Períodos geológicos.....	125
Estado primitivo do globo	131
Período primário	133
Período de transição.....	134
Período secundário	137
Período terciário	140
Período diluviano	144
Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do Homem.....	146
Capítulo VIII — Teorias sobre a formação da Terra	149
Teoria da projeção	149
Teoria da condensação	151
Teoria da incrustação	152
Alma da Terra.....	155
Capítulo IX – Revolução do Globo	157
Revoluções gerais ou parciais	157
Idade das montanhas	158
Dilúvio bíblico	159
Revelações periódicas.....	160
Cataclismos futuros	163
Aumento ou diminuição do volume da Terra.....	164
Capítulo X — Gênese orgânica	169
Primeira formação dos seres vivos	169
Princípio vital.....	176
Geração espontânea.....	177
Escala dos seres orgânicos	179
O homem corpóreo	181
Capítulo XI — Gênese espiritual.....	183
Princípio espiritual	183
União do princípio espiritual e da matéria	187
Hipótese sobre a origem do corpo humano.....	189
Encarnação dos Espíritos	190
Reencarnações	197

Emigrações e imigrações dos Espíritos	200
Raça adâmica.....	201
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido.....	205
Capítulo XII — Gênese mosaica	211
Os seis dias	211
O paraíso perdido.....	220

OS MILAGRES

Capítulo XIII — Caracteres dos milagres	235
Os milagres no sentido teológico	235
O Espiritismo não faz milagres	237
Deus faz milagres?	242
O sobrenatural e as religiões.....	244
Capítulo XIV — Os fluidos	247
I. Natureza e propriedades dos fluidos	247
Elementos fluídicos.....	247
Formação e propriedades do perispírito	250
Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas.	
Fotografia do pensamento.....	254
Qualidades dos fluidos.....	256
II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais.	
Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo.	
Sonhos.....	260
Cataplexia. Ressurreições.....	264
Curas.....	265
Aparições. Transfigurações	267
Manifestações materiais. Mediunidade.....	270
Obsessões e possessões	273
Capítulo XV — Os milagres do evangelho	277
Superioridade da natureza de Jesus.....	277
Sonhos.....	279
Estrela dos magos	279
Dupla vista	280
Entrada de Jesus em Jerusalém.....	280
Beijo de Judas.....	280
Pesca Milagrosa.....	281

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus.....	281
Curas.....	283
Perda de sangue	283
O cego de Betsaida	284
O parálítico	285
Os dez leprosos.....	286
A mão seca	286
A mulher curvada	287
O parálítico da piscina.....	287
O cego de nascença.....	289
Numerosas curas d e Jesus.....	292
Possessos.....	294
Ressurreições	297
A filha de Jairo.....	297
O filho da viúva de Naim	298
Jesus caminha sobre as águas.....	299
Transfiguração	301
Tempestade aplacada	302
As bodas de Canaã.....	302
Multiplicação dos pães.....	303
O fermento dos fariseus.....	304
O pão do Céu.....	305
A tentação de Jesus	307
Prodígios por ocasião da morte de Jesus	308
Aparições de Jesus após Sua morte	309
Desaparecimento do corpo de Jesus	314

AS PREDIÇÕES

Capítulo XVI — Teoria da presciência	321
Capítulo XVII — Predições do evangelho	331
Ninguém é profeta em sua terra.....	331
Morte e Paixão de Jesus	333
Perseguição aos Apóstolos	335
Cidades impenitentes	335
Ruína do templo e de Jerusalém	336

Maldição contra os fariseus	337
Minhas palavras não passarão	339
A pedra angular	340
Parábola dos vinhateiros homicidas.....	340
Um só rebanho e um só pastor	342
Advento de Elias.....	344
Anunciação do Consolador.....	345
Segundo advento do Cristo.....	348
Sinais precursores.....	350
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão	354
Juízo final	355
Capítulo XVIII — Os tempos chegaram	359
Sinais dos tempos	359
A nova geração	373
Nota Explicativa.....	379

A GÊNESE
SEGUNDO O
ESPIRITISMO

CAPÍTULO I

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1. Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Nesse caso, qual é seu caráter? Em que está fundada sua autenticidade? A quem e de que maneira foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido teológico da palavra, quer dizer, ela é inteiramente o produto de um ensinamento oculto vindo do Alto? Ela é absoluta ou suscetível de modificações? Ao trazer aos homens a verdade integral, a revelação não teria o efeito de impedi-los de fazer uso de suas faculdades, visto que lhes poupa o trabalho da pesquisa? Qual poderia ser a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra que a do Cristo, que nós conhecemos? Quais são as verdadeiras novidades que eles nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que lhe é necessário para se orientar? Tais são as questões sobre as quais é importante fixar-se.

2. Primeiro, as definições sobre o sentido da palavra *revelação*. *Revelar*, do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente *sair debaixo do véu*. E, no sentido figurado, significa: descobrir, fazer conhecida uma coisa secreta ou desconhecida. Nessa aceção comum, mais genericamente, trata de todas as coisas ignoradas que são revistas, de toda ideia nova que esclarece sobre o que não se sabia.

Por esse ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante. A Astronomia revelou-nos o mundo astral que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. A característica essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido algo que, se for falso, não é um fato e, como consequência, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos não é revelação; se for atribuída a Deus, como Ele não pode mentir nem se enganar, ela não pode emanar Dele. É necessário considerá-la como produto de uma concepção humana.

4. Qual é o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina o que não sabem, o que não teriam nem tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva de séculos e de uma quantidade de homens que forneceram, cada um, um contingente de observações para benefício dos que vêm depois deles. O ensino é, de fato, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas feitas pelos homens que as conhecem a outros que as ignoram e que ficariam para sempre ignoradas, se assim fosse.

5. Mas o professor ensina apenas o que ele aprendeu: é um revelador de segunda ordem. O gênio ensina o que ele mesmo encontrou: é um revelador primitivo; ele traz a luz que, com o passar do tempo, se torna comum. Onde estaria a Humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são os gênios? Por que são gênios? De onde vêm? Em que eles se tornaram? Observe que a maior parte traz de nascença as faculdades transcendentais e os elevados conhecimentos, que apenas um pouco de trabalho é suficiente para desenvolver. Eles pertencem, de fato, à Humanidade, visto que nascem, vivem e morrem como nós. De onde, portanto, eles retiram esse conhecimento que não adquiriram de sua vivência? Poder-se-ia dizer, como os materialistas, que a sorte lhes deu massa cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Nesse

caso, eles não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso que outro.

Poder-se-ia dizer, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a dos homens comuns? Suposição também lógica, pois assim se atribuiria parcialidade a Deus. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e em sua pluralidade de existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu há muito tempo, que adquiriu, por conseguinte, mais conhecimento e progrediu mais do que os que são menos adiantados. Ao encarnar, ele traz o que sabia e como sabe mais que os outros, não tem necessidade de aprender, e a ele chamamos gênio. Mas o que ele sabe é somente o fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer era, já, um Espírito avançado. Ele reencontra ou para beneficiar os outros com o que sabe ou para adquirir mais conhecimento.

Os homens, incontestavelmente, progridem por si próprios e pelo esforço de sua inteligência, mas, entregues às suas próprias forças, esse progresso se torna muito lento. Eles necessitam do auxílio de homens mais avançados, como o estudante precisa da ajuda de professores. Todos os povos têm seus gênios que vêm, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los da inércia.

6. Por esse ponto de vista, em se admitindo a solicitude de Deus por Suas criaturas, por que não se admitiria que Espíritos capazes de fazer progredir a Humanidade — por sua energia e pela superioridade de seu conhecimento — encarnassem, pela vontade de Deus, visando implementar o progresso em determinado sentido, recebendo uma missão tal como um embaixador recebe de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. O que eles vêm fazer senão ensinar aos homens as verdades que estes ignoram e que vêm ignorando há muito tempo, a fim de ajudá-los a subir mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando atrás de si uma longa cauda luminosa sobre a Humanidade, são missionários ou, se quiserem, messias. As novidades que eles ensinam aos homens seja na ordem física, seja na ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, Ele pode, com certeza, suscitá-los para as verdades morais que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias têm atravessado os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação trata particularmente das coisas espirituais que o Homem não pode saber por si só, que não pode descobrir por meio de seus sentidos e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por Seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Nesse caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, conhecidos pelo nome de *profetas* ou *messias*, quer dizer, *enviados*, *missionários*, que têm a missão de transmiti-la aos homens. Considerada por esse ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta. Ela é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8. Todas as religiões têm seus reveladores e, embora todos estejam longe de conhecer toda a verdade, têm suas razões de serem providenciais, porque foram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao gênio particular dos povos para os quais falavam e aos quais eram relativamente superiores. Malgrado os erros de suas doutrinas, eles não deixaram de agitar os Espíritos e, por isso mesmo, semearam os germes do progresso que, mais tarde, deviam se expandir como se expandiram um dia à luz do Cristianismo. É, portanto, sem razão que lhes lancem anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam, de fato, sobre um mesmo princípio fundamental: *Deus e a imortalidade da alma*, se fundirão em uma grande e vasta unidade, quando a razão terá triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões foram, em todos os tempos, instrumentos de dominação. O papel de profeta despertou ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio desse nome, têm explorado a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua cobiça ou de sua indolência, tornando mais cômodo viver à custa das pessoas enganadas. A religião cristã não se livrou desses parasitas. A esse respeito, chamamos a atenção

para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “Haverá falsos Cristos e falsos profetas”.

9. Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativa nem negativamente de forma absoluta. O fato não é radicalmente impossível, mas ninguém dá uma prova certa. O que se sabe não ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus, por sua perfeição, entram no pensamento Dele e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica à qual pertencem e ao grau de seu saber, podem tirar suas instruções dos próprios conhecimentos ou as recebem de Espíritos mais elevados e, mesmo, dos mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, foram por vezes tomados pelo próprio Deus.

Essa espécie de comunicação não tem nada de estranho para qualquer um que conheça os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vista dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, assim como está registrado nos exemplos da Bíblia, dos Evangelhos e dos livros sagrados de todos os povos. É, portanto, rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes. Não se deve, no entanto, acreditar que todos os médiuns sejam reveladores e, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou de Seus mensageiros.

10. Apenas os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la, mas sabe-se agora que os Espíritos estão longe de ser perfeitos e se dão, por isso, falsas aparências; é o que fez São João dizer: “*Não acrediteis em todo os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus*”. (Epístola 1ª, IV:4).

É possível, portanto, que haja revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da verdade eterna. Toda revelação maculada pelo erro ou sujeita à mudança não pode emanar de Deus.* É assim que a lei do Decálogo tem todos os

caracteres de sua origem, enquanto as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a Lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo abrandaram-se, essas leis caíram em desuso, enquanto que o Decálogo ficou em pé como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base de Seu edifício, tanto que aboliu as outras leis. Se elas tivessem sido obra de Deus, Jesus se guardaria de derogá-las. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova da missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. Uma revelação importante se cumpre na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até nossos dias de certa forma em tempo de espera, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem as relações entre o mundo espiritual e o material o sufocou pela superstição: o homem era incapaz de tirar dele qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-lo de seus acessórios ridículos, de compreender seu alcance e daí fazer vir a luz que deve clarear o caminho do porvir.

12. O Espiritismo nos fez conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o percebermos, e as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, a destinação do Homem após a morte do corpo é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: ela tende à revelação divina e à revelação científica. Tende à primeira, no que sua vinda é providencial e não o resultado da iniciativa e desígnio premeditado do Homem. Os pontos fundamentais da Doutrina Espírita são o ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoram, que não poderiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje, que estão maduros para compreendê-los. Ela tende à segunda, naquilo que seu ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, mas que é dado a todos pela mesma via, e porque aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são de modo algum seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e

da procura. Eles não se negam a ter seu julgamento e seu livre-arbítrio. O controle não lhes está interdito, mas, ao contrário, recomendado. Enfim, porque a Doutrina Espírita não foi *ditada pronta, terminada, nem imposta à crença cega*, visto que foi deduzida, pelo trabalho do Homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam sob seus olhos, e das instruções que eles lhe dão, instruções que o Homem estuda, comenta, compara e, portanto, tira por si mesmo as conclusões e as aplicações. Em uma palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que a fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a elaboração é, de fato, feita pelo trabalho do Homem.*

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, quer dizer, aplica o método experimental. Os fatos de uma nova ordem se apresentam, não podendo ser explicados pelas leis conhecidas. Ele os observa, os compara, os analisa e, remontando de efeitos às causas, chega à lei que os rege, deduzindo as consequências e procurando as aplicações úteis. Ele não estabelece *nenhuma teoria preconcebida*. Assim, não pôs como hipóteses, nem a existência e intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem quaisquer dos princípios da Doutrina. Conclui-se pela existência dos Espíritos, porque essa existência é resultado como evidência da observação dos fatos; e assim os demais princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas foi a teoria que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, portanto, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência da observação e não o produto da imaginação. As ciências fizeram progressos sérios apenas depois que seu estudo se baseou no método experimental. No entanto, até então, acreditava-se que esse método era apenas aplicável à matéria, enquanto que o é igualmente às coisas metafísicas.

15. Citemos um exemplo. Passa-se no mundo espiritual um fato muito singular e que seguramente ninguém suspeitaria: é sobre Espíritos que não acreditam estar mortos. Pois bem, os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antes: “Há Espíritos que acreditam ainda viver a vida terrestre, que conservaram seus gostos, seus hábitos e seus instintos”. Mas eles provocaram a manifestação

de Espíritos dessa categoria para que nós os observássemos. Tendo, portanto, visto Espíritos incertos de seu estado, ou afirmando que ainda faziam parte deste mundo, acreditando desempenhar suas ocupações ordinárias; do exemplo conclui-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos provou que essa não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita. Ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão, de reconhecer que essa situação é, sobretudo, própria ao Espírito pouco avançado moralmente e que ela é peculiar a certos tipos de morte; que é temporária, embora possa durar alguns dias, meses ou anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo ocorre com todos os outros princípios da Doutrina Espírita.

16. Do mesmo modo que a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este princípio é uma das forças da Natureza e reage incessantemente sobre o princípio material e, reciprocamente, daí resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a Ciência completam-se um ao outro.* A Ciência, sem o Espiritismo, é impotente para explicar certos fenômenos apenas pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, ficaria sem suporte e comprovação. O estudo das leis da matéria devia preceder o da espiritualidade, pois é a matéria que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria tido sua obra abortada, como tudo o que vem antes de seu tempo.

17. Todas as ciências encadeiam-se e sucedem-se em uma ordem racional. Elas nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras que foram cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais. A Química, não podendo nada sem a Física, deveria acompanhá-la de perto, para, em seguida, andarem as duas de acordo apoiando-se uma na outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia só se tornaram ciências sérias depois da ajuda das luzes que trouxeram a Física e a Química. A Geologia, nascida antes

sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, sentiu falta de seus verdadeiros elementos de vitalidade. Ela só poderia vir depois.

18. A Ciência moderna fez justiça aos quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria. Mas esta, por si mesma, é inerte; não tem nem vida, nem pensamento, nem sentimentos. É necessária a sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou esse princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo por meio de provas irrecusáveis; estudou-o, analisou-o e tornou sua ação evidente. *Ao elemento material*, ele veio ajuntar *o elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos, explica-se, sem dificuldade, uma gama enorme de fatos até então inexplicáveis¹.

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, toca, forçosamente, na maior parte das ciências. Ele poderia vir somente depois da elaboração delas e nasceu, pela força das coisas, da impossibilidade de tudo se explicar com a ajuda somente das leis da matéria.

19. Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria, mas se esquecem de que a Astronomia tem a Astrologia judiciária como irmã mais velha, que ainda não está tão afastada de nós; que a Química é filha da Alquimia, da qual nenhum homem sensato ousaria se ocupar hoje. Ninguém nega, no entanto, que havia na Astrologia e na Alquimia o germe das verdades de onde saíam as ciências atuais. Malgrado suas fórmulas ridículas, a Alquimia contribuiu para a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia apoiava-se na posição e no movimento dos astros que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição

⁽¹⁾ **Nota:** A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples*, *elementar*, de *moléculas primitivas*, mas no da *parte constituinte de um todo*. Nesse sentido, pode-se dizer que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram na cifra (no censo) de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que na Argélia há o *elemento árabe* e o *elemento europeu*.

emprestava uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio descerrou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que certas pessoas acharam indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos, semelhantes ao nosso, e todas as estruturas do maravilhoso desabaram.

O mesmo se deu com o Espiritismo em relação à magia e à feitiçaria; estas se apoiaram também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam, com essas relações, as práticas e as crenças ridículas que o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação, abandonou. Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Querer confundir-lo com magia e feitiçaria é provar que não se conhece nada do assunto.

20. Só o fato da possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis da maior importância; é todo um novo mundo que se revela a nós e que tem tanta importância, quanto mais atinge todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento, ao se generalizar, não pode se furtar de trazer uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que uma tão grande influência têm sobre as relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não está circunscrita a um povo, a uma casta, mas que atinge, simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É, portanto, com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e de que maneira elas se ligam umas às outras.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; ele promulgou a Lei do Sinai e assentou os fundamentos da verdadeira fé. Como homem, ele foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, em se depurando, deveria um dia se derramar sobre toda a Terra.

22. O Cristo, tomando da antiga Lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era apenas transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou *a revelação da vida futura*, da qual Moisés não tinha falado, assim como as penas e recompensas que esperam o Homem depois da morte (Ver *Revista Espírita*, 1861, pp. 90 e 280).

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a origem primeira, a pedra angular de toda Sua doutrina, é o ponto de vista totalmente novo sob o qual é necessário considerar a Divindade. Não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos; que castiga os que poupam as vítimas. Não é mais o Deus injusto que pune todo um povo pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere as crianças pela falta cometida pelo país, mas, sim, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, pleno de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, *e dá a cada um segundo suas obras*. Não é mais o Deus de um só povo privilegiado, o Deus dos exércitos presidindo aos combates para sustentar Sua própria causa contra os deuses dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano que estende Sua proteção sobre todos Seus filhos e os chama para si. Não é mais o Deus que recompensa e pune pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz aos homens: “Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, ela está no reino celestial. É lá que os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Esse não é mais o Deus que transforma a vingança em virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente. É o Deus de misericórdia que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; retribuí o mal com o bem; não façais aos outros o que não quereis que vos façam”. Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as mais rigorosas penas, a maneira pela qual Ele quer ser adorado; que se ofende pela inobservância de uma fórmula, mas o Deus grande que vê o pensamento e não se honra com a forma. Enfim, é o Deus que não quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas e a meta de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas dão de Deus*. As religiões que fizeram um Deus vingativo e cruel creem honrá-Lo com os atos de crueldade, com as fogueiras e as torturas; as que fizeram um Deus parcial e ciumento são intolerantes. São mais ou menos meticulosas na forma e segundo o que acreditavam, mais ou menos maculadas pelas fraquezas e mesquinhaz humanas.

25. Toda a Doutrina do Cristo é fundada no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele pôde fazer do Amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: *Amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos; nisso reside toda a Lei e os profetas, não há outra*. Só sobre essa crença, pode-se assentar o princípio da igualdade dos homens diante de Deus e da fraternidade universal. Mas seria possível amar esse Deus de Moisés? Não. Podia-se apenas temê-Lo.

Essa revelação das verdades atribuídas à Divindade, com a da imortalidade da alma e a da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impondo-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto. Deveria, pois, por si mesma, agir sobre os costumes e as relações sociais. É, incontestavelmente, por suas consequências, o ponto principal da revelação do Cristo e do qual não se compreendeu suficientemente a importância; é constrangedor dizer que é também o ponto do qual mais se tem afastado, que mais se desconhece na interpretação dos Seus ensinamentos.

26. No entanto, o Cristo acrescenta: “Muitas coisas que vos digo, não podem ser ainda compreendidas e Eu teria muitas outras a vos dizer que não compreenderíeis. É por isso que vos falo em parábolas; porém, mais tarde, *“Eu vos enviarei o Consolador, o Espírito da Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará tudo”*”. (João, XIV:16; Mateus, XVII)

Se o Cristo não disse tudo o que poderia dizer, é que acreditava dever deixar certas verdades na sombra, até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Segundo essa declaração, Seu ensinamento foi dado incompleto, visto que anunciou a vinda daquele que devia completá-lo. Ele previa, portanto, que Suas palavras poderiam ser mal-interpretadas,

que se desviassem de Seus ensinamentos. Em uma palavra, que se desfaria o que Ele fizera, visto que todas as coisas deveriam ser restabelecidas. Não se *restabelece* senão o que foi desfeito.

27. Por que Ele chama o novo Messias de *Consolador*? Esse nome significativo e sem ambiguidade é toda uma revelação. Ele previa que os homens teriam necessidade de consolo, o que implica a insuficiência de consolação na crença que eles estariam vivendo. Nunca o Cristo poderia ser mais claro e mais explícito que nas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestaram a devida atenção, talvez por isso evitaram mesmo esclarecê-las e de aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver Seu ensinamento de maneira completa, é porque faltava aos homens o conhecimento que eles poderiam adquirir apenas com o tempo e sem o qual não poderiam compreendê-lo. São as coisas que pareceram sem sentido de acordo com o conhecimento de então. Completar Seu ensinamento deve, portanto, ser entendido no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, bem mais do que no de ajuntar verdades novas, porque tudo se encontrava em estado de gérmen. Somente faltava a chave para perceber o sentido de Suas palavras.

29. Mas quem ousa interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui a luz necessária senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro a Ciência, que não pede permissão a ninguém para fazer conhecer as leis da Natureza e salta sobre os erros e os prejulgamentos. – Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo mundo e as Escrituras não são mais a Arca Santa na qual ninguém ousaria pôr o dedo sem risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar os teólogos por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média e, em particular, os Pais da Igreja, entretanto eles não o foram o bastante para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Sem ir tão longe, os teólogos de nossos dias não lançaram o seu anátema aos períodos da formação da Terra?²

Os homens puderam explicar as Escrituras só com a ajuda daquilo que sabiam, umas noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis

⁽²⁾ Ver capítulo VII – “Esboço geológico da Terra – períodos geológicos”.

da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência; eis por que os próprios teólogos, embora de muita boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo preço encontrar aí a confirmação de um pensamento preconcebido, giravam sempre no mesmo círculo, sem deixar seu ponto de vista, de tal forma que viram somente o que queriam ver. Embora sábios teólogos que eram, não puderam compreender as causas dependentes das leis que não conheciam.

Mas quem será juiz das diversas interpretações e muitas vezes contraditórias, dadas fora da Teologia? – O porvir, a lógica e o bom senso. Os homens, mais e mais esclarecidos à medida que novos fatos e novas leis venham a se revelar, saberão separar os sistemas utópicos e a realidade. – Ora, a Ciência faz conhecer certas leis; o Espiritismo faz conhecer outras; umas e outras são indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à Teologia, ela não saberia judiciosamente alegar as contradições da Ciência, visto que não está sempre de acordo consigo própria.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como o Cristo partiu das de Moisés, é uma consequência direta de Sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e por isso torna precisa a crença, dando-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade ao pensamento.

Define os liames que unem a alma e o corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o Homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê, em toda parte, a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar por meio de uma série de existências sucessivas, até que tenha atingido o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com a mesma capacidade de progredir, em virtude de seu

livre-arbítrio, que todas são da mesma essência e que há entre elas apenas a diferença do progresso cumprido; que todas têm o mesmo destino e atingirão a mesma meta, com maior ou menor rapidez, segundo seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem umas mais favorecidas que outras; que Deus não criou ninguém que seja privilegiado e dispensado do trabalho imposto a outros para progredir; que não há seres perpetuamente voltados ao mal e ao sofrimento; os designados sob o nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos que fazem o mal no estado de Espírito, como o faziam na Terra, mas que avançarão e melhorarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas os que atingiram a meta, após ter seguido o caminho do progresso; que, assim, não há criações múltiplas nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a Criação resulta de uma grande lei da unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa dos outros, com todos sendo os filhos de suas próprias obras.

31. Pelos contatos que o Homem pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, ele tem não somente a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo com os de outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, segue-os em suas migrações, testemunha suas alegrias e suas penas, sabe por que são felizes ou infelizes e a sorte que caberá a si mesmo, segundo o bem ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas suas fases, em todas suas peripécias. O futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Agora, a morte não tem nada de aterrador, porque é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o Homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas. Dito de outra forma, que são punidos pelo que de pecado

fizeram, que as consequências duram tanto tempo quanto a causa que as produziu. Assim, o culpado sofreria eternamente, se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada um melhorar-se, todos podem, em virtude de seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre por seus excessos por muito tempo, até que ele próprio ponha um termo a eles.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis perpétuas e absolutas, frequentemente infligidas por uma só falta; e os suplícios do inferno que não podem suavizar-se nem pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial que leva em conta tudo, não fecha jamais a porta de retorno e estende, sem cessar, a mão ao naufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, mas sem defini-lo mais que a muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo no sentido de que Ele demonstrou a realidade e a necessidade do progresso. Por essa lei, o Homem explica todas as anomalias aparentes que apresenta a vida humana; as diferenças de posições sociais; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito, que aprendeu mais ou menos e progrediu, e que traz ao renascer o que adquiriu em suas existências anteriores (nº 5).

35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos novamente no sistema das criações privilegiadas. Os homens são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnavais; não são solidários por um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; não há solidariedade no porvir. Pela reencarnação, os homens são solidários no passado e no porvir. Suas relações perpetuam-se no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as mesmas leis da Natureza. O bem tem uma finalidade; o mal, suas consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, tombam os preconceitos de etnias³ e de castas, visto que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum que sobrepuje em lógica, o fato material da reencarnação. Logo, se a reencarnação funda em uma lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. Tirai do Homem o espírito livre, independente, que sobrevive à matéria, e se criará uma máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio que a lei civil e *boa para se explorar* como um animal inteligente. Não esperando nada após a morte, nada o impede de aumentar os gozos do presente. Se sofre, tem apenas a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do porvir, a possibilidade de reencontrar aqueles a quem ele amou e o medo *de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as ideias mudam. O Espiritismo, mesmo tirando do Homem apenas a dúvida no tocante à vida futura, teria feito mais por seu progresso moral que todas as leis disciplinares que o detêm algumas vezes, mas não o modificam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só: seria também um contrassenso e tanto menos justificável porque, segundo essa doutrina, a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar sua responsabilidade. Com a preexistência da alma, o Homem traz, ao *renascer*, o germe de suas imperfeições, os defeitos que não corrigiu e que se traduzem por seus instintos inatos, suas propensões para tal ou qual vício. É esse seu verdadeiro pecado original, pelo qual ele sofre, naturalmente, as consequências, mas com esta diferença capital: ele sofre a pena por suas próprias faltas e não pelas de um outro; e com esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajante e soberanamente

⁽³⁾ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 379

equitativa, de que cada existência oferece-lhe os meios de se redimir pela reparação e de progredir, seja em se despojando de qualquer imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, até que, suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, assim como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas. Ele é identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem nisso pensar. Aquele que é obrigado a combater suas más tendências está ainda na luta. O primeiro já venceu, o segundo está tentando vencer. Há, portanto, a *virtude original*, como há o *saber original*, e *pecado*, ou melhor, *vício original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a Antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, quer dizer, de corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, que é um dos elementos constitutivos do *ser humano*. É o veículo de transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de elo entre o Espírito e a matéria. O perispírito cumpre importante papel no organismo e em uma multiplicidade de afecções, que se ligam à Fisiologia como também à Psicologia.⁴

⁽⁴⁾ **Nota da Tradução:** “(...) Nas lições do Vedanta apareceu como Manu, Máýá e Kosha; no Budismo esotérico por Kama-rupa, enquanto no Hermetismo egípcio surgiu na qualidade de Kha, para avançar, na Cabala hebraica como manifestação de Rovach. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o carne sutil da alma e Aristóteles considerava-o corpo sutil e etéreo. Os neoplatônicos de Alexandria, dentre os quais Orígenes, identificava-o como aura. Tertuliano nele via o corpo vital da alma, enquanto Proclo o caracterizava como veículo da alma (...). Paracelso, século XVI, detectou-o sob a designação de corpo astral, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química, e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de corpo fluídico.

Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado corpo bioplasmático, o Apóstolo Paulo já chamava corpo espiritual, conforme escreveu aos Coríntios (I Epístola, 15:44), corpo corruptível, logo depois, na mesma Epístola, versículo 53, ou alma, na exortação aos companheiros da Tessalônia (I Epístola, 5:23), sobrevivente à morte.” (Franco, Divaldo P. *Estudos Espíritos*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis, ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991 – capítulo IV)

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma infinidade de fenômenos incompreendidos até então pela falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, visto que se ligaram à espiritualidade e qualificados por outros como milagres ou sortilégios, segundo suas crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da vista dupla, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Ao demonstrar que esses fenômenos repousam sobre leis tão naturais como os fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais eles podem se reproduzir, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições. Se fez crer na possibilidade de certas coisas vistas por alguns como quiméricas, também impede de se acreditar em muitas outras das quais ele demonstra a impossibilidade e a insensatez.

41. O Espiritismo, bem longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que revela, tudo o que o Cristo disse e fez. Lança luz sobre pontos obscuros de Seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis ou pareciam *inadmissíveis*, compreendessem-nas sem esforço, com a ajuda do Espiritismo e as admitissem; veem melhor o seu alcance e podem diferenciar a realidade da alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Se considerarmos, por outro lado, a força moralizante do Espiritismo pela finalidade que aponta a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que ele expõe, pela força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições por uma inalterável confiança no futuro, pelo pensamento de ter cada um perto de si os seres que amou, a certeza de os ver novamente, a possibilidade de conversar com eles, enfim pela certeza de que tudo o que se faz, tudo o que se adquire inteligência,

em ciência, em moralidade, *até a última hora da vida*, nada é perdido, tudo leva ao nosso progresso, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo com referência ao *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa de sua vinda se acha realizada, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*⁵.

43. Se a esses resultados juntarmos a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo, malgrado tudo o que se faz para destruí-lo, não se poderá negar que sua vinda seja providencial, visto que ele triunfa sobre todas as forças e sobre todas as más vontades humanas. A facilidade com que é aceito por um tão grande número de pessoas, e isto sem constrangimento, sem outro meio que a força das ideias, prova que ele responde a uma necessidade, qual a de o homem crer em alguma coisa a fim de preencher o vazio criado pela incredulidade e que, por conseguinte, veio no tempo certo.

44. Os aflitos são em grande número; não é, portanto, de se admirar que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola, de preferência às doutrinas que desesperam, porque é aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, que o Espiritismo se dirige. O doente vê vir o médico com mais alegria do que aquele que se sente bem; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Aqueles que combatem o Espiritismo, se quiserem que o abandonemos, devem dar-nos, portanto, mais e melhor que ele. Curem mais seguramente as feridas da alma. Deem mais consolação, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores, fazendo do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não pensem em suprimi-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno ou da beatitude inútil da contemplação perpétua.

⁽⁵⁾ **Nota de Tradução:** (...) O objetivo do Espiritismo é esclarecer e sustentar as criaturas, para que compreendam melhor as leis divinas da evolução e vençam os transes ásperos, as horas difíceis, os momentos amaríssimos a que todos estamos sujeitos, em razão de nossas imperfeições. É o Cristianismo Renascido, que realiza a promessa de Jesus de que voltaria ao convívio dos homens sofredores. É o próprio Consolador, incorpóreo, a expressar-se por intermédio das Vozes do Céu, anunciando a Nova Era do Amor, da Esperança e da Paz (...)” (Franco, Divaldo P. *Sublime Expição*. Pelo Espírito Victor Hugo, ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, L.1, capítulo V.)

45. A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva. Está aí um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de que não foi feita para privilégio de ninguém e, por consequência, ninguém pode dizer-se seu profeta exclusivo. Foi espalhada ao mesmo tempo sobre toda a Terra, para milhões de pessoas de todas as idades e de todas as condições, desde o mais baixo até o mais alto da escala, segundo esta predição relatada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: *“Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu espírito sobre toda a carne. Seus filhos e suas filhas profetizarão. Seus jovens terão visões e seus velhos terão sonhos”* (Atos, II:17). Ela não veio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação⁶.

46. As duas primeiras revelações foram o produto de um ensinamento pessoal, sendo obviamente localizadas, ou seja, elas tiveram

Muitos pais de família deploram a morte prematura de crianças para cuja educação eles fizeram grandes sacrifícios e dizem que tudo foi em pura perda. Com o Espiritismo, eles não se arrependem de seus sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de ver morrerem seus filhos, porque sabem que, se estes não aproveitam essa educação no presente, ela servirá a seu avanço como Espíritos, pois aquilo que tiverem adquirido em uma nova existência, já que retornarão, lhes será bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos. Tais são as crianças que, ao nascer, trazem ideias que sabem sem, por assim dizer, ter necessidade de aprendê-las. Se os pais não têm a satisfação imediata de ver suas crianças usufruírem dessa educação para proveito próprio, eles o terão certamente mais tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais dessas mesmas crianças que se dizem dotadas pela Natureza, e que devem suas aptidões a uma educação precedente; como também, se crianças se desenvolvem mal por causa da negligência de seus pais, esses podem ter de sofrer mais tarde pelos aborrecimentos e tristezas que tais filhos lhes suscitarem em uma nova existência (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, n.º 21: “Mortes Prematuras”).

⁽⁶⁾ Nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que foi preparado pelo Espiritismo e que começa a se operar, é o de um observador atento que estuda os fatos para procurar a causa e tirar as consequências. Confrontamos tudo o que nos foi possível reunir. Comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, e depois coordenamos tudo metodicamente. Em uma palavra, nós estudamos e demos ao público o fruto de nossa pesquisa, sem atribuir a nosso trabalho outro valor que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos passarmos por chefe da doutrina nem querer impor nossas ideias a ninguém. Ao publicá-las, usamos de um direito comum e os que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias encontraram numerosos simpatizantes, é que elas tiveram a vantagem de responder às aspirações de um grande número de pessoas e disso não devemos nos vangloriar, visto que sua origem não nos pertence. Nosso maior mérito é o da perseverança e do devotamento à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outros poderiam fazer; não tivemos jamais a pretensão de nos acreditarmos profeta ou messias e, ainda menos, de nos passarmos por tal.

lugar em um só ponto, de onde a ideia pouco a pouco se propagou. Mas foram necessários vários séculos para que elas atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo ocupá-lo por inteiro. A terceira tem isto de particular: não sendo personificada em um indivíduo, ela surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, os quais se tornaram centros ou focos de irradiação. Esses centros se multiplicam, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras jogadas na água; de tal sorte que, em um dado tempo, elas terminarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido em um só ponto, se tivesse sido a obra exclusiva de um homem, teria formado uma seita em torno dele. Mas meio século teria talvez decorrido antes que atingisse os limites do país onde teria nascido, ao passo que, após dez anos, ela tem suas raízes plantadas de um polo a outro.

47. Essa circunstância, singular na história das doutrinas, dá a esta uma força excepcional e um poder de ação irresistível. De fato, se a pressionarem em um ponto, em um país, será materialmente impossível comprimi-la em todos os pontos, em todos os países. Para compensar, em cada lugar onde ela for entravada, haverá mil outros, ao lado, onde florescerá. Mais ainda: se a ferirem em um indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos que são a sua origem. Ora, como os Espíritos estão em toda parte, e existirão sempre, se por um acaso conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque repousa sobre o fato de que está na Natureza e que não se pode suprimir as leis da Natureza. Eis do que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865, p. 38 – “Perpetuidade do Espiritismo”)

48. No entanto, esses centros disseminados teriam de ficar ainda por muito tempo isolados uns dos outros, confinados que estão alguns em países longínquos. Era necessário existir entre eles um traço de união que os pusesse em comunhão de pensamentos com seus irmãos de crença, informando-os sobre o que se fazia alhures. Esse traço de união, que faltava ao Espiritismo na Antiguidade, encontra-se hoje nas publicações

que vão a toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensinamento dado mundialmente sob múltiplas formas e em diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só poderiam ser o resultado de um ensinamento direto. Elas deveriam se impor à fé pela autoridade da palavra do Mestre, porque os homens não estavam bastante avançados para debater a sua elaboração.

Notemos, contudo, que há entre elas uma bem sensível gradação, devida ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que foram feitas no mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente *consequente*; é aceita livremente e se impõe apenas pela persuasão; foi controvertida desde o tempo de Seu fundador, que não desdenhava de discutir com Seus adversários.

50. A terceira revelação vinda em uma época de emancipação e de maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada cegamente, mas quer ver aonde conduzem, saber o porquê e o como de cada coisa, ela tinha de ser ao mesmo tempo o produto de um ensinamento e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. *Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é necessário para nos colocar na via da verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode encontrar por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiências à sua própria custa. Eles lhe dão o princípio, os materiais; a ele cabe tirar proveito deles e pô-lo em obra (nº 15).

51. Os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente em uma multidão de lugares, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é bem evidente que as observações não poderiam ser feitas em todos os lugares com os mesmos resultados; que as consequências a serem tiradas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, numa palavra, a conclusão sobre a qual deveriam estabelecer as ideias, só poderiam sair do conjunto e

da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito em um círculo restrito, vendo, o mais das vezes, apenas uma ordem particular de fatos, às vezes aparentemente contraditórios, geralmente provindo de uma mesma categoria de Espíritos e, de mais a mais, entravados por influências locais e pelo espírito de partidário, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de ligar as observações isoladas a um princípio comum. Cada um deles apreciando os fatos sob o ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestavam, haveria logo tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, nada estando completo, por falta de elementos de comparação e de controle. Em uma palavra, cada um estaria imobilizado em sua revelação particular, acreditando ter toda a verdade, por ignorar que em cem outros locais se obtinha mais ou melhor.

52. Além disso, é bom destacar que em nenhuma parte o ensinamento espiritual foi dado de maneira completa. Ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diversos, que exige conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível reunir em um mesmo local todas as condições necessárias. O ensinamento devendo ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho para disseminar os temas de estudo e de observação, como, em certas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes trabalhadores.

A revelação foi, assim, parcialmente feita em vários lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que ela prossegue ainda nesse momento, porque nem tudo foi ainda revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento daquilo que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a *doutrina espírita*.

Era, portanto, necessário agrupar os fatos esparsos para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los, estudar suas analogias e suas diferenças. Sendo as comunicações dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos

esclarecidos, era necessário apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas daquelas que tinham a sanção do ensinamento geral dos Espíritos, distinguir as utopias das ideias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as instruções fornecidas pelos Espíritos, mesmo os do mais baixo estágio, para o conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo. Era necessário, em outras palavras, um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida, de qualquer prejulgamento sectário, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora seja contrária a suas opiniões pessoais*. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*⁷.

53. Desse estado de coisas originou-se dupla corrente de ideias: umas, indo das extremidades para o centro; outras, retornando do centro para a extremidade. Foi assim que a doutrina caminhou rapidamente em direção à unidade, apesar da diversidade das fontes da qual emanava. Os sistemas divergentes foram pouco a pouco ruindo em virtude de seu isolamento diante da ascensão da opinião da maioria, na qual não encontraram ecos simpáticos. Uma comunhão de pensamentos foi, desde então, estabelecida entre os diferentes centros parciais; falando a

⁷⁾ *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que fez entrar o Espiritismo na via filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, que abordou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela levantou, foi, desde a sua aparição, o ponto de encontro em direção ao qual espontaneamente convergiram os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico; até então, no domínio das experiências de curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria, é que ele era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, e que dava uma resposta às suas aspirações. E também porque cada um encontrava nele a confirmação e uma explicação racional do que nele obtivera em particular. Se ele estivesse em desacordo com o ensinamento geral dos Espíritos, não teria tido nenhum crédito e teria prontamente caído no esquecimento. Ora, qual foi esse ponto de convergência? Não foi o homem que não é nada por si mesmo, sendo uma engrenagem que morre e desaparece, mas a ideia que não perece quando ela emana de uma fonte superior ao Homem. Essa concentração espontânea de forças esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, no qual se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, os devotamentos e os fracassos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas por peças autênticas. Em presença desses testemunhos irrefutáveis, em que se tornarão, consequentemente, as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

mesma linguagem espiritual, eles se compreendem e simpatizam-se de um extremo a outro do mundo.

Os espíritas sentiram-se assim mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais seguro, desde que não mais se viram isolados, quando sentiram um ponto de apoio, um elo que os ligava à grande família. Os fenômenos, de que eles eram testemunhas, não mais lhes pareceram estranhos, anormais, contraditórios, quando puderam conjugá-los às leis gerais de harmonia, depois que abarcaram em um golpe de vista o edifício e puderam ver em todo o conjunto um fim grande e humanitário⁸.

Mas como saber se um princípio é ensinado em toda parte, ou se não é o resultado de uma opinião individual? Os grupos isolados, não podendo saber o que se dizia alhures, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para fazer uma espécie de apuro das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria⁹.

⁽⁸⁾ Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de pensamentos que se estabeleceu entre os espíritas pela conformidade das crenças, são os pedidos de preces que nos veem de países os mais longínquos, desde o Peru até as extremidades da Ásia, da parte de pessoas de religiões e de nacionalidades diversas e que nós não víamos jamais. Não é isso o prelúdio da grande unificação que se prepara? A prova das raízes fortes que o Espiritismo lança por toda parte? É notável que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de fazer cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que outros que, por razões de amor-próprio ou outras quaisquer, não querem se submeter à lei comum, acreditando-se suficientemente fortes para andarem sozinhos, com muita luz para recusarem conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia predominante e viável. Todos estão extintos ou vegetam na sombra. Como poderia ser de outra maneira, desde que para se distinguirem, no lugar de se esforçarem para dar uma maior soma de satisfações, eles rejeitam princípios da doutrina, precisamente naquilo que a faz mais atrativa, no que ela tem de mais consolador, de mais encorajante e de mais racional? Se eles tivessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com uma ilusão química. Mas, considerando seu pequeno círculo como se fosse o Universo, viram nos aderentes apenas uma sociedade que poderia facilmente ser derrubada por uma contrária. Estavam estranhamente equivocados sobre os caracteres essenciais da doutrina, e esse erro apenas decepções poderia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, eles romperam o único laço que poderia lhes dar força à vida. (Ver *Revista Espírita*, abril de 1866, páginas 106 e 111: “O Espiritismo sem os Espíritos”; “O Espiritismo independente”).

⁽⁹⁾ Tal é o objetivo de nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado desse trabalho de depuração. Todas as opiniões são ali discutidas, mas as questões só são formuladas como princípios após terem recebido a consagração de todas as comprovações e só depois delas é que podem ter força de lei e se lhes permite fazer afirmações. Eis por que não preconizamos superficialmente nenhuma teoria e é nisso que a doutrina, procedendo do ensino geral, não é o produto de um sistema preconcebido. É, assim, que garante sua força e assegura seu porvir.

54. Não há nenhuma ciência que tenha saído completa do cérebro de um Homem. Todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos têm procedido com o Espiritismo; o ensinamento deles é gradual. Eles não abordam as questões senão à medida que os princípios sobre os quais elas devem se apoiar, estejam suficientemente elaborados, e que a opinião esteja amadurecida para os assimilar. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares queiram abordar questões prematuras obtêm apenas respostas contraditórias e não concludentes. Quando, ao contrário, o momento favorável chega, o ensinamento se generaliza e se unifica na quase totalidade dos centros.

Há, todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências uma diferença capital: é que estas não atingiram o ponto a que chegaram senão depois de longos intervalos, enquanto que para o Espiritismo foram suficientes alguns anos, senão para atingir o ponto culminante, ao menos para recolher uma soma de observações suficientemente grande para constituir uma doutrina. Isso foi em consequência da multidão inumerável de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Disso resultou que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase simultaneamente em alguns anos e foi suficiente que se agrupassem para formar um todo.

Deus quis que assim fosse, primeiro para que o edifício chegasse mais prontamente ao ápice; em segundo lugar, para que se possa, pela comparação, ter um controle, por assim dizer imediato e permanente, da universalidade do ensino, cada parte tendo valor e *autoridade* apenas por sua conexão com o conjunto, todos se harmonizando, encontrando seu lugar na organização geral chegando cada um a seu tempo.

Em não confiando a um só Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, Deus quis que tanto o menor quanto o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas vindas de uma origem única.

De outro lado, cada Espírito, do mesmo modo que cada homem, tendo apenas uma soma limitada de conhecimentos, individualmente eram inaptos para tratar *ex professo* das inumeráveis questões no que tange ao Espiritismo. Eis, igualmente, por que a doutrina, para cumprir a vontade do Criador, não poderia ser obra nem de um só Espírito nem de um só médium. Ela poderia sair apenas da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros¹⁰.

55. Um último caráter da revelação espírita em que sobressaem as mesmas condições nas quais ela é feita, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a Ciência que, tendo exposto as leis da Natureza em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da Ciência glorificam Deus em lugar de rebaixá-Lo; elas destroem apenas o que os homens têm edificado sobre as ideias falsas que eles fizeram de Deus.*

O Espiritismo considera, portanto, como princípio absoluto só o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais empresta o apoio de suas próprias descobertas, ele assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, que chegaram ao estado de *verdades práticas* e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Ao deixar de ser o que é, ele desmentiria sua origem e seu fim providencial. *O Espiritismo, andando com o progresso, não será jamais ultrapassado, visto que, se novas descobertas lhe demonstrassem que errara sobre um ponto, ele se modificaria sobre esse mesmo ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará*¹¹.

56. Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, visto que ela não é outra a não ser a do Cristo? O Homem tem necessidade de uma

⁽¹⁰⁾ Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, “Introdução”, item II, e *Revista Espírita*, abril de 1864, página 90: “Autoridade da doutrina espírita; controle universal do ensinamento dos Espíritos”.

⁽¹¹⁾ Diante de nítidas e categóricas declarações como as que estão contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos príncipes, todas as falsas afirmações que pessoas prevenidas ou mal informadas prestam à doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas. Nós as repetimos, muitas vezes, em nossos escritos para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Elas nos indicam, por outro lado, nosso verdadeiro papel, aquilo que é nossa ambição: a de trabalhar.

revelação e não pode encontrar em si próprio tudo o que lhe é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, Deus tem dado, sem dúvida, ao Homem um guia em sua consciência que lhe diz: *“Não faças aos outros o que não queres que te façam”*. A moral natural está certamente inscrita no coração dos homens, mas todos a sabem ler? Não têm eles desprezado jamais seus sábios preceitos? O que eles fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles que a ensinam? Não se tornou ela uma letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Reprovar-se-ia a um pai por repetir dez vezes, cem vezes as mesmas instruções a seus filhos se eles não as praticam? Por que Deus faria menos que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos em tempos, aos homens mensageiros especiais encarregados de chamá-los aos seus deveres e de os colocar no bom caminho, quando dele se afastam, de abrir os olhos da inteligência àqueles que os fecharam, como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral que a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, por que o seu ensinamento, visto que dizem apenas o que nós já sabemos? Poder-se-ia dizer o mesmo da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão em termos quase idênticos; assim como de todos os moralistas que repetem a mesma coisa sob todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *Os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número de moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se em todos os lugares, eles se fazem ouvir na choupana como também no palácio, tanto aos ignorantes como às pessoas instruídas.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que unem os mortos e os vivos, os quais completam as noções vagas que ele tinha dado da alma, de seu passado e de seu porvir e que dão por sanção à sua doutrina, as próprias leis da Natureza. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o Homem compreende a solidariedade que une a todos os seres; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia apenas por dever, e o faz melhor.

Assim que os homens praticarem a moral do Cristo, somente então eles poderão dizer que não têm mais necessidade de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, então, também Deus não lhes enviará mais.

57. Uma das questões mais importantes entre as que são postas no começo deste capítulo é esta: Qual é a autoridade da revelação espiritual, visto que ela emana de seres cujas luzes são limitadas e que não são infalíveis?

A objeção seria grave se essa revelação consistisse apenas no ensinamento dos Espíritos, se nós devêssemos tê-la exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados. Ela seria sem valor desde o instante em que o homem lhe traz o concurso de sua inteligência e de seu discernimento; que os Espíritos se limitam a apresentar, o mesmo por meio de deduções, o mesmo que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem as estuda e procura definir sua lei. É ajudado nesse trabalho pelos Espíritos de todas as ordens, os quais são, antes de tudo, mais *colaboradores* que *reveladores* no sentido usual da palavra. Ele submete seus dizeres ao controle da lógica e do bom senso: dessa maneira, ele se beneficia com os conhecimentos especiais dos Espíritos em virtude da posição que ocupam, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Os Espíritos não sendo senão as almas de homens, ao nos comunicarmos com eles *nós não saímos da Humanidade*, circunstância capital a se considerar. Os gênios, que têm sido os faróis da Humanidade, saíram do mundo dos Espíritos, tal como aí entram novamente ao saírem da Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corporal. Eles podem nos instruir após sua morte, como o fizeram em vida. São invisíveis em vez de serem visíveis, eis toda a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores, e se sua fala, quando homens, tinha autoridade, esta não deve ser menor por eles estarem no mundo dos Espíritos.

58. Mas não são somente os Espíritos superiores que se manifestam. São também os Espíritos de todas as ordens, e isso era necessário para

nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-se a nós sob todas suas faces. Com isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e sua conexão torna-se mais evidente. Vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos: tal é a finalidade essencial dessas manifestações. Todos os Espíritos, seja qual for o grau que atingiram, nos ensinam, pois, alguma coisa; mas como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e de tirar o proveito que comporta seu ensinamento. Todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou nos revelar coisas que nós ignoramos e que sem eles não saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contestação, mas sua ação é restrita e necessariamente lenta a se propagar. Se um só dentre eles fosse mesmo Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, tivesse vindo nestes últimos tempos revelar ao homem o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade de suas asserções, por estes tempos de descrença? Não seria olhado como um sonhador ou um utopista? E mesmo admitindo que fosse uma verdade absoluta o que dissesse, séculos teriam transcorrido antes que suas ideias fossem aceitas pelas massas. Deus, em Sua sabedoria, não quis que assim fosse; quis que o ensinamento fosse dado pelos *Espíritos mesmos* e não pelos encarnados, a fim de convencê-los de sua existência, e que tivesse lugar simultaneamente por toda a Terra, seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensinamento uma prova da verdade. Cada um teria assim os meios de se convencer a si mesmo.

60. Os Espíritos não vieram livrar o Homem do trabalho, do estudo e das pesquisas. Eles não lhes trazem nenhuma ciência toda pronta; o que ele pode achar sozinho, eles deixam aos seus próprios esforços. Os Espíritos sabem-no perfeitamente hoje. De há muito tempo, a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a prudência e que lhe bastaria dirigir-se ao primeiro Espírito comunicante para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, os Espíritos são uma de suas faces. Tal como sobre a Terra, há entre eles superiores e vulgares. Muitos deles sabem, científica e filosoficamente,

menos que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais nem menos. Como entre os homens, os mais avançados podem nos ensinar acerca de muitas coisas, dar-nos conselhos mais judiciosos que os atrasados. *Pedir conselhos aos Espíritos não é dirigir-se às forças sobrenaturais, mas a seus iguais, aos mesmos a quem nos teríamos dirigido vivos: a seus pais, a seus amigos ou a indivíduos mais esclarecidos que nós.* Eis o que importa se persuadir, e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Qual é, portanto, a utilidade dessas manifestações ou, se quisermos, dessa revelação, se os Espíritos não sabem mais que nós ou se eles não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiro, como já dissemos, eles se abstêm de nos dar o que nós podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque nosso grau de adiantamento ainda não as comporta. Afora isso, as condições de sua nova existência ampliam o círculo de suas percepções: eles veem o que não viam na Terra. Libertos dos entraves da matéria, libertados dos cuidados da vida corporal, eles julgam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, por isso mesmo, mais são. Sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a Humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser, dependendo de seu grau de adiantamento, mais judiciosos e mais desinteressados que os dos encarnados. O meio no qual eles se encontram permite-lhes iniciar-nos nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender no lugar em que estamos. Até o presente, o homem tinha criado apenas hipóteses sobre seu porvir. Eis por que suas crenças sobre esse ponto eram divididas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o negativismo até as fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que vêm nos dizer como é lá, e isso *só eles poderiam fazê-lo*. Essas manifestações serviram, portanto,

para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos rodeia, do qual nós nem suspeitávamos; e só esse único conhecimento seria de uma importância capital, supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se você for a um novo país, rejeitará as informações do mais humilde camponês do país em que se encontra? Deixará de perguntar sobre o estado do caminho, por ser ele apenas um camponês? Não se esperará dele esclarecimentos de um alcance muito alto, mas ele estando em sua esfera poderá, sob certos aspectos, ensinar-lhe melhor que um sábio que não conhecesse o país. Poderá deduzir de suas indicações, consequências que ele não tiraria sozinho, mas ele teria sido um instrumento útil para suas observações, teria servido para fazê-lo conhecer os costumes dos camponeses. O mesmo se dá com as nossas relações com os Espíritos, em que até o menor pode nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação vulgar fará compreender melhor a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo. Ele conduz homens de todas as condições, parentes e amigos daqueles que ficaram. Sabe-se que esse navio naufragou. Nenhum traço ficou, nenhuma notícia sobre sua sorte chegou. Pensa-se que todos os viajantes pereceram, e o luto está em todas as famílias. Entretanto, a tripulação toda, sem excetuar um só homem, aportou a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente. Mas os que ficaram ignoram isso. Eis que um dia outro navio aporta a essa terra, e ali encontra todos os naufragos sãos e salvos. A feliz notícia se espalha com a rapidez do relâmpago. Cada um diz: “Nossos amigos não estão perdidos!”. E eles dão graças a Deus. Não podem se ver, mas se correspondem. Eles trocam provas de afeição e eis que a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e após a revelação moderna. Esta, tal como o segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência daqueles que nos são caros e a certeza de nos reunirmos um dia. A dúvida sobre a sorte deles e sobre a nossa não existe mais. O desencorajamento se desfaz diante da esperança.

Mas outros resultados vieram fecundar essa revelação. Deus, julgando a Humanidade madura para adentrar o mistério de seu destino e contemplar a sangue-frio novas maravilhas, permitiu que o véu, que separava o mundo visível do mundo invisível, fosse levantado. O fato das manifestações não tiveram nada de extra-humano, *é a Humanidade espiritual que vem conversar com a Humanidade corporal* e lhe dizer:

“Nós existimos, portanto o nada não existe. Eis o que nós somos, e eis o que vós sereis; o porvir é vosso como ele é nosso. Vós andais nas trevas, nós viemos iluminar o caminho de cada um e franquear a estrada. Indo ao acaso, nós vos mostramos o objetivo de tudo. A vida terrestre era tudo para vós, visto que víeis nada do outro lado. Nós viemos dizer-vos, ao mostrar a vida espiritual: a vida terrestre nada é. Vossa visão parava no túmulo, nós vos mostramos, além dele, um horizonte esplêndido. Não sabíeis por que sofriéis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem estava sem frutos aparentes para o porvir; e terá, de agora em diante, uma finalidade e será uma necessidade. A fraternidade era apenas uma bela teoria, e agora se assenta sobre uma lei da Natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a cessação da vida, a imensidade é vazia, o egoísmo reina como senhor entre os homens, e vossa palavra de ordem é: “Cada um por si”. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, o vazio e a solidão não existem em nenhuma parte. A solidariedade une todos os seres, de um lado e de outro do túmulo. É o reino da caridade com a divisa: “Um por todos e todos por um”. Enfim, ao fim da vida, dizíeis um eterno adeus àqueles que vos são caros, agora lhes direis: “Até mais tarde!”

Tais são, em resumo, os resultados da nova revelação; ela veio preencher o vazio cavado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a todas as coisas sua razão de ser. Esse resultado será sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes, e aos preguiçosos os meios de enriquecer sem esforço? Entretanto, os frutos que o Homem deve retirar da nova revelação não são somente para a vida futura; ele os desfrutará na Terra pela transformação que estas novas crenças devem necessariamente operar sobre seu caráter,

seus gostos, suas tendências e, conseqüentemente, sobre os seus hábitos e relações sociais. Pondo um fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o reinado do bem, que é o reino de Deus anunciado pelo Cristo¹².

⁽¹²⁾ O emprego do artigo antes da palavra *Cristo* (da palavra grega *Christós*, ungido), empregado em um sentido absoluto, é mais correto, considerando que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade pensada substantivamente. Diz-se, portanto: Jesus era *Cristo*; ele era o *Cristo* anunciado; a morte do *Cristo* e não de *Cristo*, ao passo que se diz: a morte de *Jesus* e não do *Jesus*. Em *Jesus Cristo*, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: o *Buda*; Gautama adquiriu a dignidade de Buda por suas virtudes e sua austeridade; a vida do *Buda*, como se diz: o exército do *Faraó* e não de *Faraó*; Henrique IV era *rei*; o título de *rei*; a morte do *rei* e não de *rei*.

CAPÍTULO II

DEUS

Existência de Deus – Da Natureza Divina
– A Providência – A visão de Deus

Existência de Deus

1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, a base sobre que repousa o edifício da criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo.

2. Constitui princípio elementar que se julga uma causa por seus efeitos, mesmo que não se veja a causa.

Se um pássaro que corta os ares for atingido por um projétil mortal, deduz-se que um atirador hábil o atingiu, mesmo que não se veja o atirador. Não é, portanto, necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3. Outro princípio, também elementar, que passou a axioma pela força da verdade, é o que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Assim, se perguntassem quem é o construtor de certo engenhoso mecanismo, que pensaríamos daquele que respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se vê uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que deve ser o produto de um gênio, visto que apenas uma alta inteligência poderia concebê-la. Julgamos, no entanto, que um homem pode fazê-la, porque se sabe que a coisa não está acima da capacidade humana, mas não ocorreria a ninguém o pensamento de dizer que ela

saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante e, ainda menos, que seja o trabalho de um animal ou o produto do acaso.

4. Por todos os lados se reconhece a presença do homem em suas obras. A existência de homens antediluvianos não seria provada somente pelos fósseis humanos, mas também, e com toda certeza, pela presença, nos terrenos da época, de objetos trabalhados pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo seriam suficientes para atestar sua presença. Pela grosseria ou pela perfeição do trabalho se reconheceria o grau de inteligência e de adiantamento daqueles que a realizaram. Se estivéssemos em um país habitado exclusivamente por selvagens e fosse descoberta uma estátua digna de Fídias, não se hesitaria em dizer que sendo os selvagens incapazes de tê-la feito, ela deveria ser obra de uma inteligência superior à deles.

5. Pois bem! Lançando os olhos ao redor de si sobre as obras da Natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que preside a todas as coisas, reconheceríamos não haver nenhuma que não ultrapasse o mais alto alcance da inteligência humana. Desde que o Homem não as possa produzir, é que são o produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos que se admita que haja efeito sem causa.

6. A isso, alguns oporão o seguinte raciocínio:

As obras ditas da Natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, seguindo as leis de atração e de repulsão. As moléculas dos corpos inertes se agregam e se desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma em sua espécie, em virtude dessas mesmas leis. Cada indivíduo é semelhante àquele de onde ele saiu. O crescimento, a floração, a frutificação, a coloração estão subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas pelo efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não indica uma inteligência livre. O Homem movimenta seu braço quando quer e como quer, mas se o movimentasse no mesmo sentido, desde seu nascimento até sua morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade, mas essas forças são efeitos que devem ter uma causa e ninguém acha que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, o que é ainda verdade, mas são postas em funcionamento, distribuídas, adequadas, pelas necessidades de cada coisa, por uma inteligência que não é a dos homens. A útil aplicação dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é essa regularidade que lhe dá mérito. A força que o faz agir é toda material e de modo nenhum inteligente, mas o que seria desse pêndulo, se uma inteligência não tivesse combinado, calculado, distribuído o emprego dessa força para fazê-lo andar com precisão? Pelo fato de que a inteligência não está no mecanismo do pêndulo e por não a vemos, seria racional concluir que ela não existe? Nós a julgamos por seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro: a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e a sabedoria do relojoeiro. Quando um relógio dá, em momento determinado, a indicação de que se tem necessidade, jamais viria ao pensamento de alguém dizer: Eis um relógio bem inteligente!

Assim é com o mecanismo do Universo. *Deus não se mostra, mas Ele se afirma por Suas obras.*

7. A existência de Deus é, portanto, um fato aceito não somente pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram revelação e, no entanto, acreditam instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles viam coisas que estavam acima do poder humano e concluíram que elas provinham de um ser superior à Humanidade. Não são eles mais lógicos que aqueles que pretendem que elas se fizeram por si mesmas?¹

⁽¹⁾ **Nota da Tradução:** “Werner Karl Heisenberg, considerado o patrono da moderna metafísica com seu livro *Física e Filosofia*, e Edwin Hubble, que comprovou que o Universo está em expansão, disseram que a constante cosmológica de Einstein (a qual seria uma força cósmica que atravessa uniformemente o Universo, conferindo-lhe harmonia, tornando-o simultaneamente eterno e de fácil compreensão), apresentando soluções mágicas e auxiliando a fechar equações da maior complexidade, seria, em última análise, nada mais nada menos do que o próprio Deus.

Mas como a aceitação explícita da existência de Deus seria o fim da cosmologia, alguns cientistas afastam sistematicamente essa ideia, que denominam de ‘hipótese teológica’, e prosseguem ferozmente nas suas pesquisas em busca de um Universo ateu. Mas esses estudos desembocarão em evidências inegáveis de uma inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. (Mota Jr., Eliseu. *Que é Deus*, ed. O Clarim. 1997. Capítulo I “A origem do Universo”, p. 36)

Da Natureza divina

8. Não é dado ao Homem sondar a natureza íntima de Deus. *Para compreendê-Lo, nos falta ainda o sentido que só se adquire pela completa depuração do Espírito.* Mas, se o Homem não pode adentrar Sua essência, Sua existência sendo aceita como premissa, ele pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento de Seus atributos necessários, porque, vendo o que Ele não pode deixar de ser, sem cessar de ser Deus, conclui o que Ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da Criação; é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é necessário que seja reportado, como ao farol que as poderia dirigir, que a maior parte das religiões erra em seus dogmas. As que não foram atribuídas a Deus, o Todo-Poderoso, imaginaram vários deuses. As que não foram atribuídas à soberana bondade fizeram um deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. Deus é a suprema e soberana inteligência. A inteligência do Homem é limitada, visto que não pode fazer nem compreender tudo o que existe. A de Deus, abarcando o infinito, tem de ser infinita. Se a supusermos limitada em um ponto qualquer, poder-se-ia conceber um ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o outro não faria e assim, sucessivamente, até o infinito.

10. Deus é eterno, ou seja, Ele não teve começo e não terá fim. Se Ele tivesse tido um começo, teria saído do nada. Ora, o nada não sendo coisa alguma, não pode produzir nada. Ou então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, esse é que seria Deus. Se Lhe supusermos um começo ou um fim, poder-se-ia, portanto, conceber um ser que teria existido antes Dele, ou que poderia existir após Ele e, assim, sucessivamente, até o infinito.

11. Deus é imutável. Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. Deus é imaterial, quer dizer, que Sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outra forma, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma perceptível por nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus,

porque o Homem, conhecendo apenas a si mesmo, toma-se por termo de comparação de tudo o que não compreende. As imagens nas quais se representa Deus sob a figura de um velho de barba longa, coberto por um manto, são ridículas. Elas têm o inconveniente de rebaixar o Ser supremo às proporções mesquinhas da Humanidade. Daí a emprestar-Lhe as paixões da Humanidade, e fazê-lo um Deus colérico e ciumento, é um passo.

13. Deus é todo-poderoso. Se não tivesse o poder supremo, se poderia conceber um ser mais poderoso e, assim, sucessivamente até que se encontrasse um ser que nenhum outro poderia superar em poder e este é que seria Deus.

14. Deus é soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela tanto nas menores coisas quanto nas maiores; e esta sabedoria não permite duvidar nem de Sua justiça nem de Sua bondade.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuísse ou a anulasse. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a menor parcela de maldade nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a menor parcela de bondade, assim como um objeto não possa ser de um negro absoluto com a mais leve nuance de branco, nem de um branco absoluto com a menor mancha de negro.

Deus não poderia, portanto, ser às vezes bom e às vezes mau, porque, então, não possuiria nem uma nem outra dessas qualidades no grau supremo, e não seria Deus. Todas as coisas estariam submetidas a Seu capricho e não haveria estabilidade para nada. Ele poderia, portanto, ser mais que infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como Suas obras testemunham Sua sabedoria, Sua bondade e Sua solicitude, é necessário concluir que, não podendo ser às vezes bom e às vezes mau sem deixar de ser Deus, Ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica na soberana justiça; se agisse injustamente ou com parcialidade em *uma só circunstância, ou em relação a uma só de Suas criaturas*, não seria soberanamente justo e, por conseguinte, não seria soberanamente *bom*.

15. Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber Deus sem a perfeição infinita, sem a qual Ele não seria Deus, visto que se poderia sempre conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa superá-Lo é necessário que Ele seja infinito em tudo.

Os atributos de Deus, sendo infinitos, não são suscetíveis nem de aumento nem diminuição, pois não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se retirássemos a menor parcela de um só de Seus atributos, não se teria mais Deus, visto que poderia existir um ser mais perfeito.

16. Deus é único. A unidade de Deus é a consequência do infinito absoluto de Suas perfeições. Outro Deus poderia existir apenas com a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, pois se houvesse entre eles a mais leve diferença, um seria inferior ao outro, subordinado a Seu poder e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, isso seria existir por toda a eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Assim confundidos em Sua identidade, seriam, na realidade, apenas um só Deus. Se eles tivessem cada um atributos especiais, um faria o que o outro não faria e, então, não haveria entre eles igualdade perfeita, visto que nem um nem outro teria a soberana autoridade.

17. É a ignorância da infinita perfeição de Deus que engendrou o politeísmo, o culto de todos os povos primitivos. Eles atribuíram divindade a todas as forças que lhes pareciam acima da Humanidade. Mais tarde, a razão os conduziu a reunir esses diversos poderes em um só. Depois, à medida que os homens compreenderam a essência dos atributos divinos, retiraram de seus símbolos as crenças que eram a negação desses atributos.

18. Em resumo, Deus não pode ser Deus senão na condição de não ser superado em nada por outro ser, porque, então, o ser que o superasse no que quer que seja, mesmo que fosse na espessura de um fio de cabelo, seria o verdadeiro Deus; por isso, é necessário que seja infinito em todas as coisas.

É assim que a existência de Deus foi constatada: pelo efeito de Suas obras, chegando, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que O caracterizam.

19. Deus é, portanto, a inteligência suprema e soberana. É único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas Suas perfeições e não pode ser de outra forma.

Tal é a base sobre a qual repousa o edifício universal; é o farol cuja luz se estende sobre o Universo inteiro, o único que pode guiar o Homem na procura da verdade. Ao segui-Lo, não se extravia jamais. Se, muitas vezes, sair do bom caminho é por não ter seguido a rota que lhe era indicada.

Tal é também o critério *infalível* de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Homem tem para julgá-las uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode dizer a si mesmo, com certeza, que *toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que esteja em contradição com um só de Seus atributos, que tenda não somente a anulá-los, mas simplesmente a enfraquecê-los, não pode estar com a verdade.*

Na Filosofia, na Psicologia, na Moral, na Religião não há, de fato, nada de verdadeiro que não se encaixe uniformemente às qualidades essenciais da Divindade. A Religião perfeita seria aquela que *nenhum artigo de fé* estaria em oposição com estas qualidades, cujos dogmas poderiam sofrer a prova desse controle, sem receber nenhuma ferida.

A providência

20. A Providência é a solicitude de Deus por Suas criaturas. Deus está em todos os lugares, a tudo vê, a tudo preside, mesmo às menores coisas: é nisso que consiste a ação providencial.

“Como Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode intervir em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?” Tal é a questão que a si mesmo apresenta o incrédulo, de onde ele conclui que ao admitir a existência de Deus, sua ação não deve se estender senão sobre as leis gerais do Universo, que o Universo funciona por toda a eternidade em virtude das leis às quais cada criatura é submissa em sua esfera de atividade, sem que haja necessidade do concurso incessante da Providência.

21. Em seu atual estado de inferioridade, os homens dificilmente podem compreender o Deus infinito, visto que eles mesmos são restritos e limitados. É por isso que figuram Deus restrito e limitado; representam-No como um ser circunscrito e fazem Dele uma imagem à sua própria semelhança. Os quadros em que O pintam sob traços humanos contribuem para divulgar esse erro no espírito das massas, que adoram a forma mais que o pensamento. É, para a maioria, um soberano poderoso, sobre um *trono* inacessível, perdido na imensidão dos céus e, visto que nossas faculdades de percepção são limitadas, não compreendemos que Deus possa ou se digne a intervir diretamente nas pequenas coisas.

22. Na impotência em que está o homem de compreender a essência mesma da Divindade, apenas pode fazer dEle uma ideia aproximada, com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem ao menos lhes mostrar a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Se supormos um fluido muito sutil para penetrar todos os corpos, esse fluido, não sendo inteligente, age mecanicamente somente pelas forças materiais. Mas se supusermos que esse fluido é dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele não agirá às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade. Ele verá, entenderá e sentirá.

23. As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia. Não é inteligente, por si mesmo, visto que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Como é ele quem o transmite, está de alguma forma *impregnado* dele e, na impossibilidade em que estamos de o isolar, ele nos parece mais como o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Tal como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, ao tomar o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. Quer seja assim ou não com o pensamento de Deus, quer dizer, quer Ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilidade de nossa inteligência, representamo-Lo sob a forma concreta de

um fluido inteligente, preenchendo o Universo infinito, adentrando todas as partes da criação: *a Natureza inteira está imersa no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da sua mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se assim pudermos nos exprimir, possui o pensamento, quer dizer, os atributos essenciais da Divindade e, já que esse fluido está em toda parte, tudo é submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude. Não há um ser, ínfimo que seja, que não esteja de alguma forma saturado desse fluido. Estamos, assim, constantemente na presença da Divindade. Não há uma só de nossas ações que possamos subtrair ao Seu olhar. Nosso pensamento está em contato incessante com Seu pensamento e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras de nosso coração. *Nós estamos Nele, como Ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo.

Para ampliar Sua solicitude a todas as criaturas, Deus não tem, pois, necessariamente de mergulhar Seu olhar do alto da imensidade. Nossas preces, para serem ouvidas por Ele, não têm necessidade de atravessar o espaço nem de serem ditas com voz retumbante, porque, sem cessar, a nosso lado, nossos pensamentos repercutem Nele. Nossos pensamentos são como os sons de um sino que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal é, evidentemente, apenas uma comparação, mais própria para dar uma ideia mais justa de Deus que os quadros que O representam sob uma figura humana. Ela tem por objeto fazer compreender a possibilidade de Deus estar em todos os lugares e de se ocupar de tudo.

26. Temos incessantemente sob os olhos um exemplo que nos pode dar uma ideia da maneira pela qual a ação de Deus pode exercer-se sobre as partes mais íntimas de todos os seres e, por consequência, como as impressões mais sutis de nossa alma chegam a Ele. Foi tirada de uma instrução dada por um Espírito a esse respeito.

27. “O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Neste universo, o corpo representará uma

criação da qual o Espírito seria Deus. (É preciso compreender que aqui há apenas uma questão de analogia e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são outras tantas individualidades materiais, se assim pudéssemos dizer, localizadas em um lugar especial do corpo. Embora o número de suas partes constitutivas, tão variadas e tão diferentes em sua natureza, seja considerável, não é possível a ninguém dizer que o corpo não possa produzir movimentos, assim como uma impressão qualquer não possa ter lugar em local particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Há sensações diversas em vários lugares simultâneos? O Espírito as registra todas, discerne-as, analisa-as, atribui a cada uma sua causa e seu lugar de ação, por meio do fluido perispiritual.

“Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte no corpo. Todos os elementos da criação estão em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual. Não há, portanto, razão para que fenômenos de mesma ordem não se produzam da mesma maneira, em num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente. Uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão vibrando: o Espírito registra cada manifestação, distingue-as e localiza-as. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente e Deus sabe tudo o que se passa, designa a cada um o que lhe é particular.

“Pode-se deduzir, igualmente, a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre si, a de todos os mundos e, enfim, as das criaturas e do Criador” (Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867).

28. Compreendemos o efeito, já é muito. Do efeito remontamos à causa e julgamos sua grandiosidade pela grandiosidade do efeito. Mas sua essência íntima nos escapa, como a da causa de uma quantidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação. Nós os calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza

íntima do princípio que os produz. É, portanto, mais racional negar o princípio divino, por que não o compreendemos?

29. Nada nos impede de admitir, pelo princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco luminoso principal irradiando sem cessar, inundando o Universo com seus raios, tal como o Sol com sua luz. Mas onde está este foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que ele não esteja fixado em um ponto determinado, assim como não o está sua ação, e que Ele percorra incessantemente as regiões do espaço sem limites. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, esta faculdade, em Deus, deve ser sem limites. Preenchendo Deus o Universo, pode-se, então, admitir, a título de hipótese, que tal foco não tem necessidade de se transportar, e que ele se forma sobre todos os pontos onde a soberana vontade julga por bem ali se produzir; pode-se dizer que Ele está em toda parte e em parte alguma.

30. Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se. Deus existe; disso não podemos duvidar. Ele é infinitamente justo e bom: é a Sua essência. Sua solicitude se estende a todos: nós O compreendemos. Ele quer sempre nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança Nele: eis o essencial. Quanto ao resto, tentaremos ser dignos de o compreender.²

⁽²⁾ **Nota da Tradução:** (...) conclui-se pela legitimidade da Sua existência, graças a quatro grupos de considerações, capazes de demonstrá-Lo de forma irretorquível e definitiva, a saber: a) **cosmológicas**, que O explicam como a Causa Única da Sua própria causalidade, portanto real, sendo necessariamente possuidor das condições essenciais para preexistir antes da Criação e sobre existir ao sem-fim dos tempos e do Universo; b) **ontológicas**, que O apresentam perfeito em todos os Seus atributos e na própria essência; c) **teleológicas**, mediante as quais o pensamento humano, penetrando na estrutura e ordem do Universo, não encontra outra resposta além daquela que procede da existência de um Criador. Ante a harmonia cósmica e a beleza, quanto à grandeza matemática e estrutural das galáxias e da vida, uma resultante surge: tal efeito procede de uma Causa perfeita e harmônica, sábia e infinita; d) **morais**, (...) Deus está presente no Homem, mediante a sua responsabilidade moral e a sua própria liberdade, que lhe conferem títulos positivos e negativos, conforme o uso que delas faça, do que decorrem as linhas-mestras do dever e da autoridade. Essa presença na inteligência humana, intuitiva, persistente, universal, faz que todos os homens de responsabilidade moral sejam conscientemente responsáveis, atestando, assim, inequivocamente, a realidade de um Legislador Absoluto, Suprema Razão da Vida (Franco, Divaldo P., *Estudos Espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis, ed. Rio de Janeiro. FEB, 1991, capítulo I, p. 18).

A visão de Deus

31. Já que Deus está em toda parte, por que não O vemos? Nós O veremos ao deixar a Terra? Tais são as perguntas que se fazem diariamente.

A primeira é fácil de se resolver. Nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios à visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e a nossos instrumentos de análise e, no entanto, não duvidamos de sua existência. Vemos os efeitos da peste e não vemos o fluido que a transporta. Vemos os corpos se moverem sob a influência da força de gravitação e não vemos essa força.

32. As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas pelos órgãos materiais. É somente pela visão espiritual que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Apenas nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela O vê imediatamente após a morte? É isso que as comunicações do além-túmulo podem nos ensinar. Por elas, sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais depuradas e que poucas possuem, ao deixar o envoltório terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Uma comparação vulgar fará isso ser facilmente compreendido.

33. Aquele que está no fundo de um vale, mergulhado em uma bruma espessa, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa julga a presença do Sol. Se ele escala a montanha, à medida que sobe, a névoa se aclara, a luz se torna cada vez mais viva, mas ainda não verá o Sol. É somente depois de estar completamente acima da camada brumosa, que ao se encontrar no ar perfeitamente puro, ele o vê em todo seu esplendor.

Assim é com a alma. O envoltório perispiritual, se bem que invisível e impalpável para nós é, para ela, uma verdadeira matéria, demasiado grosseira ainda para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva moralmente. As imperfeições da alma são como camadas brumosas que obscurecem sua visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mancha a menos, mas é apenas após estar completamente depurada que ela goza da plenitude de suas faculdades.

34. Deus, sendo a essência divina por excelência, pode ser percebido em todo o Seu esplendor apenas pelos Espíritos que chegaram ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não O veem, não é porque eles estejam mais afastados Dele que os outros; eles, como todos os seres da Natureza, estão imersos no fluido divino, como nós estamos na luz. Somente suas imperfeições são vapores que lhes tapam a visão. Quando a névoa se houver dissipado, eles O verão resplandecer. Para isso, não terão necessidade nem de subir nem de ir procurá-Lo nas profundezas do infinito. Estando a visão espiritual desembaraçada das teias morais que a obscureciam, eles O verão em qualquer lugar em que se encontrem, mesmo que seja sobre a Terra, visto que Ele está em toda parte.

35. O Espírito se depura vagarosamente e as diferentes encarnações são os alambiques ao fundo dos quais ele deixa, de cada vez, algumas impurezas. Ao deixar seu envoltório corporal, não se despoja instantaneamente de suas imperfeições. Por isso há quem, que após a morte, não veja mais Deus do que via em vida. Mas à medida que se depuram, têm Dele uma intuição mais distinta. Se não O veem, o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Então, quando os Espíritos dizem que Deus os proíbe de responder a tal questão, não é que Deus lhes apareça ou lhes dirija a palavra para lhes prescrever ou lhes proibir tal ou tal coisa; eles O sentem. Recebem os eflúvios de Seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem com seus fluidos, embora não os vejamos.

36. Nenhum homem pode ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, seria apenas no estado de êxtase, no qual a alma se encontra desligada dos laços de matéria tanto quanto possível durante a encarnação. Um tal privilégio seria dado apenas às almas de elite, encarnadas em missão e não em expiação. Mas como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem com um brilho deslumbrante, pode ocorrer que os Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, impressionados pelo esplendor que os rodeia, tenham acreditado ver o próprio Deus. O mesmo ocorre quando um ministro é confundido com seu soberano.

37. Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos desse favor? É sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplandecente de luz? A linguagem humana é impotente para descrever, visto que não existe nenhum ponto de comparação que possa dar-lhe uma ideia. Somos como cegos a quem se procuraria, em vão, fazer compreender o brilho do Sol. Nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao círculo de nossas ideias. A linguagem dos selvagens não saberia reproduzir as maravilhas da civilização. A dos povos mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus; nossa inteligência demasiado limitada para os compreender, e nossa visão, fraca, seria por eles ofuscada.

CAPÍTULO III

O BEM E O MAL

Origem do bem e do mal – O instinto e a inteligência
– Destruição dos seres vivos uns pelos outros

Origem do bem e do mal¹

1. Deus é o princípio de todas as coisas e esse princípio é todo sabedoria, toda bondade, toda justiça. Logo, tudo o que procede Dele deve participar de Seus atributos, porque tudo o que é infinitamente sábio, justo e bom não pode produzir nada que seja mau e injusto. Portanto, o mal que nós observamos não deve ter sua origem Nele.

2. Se o mal fosse atribuição de um ser especial, que se chamava Arimã ou Satanás, de duas coisas uma: ou esse ser seria igual a Deus e, por consequência, tão poderoso e eterno quanto Ele, ou este ente lhe seria inferior.

⁽¹⁾ **Nota da Tradução:** Desde remotos tempos têm-se proposto, ora a realidade dualista do bem e do mal, ora a existência somente do princípio do bem e do mal, ora a existência somente do princípio do bem.

Exemplo da primeira corrente é a concepção da Zoroastro, entre os antigos medo-persas, considerando o Bem (Ormuz) em permanente luta contra o Mal (Arimã). Sua doutrina, o Masdeísmo, exposta no Zend-Avesta, concebendo-se que, ao fim dos tempos, Ormuz cairá vencedor, desaparecendo Arimã. Como doutrinas monistas, admitindo somente a existência do bem, sendo o mal a ausência transitória daquele, temos exemplos no Bramanismo e no pensamento de Platão.

Para as doutrinas cristãs tradicionais baseadas no livro Gênesis, do Velho Testamento, o mal na Humanidade resultou do pecado original de Adão e Eva. Admitida a existência de uma só vida, surgiu o imperativo de conjugar-se o mal, obra de Satanás, com a necessidade de suprimi-lo, por meio da salvação pelo sangue do Cristo, tal como expõe a doutrina da redenção.

Para os materialistas, suprimida a ideia de Deus, o mal existe objetivamente na Humanidade e não há como negá-lo ou remediá-lo, já que ele é uma constante, afetando a sensibilidade física e moral do homem. (Souza, Juvanir Borges. *Tempo de Renovação*, Rio de Janeiro. FEB, capítulo XVIII, p. 146.)

No primeiro caso, haveria duas potências rivais lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra fizesse, contrariando-se mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de visão que se revela na ordenação do Universo.

No segundo caso, esse ser seria inferior a Deus, seria subordinado a Ele. Não poderia ter existido, como Ele, pela eternidade, sem ser seu igual, teria tido um começo. Se ele foi criado, não poderia ter sido senão por Deus. Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que negaria Sua infinita bondade (Ver *O Céu e o Inferno*, capítulo X, “Os Demônios”).

3. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a Humanidade, apresentam duas categorias que é importante distinguir: os males que o Homem pode evitar e os que independem de sua vontade. Entre estes últimos, colocam-se os flagelos naturais.

O Homem, cujas faculdades são limitadas, não pode adentrar nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador; julga as coisas sob o ponto de vista de sua personalidade, dos interesses factícios e da convenção que ele criou para si e que não estão na ordem da Natureza. Por isso é que ele encontra, muitas vezes, coisas más e injustas as quais acharia serem justas e admiráveis, se visse a causa, a finalidade e o resultado definitivo. Ao procurar a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz o sinal da sabedoria infinita e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo em relação às coisas que não compreendesse.

4. O Homem recebeu como partilha uma inteligência com cuja ajuda pode conjurar, ou, ao menos, em grande parte, atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais ele adquirir saber e avançar em civilização, menos estes flagelos serão desastrosos. Com uma organização social sabiamente providente, ele poderia mesmo neutralizar as suas consequências, visto que eles não poderão ser evitados inteiramente. Assim, esses mesmos flagelos, que têm sua utilidade na ordem geral da Natureza, mas que atingem o Homem no presente, Deus deu a ele, pelas faculdades de que dotou seu Espírito, os meios de, no porvir, paralisar-lhes os efeitos.

É assim que ele saneia os terrenos insalubres; neutraliza os miasmas pestilentos; fertiliza as terras incultas e engendra meios para preservá-las das inundações; constrói habitações mais sadias, mais sólidas, para resistir aos ventos tão necessários à depuração da atmosfera; coloca-se ao abrigo das intempéries. É assim, que, pouco a pouco, a necessidade o faz criar as ciências que o ajudam a melhorar as condições de habitabilidade do globo e aumentam a soma de seu bem-estar.

5. Como o Homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estímulo para o exercício de sua inteligência, de todas suas faculdades físicas e morais, incitando-o busca dos meios de subtrair-se a eles. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o levaria à procura do que é melhor. Seu espírito se entorpeceria na inatividade. Ele não inventaria nada e não descobriria nada. *A dor é o aguilhão que empurra o Homem a avançar na via do progresso.*

6. Porém, os males mais numerosos são os que o Homem cria por seus próprios vícios, os que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez, de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que elas geram, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das moléstias.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria que têm por finalidade somente o bem. O Homem encontra em si mesmo tudo o que é preciso para segui-las. Sua rota é traçada por sua consciência. A lei divina está gravada em seu coração. E, além disso, Deus o lembra sem cessar por Seus messias e Seus profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, de moralizá-lo, de melhorá-lo e, nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todas as partes. *Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, sem dúvida evitaria os males mais amargos e viveria feliz sobre a Terra.* Se ele assim não o faz é em virtude de seu livre-arbítrio, e deve sofrer as consequências (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, números 4, 5, 6 e subsequentes).

7. Mas Deus, pleno de bondade, coloca o remédio ao lado do mal, quer dizer, que do próprio mal faz surgir o bem. Chega um momento em que o

excesso do mal moral torna-se intolerável e faz provar ao Homem a necessidade de mudar de caminho. Instruído pela experiência, é levado a procurar um remédio no bem, sempre por efeito de seu livre-arbítrio. Quando entra em um caminho melhor, é em razão de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade o obriga a melhorar moralmente, visando a ser mais feliz, como esta mesma necessidade o leva a melhorar as condições materiais de sua existência (nº 5).

8. Pode-se dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal não é um atributo distinto, assim como o frio não é um fluido especial. Um é o negativo do outro.* Onde o bem não existe, existe certamente o mal. Não fazer o mal é já o começo do bem. *Deus quer apenas o bem; só do homem vem o mal. Se houvesse, na criação, um ser propenso ao mal, nada poderia evitá-lo. Mas o Homem tem a causa do mal em si mesmo e tem ao mesmo tempo seu livre-arbítrio, e tendo por guia as leis divinas, ele o evitará quando quiser.*

Tomemos um fato comum para comparação. Um proprietário sabe que na extremidade de seu campo há um local perigoso no qual pereceria ou se machucaria quem ali se aventurasse. O que faz para prevenir os acidentes? Põe, próximo ao local, um aviso proibindo a ida mais longe, em virtude do perigo. Eis a lei; ela é sábia e providente. Se, malgrado isso, um imprudente não dá a atenção devida e ultrapassa o limite imposto, e acontecer-lhe algo ruim, a quem ele poderia responsabilizar senão a si próprio?

Assim, é com todo o mal. O Homem o evitaria se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o Homem é advertido pela sociedade. Se ultrapassa o limite, o faz voluntariamente. As moléstias, as enfermidades, a morte que podem daí surgir são, portanto, o resultado de sua imprevidência e não ato de Deus.

9. Sendo o mal o resultado das imperfeições do Homem e, este, sendo criado por Deus, poder-se-ia dizer que o Pai não teria criado senão o mal ou, pelo menos, a causa do mal. Se ele tivesse feito perfeito o homem, o mal não existiria.

Se o Homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente ao bem. Ora, em virtude de seu livre-arbítrio, ele não seria levado fatalmente

nem ao bem nem ao mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse o fruto de seu próprio trabalho, a fim de que ele disso tivesse o mérito, da mesma forma que ele leva a responsabilidade do mal feito por sua própria vontade. A questão é saber, pois, qual é a origem da propensão ao mal que existe no homem².

10. Se estudássemos todas as paixões e mesmo todos os vícios, veríamos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto aparece em toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais da animalidade, dominando sozinho, porque nesses seres não há ainda o contrapeso do senso moral. O ser ainda não nasceu para a vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, visto que esta domina a matéria.

A destinação do Espírito é a vida espiritual. Porém, nas primeiras fases de sua existência corporal, há apenas a necessidade material a satisfazer e, com esse fim, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, *materialmente falando*. Mas saindo desse período, tem outras necessidades, a princípio semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É, então, que o Espírito domina a matéria. Se ele lhe sacode o jugo, avança nesse caminho providencial, aproxima-se de sua destinação final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar por ela, se retarda, assemelhando-se à fera. Nessa situação, *o que era antes um bem, visto que era uma necessidade de sua natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade, mas porque isso se torna prejudicial à espiritualização do ser*.

Muita coisa, que é qualidade na criança, torna-se defeito no adulto. O mal é, assim, relativo e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

⁽²⁾ O erro consiste em pretender que a alma saia perfeita das mãos do Criador, enquanto que este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude de seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e que ela chegasse a seus fins por meio de uma vida militante e em resistência ao mal. Se Ele tivesse feito a alma tão perfeita como a Sua e que, saindo de Suas mãos, lhe teria assegurada a beatitude eterna, Ele a teria feito não à Sua imagem, mas à Sua semelhança (Bonnamy, juiz de instrução: *A Razão do Espiritismo*, capítulo VI.)

Todas as paixões têm, portanto, sua utilidade providencial. Sem isso, Deus teria feito algo de inútil e de nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido por seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem e o mal.

O instinto e a inteligência

11. Que diferença há entre o instinto e inteligência? Onde termina um e começa o outro? O instinto é uma inteligência rudimentar ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, em vista à sua conservação. Nos atos instintivos, não há nem reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, gira em direção à luz, dirige suas raízes em direção à água e à terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha alternativamente, segundo a necessidade; que as plantas trepadeiras se enrolam em volta de seu apoio, ou se enroscam com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou nocivo; que eles se dirigem seguindo as estações do ano, em direção a climas propícios; que constroem, sem lições preliminares, com maior ou menor arte, segundo as espécies, camas macias e abrigos para sua descendência, as armadilhas para apanhar a presa da qual se nutrem; que eles manejam habilmente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe incuba seus filhotes e que estes procuram o seio materno. No Homem, o instinto domina exclusivamente no início da vida. É pelo instinto que a criança faz seus primeiros movimentos; que agarra seu alimento, que chora para exprimir suas necessidades, que imita o som da voz, que ensaia falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos: tais são os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para sair do perigo, para manter o equilíbrio. Tais são, ainda, o piscar das pálpebras para atenuar o brilho da luz, a abertura maquinal da boca para respirar etc.

12. *A inteligência revela-se por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias.* É, incontestavelmente, um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; e o que denota reflexão, combinação, deliberação, é inteligente; um é livre, o outro não o é.

O instinto é um guia seguro, que não se engana jamais. A inteligência, por ser livre, é sujeita a erro.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, no entanto, *uma causa inteligente* essencialmente providente. Se admitirmos que o instinto tem sua origem na matéria, é necessário admitir que a matéria é inteligente, mesmo mais seguramente inteligente e providente que a alma, visto que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se engana.

Se considerarmos o instinto como uma inteligência rudimentar, como ele poderia ser, em determinados casos, superior à inteligência racional? O que lhe dá a possibilidade de executar coisas que a razão não pode produzir? Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, o que é feito desse princípio? Quando o instinto se apaga, esse princípio seria, portanto, anulado? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu porvir é sem saída; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação. Isso não estaria em conformidade com a justiça e com a bondade de Deus. (Capítulo II, nº 19)

13. Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e mesmo princípio. Chegando a um certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente teria apenas as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe conferiria as qualidades da inteligência livre.

Se assim fosse, no Homem inteligente que perde a razão e é guiado apenas pelo instinto, a inteligência retornaria a seu estado primitivo; e quando recobrasse a razão, o instinto voltaria a ser inteligência, e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível.

Além disso, a inteligência e o instinto se mostram muitas vezes simultaneamente no mesmo ato. No andar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o Homem põe um pé adiante do outro maquinalmente, sem pensar. Mas quando ele quer acelerar ou retardar sua marcha, levantar o pé ou se desviar para evitar um obstáculo, há aí cálculo, combinação, ele age de modo deliberado. *O impulso involuntário do movimento*

é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente. O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne. Mas as precauções que ele toma e que variam segundo as circunstâncias, a fim de agarrar sua presa, sua providência com relação às eventualidades são atos da inteligência.

14. Outra hipótese que, de resto, se alia perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina, a respeito das relações do mundo espiritual e do mundo corporal.

Sabe-se agora que muitos Espíritos desencarnados têm por missão velar sobre os encarnados, dos quais são protetores e guias; que eles os envolvem em seus eflúvios fluídicos; que o Homem age muitas vezes *inconscientemente* sob a ação desses eflúvios.

Sabe-se, também, que o instinto, que produz atos inconscientes, predomina nas crianças e, em geral, nos seres cuja razão é débil. Segundo essa hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas *seria um efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Isso seria como o andador com a ajuda do qual se segura a criança que ainda não sabe andar. Mas, do mesmo modo que se suprime gradualmente o uso do andador, à medida que a criança se sustém sozinha, os Espíritos protetores deixam seus protegidos à medida que estes possam guiar-se por sua própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria o efeito de uma inteligência estranha *na plenitude de sua força*; inteligência protetora suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem, que ela impeliria a fazer inconscientemente seu bem, que ainda seria incapaz de fazer por si mesma, seja de uma inteligência madura, mas momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, o que tem lugar na infância do Homem e nos casos de idiotia e problemas mentais.

Um provérbio diz que há um deus para as crianças, os tolos e os bêbados. Esse ditado é mais verdadeiro do que se acredita. Esse deus

não é outro que o Espírito protetor que vela sobre o ser incapaz de se proteger por sua própria razão.

15. Nessa ordem de ideias pode-se ir mais longe. Essa teoria, embora racional, não resolve todas as dificuldades da questão.

Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos de pronto uma unidade de vista e de conjunto, uma segurança de resultados que não existem mais desde que o instinto é substituído pela inteligência livre. Além disso, na apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, reconhece-se uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não existiria sem a unidade de pensamento, e esta é incompatível com a diversidade das aptidões individuais, apenas ela poderia produzir esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se estende desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais falhar. A uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que implica forçosamente *a unidade da causa*. Se essa causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantas há de indivíduos, desde a planta até o Homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que revela sabedoria e previdência deve ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa sábia e providente seria necessariamente inteligente, e não poderia ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir tal resultado, é necessário remontar mais alto, quer dizer, ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação que foi dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (Capítulo II, nº 24); se figurarmos todos os seres repletos de fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude será, portanto, tanto mais ativa quanto menos recursos tenha o indivíduo nele mesmo e em sua própria inteligência. É por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores que no Homem.

De acordo com essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixou ao nível de forças atrativas da matéria, acha-se realçado e enobrecido. Em razão de suas consequências, não seria necessário que ele fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, Deus vela, Ele mesmo, sobre Suas criaturas nascentes.*

16. Essa teoria não destrói de nenhuma maneira o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é um fato aceito e provado pela experiência. Mas é notório que a ação deles é essencialmente individual, que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em nenhuma parte tem a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em Sua sabedoria, conduz os cegos, mas confia a inteligências livres o cuidado de conduzir os que veem, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e que é, para eles, um meio de evolução, segundo a maneira pela qual a cumprem.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas e nenhuma tem caráter suficientemente autêntico, para ser dada como solução definitiva. A questão será, certamente, resolvida um dia, quando se tiverem reunidos os elementos de observação que ainda faltam; até lá, é necessário nos limitarmos a submeter as opiniões diversas ao cadinho da razão e da lógica, e aguardar que se faça a luz. A solução que mais se aproxima da verdade seria, necessariamente, aquela que melhor corresponda aos atributos de Deus, quer dizer, à soberana bondade e à soberana justiça. (Capítulo II, nº 19)

18. Sendo o instinto o guia, e as paixões as molas da alma no primeiro período de seu desenvolvimento, confundem-se, às vezes, em seus efeitos. Há, no entanto, entre esses dois princípios diferenças que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom. A um dado tempo, torna-se inútil, mas jamais nocivo; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras etapas da alma, têm em comum com o

instinto o fato de os seres serem por elas solicitados por uma força igualmente inconsciente. As paixões nascem mais particularmente das necessidades do corpo e prendem-se, mais do que o instinto, ao organismo. O que, sobretudo, as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; vemo-las, ao contrário, variarem de intensidade e de natureza segundo os indivíduos. Elas são úteis, como estimulante, até a eclosão do senso moral o qual, de um ser passivo, faz um ser racional. Nesse momento, elas se tornam não apenas inúteis, mas nocivas ao avanço do Espírito, retardando a desmaterialização deles. Elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. O Homem que agisse constantemente apenas pelo instinto, poderia ser muito bom, mas deixaria adormecida sua inteligência. Seria como a criança que não abandonasse os andadores, e não saberia usar seus membros. Aquele que não domina suas paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões se domam apenas pelo esforço da vontade.*

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da Natureza que, em um primeiro momento, parece não se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se o porquê da necessidade de se destruírem uns aos outros, para se alimentarem.

Para aquele que vê apenas a matéria, que limita sua visão à vida presente, isso pareceria, de fato, uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens julgam a perfeição de Deus sob seu próprio ponto de vista. Seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e eles pensam que Deus não saberia fazer melhor do que eles próprios fariam. Sua curta visão não lhes permite julgar o conjunto, não compreendem que um bem real pode resultar de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação, é o único que pode dar ao Homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde ele vê apenas uma anomalia e uma contradição.

21. *A verdadeira vida do animal, assim como a do homem, não está no envoltório corporal, como também não está na vestimenta. Ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo.* Esse princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta. O corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não; ao contrário, dele sai cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, portanto, que o Espírito troque mais, ou menos, de envoltório?! Não será, por isso, menos Espírito. É precisamente como se um Homem renovasse ao ano centenas de vezes suas roupas; por isso não seria menos Homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e suscita neles a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Deus, diriam alguns, não poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios e sem obrigar os seres vivos a se destruírem mutuamente? Se tudo é sabedoria em Sua obra, supõe-se que essa sabedoria não deve ter falhas nesse ponto nem em outros. Se não compreendemos isso, é em consequência de nossa pequena evolução. Todavia, podemos experimentar procurar-lhe a razão, tomando como bússola este princípio: *Deus deve ser infinitamente justo e sábio.* Procuremos, portanto, em tudo, Sua justiça e Sua sabedoria e nos inclinemos diante do que ultrapassa nossa compreensão.

22. Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é a de que os corpos orgânicos só se mantêm com a ajuda de matérias orgânicas, pois somente elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, têm necessidade de ser incessantemente renovados; a Providência os faz servirem para seu alimento mútuo. É por isso que os seres se alimentam uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se alimenta do corpo; porém o Espírito nem se aniquilou nem se alterou. Foi apenas despojado de seu envoltório³.

23. Há, por outro lado, considerações morais de ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito. É na luta que ele exercita suas faculdades. Aquele que ataca para ter seu alimento e aquele que se defende para conservar sua vida fazem uso de astúcia e de inteligência e, por isso mesmo, aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe, mas o que é que o mais forte ou mais astuto levou do mais fraco? Sua vestimenta de carne, só. O Espírito não está morto, mais tarde ele tomará outra veste.

24. Nos seres inferiores da Criação, naqueles em que o senso moral não existe, em que a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta teria por móvel apenas a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição. Eles lutam, portanto, unicamente para viver, quer dizer, para tomar ou defender uma presa, pois não seriam estimulados por um motivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

No Homem, há um período de transição no qual ele mal se distingue do animal. Nas primeiras fases, o instinto animal domina e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o Homem luta, então, não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar. Para isso, ainda lhe é necessário destruir. Mas, à medida que o senso moral predomina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade de destruição diminui, terminando por se extinguir por tornar-se odiosa. Então, o Homem adquire horror ao sangue.

No entanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, visto que, mesmo chegando a esse ponto que nos parece culminante, ainda está longe de ser perfeito. É apenas à custa de muita atividade que adquire conhecimentos, experiência, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Porém, a partir desse momento,

⁽³⁾ Ver *Revista Espírita*, de agosto de 1864, p. 241, "Extinção das Raças".

⁽⁴⁾ Sem nada prejudicar sobre as consequências que se poderiam tirar desse princípio, temos somente pretendido demonstrar, por essa explicação, que a destruição dos seres vivos uns pelos outros não enfraquece em nada a sabedoria divina e que tudo se encadeia nas leis da Natureza. Esse encadeamento é, necessariamente, rompido se abstrairmos o princípio espiritual. É por isso que tantas perguntas são insolúveis, se considerarmos apenas a matéria.

a luta, que era sangrenta e brutal, torna-se puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades e não mais contra seus semelhantes⁴.

As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua destruição. Elas têm contra si mesmas não somente seu antagonismo com as aspirações da universalidade dos homens, e suas consequências morais, que as farão repulsivas como dissolventes da sociedade, mas ainda a necessidade que o homem experimenta de se levar em conta tudo o que nasce do progresso. O desenvolvimento intelectual leva o Homem à procura das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tarda a reconhecer a impotência do materialismo para explicar tudo. Como doutrinas que não satisfazem nem o coração, nem a razão, nem a inteligência, que deixam problemáticas as questões mais vitais, jamais poderiam prevalecer? O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo.

CAPÍTULO IV

PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da religião deles. É por isso que seus primeiros livros foram religiosos. E como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o princípio da Humanidade, elas explicaram a formação e a disposição do Universo de acordo com o nível de conhecimentos do tempo de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram, ao mesmo tempo, os primeiros livros de ciência, assim como foram, por muito tempo, o único código de leis civis.

2. Nos tempos primitivos, os meios de observação eram, necessariamente, muito imperfeitos, e as primeiras teorias sobre o sistema do mundo tinham de estar cheias de erros grosseiros. Porém, se esses meios tivessem sido tão completos como o são hoje, os homens não teriam sabido servir-se deles. Além disso, esses meios não poderiam ser senão o fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da Natureza. À medida que o Homem avançou no conhecimento dessas leis, adentrou os mistérios da Criação e retificou as ideias que formara sobre a origem das coisas.

3. O Homem foi impotente para resolver o problema da criação, até o momento em que a chave lhe foi dada pela Ciência. Foi preciso que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse aí mergulhar seus olhares; que, pelo poder do cálculo, ele pudesse

determinar com rigorosa precisão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a Física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz e da eletricidade; que a Química lhe ensinasse as transformações da matéria e a Mineralogia, os materiais que compõem as camadas terrestres; que a Geologia lhe ensinasse a ler, nas camadas terrestres, a formação gradual do próprio globo. A Botânica, a Zoologia, a Paleontologia, a Antropologia iniciassem-no na filiação e na sucessão dos seres organizados. Com a Arqueologia, lhe foi possível seguir os traços da Humanidade através das eras. Todas as Ciências, em uma palavra, se completam umas às outras, trazendo-lhe seu contingente indispensável para o conhecimento da história do mundo. Na falta delas, o Homem teria por guia somente suas primeiras hipóteses.

Assim, antes que o Homem tomasse posse desses elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão se chocava com as impossibilidades materiais, giravam em um mesmo círculo, sem conseguir dele sair. Eles não o teriam conseguido senão quando a Ciência abrisse a rota, fazendo brechas no velho edifício das crenças e, então, tudo mudou de aspecto. Uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades foram prontamente aplainadas. No lugar de uma Gênese imaginária, tivemos uma Gênese positiva e, de alguma forma, experimental. O campo do Universo estendeu-se ao infinito. Viu-se a Terra e os astros se formarem gradualmente segundo leis eternas e imutáveis, que testemunham a grandeza e a sabedoria de Deus melhor do que uma criação miraculosa, saída repentinamente do nada, como uma mudança de visão devida a uma ideia súbita da Divindade, após uma eternidade de inação.

Visto que é impossível conceber a Gênese sem os dados fornecidos pela Ciência, pode-se dizer, verdadeiramente, que *a Ciência é chamada para constituir a verdadeira Gênese, conforme as leis da Natureza.*

4. No ponto que a Ciência chegou no século XIX, terá resolvido todas as dificuldades do problema da Gênese?

Certamente não, mas é incontestável que destruiu, sem retorno, todos os erros capitais e que assentou os alicerces mais essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda incertos não são, propriamente

falando, mais que questões de detalhe, cuja solução, qualquer que seja no porvir, não pode prejudicar o conjunto. Além disso, malgrado todos os recursos de que a Ciência pudesse dispor, falta-lhe até hoje um elemento importante sem o qual a obra não poderia jamais estar completa.

5. De todas as Gêneses antigas, aquela que mais se aproxima dos dados científicos modernos, apesar dos erros que encerra e que são hoje demonstrados até a evidência é, incontestavelmente, a de Moisés. Alguns desses erros são, de fato, mais aparentes que reais e provêm ou da falsa interpretação de certas palavras cuja significação primitiva foi perdida com a passagem de uma língua para outra pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, ou da forma alegórica particular ao estilo oriental, e que se tomou ao pé da letra em vez de se lhe procurar o espírito.¹

6. Evidentemente, a Bíblia contém fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia aceitar hoje. Contém outros que parecem estranhos e repugnam, visto que se ligam a costumes que não são mais os nossos. Mas, ao lado disso, haveria parcialidade se não reconheçêssemos que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria tem ali lugar considerável e, sob esse véu, ela esconde verdades sublimes que aparecem assim que se busca no fundo do pensamento e, então, o absurdo desaparece.

Por que, então, não teria sido erguido esse véu mais cedo? É graças, por um lado, à falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia poderiam dar; por outro lado, o princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito por demais cego à letra, sob o qual a razão deveria se inclinar e, por conseguinte, o medo de comprometer o alicerce de crenças edificadas sobre o sentido literal. Essas crenças partem de um ponto primitivo e acreditava-se que, se o primeiro elo da corrente viesse a se romper, todas as malhas do tecido terminariam por se separar. Foi em virtude disso que se fecharam os olhos. Porém, fechar os olhos ao perigo não o evita. Quando um edifício cede, não é mais prudente substituir rápido as pedras más por boas, em vez de esperar,

⁽¹⁾ **Nota da Tradução:** Moisés, escreveu o Gênesis, que se encontra no Antigo Testamento, tendo de dar conhecimento do princípio das coisas, a um povo pobre de mentalidade, mas rico de paixões.

por respeito à velhice do edifício, que o mal se torne sem remédio e que seja preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

7. A Ciência, levando suas investigações até as entranhas da Terra e a profundidade dos céus, demonstrou, de maneira irrecusável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se tenham passado assim como estão textualmente relatadas; ela desferiu, por isso mesmo, um golpe profundo nas crenças seculares. A fé ortodoxa sobressaltou-se, pois acreditara ver sua pedra fundamental arrancada. Porém, quem deveria ter razão: a Ciência andando prudente e progressivamente sobre o terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar antes de ter a prova em mãos, ou um relato escrito em uma época na qual os meios de observação faltavam de modo absoluto? Quem deve prevalecer, no fim de contas: aquele que diz que dois e dois são cinco e se recusa a verificar, ou aquele que diz que dois e dois são quatro, e o prova?

8. No entanto, dizem: se a Bíblia é uma revelação divina, Deus está, portanto, errado? Se ela não é uma revelação divina, não tem mais autoridade e a religião se desmorona por falta de base.

De duas coisas, uma: ou a Ciência tem errado ou ela tem razão. Se ela tem razão, não se poderá dizer que uma opinião contrária seja verdadeira. Não há revelação que possa prevalecer sobre a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, Deus, que é toda verdade, não pode induzir os homens ao erro, nem consciente nem inconscientemente, porque então não seria Deus. Se, no entanto, os fatos contradizem as palavras que Lhe são atribuídas, é necessário concluir, logicamente, que elas não foram pronunciadas por Ele ou que tenham sido tomadas em sentido contrário.

Se a religião sofre, em algumas partes, contradições, o erro não é da Ciência, que não pode transformar o que é em não é, mas dos homens por haverem fundado, prematuramente, dogmas absolutos, dos quais têm feito uma questão de vida ou morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício é necessário se resignar, de bom ou malgrado, quando é possível fazer de modo diferente. Quando o mundo

caminha, e a vontade de alguns não pode detê-lo, o mais sábio é segui-lo e se conformar com o novo estado de coisas, em vez de se agarrar ao passado que se desfaz, com o risco de cair com ele.

9. É necessário, por respeito aos textos considerados sagrados, impor silêncio à Ciência? É algo tão impossível quanto impedir a Terra de girar sobre si mesma. As religiões, quaisquer que sejam, nada ganharam sustentando erros manifestos. A missão da Ciência é descobrir as leis da Natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões fundadas sobre a verdade. Lançar anátema ao progresso como contrário à religião é lançá-lo à obra mesma de Deus. Além de que é inútil, porque todos os anátemas do mundo não impedirão a Ciência de avançar e a verdade de vir à luz. *Se a religião se recusa a andar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.*

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência. Essas descobertas serão funestas apenas às que se deixam distanciar das ideias progressivas, ao se imobilizarem no absolutismo de suas crenças. Elas fazem, em geral, uma ideia tão mesquinha da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da Natureza reveladas pela Ciência é glorificar a Deus em Suas obras; mas, em sua cegueira, preferem nisso prestar homenagem ao espírito do mal. *Uma religião que não apresentasse nenhuma contradição com as leis da Natureza não teria nada que temer do progresso e seria invulnerável.*²

11. A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da Humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência está limitada à procura das leis que regem a matéria; no próprio Homem, ela estudou apenas o envoltório carnal. Sob este aspecto, chegou a constatar, com precisão incontestável, as principais partes do mecanismo do Universo e do organismo humano. Sobre esse ponto capital, ela pode, portanto, completar a Gênese de Moisés e retificar-lhes as partes defeituosas.

⁽²⁾ **Nota da Tradução:** Em pleno século XXI, podemos constatar que nem mesmo a secularização da educação, aliada ao avanço da Ciência e da tecnologia, foi suficiente para diminuir a presença de Deus na vida humana. A fé religiosa preenche o “vazio transcendental”, ou seja, o Homem encontra um significado para a própria existência, ao questionar “de onde viemos” e para “onde vamos”, como para aplacar a angústia diante das doenças, das relações afetivas conturbadas e das dificuldades financeiras.

Mas a história do Homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias que não é do domínio da Ciência propriamente dita e, por esse motivo, ela não tem feito dele objeto de suas investigações. A Filosofia, que tem trabalhado mais particularmente com esse gênero de estudos em suas atribuições, não formulou, sobre tal ponto, senão sistemas contraditórios, desde a espiritualidade pura até a negação do princípio espiritual e, até mesmo, de Deus, sem outras bases além das ideias pessoais de seus autores. Ela deixou, portanto, a questão indecisa, por falta de um controle suficiente.

12. Essa questão, entretanto, é a mais importante para o Homem, visto que é o problema de seu passado e de seu porvir; a do mundo material o toca apenas indiretamente. O que lhe importa antes de tudo saber é de onde vem, para onde vai; se já viveu e se viverá ainda e qual a sorte lhe está reservada.

Sobre todas essas questões, a Ciência fica muda. A Filosofia emite apenas opiniões que concluem em sentidos diametralmente opostos, mas ao menos ela permite discutir, e isso faz que muita gente se coloque de seu lado, de preferência ao da religião, que não discute.

13. Todas as religiões estão de acordo sobre o princípio da existência da alma, sem, todavia, o demonstrarem. Mas elas não concordam nem sobre sua origem, nem sobre seu passado, nem sobre seu porvir, nem, acima de tudo o que é essencial, sobre as condições das quais depende sua sorte futura. Elas fazem, na maioria, do futuro da alma um quadro que impõem à crença de seus adeptos, o que só pode ser aceito pela fé cega, mas não pode suportar um exame sério. O que elas atribuem à alma está ligado, em seus dogmas, às ideias que se faziam do mundo material e do mecanismo do Universo, nos tempos primitivos, inconciliável com o estado do conhecimento atual. Podendo, então, perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proibir ambos.

14. Dessas divergências, no tocante ao porvir do Homem, nasceram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o Homem considera com ansiedade o desconhecido onde deve, cedo ou tarde, fatalmente entrar. A ideia do nada o gela. Sua consciência lhe diz que além do presente há alguma coisa: mas o quê? Sua razão

desenvolvida não lhe permite mais aceitar as histórias que acalentaram sua infância e tomaram a alegoria por realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A Ciência rasgou um canto do véu, mas não revelou ao homem o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, ninguém lhe responde de maneira peremptória e própria para acalmar suas apreensões. Por toda parte ele encontra a informação chocando-se com a negação, sem provas mais positivas de uma parte ou de outra. Daí a incerteza, e *a incerteza sobre as coisas da vida futura faz que o homem se lance, com um certo frenesi, sobre as coisas da vida material.*

Tal é o efeito inevitável das épocas de transição: o edifício do passado se desmorona e o do porvir ainda não foi construído. O Homem é como o adolescente que já não tem a crença singela de seus primeiros anos e não tem, ainda, os conhecimentos da idade madura. Tem somente vagas aspirações que não sabe definir.

15. Se a questão do homem espiritual permaneceu até nossos dias no estado de teoria, é pela falta de meios de observação direta, como se teve para constatar o estado do mundo material; e o campo tem permanecido aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria, enquanto não pôde aplicar o método experimental, andou a esmo de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. E isso ocorreu tanto na ordem moral quanto na ordem física. Para se fixar as ideias, tem faltado o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento foi reservado à nossa época, assim como o conhecimento das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos.

16. Até o presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, tem sido puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, ele é totalmente experimental. Com a ajuda da faculdade mediúnica, mais desenvolvida em nossos dias e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o Homem se encontra de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral, e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno. Permitiu explorar, estudar, por assim dizer *de visu*, as relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo; e isolar,

no homem vivo, o ser inteligente do ser material, e vê-los a agir separadamente. Uma vez em relação com os habitantes do mundo espiritual pôde-se seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações. Foi possível, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis o que faltava aos precedentes comentadores da Gênese para compreendê-la e retificarem seus erros.

17. O mundo espiritual e o mundo material, estando em contato incessante, são solidários um com o outro. Ambos têm sua parte de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria impossível constituir uma Gênese completa, como é impossível a um estatuário dar vida a uma estátua. Somente hoje, ainda que nem a Ciência material nem a Ciência espiritual tenham dito a última palavra, o Homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema. Eram necessárias essas duas chaves para chegar-se a uma solução, mesmo aproximativa.

CAPÍTULO V

SISTEMAS ANTIGOS E MODERNOS DO MUNDO

1. A primeira ideia que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo deve ter sido, na origem, baseada unicamente no testemunho dos sentidos. Ignorando as leis mais elementares da Física e das forças da Natureza, tendo apenas sua vista limitada como meio de observação, eles puderam julgar apenas pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer de manhã de um lado do horizonte, e desaparecer à tarde do lado oposto, concluíram, naturalmente, que ele girava em torno da Terra, enquanto esta permanecia imóvel. Se tivéssemos dito aos homens que, de fato, é o contrário que ocorre, eles responderiam que isso não seria possível, visto que, teriam dito: nós vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a Terra mexer-se.

2. A pouca extensão das viagens, que se prolongavam raramente além dos limites da tribo ou do vale, não poderia permitir constatar a esfericidade da Terra. Como, então, supor que a Terra pudesse ser uma esfera? Os homens poderiam manter-se apenas sobre o ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda a superfície, como poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? Isso pareceria ainda menos possível com o movimento de rotação. Quando se veem, ainda em nossos dias, conhecendo-se a lei da gravitação, pessoas

relativamente esclarecidas não se dando conta desse fenômeno, não se deve admirar que os homens dos primeiros tempos não tenham mesmo suspeitado dele.

A Terra era, portanto, para eles uma superfície plana, circular como uma mó de moinho, que se estendia a perder de vista na direção horizontal. Daí a expressão ainda usual: ir ao fim do mundo. Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que teria abaixo dela, era o desconhecido¹.

3. O céu, aparecendo sob a forma côncava, era, segundo a crença vulgar, uma abóbada real cujas bordas inferiores repousam sobre a Terra, aí marcando seus confins; vasta cúpula cuja capacidade o ar enchia totalmente. Sem nenhuma noção do espaço infinito, incapazes mesmo de concebê-lo, os homens figuravam essa abóbada como formada de matéria sólida. Daí o nome *firmamento*, que sobreviveu à crença, e que significa *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, que sustém, que suporta, ponto de apoio).

4. As estrelas, de que não poderiam suspeitar a natureza, eram simples pontos luminosos, mais ou menos grandes, presos à abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma só superfície e, por consequência, todas à mesma distância da Terra, da mesma maneira como as representadas no interior de certas cúpulas pintadas de azul, para simbolizar o azul dos céus.

Ainda que hoje as ideias sejam outras, o uso das expressões antigas se conservam; ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada; sob a cúpula do céu.

(1) "A mitologia hindu ensinava que o astro do dia despojava-se, à tarde, de sua luz e atravessava o céu durante a noite com sua face obscura. A mitologia grega representava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro, de Mileto, sustentava, segundo Plutarco, que o Sol era uma carruagem cheia de um fogo muito vivo, que escapava por uma abertura circular. Epicuro teria, segundo alguém, emitido a opinião de que o Sol se acenderia de manhã e, à noite, se extinguiria nas águas do oceano; outros pensavam que ele fazia desse astro uma pedra-pomes aquecida ao estado incandescente. Anaxágoras o veria como um ferro quente da grandeza do Peloponeso. Singular afirmação! Os antigos eram tão invencivelmente levados a considerar a grandeza aparente desse astro como realidade, que eles perseguiram esse filósofo temerário por haver atribuído um tal volume à tocha do dia, que foi necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo da condenação à morte, comutada em sentença de exílio." (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, página 6). Quando se veem tais ideias, emitidas no século quinto antes da Era Cristã, no tempo mais florescente da Grécia, não se pode espantar com as ideias que tinham os homens dos primeiros anos sobre o sistema do mundo.

5. A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era, então, igualmente desconhecida. Não lhes ocorria o pensamento de que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra, de onde não se via a água subir. Daí a crença na existência *das águas superiores e das inferiores*, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios postos nas altas regiões, suposição que estava perfeitamente de acordo com a ideia de uma abóbada capaz de mantê-las. As águas superiores, escapando pelas fissuras da abóbada, caíam como chuva e, segundo essas aberturas fossem mais ou menos largas, a chuva era mansa ou torrencial e diluviana.

6. A completa ignorância do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e do destino dos astros, que pareciam tão pequenos comparados com a Terra, necessariamente fazia considerar-se esta como a coisa principal, o fim único da criação, e os astros como acessórios criados unicamente para o deleite de seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até nossos dias, malgrado as descobertas da Ciência que mudaram, para o Homem, o aspecto do mundo. Quantas pessoas acreditam, ainda, que as estrelas são ornamentos do céu para recreio da visão dos habitantes da Terra!

7. Não tardou a se perceber o movimento aparente das estrelas que se movem em massa do oriente para o ocidente, elevando-se ao anoitecer e deitando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições. Essa observação não teve, durante muito tempo, outra consequência que confirmar a ideia de uma abóbada sólida arrastando as estrelas em seu movimento de rotação.

Essas ideias primitivas, simplórias, foram durante longos períodos seculares o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8. Mais tarde compreendeu-se, pela direção do movimento das estrelas e seu retorno periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não poderia ser, simplesmente, uma semiesfera colocada sobre a Terra, mas, sim, uma esfera inteira, oca, no centro da qual se encontrava a Terra, sempre plana, ou no máximo convexa e habitada somente na face superior. Já era um progresso.

Mas sobre o que se apoiava a Terra? Seria inútil relacionar todas as suposições ridículas concebidas pela imaginação, desde a dos indianos, que diziam ser ela carregada por quatro elefantes brancos, e estes, sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sábios confessam que nada sabiam.

9. Entretanto, uma opinião geralmente aceita nas teologias pagãs colocava nos *lugares baixos* ou, dito de outra forma, nas profundezas da Terra, ou abaixo, não se sabia ao certo, a habitação dos condenados, chamada *inferno*, quer dizer, *lugares inferiores*; e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a habitação dos bem-aventurados. A palavra *inferno* conservou-se até nossos dias, embora tenha perdido sua significação etimológica desde que a Geologia desalojou das entranhas da Terra o lugar dos suplícios eternos; e que a Astronomia demonstrou que não há nem alto nem baixo no espaço infinito.

10. Sob o céu puro da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, podia-se observar o movimento dos astros com tanta precisão quanto era permitida a ausência de instrumentos especiais. Primeiro verificou-se que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente do conjunto, o que não permitiria supor que elas fossem presas na abóbada. Chamavam-nas *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam-se seus movimentos e seus regressos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, observou-se a imobilidade da Estrela Polar, em volta da qual as outras descreviam, em 24 horas, círculos oblíquos paralelos, maiores ou menores segundo seu afastamento da estrela central. Esse foi o primeiro passo em direção ao conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Quanto mais longas, as viagens permitiram observar a diferença dos aspectos do céu, segundo as latitudes e as estações do ano. A elevação da Estrela Polar acima do horizonte, variando com a latitude, levou o Homem a ver a redondeza da Terra. É assim que, pouco a pouco, fez-se uma ideia mais justa do sistema do mundo.

Por volta do ano 600 antes de Cristo, *Tales*, de Mileto (Ásia Menor) já conhecia a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, *Pitágoras*, de Samos, descobre o movimento diurno da Terra em torno de seu eixo, seu movimento anual em torno do Sol e relaciona os planetas e os cometas no Sistema Solar.

Cento e sessenta anos antes de Cristo, *Hiparco*, de Alexandria (Egito), inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Essas descobertas foram preciosas para o progresso da Ciência e levaram, todavia, quase 2.000 anos para se popularizarem. As novas ideias tinham, então, para se propagarem apenas manuscritos raros, que permaneciam no domínio de alguns filósofos que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas, que eles não pensavam em esclarecer, não aproveitaram delas e continuavam a se alimentar com as velhas crenças.

11. Por volta do ano 140 da Era Cristã, *Ptolomeu*, um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas próprias ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compõe um sistema que se pode chamar misto, que leva seu nome e que, durante quase quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do Universo; ela se compunha de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Essa era a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreenderia onze céus ou esferas concêntricas girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino — esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, enfim, do primeiro móvel, que dava movimento a todos os céus inferiores e os fazia executar uma revolução em 24 horas. Além dos onze céus estava o *Empíreo*, morada dos bem-aventurados, assim denominado do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz como o fogo.

A crença em vários céus superpostos prevaleceu por muito tempo, mas variavam quanto ao número. O sétimo era, geralmente, considerado como o mais elevado; daí a expressão: ser transportado ao sétimo céu. São Paulo disse que foi elevado ao terceiro céu.

Segundo Ptolomeu, independentemente do movimento comum, os astros tinham movimentos próprios, maiores ou menores, segundo seu afastamento do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Essa avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios, que se completa, de fato, em 25.868 anos.

12. No início do século XVI, *Copérnico*, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), em 1472, e falecido em 1543, retomou as ideias de Pitágoras; e publicou um sistema que, confirmado a cada dia por novas observações, foi acolhido favoravelmente e não tardou a substituir o de Ptolomeu. Segundo tal sistema, o Sol está no centro, os planetas descrevem órbitas circulares em torno desse astro; a Lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, *Galileu*, nascido em Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre quatro satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que eles são esferas semelhantes à Terra; observa suas fases e determina a duração da rotação deles em volta de seus eixos. Ele dá, assim, mediante provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então desaba a edificação dos céus superpostos. Os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra esta, sem dúvida, habitados; as estrelas, como inumeráveis sóis, centros prováveis de tantos outros sistemas planetários; e o próprio Sol foi reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que lhe estão sujeitos.

As estrelas já não estão mais confinadas em uma zona da esfera celeste, mas irregularmente disseminadas no espaço sem limites. As que parecem se tocar estão a distâncias incomensuráveis umas das outras. As menores, em aparência, são as mais afastadas de nós; as maiores, aquelas que estão mais próximas, porém, ainda assim a centenas de milhares de léguas.

Os agrupamentos aos quais foi dado o nome de *constelações*, não são senão aparentes amontoados, causados pelo seu afastamento; suas figuras são efeitos de perspectiva, semelhantes às figuras que se formam

⁽²⁾ **Nota da Tradução:** Ver capítulo IX, os itens 6 e 7 – in “Revoluções Periódicas”.

à vista de alguém que se coloca num ponto fixo e observa luzes dispersas numa vasta planície ou árvores numa floresta; porém esses aglomerados não existem de fato. Se pudéssemos nos transportar para a região de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos a forma desapareceria e novos grupos se desenhariam à nossa visão.

Desde que esses grupos existem apenas na aparência, a significação que a crença comum supersticiosa lhes atribui é ilusória, e sua influência poderia existir apenas na imaginação.

Para distinguir as constelações, o homem lhes dá nomes, tais como: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Ursa Maior ou Carruagem de Davi, Ursa Menor, Lira* etc., e representa-as por figuras que lembram esses nomes, a maior parte fantástica e que, em todos os casos, não têm nenhuma relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria, portanto, em vão procurar essas figuras no céu.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que constituem os doze signos do Zodíaco, vem da ideia associada aos nomes que elas levam. Se a que chamam *Leão* tivesse sido nomeada *jumento* ou *ovelha*, ter-se-ia atribuído certamente outra influência, completamente diferente.

13. A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias foram destruídas para sempre. A Astronomia poderia apenas avançar e não recuar. A história fala das lutas que esses gênios tiveram de manter contra os preconceitos e, sobretudo, contra o espírito de seita, interessado em perpetuar os erros sobre os quais se fundaram crenças, que imaginavam assentes sobre sólida base. Bastou a invenção de um instrumento óptico para derrubar uma edificação de vários milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público, iniciado nas novas ideias, começou a não se embalar com ilusões e tomou parte na luta. Já não era mais contra alguns indivíduos que era necessário combater, mas contra a opinião geral que tomava a defesa da verdade.

O Universo é maior que as mesquinhas proporções que lhes atribuíam nossos pais! Como a obra de Deus é sublime, quando a vemos

realizar-se segundo as leis eternas da Natureza! Mas quanto tempo, quantos esforços de gênios, quanto devotamento foram necessários para descerrar os olhos e arrancar, enfim, a venda da ignorância!³

14. O caminho estava, finalmente, aberto no qual ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra esboçada. Kepler, na Alemanha, descobre as célebres leis que levam seu nome e com a ajuda delas reconheceu que os planetas descrevem não órbitas circulares, mas elípticas, nas quais o Sol ocupa um dos focos. Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal. Laplace, na França, cria a mecânica celeste. A Astronomia, enfim, não é mais apenas um sistema fundado sobre conjecturas ou probabilidades, mas uma ciência estabelecida sobre as bases mais rigorosas do cálculo e da geometria. Assim se lançara uma das pedras fundamentais da Gênese, decorridos 3.300 anos depois de Moisés.

⁽³⁾ N.E À medida que foram detectadas informações valiosas no Cosmo, em vez de se apresentarem solucionadas as indagações, outras mais embaraçosas apareceram, aguardando novas respostas. Os cientistas do passado, na sua ingenuidade, possuíam respostas para quase todas as interrogações que lhes eram apresentadas, porém, nem sempre correspondiam à verdade. À proporção que a percepção do Universo se dilatou, notadamente no século passado, mais ampliou-se a compreensão das leis eternas da Natureza.

Lentamente, mesmo sem dar-se conta, os cientistas avançam corajosamente ao encontro de Deus e das Suas Leis, que vigem em toda parte.

CAPÍTULO VI

URANOLOGRAFIA¹ GERAL

- O espaço e o tempo – A matéria – As leis e as forças
- A primeira criação – A criação universal – Os sóis e os planetas
- Os satélites – Os cometas – A Via-Láctea – As estrelas fixas
- Os desertos do espaço – Sucessão eterna dos mundos
- A vida universal – Diversidade dos mundos

O espaço e o tempo

1. Várias definições de espaço têm sido dadas. A principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Daí certos sofistas terem deduzido que onde não houvesse corpos, não haveria espaço. É com tal alicerce que doutores em Teologia se basearam para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que corpos limitados em certo número não poderiam formar uma série infinita. E que ali onde cessassem os corpos, o espaço cessaria também. Tem-se, ainda, definido o espaço como: o lugar no qual se movem os mundos, o vazio no qual a matéria atua etc. Deixemos nos tratados, em que repousam, todas essas definições que não definem nada.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma e que as diversas definições que se podem dar a ele servem apenas para obscurecer. Nós todos sabemos o

⁽¹⁾ **Nota:** Este capítulo foi extraído integralmente de uma série de comunicações ditadas na Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, com o título de “Estudos uranográficos” e assinadas como Galileu; médium: C.F, as iniciais do Sr. Camile Flammarion.

N.E Uranografia (do gr. *ouranographia*). Astronomia. Descrição do céu.

que é espaço e eu não quero senão estabelecer que ele é infinito, a fim de que nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira opondo-se às investigações de nosso olhar.

Eu digo que o espaço é infinito, por esta razão: é impossível supor que haja algum limite e que, apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, é mais fácil para nós avançar, eternamente em pensamento, no espaço, do que nos determos em um lugar qualquer, depois do qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para figurarmos, com nossas faculdades limitadas, o infinito do espaço, suponhamos que partindo da Terra, perdida no meio do infinito, em direção a um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da faísca elétrica, que percorre *milhares de léguas a cada segundo*, mal tenhamos saído deste globo, tendo percorrido milhões de léguas; nós nos acharíamos em um lugar de onde a Terra nos apareceria apenas com o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção, chegaríamos às estrelas longínquas que mal são distinguidas da estação terrestre. E daí, não somente a Terra estaria inteiramente perdida a nosso olhar nas profundezas do céu, mas ainda o Sol, mesmo em seu esplendor, é eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, transporíamos sistemas de mundos, a cada passo que avançássemos pela extensão, ilhas de luz etérea, estradas estelares, para-gens suntuosas onde Deus semeou mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias terrestres.

Há apenas alguns minutos que andamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra; milhares de mundos passaram sob nossos olhos e, no entanto, escutai! de fato nós não avançamos um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, não teríamos avançado um passo mesmo assim! E assim será para todos os lados que nós formos, e em direção a qualquer ponto a que nos dirijamos, desde este grão invisível que deixamos e que se chama Terra.

Eis o que é o espaço!

2. O tempo, tal como o espaço, é também uma palavra definida por si própria. Faremos uma ideia mais justa dele ao estabelecer sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão de coisas. Está ligado à eternidade da mesma maneira que essas coisas estão unidas ao infinito. Suponhamos a origem de nosso mundo, nessa época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra, no começo da Gênese. Ali o tempo ainda não saíra do misterioso berço da Natureza, e ninguém poderia dizer em que época de séculos estamos, visto que o pêndulo dos séculos ainda não está em movimento.

Mas silêncio! a primeira hora de uma Terra isolada soa ao timbre eterno, o planeta se move no espaço e, desde então, existe *tarde e manhã*. Além da Terra, a eternidade jaz impassível e imóvel, embora o tempo ande para outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a substitui, e durante uma série determinada de gerações serão contados os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao último dia deste mundo, à hora em que, curvada sob o peso da velhice, a Terra se apagará do livro da vida para não mais reaparecer; aqui a sucessão dos eventos se detém. Os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem e, com eles, o tempo acaba.

Essa simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo o alimentam e o deixam estender, basta para mostrar que, visto do ponto em que devemos nos colocar para nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar, e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta extensão, quantos os tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade substitui essas sucessões efêmeras e preenche tranquilamente com sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem fronteiras e eternidade sem limites, tais são as duas grandes propriedades da Natureza universal.

O olhar do observador que atravessa, sem jamais encontrar obstáculos, as distâncias incomensuráveis do espaço, e o do geólogo que remonta além dos limites das eras, ou que descem às profundezas da eternidade aberta, em que se perderão um dia, agem em conjunto, cada

um em sua via, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Conservando essa ordem de ideias, ser-nos-á fácil conceber que o tempo não é senão a relação das coisas transitórias, dependendo unicamente das coisas que o medem, se, tomando-se os séculos terrestres por unidades, e os amontoarmos milhares e milhares para formar um número colossal, esse número representaria apenas um ponto na eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas reunidas a milhares de léguas são apenas um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, os séculos estando fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão grande quanto o equador terrestre e supor-nos velhos como esse número de séculos, sem que, de fato, nossa alma contasse um dia a mais. E, ao se ajuntar a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, e se imaginássemos viver durante a prodigiosa sucessão de períodos seculares, representados pela soma de tais números, quando chegássemos ao termo final, o amontoado incomparável de séculos que pesariam sobre nossas cabeças seria como se nada houvesse: ficaria sempre diante de nós a eternidade inteira.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de nenhuma medida, do ponto de vista da duração; para ela, não há nem começo nem fim. Tudo é presente para ela.

Se séculos e séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, o que é a duração da vida humana?

A matéria

3. Num primeiro contato, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente distinto como essas diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza fazem, diariamente, passar sob nossos olhos, há dois que acusem uma identidade perfeita, ou somente uma paridade de composição? Que desse-melhança do ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso

e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a estrutura óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que decoram o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade sobre a Terra!

Entretanto, podemos considerar como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, seja do ponto de vista de sua constituição íntima, seja em relação à sua ação recíproca, são, de fato, apenas modos diversos sob os quais a matéria se apresenta; variedades em que ela se transformou sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

4. A Química, cujos progressos foram tão rápidos durante minha época, em que seus próprios adeptos a relegavam ainda ao domínio secreto da magia, essa nova Ciência que se pode com justiça considerar como filha do século observador e como baseada, unicamente, e mais solidamente que suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo eu, fez tábula rasa dos quatro elementos primitivos que os antigos haviam concordado reconhecer na Natureza; ela mostrou que o elemento terrestre é apenas a combinação de substâncias diversas variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de um certo número de equivalentes de gases; que o fogo, longe de ser ele mesmo um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal ao qual ela está submetida, e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela fez surgir um número considerável de princípios até então desconhecidos, que lhe parecem formar, por determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela tem estudado e que agem simultaneamente segundo certas leis, e em certas proporções nos trabalhos operados no grande laboratório da Natureza. Esses princípios foram denominados por ela como *corpos simples*, indicando com isso que os considera primitivos e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até hoje, pôde reduzi-los a partes relativamente mais simples que eles mesmos².

5. Mas lá onde se detêm as apreciações do Homem, mesmo ajudado por seus mais impressionáveis sentidos artificiais, a obra da Natureza continua. Lá onde o vulgo toma a aparência pela realidade, lá onde o prático suspende o véu e distingue o começo das coisas, o olhar daquele que pôde discernir o modo de ação da Natureza, não vê, nos materiais constitutivos do mundo, senão a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época do nascimento deles, partilhada em corpos solidários durante a sua vida, materiais desmembrados, um dia, no receptáculo da imensidão, pela sua decomposição.

6. Há essas questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não poderíamos aprofundar e sobre as quais não poderíamos emitir nada além de opiniões pessoais, mais ou menos conjecturais. Sobre essas questões, eu me calarei ou justificarei minha maneira de vê-las, mas esta de que estamos tratando não é desse número. Àqueles, pois, que fossem tentados a ver em minhas palavras apenas uma teoria arriscada, eu direi: reúnam, se for possível, em um olhar investigador, a multiplicidade de operações da Natureza e reconheceréis que, se não admitirmos a unidade da matéria, é impossível explicar, não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de um grão sob a terra ou a produção de um inseto.

7. Se observamos uma tal diversidade na matéria, é porque as forças que presidem às suas transformações, e as condições em que se produzem, sendo em número ilimitado, as combinações variadas da matéria não poderiam ser elas próprias senão também ilimitadas.

Por isso, quer a substância que consideramos pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou quer esteja revestida das características e das propriedades ordinárias da matéria, há apenas, em todo o Universo, uma só substância primitiva: o *cosmos* ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.

(2) **Nota:** Os principais corpos simples são: entre os corpos não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os corpos metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio etc.

As leis e as forças

8. Se um desses seres desconhecidos que consomem sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do oceano; se um desses poligástricos, uma dessas nereidas – miseráveis animálculos que nada conhecem da Natureza senão os peixes ictiófagos e as florestas submarinas – recebesse de um golpe o dom da inteligência, a faculdade de estudar seu mundo e de estabelecer, sobre suas apreciações, um raciocínio conjectural que se estendesse à universalidade das coisas, que ideia formaria da natureza viva que se desenvolve em seu meio ambiente, e do mundo terrestre que não pertence ao campo de suas observações?

Se, agora, por um efeito maravilhoso de seu novo poder, esse mesmo ser conseguisse se elevar acima de suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe das bordas opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, ao sol fecundo, recebendo um benéfico calor, que julgamento faria, então, com respeito às suas teorias formuladas antecipadamente sobre a criação universal, teoria que desfaria logo por uma apreciação mais larga, mas relativamente ainda tão incompleta quanto a primeira? Tal é, ó homens, a imagem de vossa ciência toda especulativa³.

9. Uma vez que venho tratar, aqui, da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que sou, como vós, um ser relativamente ignorante diante da ciência real, apesar da aparente superioridade que me dá sobre meus irmãos da Terra a possibilidade de estudar as questões naturais que lhes são proibidas em vossa posição, minha finalidade é, somente, vos expor a noção geral das leis universais, sem explicar, em pormenores, o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas dependem.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e invade os corpos. Esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geratriz do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas

⁽³⁾ **Nota:** Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, logo depois de se terem despojado de seu invólucro carnal, os horizontes desse mundo se abrem a seus olhos. Eles compreendem, então, o vazio das teorias pelas quais pretendiam explicar tudo apenas pela matéria. Entretanto, esses horizontes têm ainda, para eles, mistérios que se revelam sucessivamente, à medida que se elevam pela depuração. Mas, desde seus primeiros passos nesse mundo novo, são forçados a reconhecer sua cegueira e o quanto estavam longe da verdade.

formas múltiplas, indefinidamente variadas, segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa*. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de *som, calor, luz* etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, oferecem outras características desconhecidas neste e, na imensa extensão dos céus, forças em número indefinido são desenvolvidas em uma escala inimaginável, da qual somos tampouco capazes de avaliar a grandeza, como o crustáceo, no fundo do Oceano, o é de compreender a universalidade dos fenômenos terrestres⁴.

Ora, assim como há apenas uma só substância simples, primitiva, geratriz de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, da

⁽⁴⁾ N. E “Na ciência aprendemos que **fluido** é um corpo ou substância que, pela fraca adesão das suas moléculas entre si, pela mudança contínua de posição, cede à menor força, de maneira que não tem forma independente, tomando a do recipiente que o contenha. Há outros significados de fluidos que na visão da Física foram abandonados pela sua evolução conceitual na Ciência, embora permaneçam vigiando dentro das ciências metafísicas. Em 1678, o físico holandês Christian Huygens (1629-1695) usou pela primeira vez na Física a palavra **éter** para nomear o espaço em que movem as ondulações da luz.

Tanto **fluido** como **éter** eram sinônimos de **matéria cósmica primordial** e de suas derivações na matéria e na energia.

A partir de certo tempo abandonando-se a palavra éter, passou-se a denominar **fluido** a um hipotético material quintessenciado do cosmo e derivado daquilo que também hipoteticamente se atribuía como causa de efeitos do calor, de luz, da eletricidade, do magnetismo etc.

Tal conceito vigia tanto nas ciências acadêmicas quanto nas correntes filosóficas, religiosas e de índole ocultística.

Mas eram conceitos que vinham de longe, quiçá antes da Índia Antiga, a qual fora contudo a sua depositária mais marcante de pensamento por nós mais conhecida.”

(Berbel, João. *Fluidologia*. Obra ditada pelos Espíritos Eurípedes Barsanulfo; Ismael Alonso e Miguel de Alcântara. Ed. DPL, 1999.)

Nota: Nós nos reportamos ao que conhecemos, e não compreendemos o que escapa à percepção de nossos sentidos, assim como o cego não compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. Pode ocorrer, portanto que, em outros meios, o fluido cósmico tenha propriedades, combinações de que não temos nenhuma ideia, efeitos apropriados às necessidades que nos são desconhecidas, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz. Mas quem nos diz que não existem outros agentes além da luz, aos quais são adequados organismos especiais? A visão sonambúlica, que não é impedida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela obscuridade, nos oferece um exemplo disso. Suponhamos que, em um mundo qualquer, os seres sejam *normalmente* como nossos sonâmbulos são apenas excepcionalmente, eles não teriam necessidade nem de nossa luz, nem de nossos olhos e, portanto, eles veriam o que nós não podemos ver. O mesmo se dá com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam segundo os meios.

mesma forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, nos decretos eternos, foi soberanamente imposta à criação para nela constituir a harmonia e a estabilidade.

11. A natureza jamais se opõe a si mesma. O brasão do Universo tem apenas uma divisa: *Unidade – Variedade*. Remontando à escala dos mundos, encontramos *unidade* de harmonia e de criação, ao mesmo tempo em que uma *variedade* infinita no imenso canteiro de estrelas. Ao percorrer os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei de continuidade se fez conhecida. Ao considerar as forças em si mesmas, pode-se formar uma série cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Não se poderia apreciar essa lei em toda a sua extensão, visto que as forças que a representam no campo das vossas observações são restritas e limitadas. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma grande aplicação da lei primordial que reina para além dos céus.

Todas essas forças são eternas — explicaremos essa palavra — e universais, como a Criação. Sendo inerentes ao fluido cósmico, elas agem necessariamente em tudo e em toda parte, modificando sua ação pela simultaneidade ou pela sucessão; predominando aqui, atenuando-se mais ao longe; poderosas e ativas em certos pontos, latentes ou secretas em outros; mas, finalmente, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os trabalhos maravilhosos da Natureza em qualquer ponto onde são executados, assegurando para sempre o eterno esplendor da Criação.

A primeira criação

12. Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais de sua composição, de suas leis e de suas propriedades, podemos focalizar nossos estudos sobre o modo de formação que trouxe à luz os mundos e os seres. Desceremos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas e, daí, tomando este globo por ponto de partida e por unidade relativa, seguiremos em nossos estudos planetários e siderais.

13. Se houvermos compreendido bem a relação ou, antes, a oposição da eternidade com o tempo, se estivermos familiarizados com a ideia de que o tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é suscetível de nenhuma medida do ponto de vista de sua duração, compreenderemos que, para ela, não há nem começo nem fim.

Por outro lado, se fizermos uma justa ideia — embora necessariamente fraca — do infinito do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha sempre existido e exista sempre. Desde o momento em que Deus existe, Suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos nascessem, a eternidade incomensurável recebeu o verbo divino e fundou o espaço, eterno como ele.

14. Deus sendo, por Sua natureza, desde toda a eternidade, criou desde toda a eternidade e isso não poderia ser de outro modo, porque a qualquer época longínqua que recuemos em imaginação os limites supostos da Criação, haverá sempre além desse limite uma eternidade — considerai bem esse pensamento — uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as volições infinitas teriam estado amortalhadas em muda letargia inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá a vida aos seres, de mutismo indiferente para o Verbo que os governa, de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o Sol dos seres; é a Luz do mundo. A aparição do Sol dá, instantaneamente, nascimento às ondas de luz que se vão espalhando por todas as partes, na extensão. Do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis da infinita duração, ao *Fiat lux!* do começo.

15. O começo absoluto das coisas remonta, portanto, a Deus. As aparições sucessivas delas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desenvolveram nos

tempos antigos, nos quais nenhuma das maravilhas do Universo atual existiam. Nessa época primitiva em que a voz do Senhor se fez ouvir, os materiais que deveriam, no porvir, se agrupar simetricamente e por si mesmos, para formar o templo da Natureza, se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos. Quando, a essa voz misteriosa que cada criatura venera e adora como o de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo, em seu berço, não foi estabelecido em sua virilidade e em sua plenitude de vida. Não; o poder criador não se contradiz nunca e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e do impulso inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu, sucessivamente, nascimento aos turbilhões, às aglomerações desse fluido difuso, aos amontoados de matéria nebulosa que se dividiram a si próprios e se modificaram ao infinito, para produzir, nas regiões incomensuráveis da extensão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles, e de circunstâncias ulteriores que presidiram a seus desenvolvimentos, esses centros primitivos tornaram-se os focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde então sua vida astral particular; outros, ocupando uma extensão ilimitada, cresceram com extrema lentidão, ou se dividiram novamente em outros centros secundários.

16. Ao nos reportarmos a alguns milhões de séculos somente, além da época atual, nossa Terra não existia ainda, mesmo nosso sistema solar não tinha ainda começado as evoluções da vida planetária; e, entretanto, já esplêndidos sóis iluminavam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do céu desenvolvem sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo eu! tais esplendores não são mais os que outrora fizeram palpitar o coração de outros mortais

sob o pensamento do infinito poder! E nós, pobres pequenos seres que viemos depois de uma eternidade de vida, nós nos acreditamos contemporâneos da Criação.

Ainda uma vez: compreendamos melhor a Natureza. Saibamos que a eternidade está antes de nós, assim como adiante, que o espaço é o teatro de uma sucessão e de uma simultaneidade inimagináveis de criações. Tais nebulosas, que mal distinguimos nas longínquas regiões dos céus, são aglomerações de sóis em vias de formação; outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, enfim, a sede de catástrofes ou de perecimento. Saibamos que assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinitude de durações anteriores e ulteriores; que a Criação Universal não é limitada a nós e que não podemos aplicar essa palavra à formação isolada de nosso pequeno globo.

A criação universal

17. Após haver remontado, tanto quanto está ao nosso alcance, em direção ao oculto de onde emanam os mundos, como as gotas d'água de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e de seus desenvolvimentos seriados.

A matéria cósmica primitiva encerrava os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, o que mais é, a geratriz eterna. Ela não desapareceu, essa substância de onde provêm as esferas siderais. Não está morta, essa força, pois que dá ainda, incessantemente, à luz novas criações e recebe incessantemente os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, difundida pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado nos lugares onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, segundo as localidades da extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva onde residem

as forças universais, de onde a Natureza retira todas as coisas⁵.

18. Esse fluido invade os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá nascimento à vida dos seres e a perpetua em cada globo, segundo a condição deste princípio em estado latente que dorme ali onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura, mineral, vegetal, animal ou ainda outra — porque há outros reinos naturais dos quais o homem nem suspeita da existência —, sabe, em virtude desse princípio vital universal, adequar-se às condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm alguma soma dessa vida — assim como a semente e o embrião — e se agrupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Muito importa que nos compenetremos desta noção: que a matéria cósmica primitiva estava revestida não somente das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas ainda do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se manifestam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora da aparição dos filhos da vida, durante o período criador.

Assim se efetua a criação universal. É, portanto, verdade dizer que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus sempre tem criado, cria sem cessar e sempre criará.

19. Mas até aqui deixamos em silêncio o *mundo espiritual*, que também faz parte da Criação e realiza seus destinos seguindo as augustas prescrições do Senhor.

Posso apenas dar um ensinamento bem restrito sobre o modo de criação dos Espíritos, em virtude de minha própria ignorância, e porque devo calar-me, ainda, sobre certas questões, embora já tenha sido permitido aprofundar-me nelas.

Àqueles que estejam religiosamente desejosos de conhecer, e que sejam humildes diante de Deus, direi, rogando-lhes, no entanto, que

⁽⁵⁾ **Nota:** Se perguntássemos qual é o princípio dessas forças e como ele pode estar na substância mesma que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos. A elasticidade que faz distender uma mola não está ela na própria mola, e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.

não baseiem nenhum sistema prematuro sobre minhas palavras: o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo, com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de suas altas destinações, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade. É somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte Seu augusto sinal, que o Espírito toma lugar entre as Humanidades.

Ainda uma vez, não edifiqueis sobre minhas palavras vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da Metafísica. Preferiria mil vezes calar-me sobre questões tão elevadas, tão acima de nossas meditações ordinárias, a vos expor a desnaturar o sentido de meu ensinamento e a vos afundar, por minha culpa, nos dédalos inextricáveis do deísmo ou do fatalismo.

Os sóis e os planetas

20. Ora, sucedeu que em um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa era animada pelas leis universais que regem a matéria. Em virtude dessas leis, notadamente da força molecular de atração, ela tomou a figura de um esferoide, a única que pode revestir, primitivamente, uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, cedo modificou a esfera primitiva para conduzi-la, de movimento em movimento, para a forma lenticular. Falamos do conjunto da nebulosa.

21. Novas forças surgem em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira tendendo a reunir todas as partes no centro; a segunda tendendo a afastá-las. Ora, com o movimento acelerando à proporção que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida pelas duas causas, predominou cedo sobre a atração central.

Da mesma forma que um movimento muito rápido da funda arre-benta a corda e deixa escapar para longe o projétil, assim também a

predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa e, desse anel, formou-se uma nova massa, isolada da primeira, mas, não obstante, submissa a seu império. Essa massa conservou seu movimento equatorial o qual, modificado, tornou-se seu movimento de translação em volta do astro solar. Além disso, seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em volta de seu próprio centro.

22. A nebulosa geratriz que fez nascer esse novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o calor primitivo, desenvolvido por seus movimentos diversos, apenas se enfraqueceu com uma lentidão extrema, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes, durante um longo período, até que essa nebulosa se torne muito densa, muito sólida, para opor resistência eficaz às modificações de forma, que lhe imprime, sucessivamente, seu movimento de rotação.

Ela não teria, portanto, dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado. Ora, cada um de seus mundos revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos, engendrará, em seguida, novos globos que gravitarão daí em diante em volta dele, como ele gravita, concorrentemente com seus irmãos, em volta do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas, sucessivamente destacados de seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependentes de seu astro gerador.

23. Os planetas são formados, assim, de massas de matéria condensada, mas ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação da força centrífuga e tomando, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal mais ou menos elíptica, segundo o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de esfriar-se e revestir-se de uma crosta sólida, faria nascer a Lua, pelo mesmo modo de formação astral ao qual deve sua própria existência. A Terra, desde agora inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida sob as asas da divina providência, corda nova na harpa do infinito, que deve vibrar, em seu lugar, no concerto universal dos mundos.

Os satélites

24. Antes que as massas planetárias atingissem um grau de resfriamento suficiente para operar sua solidificação, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, destacaram-se de algumas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é maior e, em virtude das mesmas leis, adquirem um movimento de translação em volta de seu planeta gerador, como ocorreu com estes em redor de seu astro central gerador.

Foi assim que, da Terra, nasceu a Lua, cuja massa, menos considerável, pôde sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram à sua separação do equador terrestre e seu movimento de translação nesse mesmo plano, agiram de tal maneira que esse mundo, em lugar de revestir a forma esferoide, tomou a de um globo ovoide, quer dizer, a forma alongada de um ovo, cujo centro de gravidade seria fixado em sua parte inferior.

25. As condições em que se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra e a constrangeram a ficar perpetuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior virada para a Terra, e cujas partes menos densas ocuparam o cume, designando-se por essa palavra o lado oposto à Terra, e elevando-se em direção ao céu. É o que faz que esse astro nos apresente, continuamente, a mesma face. Pode ser assemelhado, para ser mais bem compreendido seu estado geológico, a um globo de cortiça cuja base que está virada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma, sem nenhuma analogia possível com o nosso, porque os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; outra, leve em relação à Terra, visto que todas as substâncias menos densas se acumularam nesse hemisfério. A primeira, perpetuamente virada para a Terra, sem água e sem atmosfera, se não estiver, algumas vezes, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica em fluidos, perpetuamente oposta a nosso mundo⁶.

26. O número e o estado dos satélites de cada planeta têm variado segundo as condições especiais em que se formaram. Alguns não deram nascimento a nenhum astro secundário, tais como Mercúrio, Vênus

e Marte; ao passo que outros formaram um ou vários, como a Terra, Júpiter, Saturno etc.

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece rodeá-lo como uma branca auréola. Essa formação é, para nós, uma nova prova da universalidade das leis da Natureza; esse anel é, com efeito, o resultado de uma separação que se operou, nos tempos primitivos, na zona equatorial de Saturno, assim como uma zona equatorial escapou da Terra para formar seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se formou, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em um certo grau de condensação e pôde, dessa forma, continuar seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual àquele que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel tivesse sido mais denso que outro, uma ou várias aglomerações da substância se teriam subitamente operado, e Saturno contaria com vários satélites a mais. Desde o tempo de sua formação, esse anel se solidificou tal como os outros corpos planetários.

Os cometas

28. Astros errantes, mais ainda do que os planetas que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que pertence a Terra, para levar-nos em direção às regiões longínquas da extensão sideral.

⁽⁶⁾ **Nota:** Essa teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravitação, a razão pela qual esse astro apresenta, sempre, a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade, em vez de estar no centro da esfera, encontra-se sobre um dos pontos de sua superfície e, como consequência, atraído para a Terra por uma força maior do que a que atrai as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas *joão-teimoso*, que se levantam constantemente sobre sua base, enquanto que os planetas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sobre seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em razão de sua leveza específica, encontram-se acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra. O hemisfério inferior, o único que vemos, está desprovido deles e, por conseguinte, impróprio à vida, enquanto que ela reinaria no outro. Se, no entanto, o hemisfério superior fosse habitado, seus habitantes não teriam visto jamais a Terra, a não ser em excursões ao outro hemisfério, o que lhes será impossível, por não haver condições necessárias de vitalidade. Por mais racional e científica que seja essa teoria, como ainda não pôde ainda ser confirmada por qualquer observação direta, pode ser aceita apenas a título de hipótese e como uma ideia que pode servir de baliza para a Ciência, mas não se pode negar que seja a única, até o presente, que dá uma explicação satisfatória das particularidades que aquele globo apresenta.

Mas, antes de explorar os domínios celestes com a ajuda desses viajantes do Universo, seria bom fazer conhecer, tanto quanto possível, sua natureza intrínseca e seu papel na economia planetária.

29. Tem-se muitas vezes visto nesses astros de cabeleira, mundos nascentes, elaborando em seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são dadas em partilha às terras habitadas. Outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição, e sua aparência singular foi, para muitos, tema de apreciações errôneas sobre sua natureza, de tal maneira que houve, até na Astrologia judiciária, quem não tivesse feito presságios de desastres enviados, pelos decretos providenciais, à Terra espantada e trêmula.

30. A lei de variedade é aplicada com tão grande profusão nos trabalhos da Natureza, que nos perguntamos como os naturalistas, astrônomos ou filósofos construíram tantos sistemas para assemelhar os cometas aos astros planetários e por não ver neles mais que astros em um grau maior ou menor de desenvolvimento ou de decadência. Os quadros da Natureza tornaram-se amplamente suficientes, entretanto, para afastar do observador o cuidado de procurar relações que não existem, e deixar aos cometas o papel modesto, mas útil, de astros errantes que servem de exploradores para os impérios solares. Visto que os corpos celestes aqui tratados são diferentes dos corpos planetários; não têm, como eles, o destino de servir de morada às Humanidades. Vão, sucessivamente, de sóis em sóis, enriquecendo-se às vezes, em sua rota, de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, tomar aos seus focos os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres. (capítulo IX, nº 12)

31. Se, quando um desses astros se aproxima de nosso pequeno globo, para lhe atravessar a órbita e retornar ao seu apogeu, situado a uma distância incomensurável do Sol, nós o seguirmos, pelo pensamento, para visitar com ele as regiões siderais, transporíamos essa prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos combinados desse astro que acreditamos extraviado no deserto do infinito, nós encontraríamos aí, ainda, uma prova eloquente da universalidade das leis da Natureza, que se exercem

a distâncias que a imaginação mais ativa mal pode conceber.

Ali, a forma elíptica toma a forma parabólica e o andamento se retarda a ponto de percorrer apenas alguns metros, no mesmo tempo em que em seu perigeu percorreria vários milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante que aquele que o cometa deixou, exercerá sobre esse cometa uma atração preponderante e o receberá entre seus próprios súditos e, então, os filhos espantados da vossa pequena Terra lhe esperarão, em vão, a volta que tinham prognosticado por observações incompletas. Nesse caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante àquelas regiões desconhecidas, reencontraríamos, então, uma nova nação impossível de ser encontrada pelos olhos terrestres, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para seus pensamentos, porque ela seria teatro de maravilhas inexploradas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante de vastos sóis que irradiam no espaço infinito, e que são as flores brilhantes do canteiro magnífico da Criação. Chegados lá, saberíamos de certo o que é a Terra.

A Via-Láctea

32. Durante as belas noites estreladas e sem Lua, cada um pode observar essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os antigos tinham denominado de *Via-Láctea*, graças à sua aparência leitosa. Esse clarão difuso foi longamente explorado pelo olho do telescópio nos tempos modernos, e esse caminho de pó de ouro ou esse regato de leite da antiga Mitologia, transformou-se em um vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento de sua natureza e mostraram, lá onde o olhar errante encontra apenas uma fraca claridade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes que o que nos ilumina.

33. A *Via-Láctea*, de fato, é um campo semeado de flores solares ou planetárias que brilham em sua vasta extensão. Nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiantes de que se compõe a *Via-Láctea*; mas, apesar de suas dimensões gigantescas

relativamente à Terra e à grandeza de seu império, ele, o Sol, não ocupa, no entanto, senão um lugar inapreciável nessa vasta criação. Podem-se contar uns trinta milhões de sóis semelhantes a ele, que gravitam nessa imensa região, afastados cada um dos outros mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre⁷.

34. Pode-se julgar, por essa aproximação, da extensão dessa região sideral e da relação que une nosso sistema planetário à universalidade dos sistemas que a ocupam. Pode-se julgar, igualmente, da exiguidade do domínio solar e, *a fortiori*, do nada de nossa pequena Terra. Que seria, então, se considerássemos os seres que a povoam!

Eu falo “do nada”, visto que nossas determinações se aplicam não somente à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco —, mas ainda, e sobretudo, ao estado moral deles como habitação, e ao grau que eles ocupam na eterna hierarquia dos seres. A Criação ali se mostra em toda sua majestade, criando e propagando tudo em volta do mundo solar, e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35. Conhecemos, dessa maneira, a posição ocupada por nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas. Essas considerações adquirem maior valor ainda se refletirmos sobre o estado mesmo da Via-Láctea que, na imensidade das criações siderais, representa apenas um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, porque ela não é outra coisa senão uma nebulosa estelar, tal como existem milhares no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que ela nos rodeia e se desenvolve em toda sua extensão sob nossos olhos; enquanto que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, se sabemos que a Terra não é nada, ou quase nada, no Sistema Solar; e este nada, ou quase nada, na Via-Láctea; esta é nada, ou quase nada, na universalidade das nebulosas; e esta universalidade muito pouco no meio do imenso infinito, começaríamos a compreender o que é o globo terrestre.

⁽⁷⁾ **Nota:** Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas.

As estrelas fixas

37. As estrelas que chamamos fixas e que constelam os dois hemisférios do firmamento não estão livres de toda atração exterior, como geralmente se supõe. Longe disso: elas pertencem todas a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte, e cujo plano equatorial que se projeta no céu, recebeu o nome de *Via-Láctea*. Todos os sóis que a compõem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal as reúne todas em uma mesma família.

38. Entre esses diversos sóis, a maior parte é, como o nosso, rodeado de mundos secundários que eles iluminam e fecundam pelas mesmas leis que presidem à vida de nosso sistema planetário. Uns, como Sírius, são milhares de vezes mais magníficos em dimensões e em riqueza que o nosso, e seu papel mais importante no Universo, assim como planetas mais numerosos e superiores aos nossos os rodeiam. Outros são muito pouco parecidos por suas funções astrais. Assim é que um certo número desses sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, são acompanhados de seus irmãos da mesma idade e formam, no espaço, sistemas binários aos quais a Natureza deu funções diferentes das que atribuiu a nosso Sol⁸. Ali os anos não se medem mais pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos, iluminados por um duplo facho, receberam por herança condições de existência inimagináveis para os que não ainda saíram deste pequeno mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam melhores elementos de habitabilidade dados a qualquer um dos demais. As leis da

⁽⁸⁾ **Nota:** É o que se chama, em Astronomia, estrelas duplas. São dois sóis, um dos quais gira em torno do outro, como um planeta em torno de seu sol. De que estranho e magnífico espetáculo devem desfrutar os habitantes dos mundos que compõem estes sistemas iluminados por um duplo sol. Mas, também, quanto devem ser diferentes as condições da vida ali.

Em uma comunicação dada ulteriormente, o Espírito de Galileu acrescenta: “Há mesmo sistemas ainda mais complicados nos quais diferentes sóis desempenham, face a face um do outro, o papel de satélites. Produzem-se, então, efeitos de luz maravilhosos para os habitantes dos globos que eles iluminam. Tanto mais que, malgrado a aproximação aparente uns dos outros, mundos habitados podem circular entre eles e receber, alternativamente, ondas de luz diversamente coloridas, cuja reunião recompõe a luz branca”.

Natureza são diversificadas em sua imensidão e, se a unidade é a grande palavra do Universo, a variedade infinita não deixa de lhe ser o eterno atributo.

39. Malgrado o número prodigioso dessas estrelas e de seus sistemas, malgrado as distâncias incomensuráveis que as separam, elas não deixam de pertencer, todas, à mesma nebulosa estelar que os olhares dos mais poderosos telescópios mal podem atravessar, e que as concepções mais ousadas da imaginação mal podem transpor; nebulosa que, não obstante, é apenas uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo sideral.

40. As estrelas que se chamam fixas não são pontos imóveis na imensidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo, a partir desse ponto, são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica. (Capítulo V, nº 12)

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada está encerrada em uma mesma aglomeração cósmica, em uma mesma nebulosa que o homem nomeia *Via-Láctea*. Mas, por pertencerem todos ao mesmo grupo, esses astros não são menos animados cada um por um movimento próprio de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em nenhuma parte. Eles são regidos pelas leis universais da gravitação e rolam na imensidão sob o impulso incessante dessa força imensa. Eles rolam, não segundo rotas traçadas por acaso, mas segundo órbitas fechadas, cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar minhas palavras mais compreensíveis, por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42. Sabe-se, pelas modernas observações, que ele, o Sol, não é fixo nem central, como se acreditava nos primeiros dias da nova Astronomia, mas sabe-se que avança no espaço arrastando, com ele, seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, essa marcha não é fortuita, e não vai, errante nos vazios infinitos, extraviar seus filhos e dependentes longe das regiões que lhe foram designadas. Não, sua órbita é determinada, e concorrentemente com outros sóis da mesma ordem que ele, e como ele rodeados

de um certo número de terras habitadas, gravita em volta de um sol central. Seu movimento de gravitação, igual ao dos sóis seus irmãos, é inapreciável às observações anuais, porque os períodos seculares em grande número mal serviriam para marcar o tempo de um desses anos astrais.

43. O sol central, de que acabamos de falar também, é um globo secundário em relação a outro ainda mais importante, em volta do qual aquele perpetua uma marcha lenta e medida, em companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos constatar essa subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que nossa imaginação esteja fatigada de subir uma tal hierarquia, porque, não nos esqueçamos, levam-se em conta, em número redondo, uns trinta milhões de sóis na Via-Láctea, subordinados uns aos outros como as roldanas gigantescas de um imenso sistema.

44. E estes astros, em números incontáveis, vivem cada qual uma vida solidária; assim como nada está isolado na economia do pequeno mundo terrestre, assim também nada está isolado no incomensurável Universo.

Esses sistemas de sistemas pareceriam de longe, ao olho investigador do filósofo que pudesse abranger o quadro desenvolvido pelo espaço e pelo tempo, uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhões pelo sopro divino, que faz voar nos céus os mundos siderais, como os grãos de areia sobre as colinas do deserto.

Nem mais imobilidade, nem silêncio, nem noite! O grande espetáculo que se desenrolaria sob nossos olhares seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea que abarca, no conjunto imenso, o olhar infinito do Criador.

Porém, nós temos falado, até agora, apenas de uma nebulosa. Seus milhões de sóis, seus milhões de terras habitadas não formam, como dissemos, senão uma ilha no arquipélago infinito.

Os desertos do espaço

45. Um deserto imenso, sem fronteiras, se estende além da aglomeração de estrelas de que falamos e envolve-a. Solidões sucedem a solidões e as planícies incomensuráveis do vazio se estendem ao longe. Os

amontoados de matéria cósmica encontram-se isolados no espaço como ilhas flutuantes de um imenso arquipélago; se pudéssemos apreciar, de alguma forma, a ideia da enorme distância que separa o amontoadado de estrelas do qual fazemos parte, das aglomerações mais próximas, será necessário saber que essas ilhas estelares são disseminadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que aquela que mede suas respectivas dimensões.

Ora, se recordarmos que a nebulosa estelar mede, em número redondo, mil vezes a distância das estrelas mais próximas, tomada como unidade, quer dizer, algumas centenas de milhares de milhões de léguas, a distância que se estende entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão de nosso Espírito. A imaginação, unicamente, em suas mais altas concepções, é capaz de transpor essa imensidade prodigiosa, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e de encarar, de alguma forma, a ideia dessa infinidade relativa.

46. Entretanto, esse deserto celeste que envolve nosso Universo sideral e que parece se estender como os confins recuados de nosso mundo astral é abrangido pela visão e pelo poder infinito do Altíssimo que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama de Sua criação ilimitada.

47. Além dessas vastas solidões, com efeito, há mundos irradiando em sua magnificência, tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas. Além desses desertos, há esplêndidos oásis que vagueiam no límpido éter e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Ali, desenvolvem-se os agregados longínquos de substância cósmica, que o olhar profundo do telescópio entrevê através das regiões transparentes de nosso céu, essas nebulosas que denominamos *irresolúveis*, e que aparecem ao homem como leves nuvens de poeira branca perdidas em um ponto desconhecido do espaço etéreo. Ali se revelam e se desenvolvem novos mundos, cujas condições variadas e estranhas àquelas que são inerentes ao vosso globo, lhes dão uma vida que as vossas concepções não podem imaginar, nem vossos estudos constatar. É ali que resplandece em toda sua plenitude o poder criador. Para aquele

que vem das regiões ocupadas pelo sistema da Terra, outras leis existem ali em ação, cujas forças regem as manifestações da vida e as novas rotas que, seguindo nessas regiões estranhas, nos abrem perspectivas desconhecidas⁹.

Sucessão eterna dos mundos

48. Vimos que uma só lei, primordial e geral, foi dada ao Universo para assegurar-lhe estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível

⁽⁹⁾ **Nota:** Dá-se, em Astronomia, o nome de nebulosas *irresolúveis* àquelas em que não pudemos ainda distinguir as estrelas que as compõem. Foram, primeiramente, consideradas como amontoados de matéria cósmica em vias de condensação para formar mundos, mas hoje se pensa, geralmente, que essa aparência é devida ao afastamento e que, com instrumentos muito poderosos, todas seriam *resolúveis*. Uma comparação familiar pode dar uma ideia, embora bem imperfeita, das nebulosas resolúveis: essas são grupos de faíscas projetadas pelos fogos de artifício, no momento de sua explosão. Cada uma dessas faíscas representaria uma estrela e o conjunto delas será a nebulosa, ou grupo de estrelas reunidas em um ponto do espaço, e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas de uma certa distância, essas faíscas mal se distinguem e seu grupo tem a aparência de uma pequena nuvem de fumaça. Essa comparação não seria exata, se se tratasse de matéria cósmica condensada.

Nossa Via-Láctea é uma dessas nebulosas. Ela conta com cerca de 30 milhões de estrelas ou sóis que não ocupam menos de algumas centenas de trilhões de léguas de extensão e, entretanto, não é a maior. Suponhamos somente uma média de vinte planetas habitados circulando em volta de cada sol, isso faria por volta de seiscentos milhões de mundos para o nosso grupo. Se pudéssemos nos transportar de nossa nebulosa para outra, ali estaríamos como no meio de nossa Via-Láctea, mas com um céu estrelado de outro aspecto; e este, malgrado suas dimensões colossais em relação a nós, nos pareceria, ao longe, como um pequeno floco lenticular perdido no infinito. Mas antes de atingirmos a nova nebulosa, seríamos como o viajante que deixa uma vila e percorre um vasto país desabitado, antes de alcançar outra cidade. Teríamos percorrido espaços incomensuráveis desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu chama de desertos do espaço. À medida que avançássemos, veríamos nossa nebulosa fugir para trás de nós, diminuindo de extensão a nossos olhos, ao mesmo tempo em que, diante de nós, se apresentaria aquela em direção à qual nós nos dirigíssemos, mais e mais distinta, semelhante à massa de faíscas dos fogos de artifício. Ao nos transportarmos pelo pensamento às regiões do espaço, situadas adiante do *arquipélago* de nossa nebulosa, veríamos por toda a nossa volta milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, encerrando cada um deles milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que pode nos identificar com a imensidade da extensão e da estrutura do Universo é útil ao engrandecimento das ideias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus se engrandece a nossos olhos à medida que compreendemos melhor a grandeza de Sua obra e nossa infinidade. Estamos longe, como se vê, dessa crença implantada pela Gênese mosaica, que faz de nossa pequena Terra, imperceptível, a criação principal de Deus, e de seus habitantes os únicos objetos de sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que acreditam que tudo foi feito para eles no Universo, e dos que ousam discutir a existência do Ser supremo. Em alguns séculos, nos espantará que uma religião feita para glorificar a Deus o tenha rebaixado a proporções tão mesquinhas, e que ela tenha repellido, como sendo concepções do Espírito do mal, as descobertas que poderiam apenas aumentar nossa admiração pela Sua onipotência divina, ao nos iniciar nos mistérios grandiosos da Criação. Espantar-nos-emos mais ainda, quando soubermos que elas foram repelidas porque deviam emancipar o espírito dos homens e obstar a preponderância daqueles que se dizem os representantes de Deus na Terra.

aos nossos sentidos por várias ações particulares que chamamos forças diretrizes da Natureza. Mostraremos agora que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é assegurada por essa lei suprema.

49. De fato, se remontarmos à origem primeira das primitivas aglomerações da substância cósmica, observaremos que, sob o império dessa lei, a matéria sofreu as transformações necessárias que a conduzem do germe para o fruto maduro e que, sob a impulsão das forças diversas nascidas dessa lei, ela percorre a escala de suas revoluções periódicas. A princípio, centro fluídico dos movimentos, a seguir gerador dos mundos, mais tarde núcleo central e atrativo das esferas que nasceram em seu seio.

Já sabíamos que essas leis presidem à história do Cosmos; o que importa saber agora é que elas presidem, igualmente, à destruição dos astros, pois que a morte não é somente uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada. E, se é verdade dizer, em sentido literal, que a vida só é acessível à foice da morte, é também justo acrescentar que a substância deve necessariamente sofrer as transformações inerentes à sua constituição.

50. Consideremos um mundo que, desde seu berço primitivo, percorreu toda a extensão dos anos que sua organização especial lhe permitia percorrer. O foco interior de sua existência se extinguiu, seus elementos próprios perderam sua força inicial. Os fenômenos da Natureza, que reclamavam, para se produzirem, a presença e a ação das forças devolvidas a esse mundo, já não podem se apresentar doravante, visto que a alavanca de sua atividade não tem mais o ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, poder-se-ia pensar que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes, sem uma finalidade, e permanecer como cinza inútil no turbilhão de céus? Poder-se-ia pensar que ela permaneça inscrita no livro da vida universal, quando não é mais que uma letra morta destituída de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que firmaram seus primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à degradação

de seus elementos constitutivos, para entregá-los ao laboratório onde a força geratriz extrai sem cessar as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão voltar a essa massa comum do Éter, para se assimilarem a outros corpos ou para regenerarem outros sóis. E essa morte não será um evento inútil para essa terra, nem a suas irmãs; ela renovará, em outras regiões, outras criações de uma natureza diferente e, ali onde sistemas de mundos se desvaneceram, renascerá breve um novo canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Assim, a eternidade real e efetiva do Universo é assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações dos tempos. Assim, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus seja jamais atingido em suas gigantescas molas.

Lá onde os olhos dos homens admiram esplêndidas estrelas na abóbada das noites, lá onde o espírito do homem contempla as irradiações magníficas que resplandecem nos longínquos espaços, desde há muito tempo o dedo da morte extinguiu esses esplendores, desde há muito tempo o vazio sucedeu a esses lampejos, e recebeu mesmo novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros, pelo qual a luz que nos enviam leva milhares de anos para nos alcançar, faz que recebamos somente hoje os raios que nos enviaram há muito tempo antes da criação da Terra, e que os admiremos ainda durante milhares de anos depois de sua desapareição real¹⁰.

Que são os seis mil anos da Humanidade histórica diante dos períodos seculares? Segundos em vossos séculos. Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Portanto, aqui como em nossos outros estudos, reconheçamos que a Terra e o Homem são apenas nada, em comparação com o que existe, e que as mais colossais operações de nosso pensamento não se

⁽¹⁰⁾ **Nota:** É um efeito do tempo que a luz leva para atravessar o espaço. Sua velocidade sendo de setenta mil léguas por segundo, ela nos chega vinda do Sol em oito minutos e treze segundos. O resultado disso é que, se um fenômeno ocorre na superfície do Sol, nós o perceberemos oito minutos mais tarde e, pela mesma razão, nós o veremos ainda oito minutos depois de seu desaparecimento. Em razão de seu afastamento, se a luz de uma estrela leva mil anos para nos atingir, nós não veremos essa estrela senão mil anos depois de sua formação. (Ver, para a explicação e a descrição completa desse fenômeno, a *Revisita Espírita* de março e maio de 1867, págs. 93 e 151; exposição de Lumen, por Sr. C. Flammarion).

estendem ainda senão por um campo imperceptível, diante da imensidade e da eternidade de um Universo que não acabará nunca.

E, quando esses períodos de nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como sombra vaporosa, no fundo de nossa lembrança; depois de habitar-mos durante séculos inomináveis esses diversos graus da hierarquia cosmológica; depois que os domínios mais longínquos dos anos futuros tiverem sido percorridos por inumeráveis peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e a imóvel eternidade por perspectiva.

A vida universal

53. Essa imortalidade das almas, cuja base é o sistema do mundo físico, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores preconceituosos; ironicamente qualificaram-na de imortalidade viajora, e não compreenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da Criação. Entretanto, é possível fazer compreender toda sua grandeza, eu diria, quase toda sua perfeição.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam morada de seres que as contemplam e lhe descobrem Daqueles sob seu véu a força e a sabedoria que as formou, essa questão não é mais duvidosa para nós, mas o que importa saber é que as almas que as povoam sejam solidárias.

55. A inteligência humana, de fato, não se satisfaz em considerar esses globos radiosos que cintilam na extensão, como simples massas de matéria inerte e sem vida; ela não se satisfaz em pensar que haja, nessas regiões longínquas, magníficos crepúsculos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias cheios de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da Natureza desenvolveram toda sua pompa luxuriante. Ela não se satisfaz em imaginar, digo eu, que o espetáculo divino no qual a alma pode se retemperar como em sua própria vida, seja desprovido de existência e privado de todo ser pensante que possa conhecê-lo.

56. Mas a essa ideia eminentemente justa da Criação, é necessário acrescentar a da Humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade, ainda inapreciada por parte dos homens, foram dados a esses mundos. *Se esses astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas por seres marcados na fronte com o mesmo destino, que devem se reencontrar momentaneamente segundo suas funções na vida, e se reencontrar segundo suas simpatias mútuas.* É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes. É a grande irradiação do Espírito divino que abarca a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Por qual estranha aberração, acreditava-se dever recusar à imortalidade as vastas regiões do Éter, quando a encerravam em um limite inadmissível e em uma dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria, portanto, preceder à verdadeira doutrina dogmática, e a Ciência à Teologia? Esta se afastaria tanto que sua base se apoiaria na Metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova Filosofia se assentará triunfante sobre as ruínas da antiga, porque sua base será elevada, vitoriosa, sobre os antigos erros.

Diversidade dos mundos

58. Vós nos seguistes em nossas excursões celestes e tendes visitado conosco as regiões imensas do espaço. Sob nossos olhares, os sóis têm sucedido aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas. O panorama esplêndido da harmonia do Cosmos desenrolou-se diante de nossos passos, e recebemos um antegoço da ideia do infinito, a qual não podemos compreender em toda sua extensão senão segundo a nossa futura perfectibilidade. Os mistérios do Éter desvendaram-nos seu enigma, até aqui indecifrável, e concebemos, ao menos, a ideia da universalidade das coisas. Importa, agora, determo-nos e refletirmos.

59. É belo, sem dúvida, reconhecer a pequenez da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos. É belo haver abatido a presunção humana que nos é tão cara e termo-nos humilhado diante da grandeza absoluta. Porém, será mais belo ainda interpretar em sentido moral o espetáculo de que temos sido testemunhas. Quero falar da

potência infinita da Natureza e da ideia que devemos fazer de seu modo de ação nas diversas partes do vasto Universo.

60. Habituaados, como estamos, a julgar as coisas pela nossa pobre pequena habitação, imaginamos que a Natureza não pôde, ou não teve de agir sobre os outros mundos, senão com as mesmas regras que reconhecemos aqui embaixo. Ora, é precisamente nisso que importa reformular nosso julgamento.

Lançai por um instante, os olhos sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções de vossa Natureza; não reconheceis aí o selo de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não vedes na asa de um pequeno pássaro das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto a prestigiosa fecundidade dessa bela Natureza?

Quer vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares, quer desçam até as violetas dos bosques, quer mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda parte lereis esta verdade universal: a Natureza toda poderosa age segundo os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; ela se deleita num sol, assim como numa gota d'água; ela povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo depositado pela borboleta do outono.

61. Ora, se tal é a variedade que a Natureza pôde nos descrever em todos os lugares neste pequeno mundo, tão estreito, tão limitado, quanto mais devereis estender esse modo de ação, pensando nas perspectivas dos vastos mundos. Quanto mais devereis desenvolvê-la e nela reconhecer sua poderosa extensão, aplicando-a a esses mundos maravilhosos que, bem mais que a Terra, atestam sua incomensurável perfeição!

Não vejais, portanto, em volta de cada um dos sóis do espaço, sistemas semelhantes ao vosso sistema planetário; não vejais nesses planetas desconhecidos os três reinos da Natureza que brilham ao vosso redor, mas pensai que, assim como um rosto humano não se assemelha a outro rosto em todo gênero humano, assim também a mesma diversidade prodigiosa inimaginável, se espalha pelas regiões etéreas que vagam no seio dos espaços.

Do fato de que vossa Natureza animada começou no zoófito para terminar no Homem; do fato de a atmosfera alimentar a vida terrestre; do fato de o elemento líquido renová-la sem cessar; de que vossas estações fazem suceder nessa vida os fenômenos que dela partilham, não concluais que os milhões e milhões de terras que vagam na amplidão sejam semelhantes a esta. Longe disso, elas diferem segundo as condições diversas que lhes foram designadas e segundo seu papel respectivo na cena do mundo. Essas são as pedrarias variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável jardim.

CAPÍTULO VII

ESBOÇO GEOLÓGICO

DA TERRA

Períodos geológicos – Estado primitivo do globo –
Período primário – Período de transição – Período secundário –
Período terciário – Período diluviano – Período pós-diluviano
ou atual. Nascimento do Homem

Períodos geológicos

1. A Terra conserva em si os traços evidentes de sua formação. É possível seguir suas fases com precisão matemática nos diferentes solos que compõem sua estrutura. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada *Geologia*, ciência nascida neste século e que lançou luz sobre as questões tão controversas de sua origem e da dos seres vivos que a habitam. Aqui, não há hipótese; é o resultado rigoroso da observação dos fatos e, em presença destes, não se permite dúvida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de maneira bem mais clara do que nos livros preconcebidos, visto que é a Natureza mesma que fala, que se mostra a descoberto, e não a imaginação dos homens que cria sistemas. Onde se veem os traços do fogo, pode-se dizer, com certeza, que existiu fogo; onde se veem traços da água, pode-se, com não menos certeza, dizer que a água lá esteve; onde se veem os traços dos animais, pode-se dizer que os animais lá viveram.

A Geologia é, portanto, uma ciência toda de observação. Ela tira conclusões apenas daquilo que vê. Nos pontos duvidosos, não afirma nada: não emite senão opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera por observações mais completas. *Sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a Gênese do mundo estaria ainda nas trevas da lenda.* Graças a ela, o Homem conhece hoje a história de sua habitação, e a estrutura das fábulas que rodeavam seu berço ruíram para não mais se levantarem.

2. Por toda parte, nos terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelos homens, nota-se o que se chamou de *estratificações*, quer dizer, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variável, desde alguns centímetros até cem metros ou mais, se distinguem entre si pela cor e natureza das substâncias que as compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas têm permitido observá-las até a uma profundidade muito grande.

3. As camadas são geralmente homogêneas, quer dizer, cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que existiram conjuntamente e formaram um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente traçada, como nas carreiras de tijolos do alicerce de um edifício. Em nenhuma parte as vemos misturarem-se e perderem-se uma na outra nos pontos de seus respectivos limites, como ocorre, por exemplo, nas cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, reconhece-se que se formaram sucessivamente, depositadas uma sobre a outra em condições e por motivos diferentes. As mais profundas, naturalmente, foram formadas em primeiro lugar e as mais superficiais, posteriormente. A última de todas, a que se encontra na superfície, é a camada de terra vegetal que deve suas propriedades aos detritos de matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

4. As camadas inferiores, postas abaixo da camada vegetal, receberam na Geologia o nome de *rochas*, palavra que, nessa acepção, nem

sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra do barro, de marga, de seixos rolados; outras, de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os grés, os mármore, o giz, os calcários ou pedras de cal, as pedras dos moinhos, os carvões de pedra, os asfaltos etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos poderosa, segundo sua espessura ser mais, ou menos, considerável.

Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhece-se por certos sinais que umas provêm de matérias fundidas e, às vezes, vitrificadas pela ação do fogo; outras, de substâncias terrosas depositadas pelas águas; algumas dessas substâncias permanecem desagregadas, como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou outras causas, endurecem-se e adquirem, por fim, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostos anunciam depósitos sucessivos. O fogo e a água tiveram, portanto, a sua parte de ação na formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5. A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a direção horizontal. Quando se veem as imensas planícies que se estendem, algumas vezes, a perder de vista, de uma horizontalidade perfeita, unidas como se tivessem sido niveladas com rolo, ou os fundos de vales tão planos como a superfície de um lago, pode-se estar certo de que em uma época mais ou menos distante, esses lugares foram, por muito tempo, cobertos por águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco os materiais que tinham depositado durante sua permanência. Depois da retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, no lugar de terras gordas, lamacentas, argilosas ou calcárias, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas depositaram apenas areias siliciosas, sem agregação, têm-se as planícies arenosas e áridas que constituem as charnecas e os desertos. Os depósitos deixados pelas inundações parciais e os que formaram os aterros nas embocaduras dos rios podem dar uma ideia disso em ponto pequeno.

6. Ainda que a horizontalidade seja a posição normal e mais geral das formações aquosas, veem-se, muitas vezes, em grandes extensões, nos países montanhosos, rochas duras, cuja natureza indica terem sido formadas pelas águas, estarem em posição inclinada e às vezes vertical. Ora, como, de acordo com as leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos podem se formar apenas em planos horizontais, tendo em vista que aqueles que ocorrem nos planos inclinados são arrastados para os lugares mais baixos pelas correntes e por seu próprio peso, torna-se evidente que esses depósitos devem ter sido elevados por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações, pode-se concluir, com certeza, que todas as camadas pedregosas, provindas de depósitos aquosos, em uma posição perfeitamente horizontal, foram formadas no correr dos séculos por águas tranquilas e que, todas as vezes em que elas têm posição inclinada, é porque o solo foi atormentado e deslocado, posteriormente, por convulsões gerais ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que fornece, consiste nos restos *fósseis* de animais e de vegetais que são encontrados em quantidades inumeráveis nas diferentes camadas. E como esses restos se encontram mesmo nas pedras mais duras, é necessário concluir que a existência desses seres é anterior à formação dessas mesmas pedras. Ora, se considerarmos o número prodigioso de séculos que foi necessário para que se operasse seu endurecimento e trazê-los ao estado em que estão desde tempos imemoriais,

⁽¹⁾ **Nota:** Fóssil, do latim *fossilia, fossilis*, derivado de *fossa, fosse* e do verbo *fodere, escavar* a terra, *cavar*. Essa palavra se usa, em Geologia, para corpos ou restos de corpos orgânicos provenientes de seres que viveram anteriormente aos tempos históricos. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que trazem traços da presença de seres organizados, tais como as impressões deixadas por vegetais ou animais.

A palavra *petrificação* refere-se apenas aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são, necessariamente, fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificados.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa, quando estejam mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, como as do regato de Saint-Allyre, perto de Clermont, em Auvergne, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos provenientes de fabricação humana pertencem à Arqueologia.

chega-se a esta consequência forçosa: que a aparição dos seres orgânicos sobre a Terra se perde na noite dos tempos e que é bem anterior, por conseguinte, à data assinalada pela Gênese¹.

8. Entre esses restos de vegetais e de animais, há alguns que foram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada por matérias silicosas ou calcárias, que os transformaram em pedras, algumas tendo a dureza do mármore; essas são as petrificações propriamente ditas. Outros foram simplesmente envolvidos pela matéria no estado pastoso; esses se encontram intactos e, alguns, inteiros, nas mais duras pedras. Outros, enfim, deixaram apenas sua impressão, mas com uma nitidez e uma delicadeza perfeitas. No interior de certas pedras, tem-se encontrado até a impressão de pegadas e, pela forma do pé, dos dedos e das unhas, tem-se reconhecido de que espécie de animal elas provêm.

9. Concebe-se facilmente que os fósseis de animais compreendem quase nada, apenas as partes sólidas e resistentes, quer dizer, as ossaturas, as escamas e os chifres. Algumas vezes, encontram-se esqueletos completos. O mais das vezes, são somente partes destacadas, mas de que é fácil reconhecer a procedência. Pela inspeção de um maxilar, de um dente, vê-se, em seguida, se pertenceu a um animal herbívoro ou carniceiro. Como todas as partes do animal têm uma necessária correlação, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso da perna, de um pé, é suficiente para determinar o porte, a forma geral, o tipo de vida do animal². Os animais terrestres têm uma organização que não permite sejam confundidos com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são excessivamente numerosos; conchas formam, algumas vezes, bancos inteiros de grande espessura. Pela sua natureza, reconhece-se, sem dificuldade, se são de animais marinhos ou de água doce.

10. Os seixos rolados, que em certos locais constituem rochas poderosas, são um índice inequívoco de sua origem. Eles são arredondados como os calhaus da beira do mar, sinal certo da fricção que sofreram por efeito da ação das águas. As regiões onde são encontrados enterrados em

⁽²⁾ **Nota:** Ao ponto em que Georges Cuvier levou a ciência paleontológica, um só osso é suficiente para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos e para reconstituí-lo todo inteiro.

massas consideráveis foram, incontestavelmente, ocupadas pelo oceano, ou por águas por muito tempo, ou violentamente agitadas.

11. Os terrenos das diversas formações são, por outro lado, caracterizados pela natureza mesma dos fósseis que encerram. Os mais antigos contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes desapareceram igualmente, mas conservaram-se suas análogas, que diferem de seus sócias apenas pelo porte e algumas nuances de forma. Outras, enfim, das quais vemos os últimos representantes, tendem, evidentemente, a desaparecer em um futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam de nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam das que existem hoje.

As perturbações, os cataclismos que tiveram lugar na Terra, desde sua origem, alteraram-lhe as condições de aptidão para a sustentação da vida e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. Interrogando-se a natureza das camadas geológicas, sabe-se, de maneira muito positiva, se, na época de sua formação, a região que a encerra era ocupada por mar, por lagos ou por florestas e as planícies povoadas de animais terrestres. Se, portanto, em uma mesma região encontra-se uma série de camadas superpostas, contendo, alternadamente, fósseis marinhos, terrestres e de água doce, repetidos várias vezes, é uma prova irrecusável de que essa região foi invadida muitas vezes pelo mar, coberta por lagos e posta a seco.

E quantos séculos e séculos, certamente, talvez milhares de séculos, foram necessários para que cada período se realizasse! Que força poderosa foi necessária para deslocar e recolocar o oceano, para soerguer as montanhas! Por quantas revoluções físicas, comoções violentas, a Terra teve de passar antes de ser aquela que nós vemos desde os tempos históricos! E quereríamos que isso fosse obra de menos tempo do que o necessário para brotar uma planta!

13. O estudo das camadas geológicas atesta, como foi dito, formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Essas épocas constituem o que se chama *períodos*

geológicos, cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Contam-se seis principais, que se designam sob os nomes de período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante a duração de cada período também se chamam: terrenos primitivos, de transição, secundários etc. Diz-se, assim, que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil, encontram-se nos terrenos de tal ou tal período.

14. É essencial notar que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Não se compreendem nos seis principais períodos acima designados, senão aqueles marcados por uma mudança notável e geral no estado do globo, mas a observação prova que várias formações sucessivas foram operadas durante a duração de cada um desses períodos; é por isso que os dividimos em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que levam a vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que provêm de modificações devidas a causas puramente locais.

Estado primitivo do globo

15. O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são indícios certos de que a Terra deve ter apresentado, em sua origem, um estado de fluidez ou de moleza. Esse estado podia ter por causa a matéria liquefeita pelo fogo ou amolecida pela água.

Diz-se proverbialmente: Não há fumaça sem fogo. Essa proposição, rigorosamente verdadeira, é uma aplicação do princípio: Não há efeito sem causa. Pela mesma razão, pode-se dizer: Não há fogo sem uma lareira. Ora, pelos fatos que se passam sob nossos olhos, não é somente fumaça que se produz, mas, sim, um fogo bem real que deve ter uma lareira; esse fogo vindo do interior da Terra e não do alto, essa lareira deve ser interior. Sendo o fogo permanente, a lareira deverá sê-lo igualmente.

O calor, que aumenta à medida que se adentra o interior da Terra, e que a uma certa distância da superfície atinge uma temperatura muito alta; as fontes termais, tanto mais quentes quanto venham de uma maior profundidade; os fogos e as massas de matérias fundidas e em

brasa que escapam pelos vulcões, como por grandes respiradouros, ou pelas fendas produzidas em certos tremores de terra, não podem deixar dúvidas quanto à existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau a cada 30 metros de profundidade: donde se segue que a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água em ebulição; a 30.000 metros, ou 7 a 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura à qual nenhuma matéria conhecida consegue resistir à fusão. Daí até o centro, há ainda um espaço de mais de 1.400 léguas, ou seja, de 28.000 léguas de diâmetro, que seria ocupado pelas matérias fundidas.

Se bem que isso seja apenas uma conjetura, julgando a causa pelo efeito, ela tem todas as características de probabilidade e leva à conclusão de que a Terra é ainda uma massa incandescente recoberta por uma crosta sólida de 25 léguas no máximo de espessura, o que é apenas a 120ª parte de seu diâmetro. Proporcionalmente, isso seria muito menos que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque há lugares, sobretudo nos terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que sua profundidade é muito pouco considerável. A alta temperatura das águas termais é igualmente índice da proximidade do fogo central.

17. Disso, torna-se evidente que o estado primitivo de fluidez ou de flacidez da Terra deve ter tido por causa a ação do calor, e não a da água. A Terra era, portanto, em sua origem, uma massa incandescente. Em virtude da irradiação calórica, deu-se o que se dá com toda matéria em fusão: ela, pouco a pouco, resfriou e o resfriamento naturalmente começou pela superfície, que endureceu, enquanto que o interior continuou fluido. Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão que sai todo vermelho da fornalha e cuja superfície se apaga e se resfria ao contato do ar; então, quebrando-o, encontra-se o interior ainda em brasa.

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos que hoje. Somente que, sob a influência daquela alta temperatura, a maior parte das substâncias

que o compõem, e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, encontrava-se em um estado bem diferente. Essas substâncias sofreram apenas uma transformação. Em consequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia estender-se a uma distância imensa. Toda a água, forçosamente reduzida a vapor, estava misturada ao ar. Todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre, o carbono, encontravam-se no estado de gás. O estado da atmosfera não tinha, portanto, nada de comparável ao que é hoje. A densidade de todos esses vapores dava-lhe uma opacidade que nenhum raio de sol poderia atravessar. Se um ser vivo pudesse existir na superfície do globo, nessa época, teria tido claridade apenas pela luz sinistra da fornalha colocada sob seus pés, e da atmosfera em brasa, e não teria nem suspeitado da existência do Sol.

Período primário

19. O primeiro efeito do resfriamento foi solidificar a superfície exterior da massa em fusão e lá formar uma crosta resistente, a qual, fina a princípio, se engrossa pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada *granito*, de uma dureza extrema, assim nomeada por seu aspecto granulado. Distinguem-se nela três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica. Esta última tem um brilho metálico, embora não seja metal.

A camada granítica, portanto, foi primeira a ser formada sobre o globo, o qual ela envolve por inteiro e do qual constitui, de certa maneira, a estrutura óssea. Ela é o produto direto da matéria em fusão consolidada. Foi sobre ela, e nas cavidades que sua superfície desordenada apresentava, que sucessivamente se depositaram as camadas dos outros terrenos, formados posteriormente. O que a distingue desses últimos é a ausência de toda estratificação, quer dizer, ela forma uma massa compacta e uniforme em toda sua espessura, que não é disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente devia produzir nela numerosas e profundas gretas pelas quais se derramava essa matéria.

20. O segundo efeito do resfriamento foi o de liquefazer algumas das matérias contidas no ar, no estado de vapor, e que se precipitaram à superfície do solo. Houve, então, chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros rios de ferro, de cobre, de chumbo e outros metais fundidos. Essas matérias, infiltrando-se nas fissuras, constituíram os veios e os filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica sofreu decomposições alternativas; fizeram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram, em seguida, as águas que, ao tombarem sobre um solo em fogo, evaporaram-se de novo, tornaram a cair em chuvas torrenciais e assim por diante, até que a temperatura lhes permitisse ficar sobre o solo no estado líquido.

É na formação dos terrenos graníticos que começa a série dos períodos geológicos, aos quais seria conveniente juntar o do estado primitivo, de incandescência do globo.

21. Tal foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos confundidos, procurando sua estabilização, quando nenhum ser vivo poderia existir. Também um de seus caracteres distintivos, em Geologia, é a ausência de todo traço de vida vegetal e animal.

É impossível assinalar uma duração determinada para esse primeiro período, assim como aos seguintes; mas, segundo o tempo necessário a uma bola de um dado volume, aquecida ao vermelho branco, para que sua superfície seja resfriada ao ponto em que uma gota d'água possa ali ficar no estado líquido, tem-se calculado que, se essa bola tivesse o tamanho da Terra, seriam necessários mais de um milhão de anos.

Período de transição

22. No começo do período de transição, a crosta sólida granítica tinha, ainda, pouca espessura e ofereceria apenas uma resistência muito fraca à efervescência dos materiais em brasa que ela recobria e comprimia. Ali se produziram dilatações com numerosos rompimentos

pelos quais se espalhava a lava interior. O solo apresentaria apenas desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam aproximadamente toda a superfície do globo, com exceção das partes soerguidas, que formavam os terrenos baixos, frequentemente submersos.

O ar era, pouco a pouco, purgado dos materiais mais pesados momentaneamente no estado gasoso e que, ao se condensarem por efeito do resfriamento, eram precipitados à superfície do solo, depois arrastados e dissolvidos pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, é necessário entender essa palavra em sentido relativo, quer dizer, em relação ao estado primitivo, porque a temperatura devia ser ainda ardente.

Os espessos vapores aquosos, que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida, tornavam a cair em chuvas abundantes e quentes, obscureciam o ar. No entanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar deve ter sido purgado, visto que ela está naturalmente no estado gasoso, foi o ácido carbônico que formava, então, uma das partes constitutivas da atmosfera.

23. Nessa época começaram a se formar as camadas de terrenos de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de limo e de diversas matérias próprias à vida orgânica.

Então, apareceram os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal. No início em pequeno número, encontram-se traços deles mais e mais frequentes à medida que se passa às camadas mais elevadas dessa formação. É digno de nota que, por toda parte, a vida se manifesta logo que as condições lhe são propícias, e que cada espécie nasce desde que se produzam as condições apropriadas à sua existência.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram sobre a Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em Botânica pelos nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, quer dizer, os líquens, os cogumelos, os musgos, os fetos e as plantas herbáceas. Não se viam ainda árvores de tronco lenhoso, mas as do gênero palmeira, cujo tronco esponjoso é análogo ao das ervas.

Os animais desse período, que se seguiram aos primeiros vegetais, são exclusivamente marinhos: a princípio eram os polípeiros, os radiários, os zoófitos, animais cuja organização simples, por assim dizer, rudimentar, se aproxima mais dos vegetais. Mais tarde vieram os crustáceos e os peixes cujas espécies atualmente não existem mais.

25. Sob o império do calor e da umidade, e em consequência do excesso de ácido carbônico disseminado no ar, um gás impróprio à respiração de animais terrestres, mas necessário às plantas, os terrenos descobertos cobriram-se rapidamente de uma vegetação pujante, ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam pelos charcos. Plantas, cujo gênero em nossos dias são simples ervas de alguns centímetros, atingiam altura e prodigiosa grossura. É assim que havia florestas de fetos arborescentes de 8 a 10 metros de altura e de grossura proporcional; lycopódios (pé de lobo, gênero de musgo) de igual tamanho; cavalinhas³ de 4 a 5 metros, que têm apenas um metro, hoje em dia; e uma infinidade de espécies que não existem mais. Pelo fim do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero das coníferas ou pinheiros.

26. Em consequência do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais submergiram várias vezes, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto que os que eram postos a seco se cobriam, por sua vez, de uma vegetação semelhante. Houve, assim, várias gerações de vegetais alternadamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não ocorreu com os animais que, sendo todos aquáticos, não passavam por essas alternativas.

Esses resíduos, acumulados durante longa série de séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos posteriores depósitos terrosos e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, gases, ácidos e sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, essas matérias vegetais sofreram uma

⁽³⁾ **Nota:** Planta de charco, vulgarmente chamada *cauda de cavalo* ou *cavalinha*.

⁽⁴⁾ A turfa formou-se da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos, mas com essa diferença: que é muito mais recente e, sem dúvida, sob outras condições, ela não teve tempo de se carbonizar.

fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são, portanto, produto direto da decomposição dos amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição. É por isso que elas são encontradas em quase todas as regiões⁴.

27. Os restos fósseis da vegetação pujante dessa época se encontram hoje tanto sob os gelos das terras polares como nas zonas tórridas. Disso é necessário concluir que, sendo a vegetação uniforme, igualmente o deveria ser a temperatura. Os polos não eram, portanto, recobertos de gelo, como agora. É que, então, a Terra tirava seu calor dela mesma, do fogo central que aquecia de igual maneira toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior àquele que podiam dar os raios solares, enfraquecidos pela densidade da atmosfera. Somente mais tarde, quando o calor central podia exercer sobre a superfície exterior do globo apenas uma fraca ação ou nenhuma, é que o calor do Sol se torna preponderante e as regiões polares, que recebiam somente raios oblíquos que davam pouco calor, cobriram-se de gelo. Compreende-se que na época da qual falamos, e ainda por muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

Esse período foi muito longo a julgar pelo número e espessura das camadas hulhíferas⁵.

Supondo que leva mil anos para a formação de cada um desses níveis, seriam já 68.000 anos, somente para essa camada hulhífera.

Período secundário

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizaram essa época, seja porque as condições atmosféricas não fossem mais as mesmas, seja porque uma sequência de cataclismos haja aniquilado tudo o que tinha vida sobre a Terra. É provável que as duas causas contribuíram para essa mudança, porque, por um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes convulsões causadas pelos soerguimentos e as erupções

⁽⁵⁾ **Nota:** Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou, sob uma espessura de hulhas de 400 metros, 68 níveis diferentes, que apresentavam os traços evidentes de vários solos de florestas, cujos troncos de árvores estavam ainda guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

que verteram sobre o solo grandes quantidades de lavas e, por outro lado, notáveis mudanças se operaram nos três reinos.

29. O período secundário é caracterizado, sob o aspecto mineral, por camadas numerosas e possantes que atestam uma formação lenta no seio das águas, e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida, em consequência da diminuição do calor e da umidade, e das modificações sobrevindas aos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polposas juntam-se as de troncos lenhosos e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos ou, no máximo, anfíbios. A vida animal sobre a terra seca fez pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas desenvolve-se no seio dos mares, como consequência da formação de matérias calcárias. Nasce novos peixes, com uma organização mais aperfeiçoada do que no período precedente. Veem-se aparecer os primeiros cetáceos. Os animais mais característicos dessa época são os répteis monstruosos entre os quais se notam:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que atingia até 10 metros de comprimento e cujos maxilares, prodigiosamente alongados, eram armados com cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem. Ele tinha nadadeiras como a baleia e, como esta, expelia a água por orifícios próprios.

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, tão grande quanto o *ictiossauro*, cujo pescoço, excessivamente longo, dobrava-se como o do cisne, e dava-lhe a aparência de uma enorme serpente fixada em um corpo de tartaruga. Tinha cabeça de lagarto e dentes de crocodilo. Sua pele deveria ser lisa como a do precedente, visto que não se encontrou nenhum traço de escamas nem de carapaça⁶.

O *teleossauro* aproxima-se mais dos crocodilos atuais, os quais parecem ser miniaturas dele. Como os crocodilos, ele tinha uma couraça escamosa e vivia, às vezes, na água e, às vezes, na terra. Seu tamanho

⁽⁶⁾ **Nota:** O primeiro fóssil desse animal foi descoberto na Inglaterra, em 1823. Depois, foi também encontrado na França e na Alemanha.

ficava em torno de 10 metros dos quais 3 ou 4 compunham apenas a cabeça. Sua enorme garganta tinha 2 metros de abertura.

O *megalossauro*, lagarto grande, uma espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento; essencialmente carnívoro, alimentava-se de répteis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. Seu formidável maxilar era armado de dentes em forma de lâminas de serrote com dupla serrilha, curvados para trás, de tal forma que, uma vez que entravam na presa, era impossível a ela libertar-se.

O *iguanodonte*, o maior dos lagartos que apareceram sobre a Terra, tinha 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era ornado por um chifre ósseo semelhante ao do iguana de nossos dias; diferencia-se do iguana apenas pelo tamanho, visto que este último tem apenas 1 metro de comprimento. A forma dos dentes prova que ele era herbívoro, e a dos pés, que era um animal terrestre.

O *pterodáctilo*, animal bizarro, do tamanho de um cisne, semelhante ao réptil pelo corpo, e ao pássaro pela cabeça e ao morcego pela membrana carnosa que unia seus dedos, a qual era de um comprimento prodigioso e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre sua presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não tinha bico como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, tão longos como a metade do corpo e guarnecido de dentes, terminavam em ponta como um bico.

31. Durante esse período, que foi muito longo, como atestam o número e a espessura das camadas geológicas, a vida animal teve um imenso desenvolvimento no seio das águas, como teve a vegetação no período precedente. O ar, mais depurado e mais próprio para a respiração, começa a permitir a alguns animais viverem sobre a terra. O mar foi várias vezes deslocado, mas sem abalos violentos. Com esse período desaparecem, por sua vez, as raças dos gigantes animais aquáticos, substituídos, mais tarde, por espécies análogas, de formas menos desproporcionadas e de menor porte.

32. O orgulho levou o Homem a dizer que todos os animais foram criados em sua intenção e para suas necessidades. Mas qual é o número daqueles que o servem diretamente, que ele pôde amansar, comparado

ao número incalculável daqueles com os quais ele jamais teve e terá qualquer relação? Como sustentar semelhante tese, na presença dessas inumeráveis espécies que povoaram, sozinhas, a Terra por milhares e milhares de séculos antes que ali viesse o homem, e que desapareceram? Pode-se dizer que elas foram criadas para seu proveito? No entanto, essas espécies tinham toda a sua razão de ser, a sua utilidade. Deus não as criou apenas por um capricho de Sua vontade e para se dar ao prazer de aniquilá-las, visto que todas tinham vida, instintos, sentimento de dor e de bem-estar. Com que finalidade Ele as criou? Essa finalidade deve ser soberanamente sábia, mesmo que nós não a compreendamos ainda. Talvez um dia será dado ao Homem conhecê-la, para confundir seu orgulho; mas enquanto espera isso, quantas ideias crescem em presença desses novos horizontes, nos quais agora é permitido ao homem mergulhar o olhar, diante do imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa em sua lentidão, tão admirável em sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável em seus resultados.

Período terciário

33. Com o período terciário começa, para a Terra, uma nova ordem de coisas. O estado da sua superfície muda de aspecto completamente. As condições de vitalidade são profundamente modificadas e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são assinalados por uma parada na produção vegetal e animal. Tudo apresenta traços de uma destruição quase geral dos seres vivos e, então, aparecem sucessivamente novas espécies, cuja organização mais perfeita está adaptada à natureza do meio em que são chamadas a viver.

34. Durante os períodos precedentes, a crosta sólida do globo, em razão de sua pouca espessura, apresenta, como já foi dito, uma resistência muito fraca à ação do fogo interior. Esse envoltório, facilmente desfeito, permitia às matérias em fusão espalharem-se livremente pela superfície do solo. Já não ocorreu o mesmo, quando ele adquiriu certa espessura. As matérias em brasa comprimidas por todas as partes, como a água em ebulição em um vaso fechado, acabaram por fazer uma espécie de explosão. A massa granítica, violentamente rompida em

inúmeros pontos, foi estriada com fendas como um *vaso rachado*. Sobre o *percurso dessas fendas*, a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do envoltório não desfeito foram simplesmente erguidas, enquanto que, em outros pontos, produziram-se rebaixamentos e escavações.

A superfície do solo tornou-se, então, muito desigual. As águas que, até tal momento, cobriam-no de maneira quase uniforme na maior parte de sua extensão, foram represadas nas partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou picos isolados de montanhas, os quais formaram ilhas.

Tal o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Não foi produzido nem instantânea nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos afastadas.

35. Uma das primeiras consequências desses soerguimentos foi, como já disse, a inclinação das camadas de sedimento, primitivamente horizontais, e que ficaram nesta última posição em toda parte em que o solo não foi revolvido. É, portanto, nos flancos e na vizinhança das montanhas que essas inclinações são mais pronunciadas.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para se alcançar as da primeira formação será preciso atravessar todas as outras, muitas vezes até a uma profundidade considerável, ao fim da qual se encontra, inevitavelmente, a rocha granítica. Mas, quando essas camadas foram erguidas em montanhas, elas ficaram acima de seu nível normal e, às vezes, a grande altura, de tal sorte que, fazendo-se um corte vertical no flanco da montanha, elas se mostraram à luz com toda sua espessura e superpostas como as fileiras de tijolos de um edifício.

É assim que se encontram, em grandes elevações, bancos consideráveis de conchas, formados primitivamente no fundo dos mares. É perfeitamente reconhecido, hoje, que em nenhuma época o mar poderia atingir uma tal altura, visto que para tanto todas as águas que existem sobre a Terra não seriam suficientes, mesmo que houvesse cem vezes mais água. Seria necessário, portanto, supor que a quantidade de água

diminuiu e, então, se perguntaria o que ocorreu à porção desaparecida. Os soerguimentos, que são hoje um fato incontestável, explicam de maneira tão lógica quanto rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas⁷.

37. Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu rompimento completo do solo, seja por sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa levantada, o granito mostra-se descoberto *como um dente que perfurou a gengiva*. As camadas que o cobriam, soerguidas, quebradas, arrumadas, foram postas a descoberto; é assim que terrenos que pertencem às formações mais antigas e que se encontravam, em sua posição primitiva, a uma grande profundidade, formam, hoje, o solo de certas regiões.

38. A massa granítica deslocada por efeito dos soerguimentos deixou em alguns lugares fissuras pelas quais escapa o fogo interior e escorrem as matérias em fusão: são os vulcões. Eles são como chaminés dessa imensa fornalha ou, melhor ainda, são *válvulas de segurança* que, ao dar saída ao excesso das matérias ígneas, evitam perturbações terríveis. Donde se pode dizer que o número de vulcões em atividade é um fator de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Pode-se ter uma ideia da intensidade desse fogo, considerando que vulcões se abrem no próprio seio do mar, e que a massa d'água que os recobre e os invade não é suficiente para apagá-los.

39. Os levantamentos operados na massa sólida deslocaram necessariamente as águas, que se depositaram nas partes de depressão, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pelos descaimentos de outros. Mas esses mesmos lugares baixos, erguidos a seu turno, ora num ponto, ora noutro, expulsaram as águas que refluíram para outros lugares, e assim por diante, até que puderam encontrar um lugar mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida forçosamente trabalharam e modificaram a superfície do solo. As águas, ao se escoarem, arrastaram uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a

⁷⁾ **Nota:** Encontram-se camadas de calcário de conchas nos Andes, na América, a 5.000 metros acima do nível do oceano.

descoberto pelos soerguimentos, desnudaram montanhas que estavam recobertas por eles, e trouxeram à luz sua base granítica ou calcária; vales profundos foram assim cortados e outros nivelados.

Há, portanto, montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central: são, principalmente, as montanhas graníticas; outras são devidas à ação das águas que, ao arrastarem as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram vales em volta de uma base resistente, calcária ou de outra espécie.

As matérias arrastadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que se distinguem facilmente das precedentes, menos por sua composição que é quase a mesma, mas por sua disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são quase uniformes em toda a Terra; as do período terciário, pelo contrário, formadas sobre uma base muito desigual e pelo arrastamento das águas, têm características mais locais. Por toda parte, ao se perfurar uma certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário nem sequer todas as suas camadas.

40. Durante os descolamentos do solo que tiveram lugar no início desse período, concebe-se que a vida orgânica sofreu um tempo de parada, o que se reconhece pela inspeção de terrenos privados de fósseis. Mas, logo que sobreveio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. As condições de vitalidade modificadas, a atmosfera estando mais depurada, viu-se formarem-se novas espécies de uma organização mais perfeita. As plantas, com relação à sua estrutura, pouco diferem das de nossos dias.

41. Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas apresentavam pouca extensão; e, ainda, eram pantanosos e frequentemente submersos. É por isso que havia apenas animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, que viu formarem-se vastos continentes, é caracterizado pela aparição de animais terrestres.

Assim como o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, e o período secundário répteis monstruosos, no terciário apareceram

mamíferos gigantescos, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute* etc. Estes dois últimos, variedades do elefante, tinham de 5 a 6 metros de altura e suas presas atingiam até 4 metros de comprimento. Esse período viu também surgirem os pássaros, assim como a maior parte das espécies animais que vivem ainda em nossos dias. Algumas espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, que são designadas pela qualificação genérica de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que os esboços. Tais são o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, tendo os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus megaceronte*, variedade de cervo, cujas galhaduras, de 3 metros de comprimento, eram espaçadas de 3 a 4 metros em suas extremidades.

Período diluviano

42. Este período é marcado por um dos maiores cataclismos que transformaram o globo, cuja superfície mudou mais uma vez de aspecto e destruiu, sem retorno, uma variedade de espécies vivas das quais encontramos somente restos. Por toda parte há traços que atestam a sua generalidade. As águas, violentamente tiradas de seus leitos, invadiram os continentes, arrastando com elas as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desenraizando florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em Geologia, pelo nome de *terrenos diluvianos*.

43. Um dos traços mais significativos desse grande desastre são as rochas chamadas *blocos erráticos*. Nomeiam-se, assim, os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a várias centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É evidente que eles só poderiam ter sido transportados a tão grandes distâncias pela violência das correntes⁸.

⁽⁸⁾ **Nota:** É um desses blocos – proveniente, evidentemente, por sua composição, das montanhas da Noruega – que servem de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo.

44. Um fato não menos característico e do qual ainda não foi explicada a causa é que nos terrenos diluvianos são encontrados os primeiros *aerólitos*, visto que é somente nessa época que começaram a cair, a causa que os produziu não existia, portanto, anteriormente.

45. É ainda nessa época que os polos começam a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura do globo. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se houvesse se operado gradualmente os animais, tais como os elefantes que vivem, hoje em dia, apenas nos climas quentes, e que são encontrados em tão grande número em estado fóssil nas terras polares, teriam tido tempo de se retirar pouco a pouco em direção às regiões mais temperadas. Tudo prova, ao contrário, que eles teriam sido presos bruscamente por um grande frio e envolvidos pelo gelo⁹.

46. Esse foi, pois, o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas sobre as causas que puderam produzi-lo; mas, quaisquer que sejam, o fato existe.

Supõe-se de modo bastante geral que uma mudança *brusca* ocorreu na posição do eixo e dos polos da Terra. Daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se essa mudança se operasse com lentidão, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalo, enquanto que tudo indica que ocorreu uma comoção violenta e súbita. Na ignorância em que se está da verdadeira causa, podemos emitir apenas hipóteses.

O deslocamento súbito das águas pode também ter sido ocasionado pelo soerguimento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim como isso teve lugar no começo do período terciário. Mas além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança súbita da temperatura dos polos.

⁽⁹⁾ **Nota:** Em 1771, o naturalista russo Pallas encontrou, no meio do gelo do Norte, o corpo inteiro de um mamute, revestido de seu pelo e conservando uma parte de suas carnes. Em 1799, descobriu-se um outro, igualmente encerrado em um enorme bloco de gelo, na embocadura do Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os *Jakutas* da vizinhança despedaçaram-lhe as carnes para alimentar seus cachorros. A pele estava coberta com crinas negras e o pescoço revestido por uma espessa pelagem. A cabeça, sem as presas – que tinham mais de 3 metros – pesava mais de 400 libras. Seu esqueleto está no museu de São Petersburgo. Encontra-se nas ilhas e sobre as bordas do mar glacial uma tão grande quantidade de presas, que eram o objeto de um comércio considerável com o nome de marfim fóssil ou da Sibéria.

47. Na tormenta causada pela agitação das águas, muitos animais pereceram; outros, para escaparem à inundação, retiraram-se para as alturas, em cavernas e fendas, onde pereceram em massa, seja pela fome, seja devorando-se uns aos outros, seja, talvez, pela irrupção das águas nos lugares onde estavam refugiados e do qual não teriam podido escapar. Assim se explica a grande quantidade de esqueletos de animais diversos, carnívoros e outros, encontrados misturados em certas cavernas, chamadas por essa razão *brechas* ou *cavernas de ossos*. Ali os encontramos mais freqüentemente sob as estalagmites. Em algumas, os esqueletos pareciam ter sido arrastados para ali pela corrente de água¹⁰.

Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do Homem

48. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do globo, a vida animal e vegetal prontamente retomou seu curso. O solo, mais firme, tomou posição mais estável. O ar, mais puro, convinha a órgãos mais delicados. O Sol, que brilhava em todo seu esplendor através de uma atmosfera límpida, espalhava, com a luz, um calor menos sufocante e mais vivificante que o da fornalha interior. A Terra povoou-se de animais menos ferozes e mais sociáveis. Os vegetais, mais suculentos, ofereciam uma alimentação menos grosseira. Tudo enfim estava preparado sobre a Terra para o novo hóspede que devia habitá-la. É, então, que aparece o *Homem*, o último ser da criação, aquele cuja inteligência devia, doravante, contribuir para o progresso geral, tanto quanto ao próprio progresso também.

49. O Homem só teria existido, realmente, sobre a Terra, apenas depois do período diluviano, ou apareceu antes dessa época? Essa questão é muito controversa hoje em dia, mas a solução, qualquer que seja, não mudaria nada no conjunto dos fatos estabelecidos, e o aparecimento da espécie humana não seria menos de milhares de anos anterior à data assinalada pela Gênese bíblica.

⁽¹⁰⁾ **Nota:** Conhece-se grande número de cavernas semelhantes, algumas das quais têm extensão considerável. Existem várias no México, de muitas léguas. A de Aldelsberg, em Carniole (Áustria), não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg. Há várias na França, Inglaterra, Alemanha, Sicília e em outros países da Europa.

O que teria feito pensar que a aparição dos homens é posterior ao dilúvio é que não se encontrou nenhum traço autêntico de sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, e que fizeram acreditar na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como os restos de elefantes.

O que não é duvidoso é que o Homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no período secundário, não somente porque não se encontra nenhum traço dele, mas porque não existiam condições de vida para ele. Se o Homem tivesse aparecido no período terciário, isso podia ter ocorrido apenas no fim deste, e deveria ter-se multiplicado pouco.

De resto, o período diluviano tendo sido curto, não trouxe mudanças notáveis nas condições atmosféricas. Os animais e os vegetais eram, também, os mesmos, antes como depois dele. Não é, portanto, impossível que a aparição do Homem tenha precedido esse grande cataclismo. A presença do macaco nessa época é constatada hoje, e recentes descobertas parecem confirmar também a do Homem.

Como quer que seja, tenha o homem aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que seu papel humano começou realmente a se desenhar somente no período pós-diluviano. Pode-se, portanto, considerar esse período como caracterizado por sua presença.

CAPÍTULO VIII

TEORIAS SOBRE A FORMAÇÃO DA TERRA

Teoria da projeção – Teoria da condensação
– Teoria da incrustação – Alma da Terra

Teoria da projeção

1. De todas as teorias que tratam da origem da Terra, a que teve mais crédito nos últimos tempos é a de *Buffon*, seja em virtude da posição de seu autor no mundo dos sábios, seja porque nada mais se conhecia, nessa época, sobre isso.

Ao ver todos os planetas moverem-se na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não excede 7 graus e meio, Buffon concluiu, dessa uniformidade, que eles deveriam ter esse movimento pelo mesmo motivo.

Segundo ele, o Sol era uma massa incandescente em fusão; e supôs que um cometa o teria atingido obliquamente, raspando sua superfície, e dele destacou uma parte que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em vários fragmentos. Esses fragmentos formaram os planetas, os quais continuaram a se mover, circularmente, pela combinação da sua força centrípeta e da força centrífuga, no sentido dado pela direção do choque primitivo, quer dizer, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam, assim, partes da substância incandescente do Sol e, por consequência, teriam sido eles próprios incandescentes em sua origem. Eles se resfriaram e se consolidaram em um tempo proporcional a seus volumes respectivos e, quando a temperatura permitiu, a vida começou a nascer em sua superfície.

Como consequência da diminuição gradual do calor central, a Terra chegaria, em um dado tempo, a um estado completo de resfriamento; a massa líquida seria inteiramente congelada e o ar, mais e mais condensado, terminaria por desaparecer. A diminuição da temperatura, tornando a vida impossível, conduziria à diminuição e depois ao desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começou pelos polos, chegaria, sucessivamente, a todas as regiões até o equador.

Tal é, segundo Buffon, o estado atual da Lua que, menor que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida é inteiramente excluída. O próprio Sol terá, um dia, o mesmo destino. Segundo seu cálculo, a Terra teria levado 74.000 anos, aproximadamente, para chegar à sua temperatura atual, e em 93.000 anos ela verá o fim da existência da Natureza organizada.

2. A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da Ciência, está hoje quase completamente abandonada pelos seguintes motivos:

1ª) Por muito tempo acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta poderia levar à destruição deste. Nessa hipótese, a suposição de Buffon nada tinha de improvável. Mas sabe-se, agora, que eles são formados por uma matéria gasosa condensada, entretanto muito rarefeita, podendo-se perceber estrelas de média grandeza por meio de seu núcleo. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de projetar para longe uma porção de sua massa é coisa impossível.

2ª) A natureza incandescente do Sol é, igualmente, uma hipótese que nada, até o presente momento, vem confirmar, e que as observações parecem, ao contrário, desmentir. Se bem que ainda não se esteja completamente certo sobre sua natureza, a potência dos meios de

observação que hoje dispomos tem permitido estudá-lo melhor. Agora admite-se, graças à Ciência, que o Sol é um globo composto de matéria sólida, rodeado de uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não está em contato com sua superfície.

3ª) No tempo de Buffon, conheciam-se somente os seis planetas já enumerados na Antiguidade: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Desde então, descobriu-se um grande número deles, cujos três principais — Juno, Ceres e Palas — têm órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não está de acordo com a hipótese de um movimento único de projeção.

4ª) Os cálculos de Buffon sobre o resfriamento são reconhecidos como completamente inexatos, desde a descoberta da lei do decréscimo do calor, por Fourier. Não foram apenas 74.000 anos os necessários à Terra para chegar à sua temperatura atual, mas milhões de anos.

5ª) Buffon considerou apenas o calor central do globo, sem levar em conta o dos raios solares. Ora, reconhece-se hoje, pelos dados científicos de rigorosa precisão fundados na experiência, que, por causa da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo teria, desde há muito tempo, somente uma parte insignificante na temperatura da superfície exterior. As variações que a atmosfera sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (capítulo VII, nº 25). O efeito dessa causa sendo permanente, ao passo que o do calor central é nulo ou quase nulo, a diminuição deste efeito não pode trazer à superfície da Terra modificações sensíveis. Para que a Terra se tornasse inabitada pelo resfriamento geral, seria necessária a extinção do Sol.

Teoria da condensação

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece hoje na Ciência, como a que é mais bem justificada pela observação, a que resolve o maior número de dificuldades, e a que se apoia, mais que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. É a que foi descrita anteriormente, no capítulo VI, *Uranografia geral*.

Essas duas teorias, como se vê, alcançam o mesmo resultado: o estado

primitivo de incandescência do globo, a formação de uma camada sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica desde que a temperatura tornou-a possível. Elas diferem, não obstante, em pontos essenciais e é provável que, se Buffon tivesse vivido em nossos dias, teria tido outras ideias.

A Geologia toma a Terra no ponto em que a observação direta seja possível. Seu estado anterior, por escapar à experimentação, pode ser apenas conjectural. Ora, entre duas hipóteses, o bom senso nos diz que é necessário escolher a que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

Teoria da incrustação

4. Mencionamos esta teoria apenas para registro, visto que nada tem de científica, mas unicamente porque ela teve alguma repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Resume-se da seguinte forma, conforme carta a seguir transcrita:

“Deus, segundo a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da Era Cristã. É o que os geólogos contestam pelo estudo de fósseis e os milhares de caracteres incontestáveis de velhice que remontam a origem da Terra a milhões de anos. Entretanto, a Escritura diz a verdade e os geólogos também; e um simples camponês¹ foi quem os pôs de acordo ao nos ensinar que nossa Terra é apenas um planeta *incrustativo*, bastante moderno, composto de materiais bastante antigos.

“Depois do arrebatamento do *planeta desconhecido*, chegado à maturidade, ou em harmonia com o que existia no lugar que nós ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro somente desses astros consentiram na associação que lhes foi proposta; apenas a Lua persistia em sua autonomia, visto que *também os globos têm seu livre-arbítrio*. Para proceder à fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal deles, que foram trazidos para a comunidade. A operação teve por testemunhas apenas

⁽¹⁾ **Nota:** Sr. Michel (Varone), Figagnères, autor de *A Chave da vida*.

a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que ajudaram nesta grande obra, abrindo esses globos para tornar comuns suas entranhas. Operada a soldadura, as águas escorreram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas confundiram-se e começou o despertar ou a ressurreição dos *germens em estado cataléptico*. O Homem foi tirado em último lugar de seu estado de hipnotismo, e se viu rodeado pela vegetação luxuriante do paraíso terrestre e pelos animais que pastavam em paz à sua volta. Tudo isso pôde ser feito em seis dias com os trabalhadores tão poderosos como aqueles que Deus encarregou de tal realização. O planeta Ásia nos trouxe a raça amarela, a mais antiga civilização; a *África*, a raça negra; a *Europa*, a raça branca, e a *América*, a raça vermelha. A Lua nos traria, talvez, a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, de que se encontram apenas os restos, não teriam jamais vivido em nossa Terra atual, mas teriam sido trazidos de outros mundos deslocados pela velhice. Os fósseis que a gente encontra nesses climas nos quais não teriam podido existir, viviam, sem dúvida, em zonas bem diferentes nos globos onde nasceram. Tais restos que se encontraram em nossos polos viveram no equador daqueles globos”.

5. Essa teoria tem contra si os dados mais positivos da Ciência experimental; por outro lado, ela esquece totalmente a questão da origem que pretendeu resolver. Ela diz como a Terra teria sido formada, mas não diz como se formaram os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem sido desse modo, como não se encontram em nenhuma parte os traços dessas imensas soldaduras, que iam até as entranhas do globo? Cada um desses mundos trazendo seus materiais próprios, a Ásia, a África, a Europa, a América teriam, cada um, uma geologia particularmente diferente, *o que não ocorre*. Vê-se, ao contrário, primeiramente o núcleo granítico uniforme, de composição homogênea, em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas em sua constituição, superpostas em toda parte na mesma ordem, continuam sem interrupção de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América e reciprocamente. Essas camadas, testemunhos das transformações do globo, atestam que essas transformações se realizaram em toda

a superfície, e não em uma parte delas. Elas nos mostram os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente, nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses recuados períodos por toda parte caminham simultaneamente, sob a influência de uma temperatura uniforme, e mudam de caráter, em toda parte, à medida que a temperatura se modifica. Um tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de vários mundos diferentes.

Pergunta-se, além disso, o que teria sido feito do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse se recusado a se reunir às suas irmãs. O que sucederia à Terra atual se um dia a Lua tivesse a fantasia de vir retomar seu lugar e daí expulsar o mar?

6. Esse sistema seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença de diferentes etnias³ na Terra e a localização delas; mas, visto que estas etnias puderam desabrochar em mundos separados, por que não poderiam fazê-lo em pontos diversos de um mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. De fato, mesmo com rapidez e a destreza com que se fizesse a *operação*, essa junção não poderia se fazer sem abalos violentos; quanto mais rápida ela fosse, mais os cataclismos teriam sido desastrosos. Parece, portanto, impossível que seres *simplesmente adormecidos no sono cataleptico* pudessem resistir a eles, para acordar, em seguida, tranquilamente. Se eram apenas germes, de que eram constituídos? Como seres totalmente formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Ficaria sempre a questão de saber como esses germes se desenvolveram de novo. Seria, ainda, a Terra formada pela via miraculosa, mas por outro processo menos poético e menos grandioso que o da Gênese bíblica, enquanto que as leis naturais dão, da sua formação, uma explicação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da observação².

(2) **Nota:** Quando semelhante sistema se liga a toda uma cosmogonia, pergunta-se sobre qual base racional pode repousar o resto.

A concordância que se pretende estabelecer, por esse sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência é, de fato, totalmente ilusória, visto que a própria Ciência a contradiz. O autor dessa carta, homem de grande saber, por um instante seduzido por essa teoria, logo percebeu os lados vulneráveis, e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.

(3) Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 379

Alma da Terra

7. A alma da Terra desempenha papel principal na teoria da incrustação. Vejamos se tal ideia tem melhor fundamento.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual. O organismo se completa à medida que as dificuldades da alma se multiplicam. A escala orgânica segue, constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o Homem; não poderia ser de outra maneira, visto que é necessário à alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve executar. De que serviria à ostra ter a inteligência de um macaco sem os órgãos necessários para sua manifestação? Se, portanto, a Terra fosse um ser animado, que servindo de corpo a uma alma especial, em razão mesmo de sua constituição, sua alma deveria ser ainda mais *rudimentar* que a do pólipo, pois a Terra não tem a mesma vitalidade da planta, tanto que, pelo papel que se atribui a essa alma, ao fazê-la um ser dotado de razão e de livre-arbítrio mais completa, um Espírito superior, em uma palavra, o que não é racional, visto que jamais o Espírito teria sido mais mal repartido e mais aprisionado. A ideia da alma da Terra, entendida nesse sentido, deve, portanto, ser classificada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Por alma da Terra, pode-se perceber, mais racionalmente, as coletividades de Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que supõe, já, um certo grau de desenvolvimento intelectual ou, melhor ainda: o Espírito ao qual foi confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que só pode ser desenvolvida por um ser eminentemente superior em saber e em instrução. Nesse caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, pois não está nem encarnado nem subordinado a seu estado material. É um chefe encarregado de sua direção, como um general é encarregado de conduzir uma armada.

Um Espírito, encarregado de uma missão tão importante como a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou Deus seria bem imprevidente ao confiar a execução de Suas leis a seres capazes de as contrariar por sua má vontade. Ora, segundo a doutrina da incrustação,

seria pela má vontade da alma da Lua a causa da Terra ficar incompleta. Há ideias que se refutam por si só. (*Revista Espírita*, de setembro de 1868, p. 261)³

⁽³⁾ **Nota da Tradução:** Ao ser decidida a formação da Terra coube a Jesus a incumbência de estruturar todo o desenvolvimento do planeta. Preposto do Senhor do Universo, Jesus e Sua falange de engenheiros siderais promoveram as transformações necessárias à vida, estabelecendo as leis e os ciclos evolutivos, que deveriam orientar o seu desenvolvimento. Assim, trabalhou Jesus e Seus divinos mensageiros ao longo de milhões de milênios, preparando o berço para a incessante Criação Divina, a transformar-se, nos próximos milênios, em Mundo de Regeneração, Mundos Celestes ou Divinos, onde reina eterna paz, amor e progresso. (*A Caminho da Luz* – Francisco Cândido Xavier / Espírito Emmanuel)

CAPÍTULO IX

REVOLUÇÃO DO GLOBO

Revoluções gerais ou parciais – Idade das montanhas
– Dilúvio bíblico – Revoluções periódicas – Cataclismos futuros
– Aumento ou diminuição do volume da Terra

Revoluções gerais ou parciais

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência das transformações dele, mas, exceto o período diluviano que traz os caracteres de uma transformação súbita, todos os outros transcorreram lentamente, sem transição brusca. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar seu lugar, as mudanças devem ter sido gerais. Uma vez consolidada a base, devem ter-se produzido apenas modificações parciais, na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra sofreu um grande número de perturbações locais, que mudaram o aspecto de certas regiões. Assim como para as outras, duas causas contribuíram para isso: o fogo e a água.

O fogo atuou produzindo: seja pelas erupções vulcânicas que sepultaram sob espessas camadas de cinzas e de lavas os terrenos circunvizinhos, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; seja pelos tremores de Terra, seja pelos soerguimentos da crosta sólida, represando as águas nas regiões mais baixas; seja pela inclinação dessa mesma crosta, em

certos lugares, numa extensão mais ou menos grande, onde as águas se precipitaram deixando outros terrenos a descoberto. Foi assim que as ilhas surgiram no seio do oceano, enquanto que outras desapareceram; que porções de continentes foram separados e formaram ilhas, que braços de mar postos a seco reuniram ilhas aos continentes.

A água atuou produzindo: seja pela invasão ou pelo recuo do mar em certas costas, seja pelos desabamentos que, ao deterem os cursos d'água, formaram os lagos; seja pelas cheias e as inundações; seja, enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, fazendo o mar recuar, criaram novas regiões: tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo-Egito, do delta do Ródano ou Camarga.

Idade das montanhas

3. Pela inspeção dos terrenos, rasgados pelo soerguimento das montanhas e das camadas que lhe formam os contrafortes, pode-se determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não se deve entender o número de anos de sua existência, mas o período durante o qual elas foram formadas e, por conseguinte, sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade é por causa de sua elevação ou de sua natureza exclusivamente granítica, pois que a massa granítica ao soerguer-se pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Constatou-se, assim, pela observação, que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Côte-d'Or, na França, que não são muito elevadas, pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos hulhíferos. O Jura formou-se lá pela metade do período secundário; é contemporâneo aos répteis gigantesco. Os Pirineus foram formados mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, pois foram formados apenas no fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses soerguimentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, a interrupção e a mudança do curso de rios¹.

Dilúvio bíblico

4. O dilúvio bíblico, designado também pelo nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido ocasionado pelo soerguimento de uma parte das montanhas dessa região, como o do México. O que vem em apoio a essa opinião é a existência de um mar interior que se estendia, outrora, do Mar Negro ao Oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O Mar de Azov, o Mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se comuniquem com nenhum outro mar; o lago Aral e os inumeráveis lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartária e as estepes da Rússia parecem ser os restos desse antigo mar. Por ocasião do soerguimento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, uma parte dessas águas refluíu para o norte, em direção ao Oceano Boreal; outra para o sul, em direção ao Oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos ancestrais do povo hebreu. Embora esse dilúvio se estendesse sobre uma superfície muito grande, um ponto hoje foi verificado é que ele foi somente local; que não pôde ter sido causado pela chuva, porque, por mais abundante e contínua que ela fosse durante quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade de água que caía não podia ser bastante grande para cobrir *toda a Terra*, até acima das mais altas montanhas.

⁽¹⁾ **Nota:** O século XVIII oferece um exemplo notável de um fenômeno desse gênero. A seis dias de viagem da cidade do México encontrava-se, em 1750, uma região fértil e bem cultivada onde cresciam em abundância o arroz, o milho e bananas. No mês de junho, gigantescos tremores de terra agitaram o solo e estes tremores se repetiram sem cessar durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra teve uma convulsão violenta, um terreno de várias léguas de extensão se elevou pouco a pouco e terminou por atingir uma altura de 500 pés, sobre uma superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as ondas do mar sob o sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e desapareciam seguidamente. Por fim, uma fenda de quase três léguas se abriu; fumaça, fogo, pedras em brasa, cinzas foram lançadas a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram dessa enorme fenda, dentre as quais o vulcão ao qual deu-se o nome de **Jorullo** eleva-se, atualmente, a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começava o abalo do solo, os dois rios **Cuitimba** e **Rio San-Pedro**, refluíram e inundaram toda a planície ocupada hoje pelo Jorullo; mas, no terreno que se erguia sempre, uma fenda se abriu e os engoliu. Eles reapareceram a oeste, em um ponto muito distante de seu antigo leito (Louis Figuier, *A Terra antes do Dilúvio*, p. 370).

Para os homens de então, que conheciam apenas uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia de sua configuração, desde o instante em que a inundação tenha invadido os lugares conhecidos, para eles isso deveria ser toda a Terra. Se a essa crença ajunta-se a forma imaginosa e hiperbólica peculiar ao estilo oriental, não nos seria surpresa o exagero do relato bíblico.

5. O dilúvio asiático é, evidentemente, posterior à aparição do homem sobre a Terra, visto que a lembrança dele conservou-se pela tradição e todos os povos dessa parte do mundo, que o consagraram em suas teogonias.

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que marcou o período geológico atual; e quando se fala de homens e de animais antediluvianos, isso se entende com relação a esse primeiro cataclismo.

Revoluções periódicas

6. Além de seu movimento anual em volta do Sol, que produz as estações, de seu movimento de rotação sobre si mesmo em vinte e quatro horas, que produz o dia e a noite, a Terra tem um terceiro movimento que se realiza em 25.000 anos aproximadamente (mais exatamente 25.868 anos) e produz o fenômeno designado em Astronomia pelo nome de *precessão dos equinócios*. (capítulo V, nº 11)

Esse movimento, que seria impossível explicar em poucas palavras, sem figuras e sem demonstração geométrica, consiste em uma espécie de balanceamento circular, que se compara ao de um pião desacelerando, em consequência do qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro da Terra, e as bases abarcam a superfície circunscrita pelos círculos polares, quer dizer, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, encontra-se perpendicular ao equador, o que ocorre duas vezes por ano, no dia 21 de março, quando o Sol vai para o hemisfério boreal e por volta de 22 de setembro, quando volta para o hemisfério austral. Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que resulta na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o

instante do equinócio está a cada ano adiantado de alguns minutos. É este avanço que é chamado *precessão dos equinócios* (do latim *prae*cedere, andar adiante, composto de *prae*, antes e *cedere*, ir).

Esses poucos minutos, com o tempo, formam horas, dias, meses e anos. Daí resulta que o equinócio da primavera, que atualmente começa em março, começará, em um dado tempo, em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro e, então, o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março a de junho e assim por diante, até que voltando ao mês de março, as coisas voltarão ao estado atual, o que terá lugar em 25.868 anos, para recomençar a mesma revolução indefinidamente².

8. Do movimento cônico do eixo resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os polos estão, gradualmente, mais ou menos inclinados para o Sol e deste recebendo raios mais ou menos diretos. Daí se segue que a Islândia e a Lapônia, por exemplo, que estão sob o círculo polar, poderão, em um tempo dado, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição extremamente oposta, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim sucessivamente, a cada renovação do período de 25.000 anos.

9. As consequências desse movimento não puderam ainda ser determinadas com precisão, visto que não se pôde observar senão uma parte muito fraca de sua revolução. Há, portanto, a esse respeito, somente pressuposições, das quais algumas têm certa probabilidade.

Essas consequências são:

1^a) O aquecimento e o resfriamento alternativo dos pólos e, por

⁽²⁾ **Nota:** A precessão dos equinócios produz outra mudança, a que se opera na posição dos signos do zodíaco. A Terra, girando em volta do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol fica a cada mês diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes*. Chamam-se constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Segundo o mês de nascimento de um indivíduo, dizia-se que nasceu sob tal signo: daí os prognósticos astrológicos. Mas, por causa da precessão dos equinócios, acontece que os meses não correspondem mais às mesmas constelações. Assim, quem nasce no mês de julho não está mais no signo de Leão, mas no de Câncer. Dessa forma, cai a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos (Capítulo V, nº 12).

consequência, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos e sua nova formação durante a outra metade desse período. Daí resultará que os polos não estariam votados a uma esterilidade perpétua, mas desfrutarão por seu turno dos benefícios da fertilidade.

2ª) O deslocamento gradual do mar que invade, pouco a pouco, as terras, enquanto que descobre outras, para as abandonar de novo e voltar a seu antigo leito. Este movimento periódico, renovado indefinidamente, constituirá uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração, mas será sensível ao fim de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, visto que os homens se retiram, de geração em geração, à medida que o mar avança, e eles avançam sobre as terras de onde o mar se retira. É por esse motivo, mais que provável, que alguns sábios atribuem a retirada do mar em certas costas e sua invasão sobre outras.

10. O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato comprovado pela experiência e atestado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. E tem, por consequência, a manutenção das forças produtivas da Terra. A longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas formados pela permanência das águas durante séculos e séculos são adubos naturais periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem perceberem essas mudanças³.

⁽³⁾ **Nota:** Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem-se citar os seguintes: No Golfo de Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Cordouan, quando o mar está calmo, descobrem-se ao fundo da água trechos de muralha. São os restos da antiga e grande cidade de *Novio-magnus*, invadida pelas águas em 580. O rochedo de Cordouan, que estava então ligado à margem, está agora a doze quilômetros.

No Mar da Mancha, sobre a costa do Havre, o mar ganha a cada dia o terreno e mina as penedias de Sainte-Adresse, que desmoronam, pouco a pouco. A dois quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco do Éclat, outrora descoberto e reunido à terra firme. Antigos documentos constataram que sobre este local, no qual se navega hoje, havia a cidade de Saint-Denis-chef-de-Caux. O mar invadiu o terreno no século quatorze, a igreja foi tragada em 1378. Podem-se ver os restos ao fundo da água, em um tempo calmo.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força dos diques, que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago *Flevo*, reunido ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzee*. Esta irrupção do oceano tragou várias cidades.

Cataclismos futuros

11. As grandes comoções da Terra tiveram lugar na época em que a crosta sólida, por sua pouca espessura, oferecia apenas fraca resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior. Vimos que elas diminuíram de intensidade e de generalidade à medida que a crosta é consolidada. Numerosos vulcões estão agora extintos, outros foram recobertos pelos terrenos de formação posterior.

Poderiam, certamente, ainda produzir-se perturbações locais, em consequência de erupções vulcânicas, de abertura de alguns novos vulcões, inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas poderiam surgir do mar e outras nele afundarem-se, mas passou o tempo dos cataclismos gerais, como os que marcaram os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, põe já o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, a menos que surjam causas desconhecidas, estranhas a nosso globo e que não se poderiam prevenir.

12. Quanto aos cometas, estamos hoje completamente tranquilos sobre sua influência, mais salutar que nociva, visto que eles parecem destinados a revitalizar os mundos, se pudéssemos assim exprimir, ao lhes trazerem os princípios vitais que têm armazenado durante seu curso pelo espaço, e na vizinhança dos sóis. Eles seriam, assim, fontes de prosperidade em vez de mensageiros do mal.

Por sua natureza fluídica, hoje bem constatada (capítulo VI, nº 28 e subsequentes), um choque violento não é de se temer, porque, no caso de um deles encontrar a Terra, seria esta última que passaria através do cometa, como através de um nevoeiro.

Segundo isso, o território de Paris e da França será um dia de novo ocupado pelo mar, como já ocorreu várias vezes, segundo comprovam as observações geológicas. As partes montanhosas formarão, então, ilhas, como são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, as quais estavam, antigamente, ligadas ao continente.

Navegaremos acima de regiões que se percorrem hoje em estrada de ferro. Os navios abordarão em Montmartre, no monte Valérien, nas costas de Saint-Cloud e de Meudon. Os bosques e as florestas onde hoje se passeia serão sepultados pelas águas, cobertos de limo e povoados de peixes no lugar das aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois a invasão das águas foi súbita e sua permanência de curta duração, enquanto que, de outro modo, teria vários milhares de anos e duraria ainda, sem que os homens se tivessem percebido dela.

A cauda dos cometas não é também de se temer. Ela é apenas a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os rodeia, visto que está constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, e muda de direção segundo a posição deste astro. Esta matéria gasosa poderia também – em consequência da rapidez da marcha deles – formar uma espécie de cabeleira como a esteira que segue um navio ou a fumaça de uma locomotiva. De resto, vários cometas já se aproximaram da Terra sem lhe provocar nenhum dano; e, em razão de suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior que a do cometa sobre a Terra. Somente um resto de velhos preconceitos pode inspirar temores sobre sua presença⁴.

13. É necessário, igualmente, relegar ao rol das hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta. A regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tira a esse encontro toda probabilidade.

A Terra, no entanto, terá um fim. Como? É o que está no domínio das conjecturas; mas, como está ainda longe da perfeição que pode atingir, e da velhice que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que isso não ocorrerá no seu tempo. (capítulo VI, nº 48 e subsequentes)

14. Fisicamente, a Terra teve convulsões em sua infância. Ela já entrou em um período de estabilidade relativa: no de progresso pacífico, que se efetua pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do Homem. *Mas ela está ainda em pleno trabalho de gestação do progresso moral.* Aí estará a causa de suas maiores comoções. *Até que a Humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela prática das leis divinas, as maiores perturbações serão causadas pelos homens, mais do que pela natureza, quer dizer, serão mais morais e sociais que físicas.*

Aumento ou diminuição do volume da Terra

15. O volume da Terra aumenta, diminui ou está estacionário?

Algumas pessoas a fim de sustentar que o volume da Terra aumenta,

⁽⁴⁾ O cometa de 1861 atravessou a rota da Terra a vinte horas de distância diante desta, que se encontrou mergulhada na atmosfera dele, sem que disso resultasse qualquer acidente.

se fundamentam no fato de que as plantas dão ao solo mais do que dele retiram o que é verdade em um sentido, e não em outro. As plantas nutrem-se tanto, e, até mais, de substâncias gasosas que existem na atmosfera, como das que aspiram por suas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos, e estes, em se recompondo, retomam o que lhe tinham dado. É uma troca, ou antes, uma transformação perpétua, de tal sorte que o aumento dos vegetais e dos animais operando-se com a ajuda dos elementos constitutivos do globo, seus despojos, por mais consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentasse por essa causa, permanentemente, isso se daria à custa da atmosfera que diminuiria, proporcionalmente, e terminaria por ser imprópria à vida, se ela não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde na composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas foram formadas de matérias sólidas momentaneamente volatilizadas por efeito da alta temperatura e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Elas elevaram um pouco, incontestavelmente, a superfície do solo, mas sem nada acrescentar à massa total, pois que era apenas um deslocamento de matéria. Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que mantinha em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiram o curso regular que tomaram depois. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera provocaria forçosamente a destruição dos habitantes atuais; mas, provavelmente, também se formariam novas etnias⁵ em outras condições.

Considerada por esse ponto de vista, a massa do globo, quer dizer, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas é incontestavelmente a mesma, desde sua origem. Se houvesse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Se, portanto, a Terra aumentasse de massa, isso seria por efeito de uma causa estranha, visto que não poderia extrair de si mesma os elementos necessários a esse aumento.

⁽⁵⁾ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 379

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária. Essa ideia não tem nada de irracional, mas é muito hipotética para ser admitida em princípio. É apenas um sistema combatido por sistemas contrários, sobre os quais a Ciência nada fixou de modo nenhum. Eis, sobre esse assunto, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos *uranográficos* relatados anteriormente, no capítulo VI:

“Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a se dissolver para servir de elementos de formação para outros universos. Eles dão, pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço, o que dele retiraram, para se formarem. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir a massa constantemente, se bem que de uma quantidade inapreciável em um dado tempo⁶.

“A existência dos mundos, segundo penso, pode dividir-se em três períodos. – Primeiro período: condensação da matéria, durante o qual o volume do globo diminui consideravelmente, permanecendo a massa a mesma. É o período da infância. – Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até a aparição do tipo mais perfeito. Neste momento, o globo está em toda sua plenitude, é a idade da virilidade. Perde, mas muito pouco, seus elementos constitutivos. – Terceiro período: À medida que seus habitantes progridem *espiritualmente*, passa ao período de decréscimo *material*; ele perde não somente em razão do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, corroída pelo tempo, acaba por tornar-se poeira. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, deixa no espaço parcelas fluídicas de sua substância, até o momento em que sua dissolução seja completa.

“Mas, então, como a força de atração está na razão da massa, não disse do volume, a massa do globo diminuindo, suas condições de equilíbrio no espaço são modificadas. Dominado por globos mais poderosos

⁽⁶⁾ **Nota:** Em seu movimento de translação em volta do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sua circunferência sendo de 9.000 léguas, em seu movimento de rotação sobre seu eixo, cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

aos quais não pode mais fazer contrapeso, resultam desvios em seus movimentos e, por consequência, também profundas mudanças nas condições de vida em sua superfície. Assim: nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Somente o Espírito, que não é matéria, é indestrutível”. (Galileu, *Sociedade de Paris*, 1868)

CAPÍTULO X

GÊNESE ORGÂNICA

Primeira formação dos seres vivos – Princípio vital – Geração espontânea – Escala dos seres orgânicos – O homem corpóreo

Primeira formação dos seres vivos

1. Houve um tempo em que os animais não existiam; e portanto eles tiveram começo. Viu-se aparecer cada espécie à medida que o globo adquiria as condições necessárias à sua existência. Eis o que é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, a partir de um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram, mas esse primeiro casal, de onde teria saído? É um desses mistérios que se entrosam com o princípio das coisas, e sobre os quais se pode ter apenas hipóteses. Se a Ciência não pode ainda resolver completamente o problema, ela pode, ao menos, examiná-lo.

2. Uma primeira questão que se apresenta é que: Cada espécie animal é oriunda de um *primeiro casal*, ou de vários casais criados ou, se quiserem, *germinados* simultaneamente em diferentes lugares?

Essa última suposição é a mais provável. Pode-se dizer, mesmo, que ela resulta da observação. De fato, o estudo das camadas geológicas atesta, nos terrenos de mesma formação e em enormes proporções, a presença da mesma espécie nos pontos mais distantes do globo. Essa multiplicação tão geral e, de alguma forma contemporânea, teria sido impossível com um tipo primitivo único.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo nascente, está sujeita a tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ser comprometida, sem a pluralidade dos tipos, o que implicaria uma imprevidência inadmissível por parte do soberano Criador. Aliás, se um tipo pôde se formar num ponto, poderia ser formado em vários pontos, pela mesma causa.

Tudo concorre, portanto, para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos se pode deduzir, por analogia, da mesma lei segundo a qual foram formados, e se formam todos os dias, os corpos inorgânicos. À medida que nos aprofundamos nas leis da Natureza, vemos seus mecanismos que, no primeiro momento pareciam tão complicados, simplificarem-se e confundirem-se na grande lei de unidade que preside a toda a obra da Criação. Compreende-se isso melhor quando se dá conta da formação dos corpos inorgânicos, que daquela outra foi o primeiro degrau.

4. A Química considera como elementar certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, eles formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um concurso particular de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de secura ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica etc. Se essas condições não existem, a combinação não tem lugar.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto que o composto que daí resulta possui novas características, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio que são gases invisíveis, sendo combinados quimicamente, formam a água, que é líquida, sólida ou em vapor, segundo a temperatura. Na água não há mais, propriamente falando, oxigênio nem hidrogênio, mas um novo corpo. Esta água

sendo decomposta, os dois gases voltam a ser livres e recuperam suas propriedades e não há mais água. A mesma quantidade de água pode ser, assim, alternadamente decomposta e recomposta ao infinito.

6. A composição e a decomposição dos corpos têm lugar em consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns pelos outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio, mas, se pusermos em contato com a água um corpo tendo pelo oxigênio maior afinidade do que a que este tem pelo hidrogênio, a água se decompõe; o oxigênio é absorvido, o hidrogênio se torna livre e não há mais água.

7. Os corpos compostos formam-se sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constitutivos. Assim, para formar a água é necessária uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio se combinarem com duas de hidrogênio, em vez de água, obtêm-se o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, no entanto, dos mesmos elementos que a água, mas em outra proporção.

8. Tal é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de um pequeno número de princípios elementares, combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos; o oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cálcio ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a cré, as estalactites das grutas; a cal, unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico o fosfato de cálcio, base sólida do osso. O cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidrocloreto; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações, e milhares de outras, obtêm-se artificialmente, em pequenas quantidades, nos laboratórios de Química. Elas se operam espontaneamente, em grande quantidade, no grande laboratório da Natureza.¹

A Terra, em sua origem, não continha essas matérias combinadas, mas somente seus princípios constitutivos, volatilizados. Quando as terras calcárias e outras, tornadas pedregosas há muito tempo, se depositaram na superfície, não existiam totalmente formadas, mas no ar se encontravam, no estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Essas substâncias, precipitadas pelo efeito do resfriamento, sob o império de circunstâncias favoráveis, combinaram-se segundo o grau de sua afinidade molecular. Foi então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos etc., primeiro em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por um motivo qualquer, a Terra voltasse a seu estado incandescente: primitivo tudo isso se decomporia. Os elementos se separariam; todas as substâncias que são fundíveis se fundiriam; todas as que são voláteis, se volatilizariam. Depois, em um segundo resfriamento, resultaria uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam de novo.

10. Essas considerações provam o quanto a Química era necessária para a compreensão da Gênese.

⁽¹⁾ **Nota da Tradução:** Por volta de 1930, em seu livro *A Origem da Vida*, o cientista russo Aleksandr Oparin formulou uma nova hipótese para explicar a origem da vida. Em suas pesquisas comenta que, após os gases da atmosfera terem formado os primeiros aminoácidos, se ligaram em grupos constituindo as proteínas ou protenoides. Estas moléculas, ao contato com as águas do oceano eletrizaram-se, atraindo uma camada organizada de moléculas de água ao seu redor. Grupos de proteínas envolvidos por moléculas de água formaram os chamados coacervados, que se tornaram cada vez mais complexos e aperfeiçoados, regulando as trocas com o meio ambiente líquido e se tornando os precursores das futuras células. 2. O cientista norte-americano Stanley Miller conseguiu reproduzir em laboratório as condições semelhantes da terra primitiva. Em sua experiência, Miller construiu um sistema fechado no qual simulou as supostas condições químicas e físicas da atmosfera primitiva, em que a água circulava pelos processos de evaporação e condensação em um ambiente em que também havia metano, amônia e hidrogênio, os supostos elementos comuns na atmosfera da Terra primitiva e sem vida. O metano, a amônia, o vapor d'água e o hidrogênio em geral são inertes, portanto, para quebrar a inércia, produzindo reações químicas, Miller aplicou alguma energia por meio de eletrodos que simulavam pequenos relâmpagos. Após uma semana de circulação ininterrupta, o líquido aquecido, inicialmente incolor, tornou-se vermelho. A análise química revelou a presença de aminoácidos, a unidade de formação das proteínas, e um tipo de carboidrato. A comunidade científica ficou maravilhada, pois, parecia, à primeira vista, que os materiais básicos para constituir os mecanismos vivos podiam ter existido em abundância na Terra primitiva.

Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. A Química esclareceu a questão com uma luz toda nova, como a Astronomia e a Geologia o fizeram sob outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais marcantes é o da cristalização, que consiste na forma regular que afeta certas substâncias, quando de sua passagem do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Essa forma, que varia segundo a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha ou sílica cristalizada. São prismas de seis lados, terminados por uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que se produzem nas vidraças, no inverno, são devidos à cristalização do vapor de água durante o congelamento, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais prende-se à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que nem por isso deixam de ocupar certo espaço, solicitadas umas em direção às outras pela atração molecular, arranjam-se e justapõem-se segundo a exigência de sua forma, de maneira a tomar cada uma sua posição em volta do núcleo ou primitivo centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização opera-se apenas sob o império de certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não pode ter lugar. O grau de temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreende-se que um calor mais forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria condensar-se, e que a agitação, opondo-se a seu arranjo simétrico, formaria apenas uma massa confusa e irregular e, portanto, sem cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz, naturalmente, à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra-nos todas as substâncias vegetais e animais compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que representam o principal papel são o oxigênio, o

hidrogênio, o azoto e o carbono. Os outros nelas se encontram apenas acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas não entra nenhum corpo especial que não se encontre igualmente no reino mineral².

13. Alguns exemplos usuais farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico, apenas pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva, não há ainda nem vinho nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando o suco amadurece e se encontra posto em condições propícias, nele se produz um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono separam-se e combinam-se nas proporções convenientes para fazer álcool; de sorte que, ao tomar o suco da uva, não se bebe, realmente, álcool, visto que ele não existe ainda; ele se formará das partes constitutivas da água e do açúcar, sem que haja, em suma, nem uma molécula a mais nem a menos.

No pão e nos legumes que comemos, não há certamente nem carne, nem sangue, nem ossos, nem bÍlis, nem matéria cerebral e, no entanto, estes mesmos alimentos vão, ao se decomporem e recomporem pelo trabalho da digestão, produzir essas diferentes substâncias apenas pela transmutação de seus elementos constitutivos.

⁽²⁾ O quadro, a seguir, da análise de algumas substâncias, mostra as propriedades que resultam da diferença nas proporções dos elementos constitutivos. Em 100 partes de:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Azoto
Açúcar de cana	42.470	6.900	50.630	*
Açúcar de uva	36.710	6.780	56.510	*
Álcool	51.980	13.700	34.320	*
Óleo de oliva	77.210	13.360	9.430	*
Óleo de nozes	79.774	10.570	9.122	0.534
Gorduras	78.996	11.700	9.304	*
Fibrina	53.360	7.021	19.685	19.934

Na semente de uma árvore não há, certamente, nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, e é erro pueril acreditar que a árvore inteira, sob forma microscópica, encontra-se na semente. Não há mesmo, nesse grão, a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono necessária para formar uma folha da árvore. A semente encerra um germe que brota quando se encontra em condições favoráveis. Esse germe cresce à custa dos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar. Esses sucos, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltram-se na planta, formando a seiva, assim como os alimentos, nos animais, formam o sangue. Essa seiva levada pela circulação a todas as partes do vegetal, conforme o órgão a que vai ter e no qual sofre uma elaboração especial se transforma em madeira, folhas, frutos, assim como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis etc., etc. No entanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais podiam, portanto, operar apenas nos meios e nas circunstâncias propÍcias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão em uma espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração. As moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se, separam-se em virtude da lei das afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade de substâncias. Quando essas condições cessam, o trabalho é subitamente interrompido, para recomeçar quando se apresentarem de novo. É assim que a vegetação se ativa, se retarda, cessa e retorna a crescer sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que uma planta prospera em tal clima ou em tal terreno, e se estiola ou perece em outro.

15. O que se passa diariamente sob nossos olhos pode nos mostrar o que se tem passado desde a origem dos tempos, porque as leis da Natureza são invariáveis.

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos; que nós os vemos incessantemente, sob o império de certas circunstâncias formarem as pedras, as plantas e os

frutos, pode-se concluir que os corpos dos primeiros seres vivos foram formados, assim como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei da afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a tal ou tal espécie.

A similitude de forma e de cores na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à similitude de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o império da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

Princípio vital

16. Ao se dizer que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constitutivos dos minerais, é necessário entender no sentido exclusivamente material. Aliás, aqui é apenas do corpo que se trata.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível, e que não pôde ainda ser definido: é o *princípio vital*. Esse princípio, que é ativo no ser vivo, é *extinto* no ser morto, mas dá à substância propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, pode decompor os corpos orgânicos, mas jamais conseguiu reconstituir sequer uma folha morta; prova evidente de que há nestes alguma coisa que não existe naqueles outros.

17. Será o princípio vital algo distinto, tendo uma existência própria? Ou por outra, para entrar no sistema da unidade do elemento gerador, será apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É nesse último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações relatadas anteriormente. (capítulo VI, “Uranografia geral”)

Mas qualquer que seja a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois que são vistos seus efeitos. Pode-se, portanto, logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que era necessário à destinação deles; ou, se quiserem, que esse princípio se desenvolve em cada indivíduo pelo

efeito mesmo da combinação dos elementos, como se vê, sob o império de certas circunstâncias, se desenvolver o calor, a luz e a eletricidade.

18. O oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono ao se combinarem sem o princípio vital formam apenas um mineral ou corpo inorgânico. O princípio vital, ao modificar a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do conjunto dos órgãos, como o calor o é pelo movimento de rotação de uma roda. Quando essa ação cessa pela morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda cessa de rodar. Mas o *efeito produzido* sobre o estado molecular do corpo, pelo princípio vital, subsiste após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste após a extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química recupera os elementos constitutivos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas não pode reconstitui-los, porque a causa não existindo mais não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que pode reconstituir uma pedra.

19. Tomamos para comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda, porque é um efeito comum, conhecido de todo mundo e mais fácil de compreender-se. Porém, teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estão nas condições requeridas para produzir a eletricidade: é a vida; elas se detêm quando essas condições cessam: é a morte. Segundo esse modo de ver, o princípio vital seria somente outra espécie particular de eletricidade, designada pelo nome de *eletricidade animal*, desprendida durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção cessa com a morte, pela cessação de tal ação.

Geração espontânea

20. Pergunta-se, naturalmente, por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições dos primeiros que apareceram sobre a Terra.

A questão da geração espontânea, que hoje preocupa a Ciência, se bem que haja sido revolvida por diversos modos, não pode deixar de lançar luz sobre o assunto. O problema proposto é este: Formam-se espontaneamente, em nossos dias, seres orgânicos unicamente pela união dos elementos constitutivos, sem germes preliminares, produzidos por geração normal, dito de outra forma, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, e se apoiam sobre observações diretas que parecem concludentes. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns dos outros, e se firmam nesse fato, constatado pela experiência, que os germes de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Essa opinião deixa sempre subsistir a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea pode, evidentemente, aplicar-se somente a seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles nos quais começa a surgir a vida e, portanto, cujo organismo extremamente simples, é uma espécie rudimentar. Estes foram, efetivamente, os primeiros que apareceram sobre a Terra, e cuja geração, também deve ter sido espontânea. Assistiríamos, assim, a uma criação permanente, análoga àquela que teve lugar nas primeiras eras do mundo.

22. Mas, então, por que não se veem formar-se da mesma maneira os seres de organização complexa? Esses seres não existiram sempre, é um fato certo, logo eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não ocorre o mesmo com as árvores, peixes, cachorros, cavalos?

Aqui se detêm no momento as investigações. O fio condutor se perde e, até que seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses. Seria, portanto, imprudente e prematuro dar sistemas como verdades absolutas.

23. Se o fato da geração espontânea for demonstrado, por limitado que seja, não deixará de ser um fato capital, uma baliza que se pode pôr

no caminho de novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho sair da glândula, quem pode dizer que não exista um laço misterioso, unindo o pólipo e o elefante? (nº 25)

No estado atual de nosso conhecimento, não podemos enunciar a teoria da geração espontânea *permanente* senão como uma hipótese, mas como hipótese provável e que talvez um dia tome lugar entre as verdades científicas reconhecidas².

Escala dos seres orgânicos

24. Entre o reino vegetal e o reino animal não há delimitação nitidamente traçada. Nos confins dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles se ligam a um e a outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, alimentam-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como eles, para viverem, elas têm necessidade de luz, calor e água. Se são privadas disso, definham e morrem. A absorção de ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Seu caráter distintivo mais nítido é o de estarem presas ao solo e daí extraírem seu alimento sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior de planta; como a planta, agarra-se ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada, extraindo sua alimentação do meio ambiente.

Um grau acima, o animal é livre e vai procurar sua alimentação: são, em primeiro lugar, as inumeráveis variedades de pólipos de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos e que diferem das plantas apenas pela locomoção. Depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnosos sem ossos, dos quais uns são nus, como as lesmas, os polvos; outros são providos de conchas, como os caracóis, as ostras; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como os caranguejos, as lagostas; os insetos, nos quais a vida

⁽²⁾ *Revista Espírita*, julho de 1868, página 201: “Desenvolvimento da teoria da geração espontânea”.

toma uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem, em seguida, a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros e, enfim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. Se considerarmos apenas os dois pontos extremos da cadeia, não há, sem dúvida alguma, analogia aparente; mas, se passarmos de um elo a outro, sem solução de continuidade, chegamos, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreendemos, então, que os animais de organização complexa possam ser apenas uma transformação ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, de aproximação em aproximação, até o ser primitivo elementar. Entre a glande e o carvalho a diferença é grande, entretanto, se seguirmos passo a passo o desenvolvimento dela, chega-se ao carvalho, e já não será mais motivo de admiração que ele proceda de uma semente tão pequena. Se, pois, a glande encerra os elementos latentes próprios à formação de uma árvore gigante, por que não seria o mesmo do ácaro ao elefante? (nº 23)

Segundo isso, compreende-se que haja geração espontânea apenas para os seres orgânicos elementares. As espécies superiores seriam o produto de transformações sucessivas desses mesmos seres, à medida que as condições climáticas lhes tivessem sido propícias. Cada espécie adquirindo a faculdade de se reproduzir, os cruzamentos resultaram em inumeráveis variedades. E depois, uma vez a espécie instalada, nas condições de vitalidade durável, quem diz que os germes primitivos de onde ela saiu não desapareceram, por inúteis daí em diante? Quem diz que nosso ácaro atual seja o mesmo que aquele que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Assim se explicaria por que não há geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Essa teoria, sem ser admitida de maneira definitiva, é a que tende, evidentemente, a predominar hoje na Ciência. Ela é aceita pelos observadores sérios como a mais racional.

O homem corpóreo

26. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o Homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais difere apenas por nuances na forma exterior. De resto, tem a mesma composição química que todos os animais, mesmos órgãos, mesmas funções e mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Nasce, vive, morre nas mesmas condições e com sua morte seu corpo se decompõe como o de tudo o que vive. Não há em seu sangue, em sua carne, em seus ossos, um átomo diferente daqueles que se encontram nos corpos dos animais; e como esses, ao morrer, entrega à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que estavam combinados para formá-lo e que vão, por novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele mesmo.

27. Na classe dos mamíferos, o Homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrímanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, dos quais alguns, como o orangotango, o chimpanzé, o mono têm certas semelhanças com o Homem, de tal modo que, por muito tempo, foram designados pelo nome de *homens das florestas*. Como o Homem, eles andam eretos, servem-se de paus, constroem cabanas e levam os alimentos à boca com a mão, o que são sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos pelo ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva por degraus sem solução de continuidade e, portanto, todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente. *Seguindo-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Visto que o corpo do Homem está em condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, deve ter sido formado nas mesmas condições.

29. Embora possa ferir seu orgulho, o Homem deve se resignar a ver em *seu corpo material* apenas o último elo da animalidade *sobre a Terra*. O inexorável argumento dos fatos está aí, contra o qual se protestaria em vão.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual ganha importância. Se o primeiro o coloca no nível do bruto, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo em que se detém o animal; não vemos o limite a que o Espírito do Homem pode atingir.

30. O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e seu positivismo, vai adiante e os provoca, porque está certo de que o princípio espiritual, *que tem existência própria*, não pode sofrer com isso nenhum dano.

O Espiritismo caminha com o materialismo no terreno da matéria. Admite tudo o que este admite; mas lá, onde este último se detém, o Espiritismo prossegue. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto. Ao chegarem a uma certa distância, um diz: “Eu não posso ir mais longe”; o outro continua sua rota e descobre um mundo novo. Por que, então, o primeiro diz que o segundo é louco, porque este, entre vendo novos horizontes, quer transpor o limite em que convém ao outro se deter? Cristóvão Colombo não foi também considerado louco, porque acreditava existir um mundo além do oceano? E quantos mais a História conta, desses loucos sublimes que fizeram a Humanidade avançar, aos quais se tecem coroas após lhes ter lançado lama?

Pois bem! o Espiritismo, esta loucura do século dezenove, segundo os que querem ficar na margem terrestre, nos revela todo um mundo, mundo mais importante para o homem que a América, porque nem todos os homens vão para a América, enquanto que todos, sem exceção, vão para os mundos dos Espíritos, fazendo incessantes, travessias de um ao outro.

Chegados ao ponto em que estamos da Gênese, o materialismo se detém, enquanto que o Espiritualismo prossegue suas pesquisas no domínio da *Gênese espiritual*.

CAPÍTULO XI

GÊNESE ESPIRITUAL

Princípio espiritual – União do princípio espiritual e da matéria
– Hipótese sobre a origem dos corpos humanos – Encarnação dos
Espíritos – Reencarnações – Emigrações e imigrações dos Espíritos
– Raça adâmica – Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido.

Princípio espiritual

1. A existência do princípio espiritual é um fato que não tem, por assim dizer, mais necessidade de demonstração que o princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática: ele se afirma por seus efeitos, como a matéria por aqueles que lhe são próprios.

Segundo o princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, uma advertência, atestando, por isso mesmo, um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode vir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, conclui-se que ele é movido por uma inteligência à qual serve de instrumento para se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém teria a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se o Homem vivo pensa, é porque há nele alguma coisa que não existe mais quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz mover o sino está fora dele, enquanto que a que faz o Homem agir está nele mesmo.¹

2. O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus. Sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, porque não se poderia conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade apenas sobre a matéria bruta, tanto quanto um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida, apenas sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se devessem se exercer apenas sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis, para votá-los ao nada depois de alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo Sua vida com essa sucessão indefinida de seres que nascem sem ter pedido, que pensam um instante para somente conhecer a dor, e se extinguem para sempre, após uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; ao negarem a causa, não podem admitir o efeito; ao negarem o efeito, não reconhecem a causa. O materialismo é, portanto, consequente consigo mesmo, se não o é com a razão.²

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no Homem. Ela está nele no estado de intuição e de aspiração. Ele compreende que

⁽¹⁾ N. E: Em nós o cérebro real é o etéreo, por meio do qual funciona a mente, quer estejamos neste mundo quer no outro. Ela atua sobre o cérebro etéreo e este sobre a cobertura material a que chamamos cérebro físico. (Findlay, J. Arthur. *No Limiar do Etéreo*, ou sobrevivência à morte cientificamente explicada. Traduzindo do inglês por Guillon Ribeiro; prefácio de Sir William Barret. 3ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1981, capítulo XIV, p. 182)

⁽²⁾ N. E: Se o trabalho do cérebro, afirma Bérghson, corresponde à totalidade da consciência, se houvesse equivalência entre o cerebral e o mental, a consciência poderia seguir os destinos do cérebro e a morte ser o fim de tudo... mas se, conforme tentamos demonstrar, a vida mental ultrapassa a vida cerebral, se o cérebro limita-se a traduzir em movimento uma pequena parte do que se passa na consciência, então a sobrevivência da alma torna-se tão verossímil que a obrigação da prova incumbirá àquele que nega, mais que àquele que afirma; pois a única razão para se crer na extinção consciência após a morte é o fato de o corpo desorganizar-se, e esta razão não tem mais valor se a independência de quase a totalidade da consciência em relação ao corpo é, ela também, um fato que se constata. (Em *Energia Espiritual*) – Tais considerações assemelham-se às colocações do dr. Bezerra de Menezes, em *A Loucura Sob Um Novo Prisma*.

(São Marcos, Manoel Pelicas. *Noções de História da Filosofia – Curso de Introdução ao Conhecimento do Espiritismo*, São Paulo, FEESP, 1997, p. 140)

somente nela está a compensação das misérias da vida. Por isso sempre houve, e sempre haverá, mais espiritualistas que materialistas, e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e ao poder do raciocínio, o Espiritismo vem ajuntar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, de sua sobrevivência, de sua imortalidade e de sua individualidade. Ele dá exatidão e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra-nos o ser inteligente agindo fora da matéria, seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o vital são uma só e mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão para confundi-los. No entanto, desde que se veem seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos ainda animados de vida orgânica, quando já não existe mais nenhuma manifestação do pensamento; que se produzem no ser vivo movimentos vitais independentes de todo ato de vontade; que durante o sonho a vida orgânica está em toda a sua atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é cabível se aceitar que a existência orgânica reside em um princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito, e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes. (capítulo X, n^{os} 16 a 19)

6. O princípio espiritual teria sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente teria uma existência apenas momentânea como o corpo e, na morte, reentraria no nada, ou, o que vem a dar no mesmo, no todo universal. Isso seria, em uma palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente, pois se tivesse sua

origem na matéria, não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se à conclusão, remontando dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual, individualizado, constitui os seres chamados *Espíritos*, assim como o elemento material, individualizado, compõe os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. Sendo admitido o ser espiritual, e não podendo sua origem estar na matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação estão absolutamente em falta, como em tudo o que se prende ao princípio das coisas. O Homem pode constatar somente o que existe. Sobre todo o resto, apenas emite hipóteses. E seja porque esse conhecimento ultrapasse o alcance de sua inteligência atual, seja porque para ele não teria utilidade ou conveniência que o possuísse no momento, Deus não lho deu nem mesmo pela revelação.

O que Deus lhe disse pelos Seus mensageiros, e o que, aliás, o Homem poderia deduzir, por si próprio, do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pela sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura pelos seus esforços pessoais; que todos, sendo os filhos de um mesmo Pai, são o objeto de uma igual solicitude; que não há ninguém mais favorecido ou mais bem dotado que os outros, nem dispensado do trabalho que seria imposto aos outros para atingirem sua meta.³

8. Ao mesmo tempo que Deus criou mundos materiais de toda a eternidade, criou, igualmente, seres espirituais de toda a eternidade; sem isso, os mundos materiais seriam sem finalidade. Conceber-se-ia antes os seres espirituais sem os mundos materiais, que estes últimos

⁽³⁾ **Nota da Tradução:** Kardec utilizou em sentido genérico, nos seus trabalhos, as palavras **espírito**, **princípio espiritual**, **princípio inteligente** e **alma**, como sinônimos, isto é, o ser inteligente, e a palavra Espírito, para indicar o ser extracorpóreo da esfera espiritual, o que tem levado alguns a pequenas confusões doutrinárias. Assim, em sentido amplo, **alma** é o ser pensante, o ser inteligente, e em sentido restrito é o Espírito encarnado.

(Ciamponi, Durval. *A Evolução do Princípio Inteligente*, São Paulo, FEESP, 1999, p. 19)

sem os seres espirituais. São os mundos materiais que deveriam fornecer aos seres espirituais os elementos da atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais; e a perfeição relativa, o objetivo que eles devem atingir. Ora, Deus tendo criado de toda a eternidade, e criando sem cessar, de toda a eternidade também terá havido aqueles que alcançaram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tinham sucedido a mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde que os que nasciam para a vida, até os que, de toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os Espíritos puros, vulgarmente chamados Anjos.

União do princípio espiritual e da matéria

10. Desde que a matéria fosse o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse agir sobre ela; é por isso que veio habitá-la, como o lenhador mora na floresta. A matéria devendo ser, por sua vez, o objeto e o instrumento de trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade e de prestarem-se a todos os seus movimentos.

O corpo é, portanto, ao mesmo tempo o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste um envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, tal como se dá a um trabalhador instrumentos menos grosseiros, à proporção que ele seja capaz de fazer uma obra mais delicada.

11. Para ser mais exato, é necessário dizer que é o próprio Espírito que molda seu envoltório e o torna apropriado às suas novas necessidades. Ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo conforme sente necessidade de manifestar novas faculdades. Em uma palavra, ele o põe na medida de sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; ao Espírito cabe utilizá-los. É assim que as etnias adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um instrumento cerebral mais aperfeiçoado

que as raças primitivas. Assim se explica, igualmente, o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (capítulo VIII, nº 7: “A Alma da Terra”)

12. Desde que um Espírito nasce na vida espiritual, deve, para seu adiantamento, fazer uso de suas faculdades, a princípio rudimentares. É por isso que se reveste de um envoltório corporal apropriado a seu estado de infância intelectual, envoltório que ele deixa para revestir-se de outro, à medida que suas forças aumentam. Ora, como por todos os tempos houve mundos, e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios para receberem Espíritos, desde todos os tempos os Espíritos encontraram, qualquer que fosse seu grau de desenvolvimento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13. O corpo, sendo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Depois de haver funcionado algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe. O princípio vital, não encontrando mais elemento para sua atividade, extingue-se e o corpo morre. O Espírito — para quem o corpo privado de vida é, então, sem utilidade — deixa-o, como se abandona uma casa em ruínas ou uma roupa imprestável.

14. O corpo é, portanto, apenas um envoltório destinado a receber o Espírito. Então, pouco importam sua origem e os materiais de que for construído. Que o corpo do Homem seja uma criação especial ou não, é formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou dito de outra forma, aquecido pelo mesmo fogo, assim como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: é um ponto sobre o qual não há contestação.

Ao se considerar apenas a matéria, fazendo-se abstração do Espírito, o Homem não tem, portanto, nada que o distinga do animal, mas tudo muda de aspecto se fizermos distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um grande senhor, em uma cabana ou vestido com as roupas de camponês, não será menos o grande senhor. Dá-se o mesmo com o homem; não é sua roupagem de carne que o eleva acima do bruto, e o faz um ser à parte, é seu ser espiritual, seu Espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do Homem e o do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro era apenas uma transformação do segundo. Não há nada de impossível nisso, nem que, se assim for, a dignidade do Homem tenha algo a sofrer. Corpos de macacos poderiam muito bem ter servido de vestimenta aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados, que vieram encarnar na Terra. Essas vestes eram as mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades que o corpo de qualquer outro animal. Em lugar de que uma veste especial fosse feita para o Espírito, ele encontrou uma já pronta. Pôde, portanto, vestir a pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem se reveste às vezes com a pele de certos animais, sem deixar de ser humano.

Fique bem entendido que aqui se trata somente de uma hipótese, que não está de modo algum posta como princípio, mas dada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica a paridade entre seu Espírito e o do macaco⁴.

16. Em admitindo-se essa suposição, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o envoltório é modificado, embelezado nos detalhes, sempre conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Os corpos melhorados, ao se procriarem reproduziram-se nas mesmas condições, como ocorre com as árvores enxertadas. Deram origem a uma nova espécie, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à medida que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macacos para seu uso, como o fruto da árvore selvagem reproduz árvores selvagens, e o Espírito humano procriou corpos de homens, variantes do primeiro molde em que se estabeleceu. O tronco bifurcou-se e produziu um galho e este galho se tornou tronco.

⁽⁴⁾ **Nota da Tradução:** A partir da Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, a Ciência sustenta que algum antropoide pode ter sido um ancestral em comum do homem e do macaco, sem, entretanto, ser uma ou outra criatura. Os primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, podem ter encontrado nestes antropoides as vestimentas carnis adequadas às suas condições evolutivas.

Como não há transições bruscas na Natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram na Terra pouco puderam se diferir do macaco pela forma exterior e, sem dúvida, não muito mais pela inteligência. Há, ainda em nossos dias, selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e a conformação da cabeça têm de tal modo atitudes de macaco, faltando-lhes apenas serem peludos para completar a semelhança.

Encarnação dos Espíritos

17. O Espiritismo ensina-nos de que maneira se opera a união do Espírito e do corpo na encarnação.

O Espírito, por sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria. Foi-lhe necessário um intermediário. Esse intermediário é o envoltório fluídico que, de certa forma, faz parte integrante do Espírito, envoltório semimaterial, quer dizer, tendendo à matéria por sua origem e à espiritualidade por sua natureza etérea. Como toda matéria, é originado no fluido cósmico universal o qual sofre, nessa circunstância, uma modificação especial. Esse envoltório, designado pelo nome de perispírito, faz de um ser abstrato faz do Espírito um ser concreto, definido, perceptível pelo pensamento. Ele o torna apto para agir sobre a matéria tangível, da mesma forma que todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais possantes motores.

O fluido perispiritual é, portanto, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento para transmitir movimento às diferentes partes do organismo, as quais agem sob a impulsão de sua vontade e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. Quando o Espírito deve encarnar em um corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão de seu perispírito, liga-o ao germe em direção ao qual ele se sente atraído por uma força irresistível, desde o momento da concepção.

À medida que o germe se desenvolve, o laço se estreita. Sob a influência do *princípio vital material do germe*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, com o corpo que se forma. Daí pode-se dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, de alguma forma toma raiz nesse germe como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa e, então, ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se havia realizado sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio cessa de agir em virtude da desorganização do corpo, a união, que era mantida somente por essa força atuante, cessa quando essa força para de agir. Então o perispírito se solta, *molécula a molécula*, como se havia unido, e o Espírito recupera a liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito*.

Desde o instante após à morte, a integridade do Espírito é total; suas faculdades adquirem mesmo uma maior penetração, enquanto que o princípio de vida se extingue no corpo, e é a prova evidente de que o princípio vital e o espiritual são duas coisas distintas.

19. O Espiritismo ensina-nos, pelos fatos que nos permite observar, os fenômenos que acompanham essa separação. Ela é, algumas vezes, rápida, fácil, suave e insensível; outras vezes, é lenta, trabalhosa, horripelantemente penosa, segundo o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. Um fenômeno particular, igualmente assinalado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Logo que este é apanhado no laço fluídico que o liga ao germe, entra em estado de perturbação. Essa perturbação cresce à medida que o laço se estreita e, nos últimos momentos, o Espírito perde toda a consciência de si mesmo, de sorte que não é jamais testemunha consciente de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recuperar suas faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e se consolidam os órgãos que devem servir à sua manifestação.

21. Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, que estavam momentaneamente colocadas em estado latente e que, ao retomar sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais ou melhor o que não fez anteriormente. Ele renasce tal qual se fizera pelo seu trabalho anterior. Para ele é um novo ponto de partida, um degrau a subir. Aqui ainda se manifesta a bondade do Criador, porque a lembrança de um passado, muitas vezes penosa ou humilhante, ajuntando-se às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo e estorvá-lo. Ele se lembra apenas do que aprendeu, visto que isso lhe será útil. Se, por vezes, conserva uma vaga intuição dos eventos passados, é como a lembrança de um sonho fugitivo. É, portanto, um homem novo, por mais antigo que seja seu Espírito. Ele se apoia sobre novos planos de ação, ajudado pelo que adquiriu. Quando entra novamente na vida espiritual, seu passado se desenrola a seus olhos e ele julga se empregou bem ou mal seu tempo.

22. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. O Espírito é sempre *ele*, antes, durante e depois da encarnação. A encarnação é apenas uma fase especial de sua existência. Esse esquecimento tem lugar apenas na vida exterior de relação. Durante o sono, o Espírito, em parte desligado dos laços carnis, devolvido à liberdade e à vida espiritual, lembra-se, pois sua vista espiritual não está mais tão obscurecida pela matéria.

23. Tomando a Humanidade em seu grau mais ínfimo da escala intelectual, os mais atrasados selvagens, pergunta-se se é aí o ponto de partida da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se, elabora-se, ao passar pelos diversos graus da animalidade. É ali que a alma se ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades, pelo exercício. Isso seria, por assim dizer, seu tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria, assim, filiação espiritual do animal ao Homem, como há a filiação corporal.

Esse sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à Criação, corresponde, é necessário convir, à justiça e à bondade do Criador. Ele dá uma saída, um fim, um destino aos animais, os quais não são mais seres deserdados, mas que encontram, no porvir que lhes está reservado, uma compensação para seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é sua origem, mas os atributos especiais de que é dotado em sua entrada na Humanidade, atributos que o transformam e dele fazem um ser distinto, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga de onde saiu. Por ter passado pela feira da animalidade, o homem não seria menos homem; ele não seria mais animal, assim como o fruto não é a raiz, assim como o sábio não é o feto informe com que teve seu começo no mundo.

Mas esse sistema suscita numerosas questões, das quais não é oportuno discutir aqui os prós e os contras, assim como examinar as diferentes hipóteses que se têm feito a esse respeito. Sem, portanto, procurar a origem da alma e as feiras pelas quais passou, nós a tomamos *em sua entrada na Humanidade*, no ponto em que, dotada do senso moral e do livre-arbítrio, começa a incorrer na responsabilidade de seus atos.

24. A obrigação, para o Espírito encarnado, de prover a alimentação do corpo, a sua segurança, o seu bem-estar, o obriga a aplicar suas faculdades em investigações, a exercê-las e a desenvolvê-las. Sua união com a matéria é, portanto, útil a seu progresso; eis por que a encarnação é uma necessidade. Por outro lado, pelo trabalho inteligente que o Espírito opera em seu proveito, sobre a matéria, ele ajuda na transformação e no progresso material do globo que habita. É assim que, progredindo, ele concorre para a obra do Criador, da qual é agente inconsciente.

25. Mas a encarnação do Espírito não é nem constante nem perpétua; é apenas transitória. Ao deixar o corpo, não retoma outro instantaneamente. Durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, ele vive a existência espiritual — que é sua vida normal — de tal sorte que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa comparada ao tempo que ele passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, porque tira proveito, para seu avanço, dos conhecimentos e da experiência adquiridos durante a vida corporal. Ele examina o que fez durante sua permanência terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma as resoluções segundo as quais conta guiar-se em uma nova existência em que procurará fazer melhor. É assim que cada existência é um passo adiante na via do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. A encarnação não é, portanto, normalmente uma punição para o Espírito, como alguns pensam, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir. (Ver *O Céu e o Inferno*, capítulo III, nº 8 e subsequentes)

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, quer dizer que, ao se subtrair à influência da matéria, ele se depura. Sua vida se espiritualiza, suas faculdades e suas percepções se ampliam; sua felicidade está na razão do progresso realizado. Mas, como ele age em virtude de seu livre-arbítrio, pode, por negligência ou má vontade, retardar seu avanço, prolongando, como consequência, a duração de suas encarnações materiais, as quais se tornam, então, para ele, uma punição, visto que, por sua culpa, fica nos planos inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, portanto, do Espírito abreviar, por seu próprio trabalho de depuração de si próprio, a duração do período de suas encarnações.

27. O progresso material de um globo segue o avanço moral de seus habitantes. Ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante e estes progridem mais ou menos rapidamente em razão de seu livre-arbítrio, resulta que há mundos mais, ou menos, antigos, em diferentes graus de progresso físico e moral, nos quais a encarnação é mais, ou menos, material e nos quais, por consequência, o trabalho para os Espíritos é mais, ou menos, rude. Por esse ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada por Espíritos relativamente inferiores, a vida corporal nela é mais penosa que em outros mundos, assim como há outros mais atrasados, nos quais a vida é mais penosa ainda que na Terra, e para os quais a Terra seria, relativamente, um mundo feliz.

28. Quando os Espíritos adquirem em um mundo a soma de progresso que comporta o estado desse mundo, eles o deixam para encarnar em outro mais avançado, no qual adquirem novos conhecimentos, e assim sucessivamente, até que a encarnação em um corpo material não lhes seja mais útil. Aí, eles viverão exclusivamente a vida espiritual na qual progredem, ainda, em outro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, eles desfrutam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, recebem Seu pensamento e se tornam Seus mensageiros, Seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens Espíritos em diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, em qualquer grau da hierarquia a que pertençam, desde o menor até o maior, têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo. Todos são necessários ao conjunto, ao mesmo tempo que são úteis a si mesmos; aos menos adiantados, como a simples serviçais, incumbe uma tarefa material; a princípio inconsciente, depois gradualmente inteligente. Por toda parte, atividade no mundo espiritual, em nenhuma parte, a inutilidade da ociosidade.

A coletividade dos Espíritos é, de alguma forma, a alma do Universo. É o elemento espiritual que age em tudo e por toda parte, sob o impulso do pensamento divino. Sem tal elemento, há apenas a matéria inerte, sem objetivo, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais que deixam uma infinidade de problemas insolúveis. Pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem um objetivo, uma razão de ser, tudo se explica. Eis por que, sem a espiritualidade, esbarra-se em dificuldades insuperáveis.

29. Assim que a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, os Espíritos humanos encarnaram nela. De onde vieram? Quer esses Espíritos tenham sido criados nesse momento, quer tenham vindo todos já formados da própria Terra, do espaço ou de outros mundos, sua presença a partir de certa época é um fato, visto que antes deles havia apenas animais. Eles se revestiram de corpos apropriados às suas necessidades especiais, às suas aptidões,

e que, fisiologicamente, pertenciam à animalidade. Sob sua influência e pelo exercício de suas faculdades, esses corpos foram modificados e aperfeiçoados: eis o que resulta da observação. Deixemos, portanto, de lado a questão da origem, ainda insolúvel até o momento. Tomemos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas naquele em que se manifestando nele os primeiros germes do livre-arbítrio e do senso moral, nós o vemos desempenhar seu papel humano, sem nos inquietarmos com o meio em que passou seu período de infância ou, se quiserem, de incubação. Apesar da analogia de seu envoltório com o dos animais, saberemos distingui-lo destes últimos, pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, como sob as mesmas vestes simples distinguimos o rústico do homem civilizado.

30. Se bem que os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados, em razão mesmo de que deveriam encarnar em corpos muito imperfeitos, devia haver entre eles diferenças sensíveis em caracteres e em aptidões. Os Espíritos que se assemelhavam naturalmente se agruparam pela analogia e simpatia. A Terra achou-se, assim, povoada por diferentes categorias de Espíritos, mais ou menos, aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito, e esses corpos procriando segundo seu tipo respectivo, disso resultaram as diferentes etnias⁵, tanto no físico como no moral (nº 11). Os Espíritos similares continuando a encarnar de preferência entre seus semelhantes, perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das etnias e dos povos, o qual não se perde senão após muito tempo pela sua fusão e pelo progresso dos Espíritos. (*Revista Espírita*, julho de 1860, página 198: “Frenologia e fisiognomia”)

31. Podem-se comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a grupos de emigrantes, de origens diversas, que vão se estabelecer em uma terra virgem. Eles encontraram ali a madeira e a pedra para fazer suas habitações, e cada um dá à sua um cunho diferente, de acordo com o grau de seu saber e seu gênio particular. Eles se agrupam pela analogia de origens e de gostos. Esses grupos terminam por formar tribos, depois povos, tendo cada um seus costumes e seu caráter próprio.

⁽⁵⁾ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 379

32. O progresso não foi, portanto, uniforme em toda a espécie humana. As etnias mais inteligentes naturalmente avançaram mais que as outras, sem contar que Espíritos recém-nascidos na vida espiritual, vindo encarnar na Terra, depois dos primeiros que aqui chegaram, tornam mais sensível a diferença do progresso. Seria impossível, de fato, atribuir a mesma antiguidade de criação aos selvagens que mal se distinguem dos macacos, e aos chineses, e ainda menos aos europeus civilizados.

Esses Espíritos de selvagens, no entanto, pertencem também à Humanidade. Eles atingirão um dia o nível de seus irmãos mais velhos; mas isso *não será certamente nos corpos da mesma etnia física*, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento não mais estiver de acordo com o desenvolvimento alcançado, eles emigrarão desse meio para encarnar noutro meio superior, e assim sucessivamente até que tenham conquistado todos os graus terrestres, após o que deixarão a Terra para passar a mundos mais e mais avançados. (Ver *Revista Espírita*, abril de 1862, página 97: “Perfectibilidade da raça negra”)

Reencarnações

33. O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei do progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascessem hoje seriam tão novas, também tão primitivas, como as que vivem há mil anos. Acrescentemos que não haveria entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que elas seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem dotadas por Deus que as suas antecessoras? Por que compreenderiam melhor? Por que possuiriam instintos mais depurados, costumes mais brandos? Por que teriam a intuição de certas coisas sem as ter apreendido? Desafiamos a sair desses dilemas, a menos que se admita que Deus criou almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma soberana justiça. (capítulo II, nº 19)

Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram nos tempos recuados; que poderiam ser bárbaras, como o era seu século, mas que progrediram; que a cada nova existência, elas trazem a aquisição das existências anteriores; que, por consequência, as almas dos tempos civilizados são almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram *elas mesmas* com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Capítulos IV e V)

34. Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se realizam de mundo em mundo, e não em um mesmo globo, onde cada Espírito aparecesse apenas uma vez.

Essa doutrina seria admissível, se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. Eles poderiam, então, progredir somente indo para outro mundo; e sua reencarnação na Terra seria sem utilidade. Ora, Deus não faz nada de inútil. Desde o instante em que se encontram na Terra todos os graus de inteligência e de moralidade, desde a selvageria que é própria do animal até a civilização mais avançada, ela oferece vasto campo para o progresso. Perguntar-se-ia por que então o selvagem seria obrigado a procurar fora o grau acima dele, quando ele o encontra a seu lado, e assim de grau em grau. Por que o homem adiantado não teria podido fazer suas primeiras etapas apenas nos mundos inferiores, enquanto seres análogos de todos esses mundos estão em volta dele? E também que há diferentes graus de adiantamento, não somente de povo para povo, mas no mesmo povo e na mesma família? Se assim fosse, Deus teria feito algo de inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, enquanto que é precisamente esse contato que faz avançar os retardatários.

Não há, portanto, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, assim como não há para que um escolar mude de colégio a cada série. Em vez disso levar avanço para o progresso seria um entrave, visto que o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a visão dos graus superiores, e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e na presença daqueles que ele ofendeu, possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de avanço moral. Após uma curta coabitação, os Espíritos dispersando-se e tornando-se estranhos uns aos outros, os

laços de família e de amizade, não tendo de se consolidarem, seriam rompidos.

Ao inconveniente moral se ajuntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam segundo os mundos. Por esse aspecto, não há dois mundos que sejam perfeitamente idênticos. Nossos tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica etc. não serviriam para nada em outros mundos e, entretanto, o que neles se aprende não é perdido; não somente isso desenvolve a inteligência, mas as ideias que deles brotam podem ajudar a adquirir outras novas (capítulo VI, nº 61 e subsequentes). Se o Espírito fizesse apenas uma única aparição, muitas vezes de curta duração, no mesmo mundo, a cada migração ele se encontraria em condições totalmente diferentes. Ele operaria de cada vez com elementos novos, com forças e segundo leis desconhecidas para ele, antes de ter tido tempo para elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los, de se exercitar com eles. Isso seria de cada vez um novo aprendizado a fazer, e essas mudanças incessantes seriam um obstáculo ao progresso. O Espírito deve, portanto, permanecer no mesmo mundo até que tenha adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta (nº 31).

Que os Espíritos deixem por um mundo mais avançado aquele no qual não podem mais nada adquirir, isso deve ser e isso é. Tal é o princípio. Se há quem o deixa antecipadamente é, sem dúvida, por causas individuais que Deus pesa em Sua sabedoria.

Tudo tem uma finalidade na Criação, sem o que Deus não seria nem prudente nem sábio. Ora, se a Terra deve ser apenas uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade teria para as crianças que morrem com pouca idade, de aqui virem passar alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais não puderam aprender nada? E ocorre o mesmo para os idiotas e os cretinos. Uma teoria só é boa com a condição de resolver todas as questões que a ela se ligam. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo imprevisível para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, que é a única a resolvê-la de maneira racional e completa.

Para os que seguem na Terra uma carreira normal, há, para seu progresso, uma vantagem real em se reencontrarem no mesmo meio, para aí continuar o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que possam ter feito, ou para aí sofrerem a pena de talião.

Emigrações e imigrações dos Espíritos

35. No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos estão no estado de erraticidade e compõem a população espiritual ambiente do globo. Pelas mortes e nascimentos, essas duas populações se permutam incessantemente uma com a outra. Há, portanto, diariamente emigrações do mundo corpóreo para o espiritual, e imigrações do mundo espiritual para o corporal: é o estado normal.

36. Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis, em consequência das grandes revoluções que fazem partir ao mesmo tempo quantidades inumeráveis, as quais são logo substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. É necessário, portanto, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Se, nessas catástrofes, há destruição de grande número de corpos, há apenas *vestes dilaceradas*, mas nenhum Espírito pereceu: eles apenas mudam de meio. Em vez de partirem isoladamente, vão em grupo, eis toda diferença; porque retirar-se por uma causa ou por outra, eles devem fazê-lo fatalmente cedo ou tarde.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, como consequência dos flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as emigrações e as imigrações que ocorrem de tempos em tempos para dar-lhe um violento impulso, ele andaria com extrema lentidão.

É perceptível que todas as grandes calamidades que dizimam povos são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual e moral e, por conseguinte, no estado social das nações nas quais se

realizam. É que elas têm por finalidade operar um remanejamento na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. Essa transfusão que se opera entre seres encarnados e desencarnados de um mesmo globo opera-se igualmente entre as dimensões, seja individualmente nas condições normais seja por massas em circunstâncias especiais. Há, portanto, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro. Delas resulta a introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos; novas etnias de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas etnias de homens. Ora, como os Espíritos não perdem jamais aquilo que adquiram, trazem com eles a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem. Eles imprimem, por conseguinte, seu caráter à etnia corpórea que vêm animar. Não têm necessidade, para isso, que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso. Visto que a espécie corporal existe, os encontram já prontos para recebê-los. São, portanto, simplesmente novos habitantes. Ao chegarem à Terra, eles fazem, a princípio, parte de sua população espiritual, depois se encarnam como os outros.

Raça adâmica

38. Segundo o ensinamento dos Espíritos, é uma dessas grandes imigrações, ou se assim quiser, uma dessas *colônias de Espíritos*, vindas de outra esfera, que deu nascimento à etnia simbolizada na pessoa de Adão e, por esse motivo, chamada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra era povoada desde tempos imemoriais, como a *América quando vieram os europeus*.

A raça adâmica, mais avançada que aquelas que a tinham precedido na Terra, é, de fato, mais inteligente. É ela que empurrou todas as outras ao progresso. A Gênese mostrou-a para nós, industriosa desde seus primórdios, apta para as artes e para as ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que se compunha de Espíritos que já progrediram. Tudo prova que ela não é antiga na Terra e nada se opõe a que ela aqui esteja apenas há alguns milhares de anos, o que não estaria

em contradição nem com os fatos geológicos nem com as observações antropológicas e tenderia, ao contrário, confirmá-las.⁶

39. A doutrina que faz todo o gênero humano originar de uma só individualidade, há seis mil de anos, não é admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da moral, se resumem nos seguintes pontos:

Pelo ponto de vista fisiológico, certas etnias⁷ apresentam tipos particulares característicos que não permitem assinalar-lhes uma origem comum. Há diferenças que não são, evidentemente, efeito do clima, visto que os brancos que se reproduzem no país dos negros não se tornam negros, e vice-versa. O ardor do Sol tosta e escurece a epiderme, mas jamais transformou um branco em negro, achatando o nariz, mudando a forma dos traços da fisionomia, nem tornando crespos e lanosos os cabelos longos e sedosos. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo, que distingue a espécie.

⁽⁶⁾ **N. E:** “Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, contando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo.

Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais mezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho. Há muitos milênios, um dos orbes de Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingiria a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmo, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.”

(XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 1996, 22ª ed., pp. 33-35)

⁽⁷⁾ Ver Nota Explicativa no fim deste volume, página 379

É necessário, portanto, considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo sua origem própria e tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diferentes partes do globo. Seu cruzamento produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das etnias primitivas são indício evidente de que elas provêm de tipos especiais. As mesmas considerações existem, portanto, tanto para os homens como para os animais, quanto à pluralidade dos troncos. (capítulo X, nº 2 e subsequentes)

40. Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, visto que, desde a segunda geração eles construíram cidades, cultivaram a terra, trabalharam os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente duradouros. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tivesse tido como descendentes povos numerosos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que os aproximam, ainda em nossos dias, da animalidade; que teriam perdido todo traço e até a menor lembrança tradicional daquilo que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com não menos evidência, uma diferença de origem.⁸

⁽⁸⁾ **N. E:** “Entre as considerações acima e as do capítulo precedente, devemos ponderar o interstício de muitos séculos. Aliás, no que se refere à historicidade das raças adâmicas, será justo meditarmos atentamente no problema da fixação dos caracteres raciais. Apresentando o meu pensamento humilde, procurei demonstrar as largas experiências que os operários do Invisível levaram a efeito, sobre os complexos celulares, chegando a dizer da impossibilidade de qualquer cogitação mendelista nessa época da evolução planetária. Aos prepostos de Jesus foi necessária grande soma de tempo, no sentido de fixar o tipo humano.

Assim, pois, referindo-nos ao degredo dos emigrantes da Capela, devemos esclarecer que, nessa ocasião, já o primata *hominis* se encontrava arregimentado em tribos numerosas. Depois de grandes experiências, foi que as migrações do Pamir se espalharam pelo orbe, obedecendo a sagrados roteiros, delineados nas Alturas.

Quanto ao fato de se verificar a reencarnação de Espíritos tão avançados em conhecimentos, em corpos de raças primigênicas, não se deve causar repugnância ao entendimento. Lembremo-nos de que um metal puro, como o ouro, por exemplo, não se modifica pela circunstância de se apresentar em vaso imundo, ou disforme. Toda oportunidade de realização do bem é sagrada. Quanto ao mais, que fazer com o trabalhador desatento que estraçalha no mal todos os instrumentos perfeitos que lhe são confiados? Seu direito, aos aparelhos mais preciosos, sofrerá solução de continuidade. A educação generosa e justa ordenará a localização de seus esforços em maquinaria imperfeita, até que saiba valorizar as preciosidades em mão. A todo tempo, a máquina deve estar de acordo com as disposições do operário, para que o dever cumprido seja caminho aberto a direitos novos.”

(XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 1996, 22ª ed., pp. 39-40)

41. Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do Homem sobre a Terra, antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa que remonta, diz-se, a trinta mil anos, documentos mais autênticos atestam que o Egito, a Índia e outros países estavam povoados e floresceram ao menos de três mil anos antes da Era Cristã, mil anos, por consequência, após a criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não deixam nenhuma dúvida, hoje, sobre as relações que existiram entre a América e os antigos egípcios. Daí é necessário concluir que essa região já era povoada nessa época. Seria, portanto, necessário admitir que em mil anos a posteridade de um só homem pôde cobrir a maior parte da Terra. Ora, uma tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas⁹.

42. A impossibilidade torna-se ainda mais evidente se admitir-se, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes da Era Cristã. Isso seria, portanto, em realidade, que apenas a partir de Noé dataria o povoamento do globo. Ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos depois do dilúvio, ele era já um poderoso império que teria sido povoado, sem falar de outras regiões, em menos de seis séculos, somente pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

⁽⁹⁾ **N. E: Sobre os egípcios e hindus:**

“A realidade, porém, qual já vimos, é que, como os egípcios, os hindus eram um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta. Deles descendem todos os povos arianos, que florescem na Europa e hoje atingem um dos mais agudos períodos de transição na sua marcha evolutiva”. (XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 1996, 22ª ed., pp. 50)

A Exposição Universal de 1867 apresentou antiguidades do México, que não deixam nenhuma dúvida sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. León Méchedin, em uma nota afixada no templo mexicano da Exposição, se exprimia assim:

“É conveniente não publicar antes do tempo as descobertas feitas do ponto de vista da história do homem, pela recente expedição científica do México. No entanto, nada se opõe a que o público saiba, desde hoje, que a exploração assinalou a existência de um grande número de cidades apagadas pelo tempo, mas que a picareta e o incêndio podem tirar de sua mortalha. As escavações têm, por toda parte, descoberto *três camadas de civilizações* que parecem dar ao mundo americano uma antiguidade fabulosa”.

É assim que, a cada dia, a Ciência vem dar o desmentido dos fatos à doutrina que limita em 6.000 anos a aparição do Homem na Terra e pretende fazê-lo sair de um tronco único.

Observemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de admirar que tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, já que conservavam religiosamente os monumentos de sua história.

Uma rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, revela, portanto, da maneira mais peremptória que o homem está na Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época assinalada pela Gênese. Ocorre o mesmo quanto à diversidade dos troncos primitivos, pois mostrar a impossibilidade de uma proposição é provar a proposição contrária. Se a Geologia descobrir traços autênticos da presença do Homem antes do grande período diluviano, o sinal será ainda mais absoluto.

Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido⁹

43. Os mundos progredem fisicamente pela elaboração da matéria e, moralmente, pela depuração dos Espíritos que os habitam. Neles, a felicidade está na razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não é suficiente, visto que, com apenas a inteligência, poderiam fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação, que deve fazê-lo subir na hierarquia, mutações se operam em sua população encarnada e desencarnada; é, então, que as grandes emigrações e imigrações têm lugar (n^{os} 34 e 35). Aqueles que, apesar de sua inteligência e seu saber, perseveraram no mal, em sua revolta contra Deus e Suas leis seriam, de agora em diante, um entrave ao progresso moral ulterior, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a feli-

⁽⁹⁾ Quando, na *Revista Espírita*, de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a *interpretação da doutrina dos Anjos Decaídos*, apresentamos essa teoria somente como uma hipótese, tendo apenas a autoridade de uma opinião pessoal controversa, visto que, então, faltavam-nos elementos mais completos para uma afirmação absoluta. Demo-la a título de ensaio, visando a provocar o seu exame, bem determinado a abandoná-la ou modificá-la, se fosse possível. Hoje, essa teoria sofreu a prova do controle universal; não somente foi acolhida pela grande maioria dos espíritas como a mais racional e a mais conforme com a soberana justiça de Deus, mas foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre esse assunto. O mesmo ocorreu no que concerne à origem da raça adâmica.

cidade dos bons; é por isso que eles são excluídos e mandados para mundos menos avançados. Lá eles aplicarão a inteligência e a intuição de seus conhecimentos adquiridos, ao progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão, em uma série de existências penosas e por um duro trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Que serão entre esses povos, novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos ali em expiação? A Terra *da qual foram expulsos* não é para eles um *paraíso perdido*? Não era, para eles, um *lugar de delícias*, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados durante milhares de séculos, até o dia em que terão merecido sua libertação? A vaga lembrança intuitiva que dela conservam é para eles como uma miragem longínqua, que lhes faz recordar o que *perderam por culpa própria*.

44. Mas, ao mesmo tempo que os maus partem do orbe que habitavam, são substituídos por Espíritos melhores, vindos seja da erraticidade do mesmo local, seja de um mundo menos avançado que mereceram deixar, e para os quais sua nova morada é uma recompensa. A população espiritual sendo, assim, renovada e purgada de seus maus elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

Essas mutações são, às vezes, parciais, quer dizer, limitadas a um povo, a uma etnia; outras vezes, elas são gerais, quando o período de renovação chegou para o globo.

45. A raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que dela fazem parte foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância e para os quais aqueles tiveram por missão fazer progredir, ao lhes trazerem as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é, com efeito, o papel que essa raça executa até nossos dias? Sua superioridade intelectual prova que o orbe de onde eles saíram era mais adiantado que a Terra, mas esse mundo deveria entrar em uma nova fase de progresso e esses Espíritos, visto sua obstinação, não tinham sabido se colocar à altura dele. Foram deslocados de lá, pois teriam sido um entrave à marcha providencial

das coisas. É por isso que eles foram excluídos, enquanto que outros mereceram substituí-los.

Ao relegar essa raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão em lhe dizer: “Tirarás teu alimento com o suor de teu rosto”. Em Sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um *Salvador*, quer dizer, Aquele que a esclareceria sobre o rumo a seguir para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e chegar à felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Ele o enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei do Amor e da Caridade, desconhecida deles, e que deveria ser a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer avançar a Humanidade em um determinado sentido, que os Espíritos superiores, embora sem terem as qualidades do Cristo, se encarnam de tempos em tempos na Terra, para cumprir nela missões especiais que resultam, ao mesmo tempo, na melhora pessoal deles, se as executarem segundo os desígnios do Criador.

46. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria sem sentido, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada no momento do nascimento de seu corpo e que ela não faça mais que aparecer na Terra e dela desaparecer. Não haveria nenhuma relação entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo nem entre as que vieram depois. Elas seriam todas estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador feita por Deus não poderia se aplicar aos descendentes de Adão, se suas almas não tivessem sido ainda criadas. Para que a missão do Cristo pudesse se ligar às palavras de Deus, seria necessário que elas pudessem se aplicar às mesmas almas. Se elas forem novas, não poderiam ser maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas o pai carnal e não o espiritual. De outro modo, Deus teria *criado* almas maculadas por uma falta que não poderia recair sobre elas, visto que não existiam. A doutrina vulgar do pecado original implica, pois, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão e, por consequência, a reencarnação.

Suponhamos que todas essas almas fizessem parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que elas estavam

maculadas dos vícios que as tinham excluído de um mundo melhor, e teremos a única interpretação racional do pecado original, próprio de cada indivíduo e não o resultado da responsabilidade da falta de outro, que ele jamais conhecera. Digamos que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra, na via corporal, para progredirem e se depurarem; que o Cristo veio esclarecer *essas mesmas almas* não somente acerca de suas vidas passadas, mas também de suas vidas ulteriores, e somente então poderemos dar à Sua missão uma finalidade real e séria, aceitável pela razão.

47. Um exemplo familiar, categórico por sua analogia, fará compreender ainda melhor os princípios que acabam de ser expostos:

No dia 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* ancora na Nova Caledônia, trazendo uma companhia disciplinar composta de 291 homens. O comandante da colônia dirige-lhes, à sua chegada, a ordem do dia assim concebida:

“Pondo os pés nesta terra longínqua, já compreendestes o papel que vos está reservado.

“A exemplo de nossos bravos soldados da marinha, que servem sob vossos olhos, vós nos ajudareis a levar com brilho, no meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, o facho da civilização. Não é esta uma bela e nobre missão, eu vos pergunto? Todos a cumprirão dignamente.

“Escutai a voz e os conselhos de vossos chefes. Estou à frente deles; que minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, suboficiais e cabos é uma segura garantia de todos os esforços que serão tentados para fazer de vós excelentes soldados, digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados *se assim o desejardes*.

“Vossa disciplina é severa; ela assim deve ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, sabeí-o bem; como também, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação ...”.

Eis, portanto, homens expulsos, por sua má conduta, de um país civilizado e enviados, como punição, a um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? “Afrontastes as leis de vosso país, fostes causa de perturbação

e de escândalo e fostes expulsos. Enviaram-vos para aqui, mas podeis resgatar o vosso passado. É possível pelo trabalho, criar para vós uma posição honrada e tornar-vos honestos cidadãos. Tendes aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização a essas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa e nós saberemos distinguir aqueles que se conduzirem bem. Vossa sorte está entre vossas mãos. Podereis melhorá-la se o desejardes, visto que tendes vosso livre-arbítrio”.

Para esses homens relegados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não será o paraíso perdido pela sua falta e pela sua rebelião contra a lei? Nessa terra longínqua, não seriam eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é a que Deus fez ouvir aos Espíritos exilados na Terra: “Vós desobedeceste às minhas leis e é por isso que vos expulsei do mundo onde podíeis viver felizes e em paz. Aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, por vossa boa conduta, merecer vosso perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, quer dizer, o céu?”

48. À primeira vista, a ideia de queda parece estar em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retrogradar, mas é preciso considerar que não se trata de um retorno ao estado primitivo. O Espírito, embora esteja em uma posição inferior, não perde nada do que adquiriu. Seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio em que se encontre colocado. Está na posição do homem do mundo, condenado à prisão por seus malefícios; certamente, ele está degradado, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido nem mais ignorante.

49. Acreditar-se-á, agora, que esses homens mandados para Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar de um só golpe seus erros passados? Seria necessário não conhecer a Humanidade para assim supor. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados na terra de exílio, não se despojaram instantaneamente de seu orgulho e de seus maus instintos. Por muito tempo ainda, eles conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento. Ora, não é isso o pecado original?

CAPÍTULO XII

GÊNESE MOSAICA

– Os seis dias – O paraíso perdido

Os seis dias

Capítulo primeiro – **1.** No começo Deus criou o Céu e a Terra. – **2.** A Terra era sem forma e vazia; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. – **3.** Ora, Deus disse: “Que a luz seja feita e a luz se fez. – **4.** Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. – **5.** Deu à luz o nome de dia; e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus também disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que ele separe as águas das águas. – **7.** E Deus fez o firmamento; e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. – **8.** E Deus deu ao firmamento o nome de céu; e da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Deus disse ainda: Que as águas que estão sob o céu se juntem em um só lugar, e que o elemento árido apareça. E assim se fez. – **10.** Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou *mar* a todas as águas reunidas. E viu que isso era bom. – **11.** Deus disse ainda: Que a terra produza erva verde que traga consigo o grão, e árvores frutíferas que deem fruto cada um segundo sua espécie, e encerrem suas sementes nelas mesmas para se reproduzirem sobre a terra. E assim se fez. – **12.** A terra produziu, portanto, erva verde que trazia consigo o grão segundo a sua espécie, e árvores frutíferas que encerravam suas

sementes nelas mesmas, cada uma segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom. – **13.** E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que haja corpos luminosos no firmamento do céu, a fim de separarem o dia da noite; e que sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. – **15.** Que eles brilhem no firmamento do céu, e que clareiem a Terra. E assim se fez. – **16.** Deus fez, então, dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia e outro menor para presidir à noite; fez também as estrelas. – **17.** E os colocou no firmamento do céu para luzir sobre a Terra. – **18.** Para presidir ao dia e à noite, e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. – **19.** E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a Terra e sob o firmamento do céu. – **21.** Deus criou, então, os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada um segundo a sua espécie, e criou também todos os pássaros segundo a sua espécie. E viu que isso era bom. – **22.** E Ele os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. – **23.** E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus disse também: Que a Terra produza animais vivos, cada um segundo a sua espécie, os animais domésticos, os répteis e os animais selvagens da Terra segundo as suas diferentes espécies. E assim se fez. – **25.** Deus fez, portanto, os animais selvagens da Terra segundo as suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Disse em seguida: Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança, e que ele mande sobre os peixes do mar, as aves do céu, as bestas, a toda a Terra e a todos os répteis que se movem na Terra. – **27.** Deus criou, então, o Homem à Sua imagem e o criou à imagem de Deus, e o criou macho e fêmea. – **28.** Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e a submetei, e dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na Terra – **29.** Deus disse ainda: Eu vos dei todas as ervas que trazem consigo seu grão sobre a terra e todas as árvores que encerram nelas

mesmas sua semente, cada uma segundo a sua espécie, a fim de que vos sirvam de alimento. – **30.** E a todos os animais da Terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na terra, e que é vivo e animado, a fim de que tenham do que se alimentar. E assim fez. – **31.** Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. – **32.** E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

Capítulo segundo – **1.** O Céu e a Terra foram, portanto, assim terminados com todos os seus ornamentos – **2.** Deus terminou no sétimo dia toda a obra que tinha feito, e repousou no sétimo dia, após ter terminado todas as Suas obras. – **3.** Abençoou o sétimo dia, e o santificou; porque havia cessado, nesse dia, de produzir todas as obras que havia criado. – **4.** Tal é a origem do Céu e da Terra, e é assim que eles foram criados no dia em que o Senhor fez, a um e a outro. – **5.** E que ele criou todas as plantas dos campos antes que elas tivessem saído da terra, e todas as ervas das planícies antes que elas tivessem germinado. Porque o Senhor Deus não tinha ainda feito chover sobre a Terra, e não havia o Homem para trabalhá-la; – **6.** Mas se elevava da Terra uma fonte que lhe regava toda a superfície.

7. O Senhor Deus formou, pois, o Homem do limo da terra e insuflou sobre seu rosto um sopro de vida; e o Homem tornou-se vivo e animado.

2. Depois das explanações contidas nos capítulos precedentes, sobre a origem e a constituição do Universo, segundo os dados fornecidos pela Ciência para a parte material, e segundo o Espiritismo, para a parte espiritual, será útil fazer um paralelo com o texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares serão suficientes para fazer compreender as partes que têm necessidade de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos há, certamente, uma concordância notável entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica, mas seria um erro acreditar que bastaria substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados, para encontrar uma analogia

completa. Seria um engano não menor acreditar que, salvo o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência seguem uma à outra passo a passo, e são apenas a paráfrase uma da outra.

4. Observemos de início, tal como já foi dito (capítulo VII, nº 14), que o número de seis períodos geológicos é arbitrário, visto que conta mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número marca somente as grandes fases gerais. Foi adotado, no princípio, apenas para encaixar, o mais possível, no texto bíblico, em uma época, pouco distante, aliás, em que se acreditava que a Ciência devia ser controlada pela Bíblia. É por isso que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, visando fazerem-se mais facilmente aceitos, esforçaram-se em se porem de acordo com o texto sagrado. Quando a Ciência apoiou-se no método experimental, ela se sentiu mais forte e se emancipou. Hoje, é a Bíblia que é controlada pela Ciência.

Por outro lado, a Geologia, tomando como seu ponto de partida apenas a formação dos terrenos graníticos, não compreende, no número de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Ela não se ocupa tampouco do Sol, da Lua e das estrelas nem do conjunto do Universo, que pertencem à Astronomia. Portanto, para colocar tudo na Gênese, convém ajuntar um primeiro período que abranja essa ordem de fenômenos e que poderia se chamar *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro que não mudou consideravelmente o estado climático do globo nem marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, porque, com raras exceções, as mesmas espécies eram encontradas antes e depois do dilúvio. Pode-se, portanto, abstrair-se dele sem se afastar da verdade.

5. O quadro comparativo a seguir, no qual estão resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite abranger o conjunto e julgar as relações e as diferenças que existem entre eles e a Gênese bíblica:

6. Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde, de maneira rigorosa,

Gênese

Primeiro dia – O Céu e a Terra. – A Luz.

Segundo dia – Separação das águas que estão sob o firmamento das que estão embaixo.

Terceiro dia – As águas que estão sob o firmamento se juntam; o elemento árido aparece – A Terra e os mares. – As plantas.

Ciência

I. PERÍODO ASTRONÔMICO

Aglomeração da matéria cósmica universal num ponto do espaço, em uma nebulosa que, pela condensação da matéria em diversos pontos, deu origem às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra – Atmosfera imensa carregada de toda a água em estado de vapor, e de todas as matérias volatilizáveis.

II. PERÍODO PRIMÁRIO

Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. – Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. – Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. – Ausência de toda vida orgânica.

III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO

As águas cobrem toda a superfície do globo. – Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. – Calor úmido. – O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. – Primeiros seres orgânicos de constituição a mais rudimentar. – Líquens, musgos, fetos, líquens, plantas herbáceas. – Vegetação colossal. – Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. – Depósitos hulhíferos.

Quarto dia – O Sol, a Lua e as estrelas.

IV. PERÍODO SECUNDÁRIO.

Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos abrasadora; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. – Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. – Peixes; cetáceos; animais de conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.

Quinto dia – Os peixes e os pássaros.

V. PERÍODO TERCIÁRIO.

Grandes soerguimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. – Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. – Animais terrestres gigantescos. Vegetação e animais atuais. – Pássaros.

Dilúvio universal.

Sexto dia – Os animais terrestres. – O Homem.

VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO.

Terrenos de aluvião. – Vegetais e animais atuais. – O Homem.

como muitos acreditam, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos que é, com poucas diferenças, a mesma, e na aparição do Homem por último. Ora, isso é um fato importante.

Há igualmente coincidência, não com a ordem numérica dos períodos, mas com o fato, na passagem em que é dito que, no terceiro dia, “as águas que estão sob o céu se ajuntaram em um só lugar, e o elemento árido apareceu”. É a expressão do que aconteceu no período

terciário, quando os soerguimentos da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e fizeram recuar as águas que formaram os mares. É somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. Quando Moisés diz que a Criação foi feita em seis dias, queria dizer dias de vinte e quatro horas, ou teria compreendido essa palavra no sentido de período, duração? A primeira hipótese é a mais provável, se nos reportarmos ao próprio texto; em primeiro lugar, porque tal é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por *dia*; depois, a especificação da tarde e da manhã, que limitam cada um desses seis dias, dá toda base para supor que ele quis dizer de dias comuns. Não se pode mesmo ter-se qualquer dúvida a esse respeito, quando ele diz, no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia”. Isso não pode, evidentemente, se aplicar senão ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. O sentido é ainda mais preciso quando ele diz, no versículo 17, ao falar do Sol, da Lua e das estrelas: “Ele os colocou no firmamento do céu para luzir sobre a Terra; para presidir ao dia e à noite, e para separar a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

Além disso, tudo na Criação era miraculoso e, desde que se entra na via dos milagres, pode-se perfeitamente acreditar que a Terra foi feita em seis dias de vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Essa crença tem sido partilhada por todos os povos civilizados, até o momento em que a Geologia chegou, com provas à mão, para demonstrar a sua impossibilidade.

8. Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é a criação do Sol após a luz. Procura-se explicar, após os dados fornecidos pela Geologia, dizendo que nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre, estando carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol, o qual, em decorrência disso, não existia para a Terra. Essa razão seria talvez admissível se, nessa época, houvesse habitantes para julgar da presença ou da ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, não havia ainda senão plantas, as quais, todavia, não teriam podido crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Há, portanto, evidentemente, um anacronismo na ordem que Moisés estabelece para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou ao dizer que a luz havia precedido o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto; dito de outro modo, do fluido que em dadas circunstâncias adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, deveria necessariamente preceder o Sol, que é apenas um efeito. O Sol é *causa* para a luz que irradia, mas é o *efeito* em relação à que recebeu.

Em um quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido em um ponto. A vela é a causa da luz difundida no quarto; mas, se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa, que se teve por longo tempo, de que o Universo todo tinha começado com a Terra, e, daí, não se compreendia que o Sol pudesse ter sido criado depois da luz. Sabe-se agora que antes de nosso Sol e de nossa Terra, milhões de sóis e de terras existiram, e que gozavam, conseqüentemente, da luz. A asserção de Moisés é, portanto, perfeitamente exata em princípio. Ela é falsa no fazer acreditar que a Terra foi criada antes do Sol. A Terra, estando sujeita ao Sol em seu movimento de translação, deve ter sido formada após ele: é o que Moisés não poderia saber, visto que ignorava a lei de gravitação.

O mesmo pensamento se encontra na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuzd, contando a origem do mundo, disse: “Eu criei a luz que vai iluminar o Sol, a Lua e as estrelas” (*Dicionário de Mitologia Universal*). A forma é, certamente, aqui mais clara e mais científica que em Moisés, e não tem necessidade de comentário.

9. Moisés compartilhava, evidentemente, das crenças mais primitivas sobre a cosmogonia. Como os homens de seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Esse pensamento está expresso sem alegoria nem ambiguidade nesta passagem (versículo 6 e seguintes: “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que ele separe as águas das águas. Deus

fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento daquelas que estavam acima do firmamento”. (Ver capítulo V, “Sistemas do mundo, antigos e modernos”, números 3, 4 e 5)

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; também Moisés não fala da criação das águas, que parecem já existir. “As trevas cobriam o abismo”, quer dizer, as profundezas do espaço que a imaginação representava vagamente ocupado pelas águas, e nas trevas, antes da criação da luz. Eis por que Moisés disse: “O Espírito de Deus era levado (ou planava) sobre as águas”. A Terra, sendo supostamente formada no meio das águas, seria preciso isolá-la; supôs-se, pois, que Deus tenha feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas do alto daquelas que estavam sobre a Terra.

Para compreender certas partes da Gênese, é preciso, necessariamente, colocar-se no ponto de vista das ideias cosmogônicas do tempo do qual ela é o reflexo.

10. Depois dos progressos da Física e da Astronomia, uma tal doutrina não é sustentável¹. No entanto, Moisés empresta essas palavras ao próprio Deus. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, de duas coisas, uma: ou Deus se enganou na narrativa que fez de Sua obra ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira suposição não sendo admissível, é necessário concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias. (Ver capítulo I, nº 3)

11. Moisés está mais conforme com a verdade, quando diz que Deus formou o Homem com o limo da Terra². A Ciência mostra-nos, com efeito (capítulo X), que o *corpo* do Homem é composto de elementos tirados da matéria inorgânica, dito de outra forma, do limo da Terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, pueril na aparência, se a tomarmos ao pé da letra, mas profunda no sentido.

⁽¹⁾ Por mais grosseiro que seja o erro de tal crença, com ela se embalam, ainda em nossos dias, as crianças, como uma verdade sagrada. É apenas tremendo que os professores ousam aventurar-se a uma tímida interpretação. Como querer que isso, mais tarde, não faça incrédulos?

⁽²⁾ A palavra hebraica *Haadam*, homem, da qual se fez Adão, e a palavra *Haadama*, terra, têm a mesma raiz.

Ela tem por finalidade mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, igual a ele, por consequência, diante de Deus, e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada como pária. Saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se ela fosse formada separadamente do mesmo limo. Significa dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, a quem ele deve amar como uma parte de si mesmo.

12. Para os espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abarcarem o conjunto e de conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea tinha qualquer coisa de fantástica que aguçava a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, unicamente por um ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. Que pintura, de fato, mais sublime e mais poética desse poder que estas palavras: “Deus disse: Que se faça a luz e a luz foi feita!”. Deus, criando o Universo pelo cumprimento lento e gradual das leis da Natureza, lhes teria parecido menos grande e menos poderoso. Era-lhes necessário algo de maravilhoso, que saísse das vias comuns; de outro modo, teriam dito que Deus não era mais hábil que os homens. Uma teoria científica e racional da Criação os teria deixado frios e indiferentes.

Não rejeitemos, portanto, a Gênese bíblica; ao contrário, estudemo-la como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica em alegorias, das quais é necessário procurar o sentido oculto; que é necessário comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da Ciência. Tudo fazendo para ressaltar as belezas poéticas e as instruções veladas sob a forma figurada, é preciso demonstrar firmemente seus erros, no interesse mesmo da religião. Respeitar-se-á melhor esta quando seus erros não forem impostos à fé como verdades, e Deus aparecerá então maior e mais poderoso quando Seu nome não for misturado a fatos controversos.

O paraíso perdido³

13. *Capítulo II – 8. Ora, o Senhor Deus plantara desde o começo um jardim de delícias, no qual pôs o homem que formara. – 9. O Senhor Deus*

também produzira da terra toda espécie de árvores belas à vista e cujos frutos eram agradáveis ao gosto, e a árvore da vida no meio do paraíso⁴, com a árvore da ciência do bem e do mal. Ele fez sair, Jeová Eloim, da terra (“min haadama”) (toda árvore bela para se ver e boa para se comer, e a árvore da vida (“vehetz hachayim”) no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.

15. *O Senhor tomou, pois, o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. – 16.* *Deu-lhe também esta ordem e lhe disse: Come de todas as árvores do paraíso. Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (“hal haadam”) dizendo: De toda árvore do jardim (hagan) tu podes comer. – 17.* *Mas não comas o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no mesmo tempo em que o comeres, morrerás muito certamente. E da árvore da ciência do bem e do mal (“oumehetz hadaat tob vara”) tu não comerás, porque no dia em que dela comeres, morrerás.*

14. *Capítulo III – 1.* *Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus formara na Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus vos ordenou que não comêsseis o fruto de todas as árvores do paraíso? E a serpente (“nâhâsch”) era mais astuta que todos os animais terrestres que Jeová Eloim fizera. Ela disse à mulher “el haïschâ”: Eloim terá dito: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? – 2.* *A mulher lhe respondeu: Nós comemos os frutos de todas as árvores que estão no paraíso. Ela disse, a mulher, à serpente, do fruto “miperi” das árvores do jardim podemos comer. – 3.* *Mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não o comêssemos e nele não tocássemos, receoso de que não corrêssemos perigo de morrer. – 4.* *A serpente replicou à mulher: Certamente não morrereis; – 5.* *Mas é que Deus sabe que assim que houverdes comido desse fruto, vossos olhos serão abertos e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.*

6. *A mulher considerou, então, que o fruto dessa árvore era bom para comer, que era belo e agradável à vista. E tomando-o, ela o comeu, e o deu a*

⁽³⁾ **Nota:** Após alguns versículos, colocou-se a tradução literal do texto hebreu, que toma mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico torna-se mais claro.

⁽⁴⁾ Paraíso, do latim *Paradisus*, do grego *Paradeisos*, jardim, pomar, lugar plantado de árvores. A palavra hebraica empregada na Gênese é *hagan*, que tem o mesmo significado.

seu marido que o comeu também. Ela viu, a mulher, que era boa a árvore para alimento, e que era desejável a árvore para compreender (“leaskil”), e ela tomou de seu fruto etc.

8. *E como eles ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no paraíso à tarde, quando sopra um vento suave, eles se esconderam no meio das árvores do paraíso, para se ocultarem diante de Sua face.*

9. *Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? – 10.* *Adão lhe respondeu: Ouvi a vossa voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, por isso me ocultei. – 11.* *O Senhor lhe replicou: E como soubeste que estavas nu, a menos que tivesses comido o fruto da árvore da qual eu te proibi de comer? – 12.* *Adão lhe respondeu: A mulher que vós me destes por companhia me apresentou o fruto dessa árvore e eu o comi. – 13.* *O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.*

14. *Então o Senhor Deus disse à serpente: Por teres feito isso, serás maldita entre todos os animais e todas as bestas da Terra; caminharás sobre o ventre e comerás a terra todos os dias de tua vida. – 15.* *Porei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e tu tentarás morder-lhe o calcanhar.*

16. *Deus disse também à mulher: Eu te afligirei com vários males durante tua gravidez; gerarás na dor; estarás sob o jugo de teu marido e ele te dominará.*

17. *Disse em seguida a Adão: Por teres escutado a voz de tua mulher e teres comido do fruto da árvore que eu te proibira de comer, a Terra te será maldita por causa do que fizeste, e tirarás o teu alimento durante toda a tua vida com muito trabalho. – 18.* *Ela te produzirá espinhos e sarças e tu te alimentarás da erva da terra. – 19.* *E comerás teu pão com o suor de teu rosto, até que retournes à terra de onde foste tirado, porque tu és pó e ao pó retornarás.*

20. *E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.*

21. *O Senhor Deus fez também para Adão e sua mulher roupas de peles com as quais os cobriu. – 22.* *E Ele disse: Eis que Adão se tornou como um de nós, sabendo o bem e o mal. Impeçamos, portanto, agora, que ele ponha sua mão na árvore da vida, tome também de seu fruto e que, ao comer*

desse fruto, viva eternamente. Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida (“veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim”); comerá dela e viverá eternamente.

23. *O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele fora tirado. – 24.* *E, tendo-o expulsado, colocou querubins⁵ diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.*

15. Sob uma imagem pueril e, às vezes ridícula, se nos detivermos na forma, a alegoria oculta, muitas vezes, as maiores verdades. Há fábula mais absurda, à primeira vista, que a de Saturno, um deus que devorava pedras que ele tomava por seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, quão profundamente filosófica e verdadeira essa figura, se procurarmos seu sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; todas as coisas sendo obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno devorando as pedras é o emblema da destruição, pelo tempo, dos corpos os mais duros que são seus filhos, visto que eles se formaram com o tempo. E quem escapa a essa destruição, segundo essa mesma alegoria? Júpiter, o emblema da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. Essa imagem é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, diz-se de uma coisa deteriorada, que ela foi devorada, roída, devastada pelo tempo.

Toda a mitologia pagã é, na realidade, apenas um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da Humanidade. Para os que nela procuram o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, tal como ocorre nas fábulas modernas. O absurdo está em tomar a forma pelo fundo.

16. O mesmo se dá com a Gênese, na qual é preciso ver as grandes verdades morais sob figuras materiais que, tomadas ao pé da letra,

⁽⁵⁾ Do hebreu *cherub*, *keroub*, boi, *charab*, lavar: anjos do segundo coro da primeira hierarquia os quais eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

seriam tão absurdas, como em nossas fábulas, se tomássemos literalmente as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da Humanidade. Sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais, aos quais não sabe resistir⁶.

A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da Ciência é a da consciência que o homem adquire do bem e do mal, pelo desenvolvimento de sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre os dois; marca o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada somente pelos instintos, toma posse de sua liberdade e incorre na responsabilidade de seus atos.

O fruto da árvore é o emblema do objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; resume sob uma mesma figura os motivos de arrastamento ao mal; comer o fruto é sucumbir à tentação. Ele cresce no meio do jardim das delícias para mostrar que a sedução está no seio dos prazeres, e lembrar que se o homem dá preponderância aos prazeres materiais, ele se prenderá à Terra e se afasta de seu destino espiritual⁷.

A morte de que Adão foi ameaçado, se infringisse a proibição que lhe foi feita, é uma advertência das consequências inevitáveis, físicas e morais, que decorrem da violação das Leis Divinas que Deus gravou em sua consciência. É bem evidente que não se trata aqui da morte corporal, pois que, depois de sua falta, Adão viveu ainda por muito tempo, mas, sim, da morte espiritual, ou dito de outro modo, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda cuja expulsão do jardim das delícias é a imagem.

⁽⁶⁾ **Nota:** Está bem reconhecido hoje que a palavra hebraica *haadam* não é um nome próprio, mas que significa o *homem em geral, a Humanidade*, o que destrói toda a estrutura erguida sobre a personalidade de Adão.

⁽⁷⁾ Em nenhum texto, o fruto é indicado por *maçã*. Essa palavra se encontra apenas nas versões infantis. A palavra do texto hebreu é *peri* que tem as mesmas acepções que em francês, sem especificação de espécie e pode ser tomada em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Entre os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem várias acepções, cada um a entende como quer, desde que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum* que se diz da maçã e de toda espécie de frutos. É derivado do grego *mélon*, particípio do verbo *mélo*, interessar, tomar cuidado, atrair.

17. A serpente está longe de passar, hoje, como tipo de astúcia. Está, pois, aqui, em relação à sua forma mais que a seu caráter; uma alusão à perfídia dos maus conselhos que deslizam como a serpente e dos quais, por essa razão, muitas vezes não se desconfia. Além disso, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, isso poderia dizer que antes possuía pernas e, então, não se trataria de uma serpente. Por que, portanto, impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, alegorias tão evidentes se, falseando seu julgamento, faz com que mais tarde, considerem a Bíblia como formada de fábulas absurdas?

É necessário destacar, por outro lado, que a palavra hebraica *nâhâsch*, traduzida pela palavra *serpente*, vem da raiz *nâhâsch* que significa: *fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas* e pode significar: *encantador, adivinho*. Encontra-se, com essa acepção, em Gênesis, XLIV:5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de viagem de Benjamim: “A taça que roubaste é aquela em que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar (*nâhâsch*)⁸. – Ignorais que não há ninguém que me iguale na ciência de adivinhar (*nâhâsch*)?” – No livro dos Números, XXIII:23: “Não há encantamentos (*nâhâsch*) contra Jacó, nem adivinhos em Israel”. Por conseguinte, a palavra *nâhâsch* tomou também a significação de *serpente*, réptil que os feiticeiros pretendiam encantar, ou do qual se serviam em seus encantamentos.

É apenas na versão dos *Setenta* – que, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em várias passagens – escrita em grego no segundo século antes da era cristã, que a palavra *nâhâsch* foi traduzida por *serpente*. As inexatidões dessa versão devem-se, sem dúvida, às modificações que a língua hebraica sofreu no intervalo transcorrido, pois o hebraico do tempo de Moisés era, então, uma língua morta que diferia do hebraico comum, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário distinguem do grego e do árabe modernos⁹.

É, portanto, possível que Moisés tenha entendido, por sedutor de

⁽⁸⁾ **Nota:** Isso levaria a pensar que a mediunidade pelo *copo de água* era conhecida dos egípcios? (*Revista Espírita*, de junho de 1868, página 161)

mulher, o desejo indiscreto de conhecer as coisas ocultas suscitado pelo espírito de adivinhação, o que está de acordo com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*, adivinhar. E, por outro lado, com essas palavras: “Deus sabe que tão logo comerdes desse fruto, vossos olhos serão abertos e vós sereis como *deuses*. – Ela viu, a mulher, que era cobiçável a árvore para *compreender* (léaskil) e tomou de seu fruto”. Não se deve esquecer que Moisés queria proibir, aos hebreus, a arte da adivinhação, usada entre os egípcios, assim como o prova sua proibição de interrogar os mortos e o Espírito de Piton. (Ver *O Céu e o Inferno*, capítulo XII)

18. A passagem na qual se diz que: “O Senhor passeava pelo paraíso, à tarde, quando sopra um vento brando”, é uma imagem ingênua e pueril, que a crítica não deixou de salientar, mas ela não tem nada que deva surpreender, se nos reportarmos à ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam da Divindade. Para essas inteligências rudes, incapazes de conceber abstrações, Deus deveria revestir uma forma concreta e eles relacionavam tudo à Humanidade como ao único ponto conhecido. Moisés lhes falava como a crianças, por imagens sensíveis. No caso de que se trata, era a força soberana personificada, como os pagãos personificavam, sob figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as ideias abstratas. Mais tarde, os homens despojaram a ideia da forma, tal como a criança, tornada adulto, procura o sentido moral nos contos que a embalsamaram. É preciso, portanto, considerar essa passagem como uma alegoria da Divindade vigiando, ela mesma, os objetos de Sua criação. O grande rabino Wogue traduziu-o assim: “Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim do lado de onde vem o dia”.

19. Se a falta cometida por Adão foi, literalmente, ter comido um fruto, ela não poderia, incontestavelmente, por sua natureza quase infantil, justificar o rigor do castigo que lhe foi aplicado. Não se poderia, tampouco, racionalmente, admitir que esse seja o fato que se supõe geralmente; a menos que Deus, considerando tal fato como um crime irremissível, houvesse condenado Sua própria obra, pois havia criado o Homem para a propagação. Se Adão houvesse entendido nesse sentido

⁽⁹⁾ **Nota:** A palavra *nâhâsch* existia na língua egípcia, com a significação de *negro*, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. É, talvez, também por isso que as esfinges, de origem assíria, eram representadas com uma figura de negro.

a proibição de tocar no fruto da árvore e com ela ficasse escrupulosamente conformado, onde estaria a Humanidade e que teria sido dos desígnios do Criador?

Deus não criou Adão e Eva para ficarem sozinhos na Terra; e a prova está nas palavras que lhes dirigiu logo após os ter criado, no paraíso terrestre:

“Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, *enchei a Terra e dominai-a*” (Gênesis, I:28). Ora, sendo a multiplicação do Homem uma lei desde o paraíso terrestre, sua expulsão não pode ter por causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição é o sentimento de vergonha de que Adão e Eva se sentiram tomados diante de Deus, e que os levou a se esconderem. Mas essa mesma vergonha é uma figura de comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado prova na presença daquele a quem ofendeu.

20. Qual é, portanto, em definitivo, essa falta tão grande que pôde atingir com a desaprovação perpétua todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo pôde defini-la com lógica, porque todos, não saindo da letra, giraram em um círculo vicioso.

Hoje, sabemos que essa falta não foi um ato isolado, pessoal, de um indivíduo, mas que ela compreende, sob um fato alegórico único, o conjunto das prevaricações que pode tornar culpada a Humanidade ainda imperfeita, da Terra, e que se resumem nestas palavras: *infração da lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro Homem, o qual simboliza a Humanidade, é o símbolo, ela mesma, de um ato de desobediência.

21. Ao dizer a Adão que ele tirará seu alimento da terra, com o suor do rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho, mas por que faz do trabalho uma punição? O que seria da inteligência do Homem se não a desenvolvesse pelo trabalho? O que seria da terra, se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do Homem?

Está dito (Gênesis, II:5 e 7): “O Senhor Deus não tinha ainda feito chover sobre a Terra, e não havia ainda o homem para trabalhá-la. O

Senhor formou, portanto, o homem do limo da terra”. Tais palavras aproximadas a estas: *Enchei a Terra*, provam que o Homem era, desde sua origem, destinado a *ocupar toda a Terra e a cultivá-la*; e, por outro lado, que o paraíso não era um lugar circunscrito a um canto do globo. Se a cultura da Terra devia ser uma consequência da falta de Adão, daí resultaria que, se ele não tivesse pecado, a Terra ficaria inculta e que os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que diz Ele à mulher que, em virtude de ter cometido a falta, daria à luz com dor? Como a dor do parto pode ser um castigo, pois que é uma consequência do organismo, e que está fisiologicamente provado que é necessária? Como algo segundo as leis da Natureza pode ser uma punição? É o que os teólogos não explicaram ainda, e o que eles não poderão fazê-lo enquanto não saírem do ponto de vista em que se colocaram. E, no entanto, essas palavras, que parecem tão contraditórias, podem ser justificadas.

22. Observemos inicialmente que, se no momento da criação de Adão e de Eva, suas almas tivessem sido tiradas do nada, como se ensina, deviam ser noviços em todas as coisas. Eles não deviam saber o que é morrer. Visto que estavam *sós* na Terra enquanto viveram no paraíso terrestre, eles não teriam visto ninguém morrer. Como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva poderia compreender que dar à luz com dor seria uma punição, pois, acabando de nascer para a vida, jamais tivera filhos, e era a única mulher no mundo?

As palavras de Deus não deveriam, portanto, ter para Adão e Eva nenhum sentido. Apenas tirados do nada, eles não deviam saber nem por que nem como dele tinham saído. Eles não podiam compreender nem o Criador nem a finalidade da proibição que lhes fazia. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como as crianças que agem sem discernimento, o que torna mais incompreensível ainda a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a Humanidade inteira.

23. O que é um impasse para a Teologia, o Espiritismo explica-o sem dificuldade, e de maneira racional, pela anterioridade da alma e a

pluralidade de existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do Homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva tenham já vivido, tudo se encontra justificado: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em estado de compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriormente realizadas. Admitamos, outrossim, que eles tenham habitado em um mundo mais avançado e menos material que o nosso, onde o trabalho do Espírito supria o do corpo; que por sua rebelião à lei de Deus, figurada pela desobediência, eles foram excluídos e exilados como punição para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, está sujeito a uma atividade corporal; Deus teria razão em lhes dizer: No mundo em que ides viver de hoje em diante *“cultivareis a terra e dela tirareis vosso alimento com o suor de vosso rosto”*; e à mulher: *“Darás à luz com dor”*, porque tal é a condição desse mundo. (capítulo XI, nº 31 e subsequentes).

O paraíso terrestre, do qual inutilmente se procuraram os traços na Terra, era, portanto, a figura do mundo feliz em que Adão vivia ou, antes, a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes deste mundo e a mudança de situação que se seguiu. O anjo armado de uma espada flamejante, que defende a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade em que estão os Espíritos dos orbes inferiores, de penetrar nos mundos superiores antes de terem merecido por sua depuração. (Ver a seguir o capítulo XIV, nº 8 e subsequentes.)

24. Caim (após a morte de Abel) respondeu ao Senhor: Minha iniquidade é muito grande para poder obter perdão. – Vós me expulsais hoje de cima da Terra, e eu me ocultarei de vossa face. Serei fugitivo e vagabundo pela Terra, até quando, então, encontre alguém que me mate. – O Senhor lhe respondeu: Não, isto não acontecerá; porque qualquer um que matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor colocou um sinal sobre Caim a fim de que os que o encontrassem não o matassem.

Caim, tendo se retirado da face do Senhor, foi vagabundear sobre a Terra e habitou a região oriental do Éden. – E tendo conhecido sua

mulher, ela concebeu e deu à luz Henoch. Ele construiu (“vaïchi bônê”, literalmente: ele estava construindo) uma cidade que chamou Henoch (Enoquia) do nome de seu filho. (Gênesis, IV:13 a 16)

25. Se nos prendermos à letra de Gênesis, eis a que consequências chegaremos: Adão e Eva estavam sozinhos no mundo após sua expulsão do paraíso terrestre; é somente depois que eles tiveram por filhos Caim e Abel. Ora, Caim, tendo matado seu irmão, retira-se para outra região, não viu novamente seu pai e sua mãe, que ficaram de novo sozinhos. Não é senão depois de muito tempo, na idade de 130 anos, que Adão teve um terceiro filho, chamado Seth. Após o nascimento de Seth, Adão viveu ainda, segundo a genealogia bíblica, 80 anos, e teve filhos e filhas.

Quando Caim veio se estabelecer ao oriente do Éden, havia, portanto, na Terra apenas três pessoas: seu pai, sua mãe e ele, *sozinho* de seu lado. No entanto, teve mulher e filho. Quem poderia ser essa mulher e onde poderia tê-la tomado? O texto hebreu diz: *Ele estava construindo uma cidade* e não *ele construiu*, o que indica uma ação presente e não ulterior; mas uma cidade supõe habitantes, visto que não é de presumir que Caim a fez para ele, sua mulher e seu filho, nem que ele pudesse construí-la sozinho.

É necessário, portanto, inferir dessa narrativa que a região era povoada. Ora, não poderia ser pelos descendentes de Adão, que então não eram outros além de Caim.

A presença de outros habitantes ressalta, igualmente, desta fala de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Por quem poderia temer ser morto, e para que o sinal que Deus colocou sobre ele para preservá-lo, se não iria encontrar ninguém? Se, portanto, houvesse na Terra outros homens além da família de Adão, é porque aí já estavam antes dele; de onde esta consequência, tirada do texto mesmo de Gênesis: “*Adão não é nem o primeiro nem o único pai do gênero humano*”. (capítulo XI, nº 34)¹⁰

26. Foram necessários os conhecimentos que o Espiritismo trouxe para lançar luz sobre as relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, sua criação no estado de simplicidade e de

ignorância, sua união com o corpo, sua marcha progressiva indefinida por meio das existências sucessivas, e pelos mundos que são, igualmente, degraus na via do aperfeiçoamento, sua libertação gradual da influência da matéria pelo uso de seu livre-arbítrio, a causa de suas tendências boas ou más e de suas aptidões, o fenômeno do nascimento e da morte, o estado do Espírito na erraticidade, enfim, o porvir que é o prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no Bem, para lançar luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o Homem sabe, de agora em diante, de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Ele sabe que seu futuro está em suas mãos, e que a duração de seu cativeiro aqui neste mundo depende dele. A Gênese, livre da alegoria estreita e mesquinha, aparece-lhe grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada sob esse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a vencerá.

⁽¹⁰⁾ **Nota:** Essa ideia não é nova. La Peyrère, sábio teólogo do século XVII, em seu livro *Pré-adamistas*, escrito em latim e publicado em 1655, tirou do próprio texto original da Bíblia, alterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra era povoada antes da vinda de Adão. Essa opinião é hoje a de vários eclesiásticos esclarecidos.

OS MILAGRES
SEGUNDO O
ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII

CARACTERES DOS MILAGRES

Os milagres no sentido teológico – O Espiritismo não faz milagres
– Deus faz milagres? – O sobrenatural e as religiões

Os milagres no sentido teológico

1. Em sua acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia definiu-a assim: *um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza*.

Em seu significado usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, sua significação primitiva. De geral que era, ela se restringe a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, pela qual Deus manifesta Seu poder. Tal é, com efeito, sua interpretação vulgar, que passou a ser seu sentido próprio, e é apenas por comparação e por metáfora, que é aplicado às circunstâncias comuns da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o de ser inexplicável, justamente por se realizar fora das leis naturais; e é tanto a essa ideia que se lhe liga, que se um fato miraculoso vem a encontrar sua explicação, diz-se que não é mais um milagre, por mais surpreendente que seja. Para a Igreja, o mérito dos milagres é, precisamente, sua

origem sobrenatural e a impossibilidade de explicá-los. Ela está tão bem fixada sobre este ponto, que toda assimilação dos milagres aos fenômenos da Natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé. Ela excomungou e até queimou muita gente por não terem querido acreditar em certos milagres.

Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado e excepcional. Do momento em que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que ele está submetido a uma lei e, desde então, que essa lei seja conhecida ou não, já não pode ser um milagre.

2. A Ciência faz milagres todos os dias, aos olhos dos ignorantes. Que um Homem realmente morto seja chamado à vida por uma intervenção divina, isso é um verdadeiro milagre, porque é um fato contrário às leis da Natureza. Mas se esse Homem tem apenas a aparência da morte, se ainda há nele um restante de *vitalidade latente*, e que a Ciência, ou uma ação magnética, consiga reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo ignorante, o fato passaria por miraculoso. Quando, no meio de certos camponeses, um físico lança um papagaio elétrico e faz cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu seria, certamente, visto como armado de um poder diabólico, mas Josué, detendo o movimento do Sol ou, antes, da Terra (em admitindo o fato), eis um verdadeiro milagre, pois que não existe nenhum magnetizador dotado de uma tão grande força para operar tal prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo, cuja causa era desconhecida, passava por sobrenatural. À medida que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se restringiu, mas, como não explorou todo o campo da Natureza, restava ainda uma parte bastante grande ao maravilhoso.

3. O maravilhoso, expulso do domínio da materialidade pela Ciência, restringiu-se ao domínio da Espiritualidade, que foi seu último refúgio. O Espiritismo, ao demonstrar que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, uma energia agindo incessantemente em concorrência com a força material, faz voltar ao círculo dos efeitos naturais os fenômenos que dele saíram, porque, como os outros, eles estão

sujeitos a leis. Se o maravilhoso for expulso da Espiritualidade, não terá mais razão de ser, e somente então é que se poderá dizer que o tempo dos milagres passou. (capítulo I, nº 18)

O Espiritismo não faz milagres

4. O Espiritismo vem, portanto, a seu turno, fazer o que cada ciência fez em sua chegada: revelar novas leis e explicar, por consequência, os fenômenos que dependem dessas leis.

Esses fenômenos, é verdade, se ligam à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material. Ora, dizem que isso é o sobrenatural. Mas, então, seria necessário provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza; que aí não há, e não pode haver, uma de suas leis.

O Espírito não é outro senão a Alma que sobreviveu ao corpo. É o ser principal, pois não morre, enquanto que a carne é apenas um acessório que se destrói. Sua existência é, portanto, tão natural após quanto durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às que dirigem o material. Mas como esses dois princípios têm uma necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, e como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a Espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão naturais uma quanto a outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante sua encarnação, o Espírito age sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico ou perispírito; o mesmo se dá fora da encarnação. Como Espírito, e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como Homem; somente, como não tem mais seu corpo carnal por instrumento, serve-se, quando isso é necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que se chama *médium*. Faz como aquele que, não podendo ele mesmo escrever, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário e um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. O ambiente no qual agem os Espíritos e os meios de execução não sendo mais os mesmos que os do estado de encarnação, os efeitos são diferentes. Estes efeitos parecem sobrenaturais apenas porque são produzidos com a ajuda de agentes que não são aqueles dos quais nós nos servimos. Mas, desde o instante em que esses agentes estão na Natureza e que os fatos das manifestações se realizam em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de se conhecer as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma quantidade de crenças supersticiosas.

7. Entretanto, dirão, admite-se que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não é uma derrogação da lei da gravidade? – Sim, da lei conhecida; mas conhecem-se todas as leis? Antes que se experimentasse a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, levando vários homens, pudesse vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não pareceria maravilhoso, diabólico? Aquele que propusesse, há um século, transmitir uma mensagem a quinhentas léguas e receber uma resposta em alguns minutos passaria por louco. Se ele tivesse feito, acreditar-se-ia que tivesse o diabo às suas ordens, porque então só ele era capaz de ir tão rápido. No entanto, hoje, a coisa é não somente reconhecida como possível, mas também parece tão natural. Por que, portanto, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em dadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, com efeito, o que ocorre no caso de que estamos tratando. (Ver *O Livro dos Médiuns*, capítulo IV.)

8. Os fenômenos espíritas, estando na Natureza, produziram-se em todos os tempos; mas, precisamente porque seu estudo não se podia fazer pelos meios materiais de que a ciência vulgar dispõe, eles ficaram mais tempo que os outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo hoje os faz sair.

O sobrenatural, firmado em aparências inexplicadas, deixa livre curso à imaginação, que vagando sem rumo pelo desconhecido, gera, então, crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o Homem ao terreno da realidade, coloca um ponto de parada aos desvarios da imaginação e destrói as superstições.

Longe de estender o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até seus últimos limites e lhe toma seu último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, impede de acreditar em muitos outros, porque demonstra no círculo da Espiritualidade, como a Ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Além disso, como ele não tem a pretensão de dar a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre as que são de sua competência, não se põe como regulador absoluto do possível, e deixa à parte os conhecimentos reservados ao porvir.

9. Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da Alma ou Espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É por essas manifestações que a Alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade. Ela é julgada por seus efeitos. A causa, sendo natural, o efeito o é igualmente. São tais efeitos que constituem o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar ao conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da Alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente e, por conseguinte, o da alma individual e sobrevivente, toda a Natureza está na matéria tangível, todos os fenômenos que se ligam à Espiritualidade são sobrenaturais, a seus olhos, e, conseqüentemente, quiméricos. Não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e, quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e recusam aprofundá-los. Daí, entre eles, a opinião preconcebida que os torna impróprios para um julgamento sadio do Espiritismo, pois que partem do princípio da negação de tudo o que não é material.

11. Pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são consequência da existência da Alma, não se infere daí que aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que pretenda justificá-los e acreditar neles; que se faça o campeão de todos os sonhadores, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas. Seria necessário conhecê-lo bem pouco, para se pensar assim. Seus adversários acreditam opor-lhe um argumento sem réplica quando, depois de terem feito pesquisas eruditas sobre os convulsionários de Saint-Médard, sobre os calvinistas das Cevenas ou sobre os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos patentes de fraude, que ninguém contesta; porém, tais histórias, serão o evangelho do Espiritismo? Seus partidários negaram que o charlatanismo explorou certos fatos em seu proveito? que a imaginação os criou? que o fanatismo os exagerou muito? Ele não é solidário com as extravagâncias que se podem cometer em seu nome, como a verdadeira Ciência não o é com abusos da ignorância, nem a verdadeira Religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas pelos contos de fadas e pelas lendas populares que são ficções deles. Seria igualmente julgar a História pelos romances históricos ou as tragédias.

12. Os fenômenos espíritos são, o mais das vezes, espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia preconcebida nas pessoas que menos os esperam; em certas circunstâncias, há alguns que podem ser provocados pelos agentes designados sob o nome de *médiuns*. No primeiro caso, o médium é *inconsciente* daquilo que se produz por seu intermédio; no segundo, ele age com conhecimento de causa: daí a distinção de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram, muitas vezes, entre os incrédulos mais obstinados, que fazem, assim, parte do Espiritismo sem o saber e sem o querer. Os fenômenos espontâneos têm, por isso mesmo, uma importância capital, pois não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Acontece aqui como no sonambulismo que, em certos indivíduos, é natural e involuntário e, em outros, provocado pela ação magnética¹.

Mas que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em

nada das leis naturais. Os médiuns não produzem, portanto, absolutamente nada de sobrenatural; por consequência, eles não fazem *nenhum milagre*. As próprias curas instantâneas não são mais miraculosas que os outros efeitos, porque elas são devidas à ação de um agente fluídico que faz o papel de elemento terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por serem desconhecidas até agora. O epíteto de *taumaturgos*, dado a certos médiuns pela crítica que ignora os princípios do Espiritismo é, portanto, certamente impróprio. A qualificação de *milagres*, dada, por comparação, a essas espécies de fenômenos, poderia induzir em erro sobre seu verdadeiro caráter.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais miraculosos que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, pois esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto como sobre o mundo moral.

O Espiritismo, ao nos esclarecer sobre essa força, dá-nos a chave de uma variedade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que puderam, nos tempos recuados, passar por prodígios. Ele revela, de igual modo ao magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos malcompreendida; ou, melhor dizendo, conhecem-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, mas não se tem noção da lei; e é a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos voltam à ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem mais milagres ao girar uma mesa, ou os mortos escreverem, do que o médico ao reviver um moribundo, ou o físico ao fazer cair um raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio dessa ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante da coisa ou um enganador de simplórios.

14. Visto que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, fora dele haveria milagres na acepção usual da palavra?

Digamos, em primeiro lugar, que entre os fatos reputados miraculosos que se ocorreram antes da chegada do Espiritismo, e que se passam

⁽¹⁾ *O Livro dos Médiuns*, capítulo V. – *Revista Espírita*, exemplares de dezembro de 1865, página 370; agosto de 1865, página 231.

ainda em nossos dias, a maior parte, senão todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses fatos, portanto, embora sob outro nome, entram para ordem dos fenômenos espíritas, e como tais, não têm nada de sobrenatural. Que fique bem-entendido que se trata aqui apenas de fatos autênticos, e não daqueles que, sob o nome de milagres, são o produto de uma indigna mistificação, que visa explorar a credulidade; não mais que certos fatos lendários que podem ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até o absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo lança luz ao dar os meios de fazer distinção entre o erro e a verdade.

Deus faz milagres?

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, Ele pode fazê-los, sem dúvida. E tem feito? Em outras palavras: Ele derroga as leis que estabeleceu? Não compete ao Homem prejudicar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza de seu entendimento; no entanto, temos para critério de nosso julgamento, diante das coisas divinas, os mesmos atributos de Deus. À soberana força une a soberana sabedoria, de onde é necessário concluir que Ele não faz nada de inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar Seu poder, dizem. Mas o poder de Deus não se manifesta de maneira bem mais surpreendente, pelo conjunto grandioso das obras da Criação, pela sabedoria previdente que preside às partes mais ínfimas, assim como às maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e pueris derrogações, que todos os prestidigitadores podem imitar? Que se diria de um perito mecânico que, para provar sua habilidade, arrebenhasse o relógio que construiu, obra-prima da Ciência, a fim de mostrar que ele pode desfazer o que fez? Seu saber não ressalta, ao contrário, da regularidade e da precisão do movimento?

A questão dos milagres propriamente ditos não é, portanto, da alçada do Espiritismo; mas apoiando-se nesse raciocínio: Deus não faz nada de inútil, ele emite esta opinião que: *Os milagres não sendo necessários à glorificação de Deus, nada, no Universo, afasta-se das leis gerais. Deus*

não faz milagres, porque Suas leis sendo perfeitas, Ele não tem necessidade de derogá-las. Se há fato que não compreendemos, é que nos faltam, ainda, os conhecimentos necessários.

16. Ao admitir-se que Deus pode, por razões que não apreciamos, derogar acidentalmente as leis que estabeleceu, essas leis não seriam mais imutáveis; mas ao menos é racional pensar que só Ele tenha esse poder. Não se admitiria, sem Lhe negar a onipotência, que seja dado ao espírito do mal desfazer a obra de Deus, ao fazer por seu lado prodígios para seduzir os eleitos, o que implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. No entanto, é o que se ensina. Se Satanás pode interromper o curso das leis naturais, que são obra divina, sem a permissão divina, ele é mais poderoso que Deus; portanto, Ele não seria a onipotência. Se Deus lhe delega esse poder, como pretendem, para induzir mais facilmente os homens no mal, não é mais soberana bondade. Num e noutro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais o Pai Celestial não seria Deus.

A Igreja também distingue os bons milagres, que vêm de Deus, dos maus milagres que vêm de Satã; mas como fazer a diferença? Que um milagre seja satânico ou divino, não é menos uma derrogação das leis que emanam de Deus; se um indivíduo é curado miraculosamente, que seja Deus, que seja por Satã, não é menos curado. É preciso ter uma ideia bem pobre da inteligência humana, para esperar que tais doutrinas possam ser aceitas em nossos dias.

A possibilidade de certos fatos reputados milagrosos, sendo reconhecida; é necessário concluir que qualquer que seja a fonte que se lhes atribua, trata-se de efeitos naturais dos quais *Espíritos* ou *encarnados* podem usar, como de tudo, como de sua própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, segundo sua bondade ou sua perversidade. Um ser perverso, aproveitando seu saber, pode, portanto, fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando esses efeitos têm por resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17. Mas, dizem, a religião se apoia em fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é uma outra

questão. Sabem-se as descobertas e os conhecimentos que nos reserva o futuro? Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos, sem dúvida, e que voltou hoje ao domínio da lei universal, não se veem já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzirem-se os êxtases, as visões, as aparições, a visão a distância, as curas instantâneas, as levitações, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados antigamente como maravilhosos e demonstrados hoje como pertencentes à ordem das coisas naturais, segundo a lei constitutiva dos seres? Os Livros Sagrados são plenos de fatos desse gênero, qualificados como sobrenaturais; mas, como são encontrados análogos e, mais maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não mais seria possível saber qual se adotaria.

O sobrenatural e as religiões

18. Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que ele é a chave da abóbada do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa. Se fizermos repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, seria dar-lhe um apoio frágil, cujas pedras se soltam a cada dia. Essa tese, de que eminentes teólogos fizeram-se defensores, conduz direto à conclusão de que, em um dado tempo, não haveria mais religião possível, nem mesmo a cristã, se o que é visto como sobrenatural fosse demonstrado ser natural; porque mesmo acumulando muitos argumentos, não se conseguirá manter a crença de que um fato é miraculoso, se for provado não o ser. Ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais, é quando ele pode ser explicado por essas mesmas leis, e podendo se reproduzir por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas, sim, o *princípio espiritual* que erradamente se confunde com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã sob um ponto de vista mais elevado. Dá-lhe uma base mais sólida que os milagres; as leis imutáveis

de Deus, as quais regem tanto o princípio espiritual quanto o material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, porque virão sancioná-la.

Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derogado Suas leis, grandes sobretudo por sua imutabilidade. Não há necessidade do sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido. A Natureza não é tão imponente por si mesma, que seja necessário acrescentar, ainda, algo para provar o Poder Supremo? A religião encontrará tanto menos incrédulos, quando todos os pontos forem sancionados pela razão. O Cristianismo não tem nada a perder com essa sanção; ele só tem, ao contrário, a ganhar. Se alguma coisa o tem prejudicado na opinião de certas pessoas, é precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. Se tomarmos a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, temos sem cessar milagres sob nossos olhos. Nós os aspiramos no ar e os calcamos sob nossos passos, porque tudo é milagre na Natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma ideia da força de Deus? É preciso mostrá-la na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, segundo o meio no qual é chamado a viver. É necessário mostrar-lhes a ação de Deus no broto da erva, na flor que desabrocha ao Sol que a tudo vivifica. É preciso mostrar-lhes Sua bondade na solicitude por todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam; Sua providência na razão de ser de cada coisa, da qual nenhuma é inútil, no bem que sai sempre de um mal aparente e momentâneo. Fazei-os compreender, sobretudo, que o mal real é obra do Homem e não de Deus. Não procureis assustá-los com o quadro das chamas eternas, nas quais eles terminam por não mais acreditar e que os faz duvidar da bondade de Deus; mas encorajai-os pela certeza de poderem se resgatar um dia e reparar o mal que podem ter feito. Mostrai-lhes as descobertas da Ciência como revelação das leis divinas, e não como obra de Satã. Ensinai-os, enfim, a lerem no livro da Natureza, aberto sem cessar diante deles, nessa obra inesgotável em que a sabedoria e a bondade do

Criador estão inscritas em cada página. Então, eles compreenderão que um Ser tão grande, ocupando-se de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso. O trabalhador O verá quando traça seu sulco na terra e o desafortunado O bendirá em suas aflições, porque dirá: Se eu sou infeliz, é por minha culpa. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, bem melhores do que se acreditassem em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.

CAPÍTULO XIV

OS FLUIDOS

I. *Natureza e propriedades dos fluidos*: Elementos fluídicos – Formação e propriedades do perispírito – Ação dos Espíritos sobre os fluidos; criações fluídicas; fotografia do pensamento.
– Qualidades dos fluidos.

II. *Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais*: Vista espiritual ou psíquica; dupla vista, sonambulismo; sonhos – Catalepsia; Ressurreições. – Curas – Aparições; Transfigurações. – Manifestações materiais; mediunidade. – Obsessões e possessões.

I – Natureza e propriedades dos fluidos

Elementos Fluídicos

1. A Ciência deu a chave dos milagres que resultam, mais particularmente, do elemento material, seja explicando-os, seja ao demonstrar sua impossibilidade, pelas leis que regem a matéria. Mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem parte preponderante não podem ser explicados unicamente pelas leis da matéria, escapando às investigações da Ciência; é por isso que eles têm, mais que os outros, os caracteres *aparentes* do maravilhoso. É, portanto, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a chave dos milagres dessa categoria.

2. O fluido cósmico universal é, tanto quanto foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade de corpos da Natureza (capítulo X). Como princípio elementar universal, ele oferece dois estados distintos: o de

eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, mesmo aí, não há transição brusca, porque podem-se considerar nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados. (capítulo IV, nº 10 e subsequentes.)

Cada um desses dois estados dá lugar, necessariamente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível, e, ao primeiro os do invisível. Uns, chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos*, visto que se ligam mais especialmente à existência dos Espíritos, estão nas atribuições do Espiritismo; mas como a vida espiritual e a corporal estão em incessante contato, os fenômenos dessas duas ordens se apresentam muitas vezes simultaneamente. O Homem, no estado de encarnado, não pode ter percepção senão dos fenômenos psíquicos que se ligam à vida corporal; os que são do domínio *exclusivo* da vida espiritual escapam aos sentidos materiais e somente podem ser percebidos no estado de Espírito¹.

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem cessar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em seu gênero, e mais numerosas talvez que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedendo do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais, e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Uma vez sendo tudo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos — os quais são eles mesmos fluídicos — uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram, os combinam para produzir determinados efeitos, como fazem os homens com seus materiais, embora por procedimentos diferentes.

⁽¹⁾ **Nota:** A denominação de fenômeno *psíquico* exprime mais exatamente o pensamento que o de fenômeno *espiritual*, já que esses repousam sobre as propriedades e os atributos da Alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais que são inseparáveis da Alma. Essa qualificação liga-os mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis. Pode-se, portanto, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

Mas lá, como aqui, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos de seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar os fenômenos de que são testemunhas, e para os quais concorrem, muitas vezes, maquinalmente, quanto os ignorantes da Terra o são para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, de dizerem como veem e ouvem.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a etérea. Há alguns que pertencem a um meio de tal modo diferente do nosso, que apenas podemos julgá-los por comparações tão imperfeitas quanto aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer uma ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns são intimamente ligados à vida corporal e pertencem, de alguma forma, ao meio terrestre. Na falta de percepção direta, podem-se observar seus efeitos, como se observam os do fluido do ímã, que jamais se viu, e adquirir sobre sua natureza conhecimentos de certa precisão. Esse estudo é essencial, porque é a chave de uma variedade de fenômenos inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, por consequência, compõem o que se pode chamar de *atmosfera espiritual terrestre*. É nesse meio, no qual se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ser de natureza grosseira comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto

menos a vida aí for material, menos os fluidos espirituais têm afinidade com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, visto que, em definitivo, são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De realmente *espiritual* há somente a Alma ou o princípio inteligente. Eles são designados assim por comparação, e em razão, sobretudo, de sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados *fluidos espirituais*.

6. Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Talvez seja compacta apenas em relação a nossos sentidos, o que o provaria a facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, aos quais ela não opõe mais obstáculos que os corpos transparentes o fazem em relação à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, *em se desagregando*, deve voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. *A solidificação da matéria é, em verdade, apenas um estado transitório do fluido universal, que pode voltar a seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.*

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não seja suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supor tal fato. Nós possuímos, ainda, apenas as balizas do mundo invisível, e o porvir nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós ainda é um mistério.

Formação e propriedades do perispírito

7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico. É uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *Alma*. Viu-se que o corpo carnal tem igualmente seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm,

portanto, sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são matéria, embora sob dois estados diferentes.

8. Os Espíritos extraem seu perispírito do meio em que se encontram, quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientais. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos. Júpiter sendo dado como um mundo muito avançado, em comparação à Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, ali os envoltórios perispirituais devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que na Terra. Ora, mesmo que pudéssemos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam ali adentrar com o seu perispírito terrestre. Ao sair da Terra, o Espírito deixa aqui seu envoltório fluídico e se reveste com um outro, apropriado ao mundo para onde deve ir.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não conseguem mudá-lo à sua vontade e, por consequência, não podem transportar-se, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, é ainda muito pesado, se assim se pode exprimir, com relação ao mundo espiritual, para permitir-lhes sair de seu meio. É necessário classificar nessa categoria aqueles cujo perispírito é muito grosseiro e, por isso, eles o confundem com seu corpo carnal e que, por esta razão, acreditam estar sempre vivos. Esses Espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da Terra, tal como os encarnados, acreditando que cuidam de suas ocupações. Outros, um pouco mais desmaterializados, entretanto ainda não o são o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres².

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí encarnarem. Eles extraem, dos elementos constitutivos do mundo em que entram, os materiais do envoltório fluídico, ou carnal, apropriado ao meio onde se encontram. Fazem como o grande senhor que abandona suas belas roupas para vestir-se, momentaneamente, com trajes pobres, sem deixar, por isso, de ser o grande senhor.

⁽²⁾ Exemplos de Espíritos que se acreditam ainda desse mundo: *Revista Espírita*, dezembro 1859, página 310; novembro de 1864, página 339; abril de 1865, página 117.

É assim que Espíritos de ordem mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar em missão entre eles. Estes Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança por intuição das regiões de onde vêm e que veem pelo pensamento. São videntes, entre cegos.

10. A camada dos fluidos espirituais que rodeiam a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Estes fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre os quais se encontram, necessariamente, as moléculas elementares que formam a sua base, porém, mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da *soma* das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou o misturado, em diferentes proporções, com a água ou com outras substâncias: sua densidade específica aumenta com a mistura, ao mesmo tempo que sua força e sua inflamabilidade diminuem, se bem que no todo haja álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse meio dele extraem seu perispírito; mas, *segundo o próprio Espírito seja mais ou menos depurado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido próprio do mundo no qual encarna*. O Espírito ali produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai as moléculas que à sua natureza pode assimilar.

Daí resulta um fato capital: *que a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço à sua volta*. Não é o mesmo com o corpo carnal que, como já demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, enquanto que diferem em tudo quanto é inerente ao perispírito.

Resulta ainda que *o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso moral dele, a cada encarnação, ainda que se encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, ao encarnarem excepcionalmente em missão em um mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro que o dos nativos desse mundo*.

11. O meio está sempre relacionado com a natureza dos seres que nele devem viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão envolvidos pelo ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo estando na Terra. *O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito, o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados.* Ora, assim como os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver em uma atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Lá não morreriam, visto que o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém longe deles, como nos afastamos de um fogo muito ardente ou de uma luz muito brilhante. Eis por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza. Para mudarem de meio, é preciso que transformem, primeiro, sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais. Em uma palavra, terão de se depurar e se modificar moralmente. Então, gradualmente, se identificarão com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, como os olhos daquele que vive há muito tempo nas trevas, se habitua pouco a pouco à luz do dia e ao brilho do Sol.

12. Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo. Tudo está submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais compacta até a Espiritualidade mais pura. A Terra é como um vaso do qual escapa uma fumaça espessa que se clareia à medida que se eleva, e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino brilha em todas as partes desse conjunto grandioso, e quereríamos que, para melhor atestar Seu poder, Deus, não contente com o que fizera, viesse perturbar essa harmonia! Que se rebaixasse ao papel de mágico para fazer efeitos pueris dignos de um prestidigitador! E, como se não bastasse, ousa-se dar-lhe por rival nas habilidades o próprio Satanás. Jamais, na verdade, se rebaixou tanto a majestade divina, e se admiram do progresso da incredulidade.

Tendes razão ao dizer: “A fé se vai”! mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão, que se vai; a fé semelhante àquela que fazia dizer então: “Os deuses se vão!” Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, está sempre viva no coração do Homem, e se ela foi

abafada sob as histórias pueris com que a sobrecarregaram, ela se eleva mais forte desde que esteja desembaraçada de tudo isso, como a planta comprimida se eleva desde que reveja o Sol!

Sim, tudo é milagre na Natureza, visto que tudo é admirável e testemunha a sabedoria divina! Estes milagres existem por todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não para proveito de alguns. Não! Não há milagres no sentido que se atribui a essa palavra, pois que tudo resulta das leis eternas da Criação e que essas leis são perfeitas.

Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento.

13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, propriamente falando, a atmosfera dos seres espirituais; são o elemento do qual os Espíritos extraem os materiais sobre os quais operam; são o meio no qual se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito e que escapam aos sentidos carnis impressionados unicamente pela matéria tangível; onde se forma essa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz comum por sua causa e por seus efeitos. É, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os preparam como os homens manipulam o gás, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o Homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção, os aglomeram, combinam-nos ou os dispersam, formam com eles conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; mudam-lhes as propriedades como um químico muda as dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente. Basta ao Espírito pensar em uma coisa para que essa se produza, assim como é suficiente modular uma ária para que ela repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta perante um encarnado dotado de visão psíquica, sob as aparências que ele tinha em sua vida na época em que se conheceram, mesmo tendo tido depois várias encarnações. Ele se mostra com as roupas, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. – que tinha então; um decapitado se apresentará sem cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é nem coxo, nem maneta, nem vesgo, nem decapitado; mas seu *pensamento* transportando-se para a época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente aquelas aparências, as quais ele deixa desde que o pensamento pare de agir. Se, portanto, ele foi uma vez negro e uma outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo qual das duas encarnações em que for evocado e à qual então reportará seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tinha o hábito de se servir. Um avaro manejará o ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, seu arado e seus bois; uma idosa, sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, que também é fluídico, como o eram no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão fugitiva quanto o pensamento³.

15. Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som age sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos faz sentir o som. Pode-se, portanto, dizer, com toda a verdade, que existem nos fluidos ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Há mais: O pensamento, criando *imagens fluídicas*, reflete no envoltório perispiritual como em um espelho; o pensamento toma corpo aí e se *fotografa* de alguma forma. Um homem, por exemplo, teve a ideia de matar outro, por mais impassível que esteja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual reproduz todas as nuances; ele executa, fluidicamente, o gesto, o ato que tem o

⁽³⁾ *Revista Espírita*, julho de 1859, página 184 – *O Livro dos Médiuns*, capítulo VIII.

desígnio de cumprir. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se pinta, como em um quadro, tal como está em seu Espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da Alma se repercutem no envoltório fluídico; que uma Alma pode ler outra alma como em um livro, e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Todavia, ao ver a intenção, ela pressentirá o cumprimento do ato que se lhe seguirá, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem precisar os detalhes, nem mesmo afirmar se ele terá lugar, visto que as circunstâncias ulteriores podem modificar os planos traçados e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento. O que ela vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

Qualidades dos fluidos

16. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de importância direta e capital para os encarnados. Desde o instante em que estes fluidos são o veículo do pensamento, e que este pode modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más, dos pensamentos que os colocam em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios poluem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam são, portanto, viciados, enquanto que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau de perfeição moral destes.

17. Seria impossível fazer uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos nem especificar suas qualidades respectivas, tendo em vista que sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não têm qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio onde se elaboram. Eles se modificam pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das rochas que ela atravessa. Segundo as circunstâncias, essas qualidades são, como as do ar e da água, temporárias ou permanentes, o que as torna mais especialmente próprias à produção de tais ou quais determinados efeitos.

Os fluidos não têm também denominações especiais: como os odores, são designados por suas propriedades, seus efeitos e seu tipo original. Sob o ponto de vista moral, eles trazem a impressão dos sentimentos do ódio, da inveja, do ciúme, do orgulho, do egoísmo, da violência, da hipocrisia, da bondade, da benevolência, do amor, da caridade, da doçura etc.; sob o ponto de vista físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se a força de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, portanto, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e o das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que produzem.

18. Sendo os homens Espíritos encarnados, eles têm, em parte, as atribuições da vida espiritual, porque vivem tanto esta vida quanto a vida corporal: primeiro durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília. O Espírito, ao encarnar-se, conserva seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, o qual, como se sabe, não está circunscrito pelo corpo, mas se irradia ao redor e envolve-o como uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha papel preponderante no organismo; por sua expansão, coloca o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e, também, com os encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado age sobre os fluidos espirituais, assim como o dos Espíritos desencarnados; ele se transmite de Espírito a Espírito pela mesma via e, segundo seja bom ou mau, sanea ou vicia os fluidos ao redor.

Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu envoltório perispiritual, que é parte constitutiva de seu ser, que recebe diretamente e de maneira permanente a impressão de seus pensamentos, deve receber, ainda mais, a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se depurar pelo afastamento destes, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o próprio Espírito não se modificar.

O perispírito dos encarnados é de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, por isso ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe

de líquido. Esses fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto este, por sua expansão e sua irradiação, se confunde com eles.

Estes fluidos agem sobre o perispírito, e este, a seu turno, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo recebe uma impressão salutar; se forem maus, a impressão é penosa. Se os fluidos maus forem permanentes e enérgicos, podem determinar desordens físicas: certos males não têm outra causa.

Os meios em que são numerosos os maus Espíritos estão, portanto, impregnados de maus fluidos que são absorvidos por todos os poros perispirituais, tal como se absorvem pelos poros do corpo os miasmas pestilentos.

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco no qual se irradiam pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, em que cada um produz sua nota. Daí resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como em um coro de música no qual cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmonioso, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica nem por isso é menor, quer seja expressa, quer não.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião simpática, animada por bons e benevolentes pensamentos. Ali reina uma atmosfera moral salubre, em que se respira à vontade. Dali se sai reconfortado, por se ficar impregnado de eflúvios fluídicos salutares; mas se ali se misturam alguns pensamentos maus, eles produzem o efeito de uma corrente de ar gelado em um meio cálido, ou de uma nota desafinada em um concerto. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente em um meio antipático, em que pensamentos de malquerença provocam como que correntes de ar nauseabundo.

20. O pensamento produz, portanto, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral. É o que apenas o Espiritismo poderia fazer compreender. O Homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, nas quais sabe que pode absorver novas forças morais. Pode-se dizer que aí recupera as perdas fluídicas que sofre a cada dia pela irradiação do pensamento, tal como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real nos fluidos espirituais e, por conseguinte, nos materiais, de tal sorte que o Homem tem necessidade de se retemperar nos eflúvios que recebe de fora.

Quando se diz que um médico cura o doente com boas palavras, é uma verdade absoluta, visto que o pensamento benfazejo traz consigo fluidos reparadores que agem sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. Sem dúvida, dirão, é possível evitar os homens que se sabe mal-intencionados; mas como subtrair-se à influência dos maus Espíritos que pululam à nossa volta e se insinuam por toda parte sem ser vistos?

O meio é muito simples, visto que depende da vontade do próprio Homem, que traz em si o defensivo necessário. Os fluidos se unem em razão da similitude de sua natureza. Os fluidos dessemelhantes se repelem. Há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o azeite e a água.

O que se faz quando o ar está viciado? Saneamo-lo, depuramo-lo, destruindo o foco de miasmas, ao expulsar os eflúvios malsãos pelas correntes de ar salubre mais forte. À invasão de maus fluidos, é necessário, portanto, opor bons fluidos. E como cada um tem em seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, trazemos o remédio em nós mesmos. Trata-se apenas de depurar essa fonte e de dar-lhe qualidades tais, que atuem sobre as más influências como *repulsor*, em vez de ser uma força de atração. O perispírito é, portanto, uma couraça à qual é necessário dar a melhor têmpera possível. Ora, como as qualidades do perispírito estão em razão das qualidades da Alma, é preciso trabalhar em seu próprio melhoramento, porque são as imperfeições da Alma que atraem os maus Espíritos.

As moscas vão para onde focos de putrefação as atraíam. Destruam-se esses focos e as moscas desaparecerão. Da mesma forma, os maus Espíritos vão aonde o mal os atrai. Destrua-se o mal, e eles se afastarão. *Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, não têm nada a temer da influência dos maus Espíritos.*

II – Explicação de alguns fenômenos considerados como sobrenaturais

Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista.

Sonambulismo. Sonhos

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a espiritual. É por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos. É por ele, enfim, que se produzem no Homem fenômenos especiais que não têm sua causa primeira na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que é necessário procurar a causa da *dupla vista* ou *visão espiritual*, que pode também chamar-se *visão psíquica*, da qual várias pessoas são dotadas, muitas vezes sem saber, assim como da visão sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais, que escapam aos sentidos carnaís. Pelos órgãos do corpo, a vista, o ouvido e as diversas sensações estão localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais. Pelo sentido espiritual, ou *psíquico*, elas são generalizadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que está na esfera da irradiação de seu fluido perispiritual.

Esses fenômenos são, no Homem, a manifestação da vida espiritual; é a Alma que age fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, não vê pelos olhos do corpo, se bem que muitas vezes, por hábito, dirija-os para o ponto que lhe chama a atenção. Ele vê, pelos olhos da Alma, e a prova é que vê tudo tão bem com os olhos fechados e além do alcance do raio visual. Lê o pensamento figurado no raio fluídico. (nº 15)⁴

23. Embora, durante a vida, o Espírito seja *fixado* ao corpo pelo

perispírito, não é tão escravo que não possa alongar sua corrente e se transportar ao lugar, seja sobre a Terra, seja para algum ponto do espaço. O Espírito está apenas ligado a seu corpo, contra sua vontade, porque sua vida normal é a liberdade, enquanto que a vida corporal é a do servo ligado à gleba.

O Espírito fica, portanto, feliz, de sair de seu corpo, como o pássaro de deixar sua gaiola. Serve-se de todas as ocasiões de se alforriar e aproveita, por isso, todos os instantes em que sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de *emancipação da Alma*; ocorre sempre no sono. Todas as vezes em que o corpo repousa e que os sentidos estão em inatividade, o Espírito se livra (*O Livro dos Espíritos*, capítulo VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive a vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas a vida vegetativa. É, em parte, o estado em que se encontrará após a morte. Ele percorre o espaço, entretém-se com seus amigos e outros Espíritos livres ou encarnados como ele.

O liame fluídico que o retém ao corpo é definitivamente rompido apenas na morte. A separação completa tem lugar apenas pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado, desde que sua presença seja necessária. Então, ele retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva de suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho. Em todo caso, traz intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: “A noite é boa conselheira”.

Assim se explicam, igualmente, certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase etc., e que não são outra coisa que manifestações da vida espiritual⁵.

24. Já que a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, a percepção das coisas não se realiza pela luz comum: Com efeito, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que é, sem

⁽⁴⁾ **Nota:** Fatos de dupla vista e de lucidez sonambúlica relatados na *Revista Espírita*: janeiro de 1858, página 25; novembro de 1858, página 213; julho de 1861, página 197; novembro de 1865, página 352.

dúvida, uma das propriedades do fluido etéreo adequada às percepções visuais da Alma. Há, portanto, luz material e espiritual. A primeira tem focos circunscritos aos corpos luminosos; a segunda tem seu foco em toda parte: é a razão pela qual não há obstáculo para a vista espiritual. Ela não é detida nem pela distância nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é, portanto, iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. A Alma, envolvida pelo seu perispírito, traz assim, em si, seu princípio luminoso; adentrando a matéria em virtude de sua essência etérea, não há corpos opacos para sua visão.

No entanto, a visão espiritual não tem nem a mesma extensão nem a mesma penetração em todos os Espíritos. Os Espíritos puros a possuem em toda sua força. Nos Espíritos inferiores, ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de bruma.

Ela se manifesta em diferentes graus nos Espíritos encarnados pelo fenômeno da segunda vista, seja no sonambulismo natural, seja no magnético, seja no estado de vigília. Segundo o grau de potência da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com a ajuda dessa faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das moléstias.

26. A visão espiritual dá, portanto, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, se operam em condições tão diferentes da visão corpórea. Por essa razão, dela não se podem esperar efeitos idênticos nem experimentá-la pelos mesmos processos da visão comum. Realizando-se fora do organismo, tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É necessário estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não por assimilação com a visão comum, que ela não é destinada a suplementar, salvo em casos excepcionais que não se poderiam tomar como regra.

27. A visão espiritual é, necessariamente, incompleta e imperfeita

⁽⁵⁾ Exemplos de letargia e de catalepsia: *Revista Espírita*: Madame Schwabenhaus, setembro de 1858, página 255; – A jovem cataléptica da Suábia, janeiro de 1866, página 18.

nos Espíritos encarnados e, por consequência, sujeita a aberrações. Tendo sua sede na própria Alma, o estado da Alma deve influir sobre as percepções que ela dá. Segundo o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, seja no sono seja no estado de vigília: 1ª) a percepção de certos fatos materiais, reais, como o conhecimento de acontecimentos que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2ª) a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3ª) imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento. (Ver anteriormente o nº 14) Estas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as concebe. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas, lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tal como os imaginam; é por vezes toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertar, ou ao sair do êxtase, essas pessoas conservam uma lembrança precisa de suas visões, elas as tomam por realidades e confirmações de suas crenças, enquanto que isso é apenas o produto de seus próprios pensamentos⁶. Há, portanto, uma escolha muito rigorosa a fazer nas visões extáticas, antes de aceitá-las. O remédio para a demasiada credulidade, sob esse ponto de vista, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas das visões descritas acima. É às duas primeiras que pertencem os sonhos proféticos, pressentimentos e advertências⁷; é na terceira, quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento, que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas que não têm nada de real em relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma tal realidade que, às vezes, o corpo lhe sofre o contragolpe e que se vê, então os cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; pelas lembranças retrospectivas; pelos gostos; pelos desejos, pelas paixões, pelo temor, pelos remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do

corpo ou por um embaraço nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um fim benévolo ou malévolo, segundo sua natureza⁸.

Catalepsia. Ressurreições

29. A matéria inerte é insensível. O fluido perispiritual o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, portanto, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, para o qual os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, não puderam explicar todos os efeitos.

A interrupção pode ter lugar pela separação de um membro ou a secção de um nervo, mas também, parcialmente ou de maneira geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou de preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não cuida mais do corpo e, em sua atividade febril, atrai, por assim dizer, a si, o fluido perispiritual que, ao se retirar da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia ainda admitir que em certas circunstâncias produz-se, no próprio fluido perispiritual, uma modificação molecular que lhe retira, temporariamente, a propriedade de transmissão. É assim que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido; que uma pessoa, cuja atenção está concentrada em um trabalho, não ouve o ruído que se faz em torno dela. É um efeito análogo, porém mais pronunciado, que ocorre com certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (*Revista Espírita*, janeiro de 1868: “Estudo sobre os Aissaouas”).

A paralisia não tem absolutamente a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os nervos mesmos, os fios condutores que não estão

⁽⁶⁾ **Nota:** É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmerich, a qual, reportando-se ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que jamais existiram, senão nos livros que ela lera; as de madame Cantanille (*Revista Espírita*, agosto de 1866, página 240) e parte das de Swedenborg.

⁽⁷⁾ Ver, a seguir, no capítulo XVI, “Teoria da presciência”, n.ºs 1, 2 e 3.

⁽⁸⁾ *Revista Espírita*, junho de 1866, página 172; – setembro de 1866, página 294. – *O Livro dos Espíritos*, capítulo VIII, n.º 400.

mais aptos para a circulação fluídica. São as cordas do instrumento que estão alteradas.

30. Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo e que o perispírito a ele se adere apenas por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte e é uma verdade absoluta dizer, então, que a vida está por um fio. Este estado pode durar mais ou menos tempo. Certas partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o último fio não for rompido, o Espírito pode, seja por uma ação enérgica de sua *própria* vontade, seja pelo *influxo fluídico estranho, igualmente poderoso*, ser chamado de volta ao corpo. Assim se explicam certas prolongações da vida contra toda probabilidade, e certas pretensas ressurreições. É a planta que desabrocha, às vezes, com uma só fibrila da raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico são destacadas do corpo carnal, ou quando este último está no estado de degradação irreparável, todo retorno à vida se torna impossível⁹.

Curas

31. O fluido universal é, como já foi visto, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito do qual eles são apenas transformações. Pela identidade de sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância de seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. A força curadora estará, portanto, em razão da pureza da substância inoculada. Ela depende ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma maior força de penetração; enfim, depende, das intenções que animam aquele que quer curar, *quer seja ele homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas.

⁽⁹⁾ **Nota:** Exemplos: *Revista Espírita*: O doutor Cardon, agosto de 1863, página 251 – A mulher corsa, maio de 1866, página 134.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, segundo as circunstâncias. Esta ação é às vezes lenta, e reclama um tratamento continuado, como no magnetismo comum. Outras vezes, ela é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de uma força tal, que operam sobre certos doentes curas instantâneas apenas pela imposição de mãos ou mesmo por um só ato de vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitas variações. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e diferem apenas pela força e a rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujo efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode produzir-se de várias maneiras:

1º) Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação está subordinada à força e sobretudo à qualidade do fluido;

2º) Pelo fluido dos Espíritos agindo diretamente e *sem intermediários* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está em razão das qualidades do Espírito¹⁰;

3º) Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador e ao qual este serve de condutor. É o magnetismo *misto*, *semi-espiritual* ou, se quiserem, *humano-espiritual*. O fluido espiritual combinado com o fluido humano dá a este último as qualidades que lhe faltam. O concurso dos Espíritos em circunstâncias similares, é, às vezes, espontâneo, porém, o mais das vezes, é provocado pelo apelo do magnetizador.

34. A faculdade de curar pela influência fluídica é muito comum, e pode se desenvolver pelo exercício; mas a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e seu apogeu pode ser considerado como excepcional. No entanto, têm-se visto, em diversas épocas e em quase todos os povos, indivíduos que a possuíam em grau elevado. Nestes últimos tempos, têm-se visto vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada, pois que estes tipos de cura

repousam sobre um princípio natural, e que o poder de operá-las não é um privilégio: elas não ocorrem fora da Natureza e têm de miraculoso apenas a aparência¹¹.

Aparições. Transfigurações

35. O perispírito é invisível para nós em seu estado normal, mas como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, fazê-lo sofrer, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que, não mais do que os outros fenômenos, não estão fora das leis da Natureza. Este fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, que é invisível quando está muito rarefeito, e que se torna visível quando está condensado.

Segundo o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; outras vezes, ela é mais nitidamente definida; outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar à tangibilidade real, ao ponto em que se pode duvidar da natureza do ser que se tem à frente.

As aparições vaporosas são frequentes, e ocorre muitas vezes que indivíduos assim se apresentem, após sua morte, às pessoas a quem são afeiçoados. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito quer se fazer conhecido, ele dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo¹².

36. Deve-se notar que as aparições tangíveis têm apenas as aparências da matéria carnal, porém não poderiam ter as qualidades dela. Em razão de sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, em realidade, não se trata de carne. Elas se formam instantaneamente

⁽¹⁰⁾ Exemplos: *Revista Espírita*, fevereiro de 1863, página 64; abril de 1865, página 113; setembro de 1865, página 264.

⁽¹¹⁾ Exemplos de curas instantâneas reportadas na *Revista Espírita*: O príncipe de Hohenlohe, dezembro de 1866, página 368; Jacob, outubro e novembro de 1866, páginas 312 e 345; outubro e novembro de 1867, páginas 306 e 339; Simonet, agosto de 1867, página 232; Caid Hassan, outubro de 1867, página 303; A Cura Gassner, novembro de 1867, páginas 331.

e desaparecem do mesmo modo, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens. O homem os vê e não os vê mais, sem saber de onde vieram, como vieram, nem para onde vão. Não se poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem encarcerá-los, visto que eles não têm corpo carnal. Os golpes que lhes desferíssemos acertariam o vácuo.

Tal é o caráter dos *agêneres*, com os quais se pode conversar sem duvidar do que são, mas que não ficam, jamais, muito tempo e não podem se tornar os comensais habituais de uma casa nem figurar entre os membros de uma família.

Há, aliás, em toda sua pessoa, em seus comportamentos, alguma coisa de estranho e de insólito que tem aparência da materialidade e da Espiritualidade: seu olhar, vaporoso e penetrante ao mesmo tempo, não tem a nitidez do olhar dos olhos da carne; sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa, não tem nada do brilho e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação faz experimentar uma sensação particular indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de medo, e, tomando-os por indivíduos semelhantes a todo mundo, diz-se involuntariamente: Eis um ser singular¹³.

37. O perispírito é o mesmo nos encarnados e nos desencarnados. Por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, em um momento de liberdade, em outro ponto, diverso daquele onde seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. É esse fenômeno, do qual se tem exemplos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos¹⁴.

38. Um efeito particular desta ordem de fenômenos é que as aparições vaporosas, e mesmo tangíveis, não são perceptíveis indistintamente por todo o mundo. Os Espíritos mostram-se apenas quando querem e para quem eles querem. Um Espírito poderia, portanto, aparecer em uma assembleia para um ou para vários assistentes, e não ser visto por outros. Daí é que vem que esses tipos de percepções se efetuam pela

(12) *O Livro dos Médiuns*, capítulos VI e VII.

vista espiritual e não pela visão carnal; não somente a visão espiritual não é dada a todo o mundo, mas pode, por necessidade, ser retirada, pela vontade do Espírito, daquele para quem não se quer mostrar, como pode dá-la momentaneamente, se ele assim o julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, mesmo até a tangibilidade, não tem, portanto, as propriedades da matéria comum: sem isso, as aparições, sendo perceptíveis aos olhos do corpo, o seriam por todas as pessoas presentes¹⁵.

39. O Espírito pode operar transformações na textura de seu envoltório perispiritual, e esse envoltório irradiando em volta do corpo como uma atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície do próprio corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Sob a camada fluídica, a figura real do corpo pode se diluir mais ou menos completamente, e revestir-se de outros traços; ou ainda, os traços primitivos vistos pela camada fluídica modificada, como por um prisma, podem tomar outra expressão. Se o Espírito encarnado, saindo do terra-a-terra, identifica-se com as coisas do mundo espiritual, a expressão de uma figura feia pode tornar-se bela, radiosa e às vezes mesmo luminosa. Se, ao contrário, o Espírito é exaltado por más paixões, uma figura bela pode tomar um aspecto horrendo.

É assim que se operam as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Este fenômeno é, portanto, o resultado de uma transformação fluídica. É uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio

⁽¹³⁾ Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro de 1858, página 24; outubro de 1858, página 291; fevereiro de 1859, página 38; março de 1859, página 80; janeiro de 1859, página 11; novembro de 1859, página 303; agosto de 1859, página 210; abril de 1860, página 117; maio de 1860, página 150; julho de 1861, página 199; abril de 1866, página 120; O Trabalhador Martim, apresentado a Luís XVIII, detalhes completos; dezembro de 1866, página 353.

⁽¹⁴⁾ Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista Espírita*, dezembro de 1858, páginas 329 e 331; fevereiro de 1859, página 41; agosto de 1859, página 197; novembro de 1860, página 356.

⁽¹⁵⁾ É preciso aceitar apenas com extrema reserva as narrações de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser o efeito da imaginação superexcitada e, às vezes, uma invenção feita com um fim interessado. Convém, portanto, levar em conta escrupulosas circunstâncias, da honorabilidade da pessoa, assim como do interesse que ela poderia ter para abusar da credulidade dos indivíduos muito confiantes.

corpo vivo, e algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se fazer aparecer ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições deste gênero é que geralmente elas são perceptíveis por todos os assistentes e pelos olhos do corpo, precisamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, enquanto que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível¹⁶.

Manifestações materiais. Mediunidade

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigas quanto o mundo, mas comuns hoje, dão a chave de alguns fenômenos análogos, espontâneos, aos quais, na ignorância da lei que os rege, atribuíram um caráter sobrenatural e miraculoso. Estes fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre seu corpo vivo. É ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta, ao agir sobre a matéria inerte, produzindo os barulhos, os movimentos de mesas e outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos, e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem e desenharem. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, que faz agirem como se fosse seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que verte sobre ele.

42. É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para movê-la sem significação determinada, seja para fazê-la receber golpes inteligentes, indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa é, aqui,

⁽¹⁶⁾ Exemplo e teoria da transfiguração, *Revista Espírita*, março de 1859, p. 62. (*O Livro dos Médiuns*, capítulo VII, p. 142).

apenas um instrumento do qual o Espírito se serve, como o faz com o lápis para escrever. Ele lhe dá uma vitalidade momentânea pelo fluido que a penetra, mas *não se identifica com ela*. As pessoas que, tomadas de emoção, ao virem se manifestar um ser que lhes é caro, envolvem a mesa, praticam um ato ridículo, porque é absolutamente como se abraçassem o bastão do qual um amigo se serve para desferir golpes. O mesmo ocorre com aqueles que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tornasse Espírito.

Quando se realizam comunicações por este meio, é necessário representar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, *tal como quando era vivo*, e tal como seria visto se, nesse momento, pudesse se tornar visível. O mesmo se dá nas comunicações pela escrita; é o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou transmitindo-lhe seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se desprende do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força do braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como faz o ar com os balões e os papagaios de papel. O fluido pelo qual a mesa é penetrada empresta-lhe momentaneamente uma maior leveza específica. Quando ela está presa ao solo, é um caso análogo ao da máquina pneumática na qual se faz o vácuo. São, aqui, apenas comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a similitude absoluta das causas. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo IV).

Compreende-se, depois disso, que não é mais difícil para o Espírito levantar uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um lado para outro, ou lançá-lo a alguma parte; estes fenômenos se produzem pela mesma lei¹⁷.

Se a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas lhe dá a impulsão por meio de uma corrente fluídica, com a ajuda da qual a faz mover-se à sua vontade.

Quando os golpes são ouvidos na mesa, ou alhures, o Espírito não

bate nem com sua mão nem com um objeto qualquer. Ele dirige sobre o ponto de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o barulho, como se podem modificar os sons produzidos pelo ar¹⁸.

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhe é estrangeira; ou para tratar pela palavra ou pela escrita, de assuntos fora do alcance de sua instrução. Não é raro ver-se que escrevem desembaraçadamente, sem terem aprendido a escrever; outros escrevem poesias sem terem jamais sabido fazer um verso em sua vida; outros desenhavam, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem o desenho, a pintura, a escultura ou a ciência musical. É muito frequente que um médium escrevente reproduza, sem se enganar, a escrita e a assinatura dos Espíritos que se comunicam por meio dele, quando eram vivos, embora não os tenha conhecido jamais.

Este fenômeno não é mais maravilhoso do que ver uma criança escrever quando lhe conduzem a mão: pode-se, assim, mandar que se execute tudo o que se quer. Pode-se fazer com que escreva o que se deseja, em uma língua qualquer, ditando-lhe as palavras letra por letra. Compreende-se que possa se dar o mesmo na mediunidade, se nos reportarmos à maneira pela qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, os quais

⁽¹⁷⁾ Tal é o princípio do fenômeno dos *transportes*, manifestação muito real, mas que convém aceitar apenas com extrema reserva, visto que é um dos que mais se prestam à imitação e à trapaça. A honrabilidade irrecusável da pessoa que os obtém, seu desinteresse absoluto material e *moral* e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser tomados em séria consideração. É necessário, sobretudo, desconfiar da muito grande facilidade com a qual tais efeitos são produzidos e suspeitar dos que se renovam tão frequentemente e, por assim dizer, à vontade. Os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias. O soerguimento de uma pessoa é um fato não menos positivo, mas talvez mais raro, porque é mais difícil de imitar. É notório que o Sr. Home foi mais de uma vez elevado até o teto, fazendo a volta da sala. Dizem que São Cupertino tinha a mesma faculdade, o que não é mais miraculoso para um que para o outro.

⁽¹⁸⁾ Exemplos de manifestações materiais e de perturbações pelos Espíritos: *Revista Espírita*, A Jovem dos Panoramas, janeiro de 1858, p. 13; – Senhorita Clairon, fevereiro de 1858, pp. 44; – Espírito batedor de Bergzabern, relato completo, maio, junho e julho de 1858, p. 125, 153, 184; – Dibbelsdorf, agosto de 1858, p. 219; – O Padeiro de Dieppe, março de 1860, p. 76; – Mercador de São Petersburgo, abril de 1860, p. 115; – Rua dos Noyers, agosto de 1860, p. 236; – Espírito batedor de Aube, janeiro de 1861, p. 23; – Idem no século XVI, janeiro de 1864, p. 32; – Poitiers, maio de 1864, p. 156 e maio de 1865, p. 134; – Irmã Maria, junho de 1864, p. 185; – Marselha, abril de 1865, p. 121; – Fives, agosto de 1865, p. 225; – Os ratos de Equihem, fevereiro de 1866, p. 55.

são para eles, de fato, apenas instrumentos passivos. Mas se o médium possui o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se tem, enfim, em seu cérebro os elementos do que o Espírito quer que ele produza, está na posição do Homem que sabe ler e escrever correntemente. O trabalho é mais fácil e mais rápido. O Espírito tem apenas de transmitir o pensamento que seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas está, muitas vezes, também, ligada aos conhecimentos que possuía em outra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se ele foi poeta ou músico, por exemplo, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que se quer mostrar. A língua que ignora hoje pode ter-lhe sido familiar em outra existência: daí resulta, para ele, uma aptidão maior para escrever, mediunicamente, nessa língua¹⁹.

Obsessões e possessões

45. Os maus Espíritos pululam em volta da Terra como consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos a que a Humanidade está sujeita aqui. A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, portanto, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade auditiva e psicográfica, se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com a exclusão de todos os outros.

46. Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas

⁽¹⁹⁾ A aptidão de certas pessoas para as línguas que sabem, por assim dizer, sem tê-las aprendido, não tem outra causa a não ser uma lembrança intuitiva do que elas sabiam em outra existência. O exemplo do poeta Méry, reportado na *Revista Espírita* de novembro de 1864, p. 328, é uma prova. É evidente que se o Sr. Méry fosse médium em sua juventude, teria escrito em latim tão facilmente como em francês, e não teria criado nada prodigioso.

que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre a decorrência de um defeito moral que dá passagem a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é preciso opor uma força moral. Para se preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para proteger-se da obsessão, é essencial fortificar a Alma. Daí, para o obsedado, a necessidade de trabalhar para sua própria melhoria, o que basta, o mais das vezes, para o desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de pessoas estranhas. Este auxílio torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, visto que, então, o paciente perde às vezes sua vontade, seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que, o mais das vezes, tem sua origem nas relações que o obsedado teve com ele, em uma existência precedente.

No caso de obsessão grave, o obsedado é como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarres, e os repele. É deste fluido que é indispensável desembaraçá-lo. Ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de moléstia, *é fundamental expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.*

Esta é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente. É importante, também, e sobretudo, *agir sobre o ser inteligente* ao qual é necessário ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade é apenas dada pela superioridade moral; mas quanto maior esta for, maior será a autoridade.

Isso não é tudo: para assegurar a libertação, é urgente levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com vistas à sua educação moral. Então, pode-se ter a doce satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsedado, compreendendo a sua situação, traz o seu concurso da vontade e da oração. Mas não é assim quando o doente, seduzido pelo Espírito enganador, se ilude a

respeito das qualidades de seu dominador e se compraz no erro em que este último o mergulhou; daí, longe de auxiliar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta (Ver *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito age exteriormente com a ajuda de seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado. Este último se encontra, enlaçado como em uma teia e constringido a agir contra sua vontade.

Na possessão, no lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao encarnado. Ele escolhe como domicílio o corpo deste, sem que, no entanto, este o deixe definitivamente, o que pode ocorrer apenas na morte. A possessão é, portanto, sempre temporária e intermitente, visto que um desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, dado que a união molecular do perispírito e do corpo pode se operar apenas no momento da concepção. (capítulo XI, nº 18)

O Espírito, na possessão momentânea do corpo, serve-se dele como de seu próprio; fala por sua boca, vê por seus olhos, age com seus braços, como teria feito se estivesse vivo. Não é mais como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala, transmitindo o pensamento de um desencarnado. Pois é este último mesmo que fala e que age e, se o conhecêssemos quando vivo, reconheceríamos sua linguagem, sua voz, seus gestos e até a expressão de sua fisionomia.

48. A obsessão é sempre obra de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para provocar maior impressão sobre seus ouvintes, *toma emprestado* o corpo que um encarnado lhe cede voluntariamente, assim como se empresta uma roupa. Isso se faz sem nenhuma perturbação, nem incômodo, e durante esse tempo o Espírito se encontra em liberdade como no estado de emancipação e, o mais das vezes, se conserva ao lado de seu substituto para escutá-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outra

forma. Ele não toma o corpo emprestado, ele se apodera dele se o titular não tiver *força moral para resistir-lhe*. Ele o faz por maldade contra aquele, a quem tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazê-lo perecer, seja por estrangulamento, seja empurrando-o no fogo ou a outros lugares perigosos. Ao servir-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, ele blasfema, injuria e maltrata os que o rodeiam. Entrega-se a excentricidades e a atos que têm todos os caracteres da loucura furiosa.

Os fatos desse gênero, em diferentes graus de intensidade, são numerosos, e muitos casos de loucura não têm outra causa. Muitas vezes, dão-se ao mesmo tempo desordens patológicas, que são apenas consecutivas e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto subsistir a causa primeira. O Espiritismo, ao tornar conhecida esta fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las: agir sobre o autor do mal, que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência²⁰.

49. A obsessão e a possessão são, geralmente, individuais, mas também podem ser epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável²¹.

⁽²⁰⁾ Exemplos de curas de obsessões e de possessões: *Revista Espírita*, dezembro de 1863, pp. 373; – janeiro de 1864, pp. 11; – junho de 1864, pp. 168; – janeiro de 1865, p. 5; – junho de 1865, pp. 172; – fevereiro de 1866; p. 38; – junho de 1867, pp. 174.

⁽²¹⁾ É uma epidemia desse gênero que atacou, há alguns anos, a vila de Morzine, em Savoie (ver o relato completo dessa epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862, pp. 353; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, pp 1, 33 e 133)

CAPÍTULO XV

OS MILAGRES DO EVANGELHO

Superioridade da natureza de Jesus – Sonhos – Estrela dos magos –
Dupla vista – Curas – Possessos – Ressurreições – Jesus caminha sobre
as águas – Transfiguração – Tempestade amainada – Bodas de Canaã
– Multiplicação dos pães – Tentação de Jesus –
Prodígios na morte de Jesus – Aparições de Jesus após Sua morte –
Desaparecimento do Corpo de Jesus.

Superioridade da natureza de Jesus

1. Os fatos relatados no Evangelho, e que têm sido até agora considerados como miraculosos, pertencem, na maior parte, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, quer dizer, daqueles que têm por causa primeira as faculdades e os atributos da Alma. Se os aproximarmos daqueles que são descritos e explicados no capítulo precedente, reconhece-se, sem esforço, que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História mostra-nos casos análogos em todos os tempos e em todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos deverão ter-se produzido. Pode-se, é verdade, contestar neste ponto, a veracidade da História; mas, hoje, eles se produzem sob nossos olhos, por assim dizer à vontade, e por indivíduos que não têm nada de excepcional. Só o fato de a reprodução de um fenômeno, em

condições idênticas, é suficiente para provar que ele é possível e submetido a uma lei, e que, portanto, não é miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já visto, nas propriedades do fluido perispiritual que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e após a morte; enfim, no estado constitutivo dos Espíritos e seu papel como força ativa da Natureza. Conhecidos esses elementos e constatados seus efeitos, tem-se, por consequência, de admitir que a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados quando se lhes atribuíra origem sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo, cujo exame não entra no quadro desta obra, ao considerá-lo, por hipótese, apenas com um Espírito superior, não se pode impedir que se reconheça Nele um daqueles da ordem mais elevada, e que está colocado por suas virtudes bem acima da Humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, Sua encarnação neste mundo não poderia ser senão uma dessas missões confiadas apenas aos mensageiros diretos da Divindade para a realização de Seus desígnios. Ao supor que não fosse o próprio Deus, mas um Emissário Divino para transmitir Sua palavra, seria mais que um profeta, visto que seria um Mensageiro Celeste.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; mas como Espírito puro, destacado da matéria, devia viver a vida espiritual mais do que a corpórea, da qual não tinha as fraquezas. *A superioridade de Jesus sobre os homens não era relativa às qualidades particulares de Seu corpo, mas às de Seu Espírito que dominava a matéria de maneira absoluta, e ao seu perispírito alimentado pela parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.* (capítulo XIV, nº 9.) Sua alma estaria ligada ao corpo apenas pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente separada, ela devia Lhe dar uma *vista dupla* não somente permanente, mas de uma penetração excepcional e bem superior àquela que se vê nos homens comuns. O mesmo devia ser com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos Lhe dava uma imensa força magnética, auxiliada pelo desejo incessante de fazer o Bem.

Nas curas que operava, agiria como *médium*? Pode-se considerá-Lo como um poderoso curador? Não; visto que o médium é um intermediário, um instrumento do qual se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência, era Ele quem assistia aos outros. Ele agia, portanto, por si mesmo, em vista de Seu poder pessoal, assim como fazem os encarnados em certos casos e na medida de suas forças. Aliás, qual Espírito ousaria insuflar-Lhe seus próprios pensamentos e encarregá-Lo de os transmitir? Se Ele recebesse um influxo estranho, seria apenas de Deus. Segundo a definição dada por um Espírito, Ele era *médium de Deus*.

Sonhos

3. José, diz o Evangelho, foi advertido por um Anjo que lhe apareceu em sonhos e lhe disse para fugir para o Egito com o Menino (Mateus, II:19 a 23).

As advertências por sonhos cumprem um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados e sem discuti-los, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, quando se sabe que o tempo do sono é aquele em que o Espírito se desliga dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual na qual se encontra com aqueles que conhecera. É com frequência essa a ocasião que os Espíritos protetores escolhem para se manifestar a seus protegidos e dar-lhes conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de advertências por sonhos são numerosos, mas daí não se deve inferir que todos os sonhos sejam avisos; e, ainda menos, que tudo o que se vê em sonhos tenha significação. É necessário colocar entre as crenças, supersticiosas e absurdas, a arte de interpretar os sonhos. (capítulo XIV, nºs 27 e 28.)

Estrela dos magos

4. Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar a Jesus, que ela se deslocava diante deles para lhes indicar o caminho e parou quando eles chegaram (Mateus, II:1 a 12).

A questão não é saber se o fato relatado por São Mateus é real, ou se isso é apenas uma figura para indicar que os magos foram guiados de maneira misteriosa em direção ao lugar onde estava o Menino, pois que não existe nenhum meio de controle para verificar; mas, sim, se um fato dessa natureza é possível.

Uma coisa certa é que, nessa circunstância, a luz não poderia ser uma estrela. Poder-se-ia acreditar nisso na época em que se pensava que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e que podiam cair sobre a Terra, mas não hoje, quando se conhece sua natureza.

Por não ter a causa que se lhe atribui, o fato da aparição de uma luz tendo o aspecto de uma estrela não é menos uma coisa possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa ou transformar uma parte de seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Vários acontecimentos desse gênero, recentes e perfeitamente autênticos, não têm outra causa, e essa causa não tem nada de sobrenatural. (capítulo XIV, nº 13 e seguintes)

Dupla vista **Entrada de Jesus em Jerusalém**

5. *Quando se aproximaram de Jerusalém, chegados a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de Seus discípulos, dizendo-lhes: Ide a esta aldeia que está diante de vós e encontrareis, lá chegando, uma jumenta amarrada e seu jumentinho perto dela; desamarrai-a e traga-os a mim. — Se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor precisa deles, e logo ele vos deixará trazê-los. — Ora, tudo isso se fez a fim de que a palavra do profeta se cumprisse: Dizei à filha de Sião: Eis vosso rei que vem a vós, cheio de doçura, montado em uma jumenta e com o jumentinho daquela que está sob o jugo. (Zacarias, IX:9)*

Os discípulos se foram, portanto, e fizeram o que Jesus lhes ordenara. E tendo trazido a jumenta e o jumentinho, eles os cobriram com suas vestes e o fizeram montar. (Mateus, XXI:1 a 7)

Beijo de Judas

6. *Levantai-vos, vamos! Aquele que deve me trair está perto daqui. Ele*

não terminara ainda estas palavras, quando Judas, um dos doze, chegou, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, os quais tinham sido enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o haveria de trair lhes havia dado um sinal para o reconhecer, dizendo-lhes: Aquele que eu beijar, será o que vós procurais; agarrai-o. E logo, portanto, ele se aproximou de Jesus e lhe disse: Mestre, eu vos saúdo; e o beijou. Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que vieste fazer aqui? E ao mesmo tempo todos os outros, avançando, se lançaram sobre Jesus e se apoderaram dele. (Mateus, XXVI: 46 a 50)

Pesca milagrosa

7. Um dia, quando Jesus estava nas margens do lago de Genesaí, encontrando-se comprimido pela multidão do povo, que se apertava para ouvir a palavra de Deus, – viu dois barcos atracados na borda do lago, cujos pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Entrou, portanto, em um dos barcos, que era de Simão, e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e assentando-se, ensinava ao povo de dentro do barco.

Quando parou de falar, disse a Simão: avançai a pleno mar, e lançai vossas redes para pescar. Simão lhe respondeu: Mestre, trabalhamos toda a noite sem nada pegar, mas apesar disso, sobre a vossa palavra lançarei as redes. Tendo-as, portanto, lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes que suas redes se romperam. – E fizeram sinais a seus companheiros que estavam no outro barco, para que viessem ajudá-los. Assim o fizeram e encheram de tal modo seus barcos, que foi por pouco que eles não afundaram. (Lucas, V:1 a 7)

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Ora, andando Jesus à margem do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, os quais lançavam suas redes ao mar, visto que eram pescadores; e Ele lhes disse: Segui-me e Eu vos farei pescadores de homens. – Logo, eles deixaram suas redes e o seguiram.

Daí, avançando, viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam em um barco com Zebedeu, seu pai, e que

acomodavam suas redes, e Ele os chamou. Ao mesmo tempo abandonaram suas redes e seu pai, e O seguiram. (Mateus, IV:18 a 22)

Jesus, saindo de lá, viu ao passar um homem sentado à mesa dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: Segue-me; e ele imediatamente se ergueu e o seguiu. (Mateus, IX:9)

9. Estes fatos não têm nada de surpreendente, quando se conhece o poder da vista dupla e a causa muito natural de tal faculdade. Jesus a possuía em grau supremo, e pode-se dizer que ela era Seu estado normal, o que é atestado por grande número de atos de Sua vida e explicados, hoje, pelos fenômenos magnéticos e pelo Espiritismo.

A pesca qualificada de milagrosa explica-se igualmente pela vista dupla. Jesus não produziu espontaneamente os peixes, ali onde não existiam. Ele viu, como poderia fazê-lo um vidente lúcido acordado, pela visão da Alma, o lugar em que os peixes seriam encontrados, e pôde dizer com segurança aos pescadores onde jogar suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões, são consequência da visão espiritual. Quando Jesus chama Pedro, André, Tiago, João e Mateus, seria preciso que conhecesse as disposições íntimas deles, para saber que O seguiriam e que eram capazes de cumprir a missão de que Ele devia encarregá-los. Seria necessário que eles mesmos tivessem a intuição dessa missão, para abandonarem tudo por Ele. O mesmo se dá quando, no dia da Ceia, Ele anuncia que um dos doze O trairia e o designa dizendo que é aquele que põe a mão no prato; e quando diz que Pedro O renegará.

Em muitas passagens do Evangelho, é dito: “Mas Jesus, conhecendo seu pensamento, lhe diz...”. Ora, como poderia conhecer os pensamentos senão pela irradiação fluídica que Lhe levava esses pensamentos e pela visão espiritual que Lhe permitira ler no foro dos indivíduos?

Então, muitas vezes uma pessoa, acreditando que um pensamento está profundamente sepultado no âmago da Alma, não suspeita que traz em si um espelho no qual se reflete aquele pensamento, um revelador em sua própria irradiação fluídica, que está impregnada dele. Se víssemos o mecanismo do mundo invisível à nossa volta, as ramificações desses fios condutores do pensamento que entrelaçam todos os seres

inteligentes, corpóreos e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das impressões do mundo moral e que, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos menos surpresos com certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (capítulo XIV, nº 15, 22 e subsequentes.)

Curas Perda de Sangue

10. *Então uma mulher doente por uma perda de sangue há doze anos, e que tinha sofrido muito nas mãos de vários médicos e que, tendo consumido todos seus bens, não recebera nenhum alívio, mas sempre se encontrava pior, tendo ouvido falar de Jesus, veio na multidão por detrás e toca as vestes de Jesus, porque ela dizia: Se eu puder apenas tocar suas vestes, eu serei curada. No mesmo instante, a fonte do sangue que ela perdia secou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela moléstia.*

*Logo Jesus, **conhecendo em si próprio a virtude que saíra Dele**, se volta para a multidão e diz: Quem é que tocou minhas vestes? – Seus discípulos Lhe disseram: Vedes que a multidão vos comprime por todos os lados e perguntais quem vos tocou? – E Ele olhava tudo à Sua volta para ver ali quem o havia tocado.*

Mas a mulher, que sabia o que se passara com ela, tomada de medo e de pavor, veio se jogar a seus pés e declara-lhe toda a verdade. – E Jesus lhe diz: Minha filha, vossa fé vos salvou; ide em paz e ficai curada de vossa moléstia. (Marcos, V:25 a 34)

11. Estas palavras: **Conhecendo em si próprio a virtude que saíra Dele** são significativas. Elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus para a mulher doente. Ambos sentiram a ação que se produzira. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato de vontade de Jesus. Não houve nem magnetização nem imposição de mãos. A irradiação fluídica normal bastou para operar a cura.

Mas por que essa irradiação foi dirigida para aquela mulher em vez de para outros, visto que Jesus não pensava nela, e que ele estava rodeado pela multidão?

A razão é bem simples. O fluido, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido

sobre o mal pela vontade do curador ou atraído pelo desejo ardente, a confiança, em uma palavra, a fé do enfermo. Em relação à corrente fluídica, na primeira ação faz o efeito de uma bomba premente, na segunda de um armamento aspirante. Às vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, outras vezes um só basta. É o segundo que teve lugar nessa circunstância.

Jesus tinha, portanto, razão de dizer: *Vossa fé vos salvou*. Compreende-se que aqui a fé não é a virtude mística como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira força atrativa, enquanto que aquele que não a tem opõe à corrente fluídica uma ação repulsiva, ou pelo menos a inércia que paralisa o efeito. Assim sendo, compreende-se que de dois doentes atingidos pelo mesmo mal, estando em presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. Está aí um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (capítulo XIV, nºs 31, 32 e 33.)¹

O cego de Betsaida

12. *Tendo chegado a Betsaida, foi-lhe trazido um cego que lhe pediu que o tocasse.*

E tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; esfregou saliva sobre os olhos do cego, e havendo-lhe imposto as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. — O homem, olhando, lhe disse: Vejo andarem os homens que me parecem como árvores. — Jesus ainda lhe pôe uma vez as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor. E, enfim, ele foi totalmente curado, vendo distintamente todas as coisas.

Ele o mandou, em seguida, para sua casa e lhe disse: Ide para vossa casa; e se entraís na aldeia, não dizeis a ninguém o que vos aconteceu. (Marcos, VIII:22 a 26)

13. Aqui o efeito magnético é evidente. A cura não foi instantânea, mas gradual, e em consequência de uma ação firme e reiterada, embora mais rápida que na magnetização comum. A primeira sensação daquele homem é aquela que experimentam os cegos ao recobram a luz. Por

⁽¹⁾ N. E: Veja-se Ensaio Teórico sobre curas instantâneas, na *Revista Espírita*, ano de 1868, p. 84 e seguintes.

um efeito de óptica, os objetos lhe parecem de uma grandeza desmesurada.

O paralítico

14. *Jesus, tendo entrado em um barco, atravessou o lago e veio à Sua cidade (Cafarnaum). E como foi-Lhe apresentado um paralítico deitado numa cama, Jesus, vendo sua fé, disse a esse paralítico: Meu filho, tende confiança, vossos pecados vos serão perdoados.*

Logo alguns dos escribas disseram entre si: Este homem blasfema. – Mas Jesus, conhecendo o que eles pensavam, lhes disse: Por que tendes vós maus pensamentos em vossos corações? Pois, o que é mais fácil de dizer: Vossos pecados vos são perdoados, ou dizer: Erguei-vos e andai? Ora, a fim de que saibais que o Filho do homem tem na Terra o poder de perdoar os pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; levai vossa cama, e ide para vossa casa.

O paralítico se levantou logo e foi para sua casa. E o povo, vendo esse milagre, encheu-se de temor e rendeu graças a Deus por haver dado um poder tal aos homens. (Mateus, IX:1 a 8)

15. O que poderiam significar essas palavras: “Vossos pecados vos são perdoados”, e o que poderiam elas servir para a cura? O Espiritismo dá a chave para uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje. Ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são, muitas vezes, expiações do passado, e que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em uma existência anterior: as diferentes existências são solidárias umas com as outras, até que paguemos a dívida de nossas imperfeições.

Se, portanto, a enfermidade desse homem fosse uma punição pelo mal que ele cometera, ao lhe dizer: “Vossos pecados vos são perdoados”, seria afirmar: “Pagastes vossa dívida, o motivo de vosso mal foi apagado por vossa fé presente; portanto, vós mereceis estar livre de vosso mal”. É por isso que ele disse aos escribas: “É tão fácil dizer: Vossos pecados vos são perdoados, como: Levantai-vos e andai”; cessada a causa, o efeito deve cessar. O caso é o mesmo que para um prisioneiro a quem viessem dizer: “Vosso crime foi expiado e perdoado”, o que equivaleria a dizer-lhe: “Podeis sair da prisão”.

Os dez leprosos

16. *Um dia, indo a Jerusalém e passando pelos confins de Samaria e da Galileia, estando perto de entrar em uma cidade, dez leprosos vieram diante Dele; e mantendo-se afastados, elevaram suas vozes e lhe disseram: Jesus, nosso mestre, tende piedade de nós. Quando Ele os viu, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E enquanto eles iam, foram curados.*

Um deles, vendo que fora curado, voltou sobre seus passos, glorificando a Deus em voz alta; e veio lançar-se aos pés de Jesus, o rosto contra a terra, rendendo-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: Todos os dez não foram curados? Onde estão, pois, os nove outros? Apenas se encontrou um que voltou, e que tenha rendido graças a Deus, e este é estrangeiro. E Ele lhe disse: Levantai-vos, ide; vossa fé vos salvou. (Lucas, XVII:11 a 19)

17. Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes em relação aos católicos, e desprezados pelos judeus como heréticos. Jesus, ao curar indistintamente samaritanos e judeus, dava uma lição e um exemplo de tolerância; e ao fazer ressaltar que apenas o samaritano veio render glória a Deus, mostrou que havia nele mais verdadeira fé e reconhecimento que naqueles que se diziam ortodoxos. Ao acrescentar: “Vossa fé vos salvou”, fez ver que Deus olha o fundo do coração e não a forma exterior da adoração. No entanto, os outros foram curados. Isto foi necessário para a lição que Ele queria dar e provar a ingratidão deles, mas quem sabe o que lhes terá resultado, e se eles foram beneficiados pelo favor que lhes fora concedido? Ao dizer ao samaritano: “Vossa fé vos salvou”, Jesus dá a entender que o mesmo não ocorrera com os outros.

A mão seca

18. *Jesus entrou outra vez na sinagoga, e lá encontrou um homem que tinha uma mão seca. E Ele era observado para ver se faria uma cura em um dia de sábado, com a finalidade de ter motivo para acusá-lo. Então, Ele disse àquele homem que tinha uma mão seca: Levantai-vos, e vinde ao meio. Depois Jesus lhes disse: É permitido no dia do sábado fazer o bem ou o mal, salvar uma vida ou tirá-la? E eles permaneceram em silêncio. Mas ele, ao olhá-los com cólera, afligido que estava da cegueira de seus corações,*

disse àquele homem: Estendei vossa mão. Ele a estendeu, e ela foi curada.

Logo os fariseus, tendo saído, tomaram conselho contra ele com os herodianos, sobre o meio de O desgraçar. — Mas Jesus se retirou com Seus discípulos em direção ao mar, onde uma grande multidão de povo o seguiu da Galiléia e da Judéia, de Jerusalém, da Idumeia e além-Jordão; e os dos arredores de Tiro e de Sidom, tendo ouvido falar das coisas que Ele fazia, vieram em grande número encontrá-lo. (Marcos, III:1 a 8)

A mulher curvada

19. Jesus ensinava em uma sinagoga todos os dias de sábado. E um dia, ele viu uma mulher possuída por um Espírito que a tornava doente, havia já dezoito anos, e ela estava tão encurvada, que não podia olhar para cima. Jesus ao vê-la, chamou-a e lhe disse: Mulher, estás livre de tua enfermidade. Ao mesmo tempo, lhe fez a imposição das mãos; e ela endireitando-se deu graças a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus havia curado a mulher em um dia de sábado, disse ao povo: Há seis dias destinados para trabalhar; vinde em tais dias para serdes curados e não nos dias de sábado.

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: Hipócritas, haverá alguém entre vós que não desamarra da canga seu boi ou seu asno no dia de sábado, e não o leva a beber? Por que, portanto, não se devia libertar de seus laços em um dia de sábado, esta filha de Abraão que Satanás tinha assim amarrado durante dezoito anos?

A estas palavras, todos os Seus adversários ficaram confusos e todo o povo ficou encantado de vê-lo fazer ações gloriosas. (Lucas, XIII:10 a 17)

20. Este fato prova que naquela época a maior parte dos males era atribuído ao demônio e que se confundiam, tal como hoje, os possuídos com os doentes, mas em sentido inverso. Quer dizer, hoje aqueles que não creem nos maus Espíritos confundem as obsessões com moléstias patológicas.

O paralítico da piscina

21. *Depois disso, chegando a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que se chamava em*

hebraico, Betesda, a qual tinha cinco galerias, nas quais estavam deitados doentes, em grande número, cegos, coxos e aqueles de membros ressecados, que esperavam que a água fosse agitada. Porque, o anjo do Senhor, em um certo tempo, descia nessa piscina e agitava a água; e aquele que primeiro entrasse, depois que a água tivesse sido agitada, seria curado de qualquer mal que tivesse.

Ora, havia lá um homem que estava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado, e conhecendo que estava doente já há muito tempo, disse-lhe: Quereis ser curado? O enfermo respondeu: Senhor, não tenho ninguém para me lançar na piscina depois que a água for agitada; e, durante o tempo que levo para lá chegar, um outro aí desce antes de mim. Jesus lhe disse: Levantai-vos, pegai vossa cama e andai. No mesmo instante aquele homem foi curado; e tomando de sua cama, começou a andar. Ora, esse dia era um sábado.

Os judeus disseram então àquele que fora curado: Hoje é dia de sábado. Não te é permitido levar tua cama. Ele respondeu: Aquele que me curou me disse: Levanta-te, toma tua cama e anda. Eles lhe perguntaram: Quem é esse homem que te disse: Levanta-te, toma tua cama e anda? Mas aquele que tinha sido curado não sabia quem ele era, porque Jesus se retirara da multidão do povo que lá estava.

Depois Jesus encontrou aquele homem no Templo e lhe disse: Tu que foste curado, não peques mais no futuro, para que não te aconteça alguma coisa pior.

Aquele homem foi ter com os judeus e lhes disse que fora Jesus quem o curara. E é por essa razão que os judeus perseguiram Jesus, porque Ele fazia essas coisas ali no dia de sábado. Então Jesus lhes disse: Meu Pai não para de agir até no presente e Eu agirei, também, sem cessar. (João, V:1 a 17)

22. Piscina (da palavra latina *piscis*, peixe) se dizia, entre os romanos, dos reservatórios ou viveiros nos quais se alimentavam os peixes. Mais tarde, a significação dessa palavra foi estendida às banheiras em que se banhavam em comum.

A piscina de Betesda, em Jerusalém, era uma cisterna, perto do Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parecia ter propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que,

em certas épocas, golfava com força e agitava a água. Segundo a crença vulgar, esse movimento era o mais favorável para as curas. Talvez, de fato, no momento de sua saída, a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou que a agitação produzida pela água borbulhante mexesse o lodo salutar para certas doenças. Estes efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje, mas, naquela época, as ciências eram pouco avançadas e via-se uma causa sobrenatural na maior parte dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam, portanto, na agitação dessa água a presença de um Anjo, e tal crença lhes parecia tanto melhor fundada quanto naquele momento a água era mais salutar.

Após ter curado esse homem, Jesus lhe disse: “No futuro não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior”. Por essas palavras, Ele lhe faz entender que seu mal era uma punição e que, se não melhorasse, poderia ser de novo punido ainda mais rigorosamente. Esta doutrina está inteiramente conforme àquela que o Espiritismo ensina.

23. Jesus parecia dar preferência a operar Suas curas no dia de sábado, para ter ocasião de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à observação desse dia. Ele queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância de práticas exteriores e de coisas formais, mas que ela está nos sentimentos do coração. Ele se justifica dizendo: “Meu Pai não para nunca de agir até o presente, e Eu agirei também incessantemente”; quer dizer, “Deus não suspende nunca Suas obras nem Sua ação sobre as coisas da Natureza no dia do sábado. Ele continua a produzir o que é necessário para o alimento e para a saúde do Homem, e Eu lhe sigo o exemplo”.

O cego de nascença

24. *Quando Jesus passava, viu um homem que era cego desde seu nascimento; e Seus discípulos Lhe fizeram esta pergunta: Mestre, é o pecado desse homem, ou o pecado daqueles que o puseram no mundo, que é a causa de ele ter nascido cego?*

Jesus lhes respondeu: Não é que ele tenha pecado nem aqueles que o puseram no mundo; mas é com a finalidade de que as obras do poder de Deus brilhem nele. É necessário que Eu faça as obras daquele que me

enviou, enquanto for dia; vem depois a noite, na qual ninguém poderá agir. Enquanto Eu estiver no mundo, Eu sou a luz do mundo.

Após ter dito isto, cuspiu no chão, e tendo feito lama com sua saliva, untou com essa lama os olhos do cego. E lhe disse: Ide lavar-vos na piscina de Siloé, que significa o Enviado. Ele foi, pois, lavou-se e voltou enxergando bem.

Seus vizinhos e os que o viram anteriormente pedindo esmola, diziam: Não é este aquele que estava sentado e que pedia esmola? Uns responderam: É ele; outros diziam: Não, é alguém que se parece com ele. Mas ele lhes disse: Sou eu mesmo. Então lhe perguntaram: Como teus olhos foram abertos? Respondeu-lhes: Aquele homem que se chama Jesus fez lama, untou meus olhos e me disse: Ide à piscina de Siloé e banhai-vos. Eu lá fui, lavei-me e vejo. Eles lhe disseram: Onde Ele está? Ele lhes respondeu: Não sei.

Então, levaram aos fariseus este homem que fora cego. Ora, foi no dia de sábado que Jesus fez a lama e abriu-lhe os olhos.

Os fariseus também o interrogaram, para saber como ele recobrou a visão. E ele lhes disse: Ele pôs lama sobre meus olhos; eu me lavei e vejo. Sobre isso, alguns dos fariseus disseram: Este homem não é enviado de Deus, visto que não guarda o sábado. Mas outros disseram: Como um homem mau poderia fazer tais prodígios? E havia, sobre isso, divisão entre eles.

Eles disseram de novo ao cego: E tu, que dizes deste homem que te abriu os olhos? Ele respondeu: Digo que é um profeta. Mas os judeus não acreditaram que este homem tivesse sido cego e que recobrou a visão, até que fizeram vir seu pai e sua mãe, a quem interrogaram, dizendo-lhes: Este é vosso filho que dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora? O pai e a mãe responderam: Sabemos que está aí nosso filho e que ele nasceu cego; mas não sabemos como ele agora vê, e não sabemos quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele é maior de idade, que ele responda por si mesmo.

*Seu pai e sua mãe falavam assim, porque temiam os judeus, pois que estes já haviam resolvido em conjunto, que **qualquer um que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo, seria expulso da sinagoga.** Isso foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: Ele é maior de idade, interrogai-o.*

Eles chamaram, pois, pela segunda vez o homem que nascera cego, e lhe disseram: Rende glória a Deus; sabemos que aquele homem é um pecador. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei; mas tudo o que sei é que eu era

cego, e agora vejo. Eles lhe disseram ainda: O que Ele te fez e como abriu teus olhos? Respondeu-lhes: Já vos disse, e vós ouvistes, por que quereis ouvir ainda uma vez? Será que vós quereis tornar-vos Seus discípulos? Ao que eles o encheram de injúrias e disseram-lhe: Sê tu mesmo Seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este, não sabemos de onde saiu.

O homem respondeu-lhes: Eis o que é mais admirável, que não saibais de onde Ele é e que me haja aberto os olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores, mas se alguém o honra e faz sua vontade, é a este que Ele exalta. Desde que o mundo é mundo, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se este homem não é de Deus, não poderia fazer nada de tudo quanto tem feito.

Eles lhe responderam: Tu és todo pecado desde o ventre de tua mãe, e queres nos ensinar? E o expulsaram. (João, IX:1 a 34)

25. Este relato, tão simples e tão ingênuo, traz em si um caráter evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida real, tomada sobre o fato. A linguagem desse cego é bem a daqueles homens simples nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retrucam os argumentos de seus adversários com bonomia, e por razões a que não faltam nem justeza nem oportunidade. O tom dos fariseus não é o desses orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e se indignam somente em pensar que um homem do povo possa lhes indicar a verdade? Salvo a cor local dos nomes, poder-se-ia dizer que é do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo interpretada segundo o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam Jesus como o Messias; ao serem excomungados, são postos fora da Igreja, como fizeram os escribas e os fariseus com relação aos partidários de Jesus. Assim, eis um homem que é expulso, porque não podia crer que Aquele que o curara fosse um possuído do demônio, e porque glorificava a Deus por sua cura! Não é isso que se faz com relação aos espíritas? O que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, volta a Deus e ao bem, curas, tudo é obra do

diabo e lhes lançam o anátema. Não se veem sacerdotes dizerem, do alto dos púlpitos, que *era melhor ficar incrédulo do que voltar à fé pelo Espiritismo?* Não se tem visto falar aos enfermos que não deveriam ser curados pelos espíritas que possuem esse dom, porque é um dom satânico? E outros, pregar que os infelizes não deveriam aceitar o pão distribuídos pelos espíritas, visto que era o pão do diabo? Que diziam e o que faziam a mais os sacerdotes judeus e os fariseus? Aliás, foi dito que tudo deve se passar hoje como no tempo do Cristo.

Esta pergunta dos discípulos: *É o pecado deste homem a causa de ele ter nascido cego?* Indica a intuição de uma existência anterior, pois de outra maneira ela não teria sentido; porque o pecado que seria a causa de uma enfermidade *de nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por consequência, em uma existência anterior. Se Jesus tivesse percebido aí uma ideia falsa, teria perguntado: “Como este homem teria podido pecar antes de haver nascido?” Em lugar disso, Ele lhes revelou que este homem é cego, não porque tenha pecado, mas a fim de que o poder de Deus brilhe nele, quer dizer, que ele deveria ser o instrumento de uma manifestação do Poder Divino. Se isso não era uma expiação do passado, era uma provação que serviria ao seu progresso, porque Deus, que é justo, não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para curá-lo, é evidente que a espécie de lama feita com a saliva e a terra poderia ter virtude apenas pela ação do fluido curador de que ela estava impregnada. É assim que as substâncias mais insignificantes (a água, por exemplo) podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual servem de veículo ou, se quisermos, de *reservatório*.

Numerosas curas de Jesus

26. *Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino, e curando todas as fraquezas e todas as moléstias entre o povo. Sua reputação tendo-se espalhado por toda a Síria; apresentavam-Lhe todos os que estavam doentes e afligidos por diversos males e dores, os possuídos, os lunáticos, os paralíticos e Ele os curava; e uma grande multidão*

de pessoas O seguiu da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e do além-Jordão. (Mateus, IV:23 a 25)

27. De todos os fatos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem contradição, as curas. Ele queria provar que o verdadeiro poder é o que faz o bem, que Seu objetivo era tornar-se útil, e não satisfazer a curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias.

Ao aliviar os sofrimentos, prendia as pessoas pelo coração, e fazia prosélitos mais abundantes e mais sinceros do que o teria conseguido apenas pelo espetáculo para os olhos. Por esse meio, se fazia amar, enquanto que se Ele se limitasse a produzir efeitos materiais surpreendentes, como Lhe pediam os fariseus, a maior parte teria visto Nele apenas um feiticeiro e um hábil mágico a quem os *desocupados iriam ver para se distraírem*.

Assim, quando João Batista envia-Lhe Seus discípulos para Lhe perguntar se Ele era o Cristo, Ele não diz: “Eu o sou”, pois todo impostor poderia dizer o mesmo; não lhes fala nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas lhes responde simplesmente: “Ide dizer a João: Os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Isso era o mesmo que Lhe dizer: “Reconhecei-me por minhas obras, julgai a árvore pelo seu fruto”, porque aí está o verdadeiro caráter de Sua missão divina.

28. É também pelo bem que pratica que o Espiritismo prova sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas sobretudo os morais e aí estão os maiores prodígios pelos quais ele se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são aqueles que foram atingidos apenas pela visão dos fenômenos extraordinários, mas aqueles que foram tocados na alma pela consolação: aqueles que foram libertados das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem foi exaltada nas aflições, que tiraram a força na certeza do futuro que lhes foi revelado, no conhecimento de seu ser espiritual e de seu destino. Eis aqueles cuja fé é inquebrantável, porque sentem e compreendem.

Os que veem no Espiritismo apenas os efeitos materiais não podem compreender sua força moral; também os incrédulos, que só o conhecem pelos fenômenos dos quais não admitem a causa primeira, veem nos espíritos apenas mágicos e charlatães. Não é, portanto, pelos prodígios

que o Espiritismo triunfará da incredulidade: é multiplicando seus benefícios morais, pois os descrentes não admitem os prodígios, eles conhecem, como todo o mundo, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa o alívio e as consolações.

Possessos

29. *Eles vieram em seguida a Cafarnaum; e Jesus, entrando primeiramente no dia de sábado, na sinagoga, os instruiu; e estavam admirados de Sua doutrina, porque os instruíu como quem tem autoridade, e não como os escribas.*

Ora, encontrava-se na sinagoga um homem possuído por um espírito impuro, que gritava, dizendo: Que há entre vós e nós, Jesus de Nazaré? Viestes para nos perder? Sei quem sois vós: vós sois o santo de Deus. Mas Jesus, o repreendeu, ordenando: Cala-te e sai deste homem. Então o espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões e soltando um grande grito, saiu dele.

Todos ficaram tão surpresos, que se perguntavam uns aos outros: O que é isto? E qual é esta nova doutrina? Ele manda com império, mesmo aos espíritos impuros, e eles lhe obedecem. (Marcos, I:21 a 27)

30. *Após saírem, apresentaram-lhe um homem mudo possuído pelo demônio. O demônio, tendo sido expulso, o mudo falou, e o povo, tomado de admiração, dizia: Não se viu jamais isto em Israel. Mas os fariseus diziam ao contrário: É pelo príncipe dos demônios que Ele expulsa os demônios. (Mateus, IX:32, 33 e 34)*

31. *Quando Ele veio ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em volta deles, e escribas que discutiam com eles. Logo todo o povo, tendo percebido Jesus, foi tomado de espanto e de temor; ocorrendo, eles O saudaram.*

Então Ele lhes perguntou: Sobre o que discutíeis juntos? – E um homem de entre o povo, tomando a palavra, disse-lhe: Mestre, eu vos trouxe meu filho que está possuído por um espírito mudo; e em qualquer lugar que se apodere dele, lança-o contra a terra, e o menino espuma, range os dentes, e torna-se todo mirrado. Pedi a vossos discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam.

Jesus lhes respondeu: Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando sofrerei convosco? Trazei-o a mim. Eles o trouxeram para Ele, e

ainda não havia ele visto Jesus, e o espírito começou a agitá-lo com violência, e ele caiu por terra, na qual rolava e espumava.

Jesus pergunta ao pai da criança: Há quanto tempo isto lhe ocorre? Desde sua infância, disse o pai. E o Espírito o tem lançado muitas vezes, ora ao fogo, ora à água para fazê-lo perecer; mas se podeis fazer alguma coisa, tende compaixão de nós e socorrei-o.

Jesus lhe respondeu: Se podes crer, tudo é possível a quem crê. Logo o pai da criança, gritando, diz-lhe em lágrimas: Senhor, eu creio! Ajudai-me em minha incredulidade.

E Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, repreendeu ao espírito impuro, e disse-lhe: Espírito surdo e mudo, sai do menino, Eu te ordeno e não entres mais aí. Então, o espírito, tendo soltado um grande grito, e tendo-o agitado por violentas convulsões, saiu, e o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam que ele morreria. — Mas Jesus o tomou pela mão e o soergueu, e ele se levantou.

Quando Jesus entrou na casa, Seus discípulos disseram-lhe em particular: De onde vem o fato de que não pudemos expulsar esse demônio? Ele lhes respondeu: Essa espécie de demônios não pode ser expulsa por nenhum outro meio senão pela prece e pelo jejum. (Marcos, IX:14 a 28)

32. *Então foi-Lhe apresentado um possesso cego e mudo, e Ele o curou, de sorte que começou a falar e a ver. Todo o povo ficou cheio de admiração, e eles diziam: Não é este o filho de Davi?*

Mas os fariseus, ouvindo isso, disseram: Este homem expulsa os demônios apenas por virtude de Belzebu, príncipe dos demônios.

Ora, Jesus, conhecendo seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado; e toda cidade ou casa dividida contra si mesma, não poderá subsistir. Se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, portanto, seu reino subsistirá? E se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem vossos filhos os expulsam? É por isso que eles mesmos serão vossos juízes. Se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, o reino de Deus chegou, portanto, até vós. (Mateus, XII:22 a 28)

33. *As libertações de possessos figuram, com as curas, entre os mais numerosos atos de Jesus. Entre os fatos desta natureza, algum há, como este que é relatado acima, nº 30, em que a possessão não é evidente. É provável que naquela época, como ocorre ainda em nossos dias, se*

atribuísse à influência dos demônios todas as doenças cuja causa fosse desconhecida, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há casos em que a ação dos maus espíritos não é duvidosa. Há casos que têm com aqueles de que somos testemunhas, uma analogia tão chocante, que aí se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em tais ocorrências, resulta de um fato material: são as numerosas curas radicais obtidas em alguns Centros Espíritas, unicamente pela evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização, medicamentos, e, muitas vezes, na ausência do paciente e a distância. A imensa superioridade do Cristo dava-Lhe uma tal autoridade sobre os espíritos imperfeitos, então chamados demônios, que Lhe bastava recomendar que se retirassem, para que não pudessem resistir a essa injunção. (capítulo XIV, nº 46)

34. O fato de maus Espíritos serem enviados aos corpos de porcos é contrário a toda probabilidade. Explicar-se-ia, aliás, dificilmente a presença de um tão numeroso rebanho de porcos em um país em que tinham horror a esse animal e que não o utilizava para a alimentação. Um espírito mau não é menos um Espírito humano, embora ainda tão imperfeito que continuava a praticar o mal após a morte, tal como o fazia antes, mas é contra as leis da Natureza que ele pudesse animar o corpo de um animal. É necessário, portanto, ver nesse fato uma dessas amplificações comuns nos tempos de ignorância e de superstições, ou talvez uma alegoria para caracterizar as inclinações imundas de certos espíritos.

35. Os obsedados e os possessos parecem ter sido muitos na Judeia, no tempo de Jesus, o que Lhe dava ocasião de curar a muitos. Os maus espíritos tinham, sem dúvida, feito invasão nesse país e causado uma epidemia de possessões. (capítulo XIV, nº 49)

Mesmo sem ser em estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e apresentam-se sob aspectos variados, que um conhecimento aprofundado do Espiritismo faz, facilmente, reconhecer. Elas podem muitas vezes ter consequências danosas à saúde, seja ao agravar as afecções orgânicas, seja ao causá-las. Elas serão, incontestavelmente, um dia classificadas entre as causas patológicas que requerem,

por sua natureza especial, meios curativos especiais. O Espiritismo, ao fazer conhecer a causa do mal, abre um novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de ser bem-sucedida ali onde ela malogrou frequentemente, apenas por não atacar a causa primeira do mal. (Ver *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII)

36. Jesus foi acusado pelos fariseus de expulsar os demônios por meio de demônios; o bem que Ele fazia era, segundo eles, obra de Satanás, sem refletir que Satanás, expulsando a si mesmo, faria um ato de insensatez. É notável que os fariseus desse tempo pretendessem que toda faculdade transcendente e, por esse motivo, reputada como sobrenatural, era obra do demônio, visto que, segundo eles, o próprio Jesus recebia dele Seu poder. É mais um ponto de similitude com a época atual, e essa doutrina é, ainda, aquela que a Igreja procura fazer prevalecer hoje contra as manifestações espíritas².

Ressurreições A filha de Jairo

37. Jesus tendo novamente passado de barco para a outra margem, quando estava junto do mar uma grande multidão de pessoas se reuniu à volta Dele. E um chefe da sinagoga, chamado Jairo, veio a seu encontro; e encontrando-O, lançou-se a Seus pés, e suplicava-lhe com grande insistência, dizendo-Lhe: Tenho uma filha que está agonizando; vinde impor-lhe as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.

Jesus foi com ele, e era seguido por grande multidão de pessoas que O comprimiam.

⁽²⁾ Nem todos os teólogos estão de acordo em professar opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Eis a de um eclesiástico de quem o clero não poderia contestar o valor. Encontra-se a seguinte passagem nas Conferências sobre a religião, de Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tomo II, página 341, Paris, 1825:

“Se Jesus operou Seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, portanto, trabalhado para destruir seu império, e empregaria seu poder contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um demônio estranho. Eis por que Jesus, para refutar a absurda acusação dos judeus, dizia-lhes: ‘Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está, portanto, dividido consigo mesmo, ele procura portanto se destruir!’ resposta que não sofrerá réplica”.

É precisamente o argumento que os espíritas opõem àqueles que atribuem ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos Espíritos. O demônio agiria como um ladrão profissional que devolveria tudo o que tinha roubado e engajaria outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

Enquanto Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas, e lhe disseram: Vossa filha está morta; por que quereis dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? Mas Jesus, tendo ouvido estas palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temais, crede somente. — E não permitiu que ninguém O seguisse, senão Pedro, Tiago, e João, irmão de Tiago. (...)

Chegados à casa desse chefe da sinagoga, viram um grupo confuso de pessoas que choravam e lançavam grandes gritos; e ao entrarem, lhes disse: Por que fazeis tanto barulho, e por que chorais? Esta moça não está morta ela está apenas adormecida. — E troçaram Dele. Tendo feito sair todo o mundo, Ele tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com Ele, e entrou no local em que a menina estava deitada. Tomou-a pela mão e disse-lhe: “Talitha cumi”, que quer dizer: Minha filha, levanta-te, Eu o ordeno. — No mesmo instante, a menina se levantou e se pôs a andar; pois ela tinha 12 anos, e eles ficaram maravilhados e espantados. (Marcos, V:21 a 24 e 35 a 43)

O filho da viúva de Naim

38. *No dia seguinte, Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e Seus discípulos O acompanharam com uma grande quantidade de pessoas. Quando Ele estava perto da porta da cidade, sucedeu que traziam um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva, e havia uma grande quantidade de pessoas da cidade com ela. O Senhor tendo-a visto, tocado de compaixão, foi em direção a ela, e disse-lhe: Não chores. Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o levavam pararam. Então Ele disse: Jovem, levanta-te, Eu te ordeno. No mesmo tempo, o morto se levantou, sentou-se e começou a falar, e Jesus o entregou à sua mãe.*

Todos os que estavam presentes foram tomados de medo e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta apareceu no meio de nós, e Deus visitou Seu povo. O rumor desse milagre que Ele fizera espalhou-se por toda a Judeia e em todos os países a seu redor. (Lucas, VII:11 a 17)

39. O fato de retorno à vida corporal de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da Natureza e, por consequência, mais miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam às vezes os profissionais, os acidentes dessa natureza deveriam ser bem mais frequentes em um país em que não se tomasse nenhuma precaução e onde o sepultamento era imediato³. Há, portanto, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima citados, houvesse apenas uma síncope ou letargia. Jesus mesmo disse-lhes, positivamente, da filha de Jairo: *Esta menina não está morta, ela está apenas adormecida*.

Em razão do poder fluídico que Jesus possuía, não há nada de espantoso que esse fluido vivificante, dirigido por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha podido mesmo chamar ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, enquanto o laço perispiritual não se rompera definitivamente. Para os homens daquele tempo, que acreditavam que o indivíduo estava morto desde que não respirasse mais, havia ressurreição e o podiam afirmar de muita boa-fé, mas havia, de fato, *cura*, e não ressurreição, na acepção da palavra.⁴

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não invalida de modo nenhum esse princípio. Estava, diz-se, há quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais. Ajunta-se que ele cheirava mal, o que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada a mais, visto que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte e exalam um odor de putrefação. A morte chega apenas quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem poderia saber se ele cheirava mal? É sua irmã Marta que o diz; mas como o saberia? Lázaro estando enterrado há quatro dias, ela o supunha, mas não poderia ter certeza. (capítulo XIV, nº 29)⁵.

Jesus caminha sobre as águas

41. *Logo, Jesus fez com que Seus discípulos embarcassem e atravessassem para a outra margem antes Dele, enquanto despedia-se do povo. — Após ter*

⁽³⁾ Uma prova desse costume se encontra em Atos dos Apóstolos, capítulo V, versículo 5 e subsequentes: “Ananias, tendo ouvido essas palavras, cai e entrega o Espírito; e todos os que ouviram falar disso, foram tomados de grande medo. Logo, alguns jovens vieram levar seu corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Decorridas três horas após, sua mulher (Safira), que não sabia do ocorrido, entrou. (...) No mesmo momento, ela caiu a seus pés e entregou o Espírito. Os jovens, entrando, encontraram-na morta e, levando-a, eles a enterraram ao lado de seu marido.

⁽⁴⁾ N. E Veja a *Revista Espírita*, ano de 1866, página 134 e seguintes e ano de 1867, página 363 e seguintes.

mandado embora o povo, subiu sozinho ao alto de uma montanha para orar; e a tarde vindo, Ele se encontrava só naquele lugar.

No entanto, o barco era fortemente açoitado pelas ondas no meio do mar, porque o vento lhe era contrário. Mas na quarta vigília da noite, Jesus veio andando sobre o mar⁶. Quando eles O viram andar, assim, sobre o mar, perturbaram-se e disseram: É um fantasma, e gritavam de medo. Logo Jesus lhes falou: Tranquilizai-vos, sou Eu, não tendes medo.

Pedro Lhe respondeu: Senhor, se és Tu, ordena que eu vá contigo, andando sobre as águas. Jesus lhe disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre a água para ir até Jesus. Mas vendo soprar um grande vento, teve medo; e começando a afundar, gritou: Senhor, salva-me. Logo Jesus, estendeu-lhe a mão, tomou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste? – E tendo subido para barco, o vento cessou. Então os que estavam no barco, se aproximaram Dele, adoraram-No, dizendo-lhe: Sois verdadeiramente o Filho de Deus. (Mateus, XIV:22 a 33)

42. Este fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios anteriormente expostos, capítulo XIV, nº 43.

Exemplos análogos provam que ele não é nem impossível nem milagroso, pois está nas leis da Natureza. Pode ser produzido de duas maneiras.

Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre a água sob uma forma tangível, enquanto que Seu corpo carnal estava alhures. É a hipótese mais provável. Pode-se mesmo reconhecer, na narração, certos sinais característicos das aparições tangíveis. (capítulo XIV, nºs 35 a 37)

Por outro lado, Seu corpo poderia ser sustentado e Seu peso ser neutralizado pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito é produzido, várias vezes, com corpos humanos.

⁽⁵⁾ **Nota:** O seguinte fato prova que a decomposição precede, algumas vezes, à morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão dos cárceres, para as decaídas arrependidas, encontrou-se uma jovem que suportava os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. No meio das dores, ela parecia sorrir a uma visão celeste; como Santa Teresa, ela pedia para sofrer mais, sua carne estava em frangalhos, a gangrena ganhava seus membros; por uma sábia previdência, os médicos tinham recomendado fazer a inumação do corpo imediatamente após a morte. Coisa estranha! Logo que deu o último suspiro, todo o processo de decomposição cessou; as exalações cadavéricas pararam; durante trinta e seis horas ela ficou exposta às preces e à veneração da comunidade.

⁽⁶⁾ O Lago de Genesaré ou de Tiberíades.

Transfiguração

43. *Seis dias depois, Jesus tomou a Pedro, Tiago e João, e os levou a sós com Ele sobre uma alta montanha a um lugar ermo⁷, e transfigurou-se diante deles. E enquanto fazia Sua prece, Seu rosto parecia ser inteiramente outro. Suas vestes tornaram-se muito brilhantes de luz, e brancas como a neve, de modo tal que não há alvejante na Terra que possa torná-las tão brancas. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.*

Então, Pedro disse a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias; pois nem sabia o que dizia, de tão maravilhado.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e saiu dessa nuvem uma voz que fez ouvir estas palavras: Este é meu filho bem-amado; escutai-o.

Logo, olhando para todos os lados, não viram mais ninguém além de Jesus, que permanecera com eles.

Quando desciam da montanha, Ele lhes ordenou que não falassem com ninguém o que viram, até que o Filho do homem ressuscitasse de entre os mortos. E conservaram secretas as coisas, perguntando-se entre si o que Ele queria dizer com aquelas palavras: Até que o Filho do homem ressuscitasse de entre os mortos. (Marcos, IX:2 a 9)

44. É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se podem encontrar as razões desse fenômeno. A transfiguração, explicada no capítulo XIV, nº 39, é um fato muito comum que, por consequência da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu a Seu Espírito dar-lhe um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e de Elias, ela entra inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero. (capítulo XIV, nºs 35 e subsequentes)

De todas as faculdades reveladas em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da Humanidade e que não se encontre no dia a dia dos homens, visto que elas estão na Natureza; mas pela superioridade de

⁷⁾ O monte Thabor ou Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich, a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré; com cerca de 1.000 m de altura.

Sua essência moral e de Suas qualidades fluídicas, elas atingiram Nele proporções acima das do vulgo. Ele nos representou, à parte de Seu envoltório carnal, o estado dos Espíritos puros.

Tempestade aplacada

45. *Um dia, subindo para um barco com Seus discípulos, disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago. Então partiram. E enquanto passavam, Ele adormeceu. Então, um grande turbilhão de vento veio de súbito abater-se sobre o lago, de sorte que seu barco se enchia de água, e eles estavam em perigo. Aproximaram-se, pois, Dele e O despertaram, dizendo-Lhe: Mestre, nós pereceremos. Jesus, levantando-se, falou com ameaça aos ventos e às ondas agitadas e eles se apaziguaram, e se fez uma grande calma. Então Ele lhes disse: Onde está a vossa fé? Mas eles, cheios de medo e de admiração, diziam uns aos outros: Quem é, portanto, este que ordena desta forma aos ventos e às ondas e a quem eles obedecem? (Lucas, VIII:22 a 25)*

46. Não conhecemos ainda bastante os segredos da Natureza para afirmar se há ou não, inteligências ocultas que presidem à ação dos elementos. Na hipótese afirmativa, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências, e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer.

Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode se explicar pelo fato de que Seu Espírito *via* que não havia nenhum perigo e que a tempestade iria se apaziguar.

As bodas de Canaã

47. Este milagre, mencionado somente no Evangelho de João, é indicado como o primeiro que Jesus fez e, por isso, deveria ser um dos mais notados. É necessário dizer que produziu bem pouca impressão, pois que nenhum outro Evangelista trata dele. Um fato tão extraordinário deveria ter causado a mais alta admiração aos convivas e, sobretudo, ao dono da casa, os quais parecem sequer ter-se percebido dele.

Considerado em si mesmo, esse caso tem pouca importância comparativamente àqueles que testemunharam, verdadeiramente, as qualidades espirituais de Jesus. Ao admitir que as coisas se hajam passado como são relatadas, é notável tratar-se do único fenômeno desse gênero que Ele tenha produzido. Ele era de natureza muito elevada para se deter em efeitos puramente materiais, próprios, somente, para atizar a curiosidade da multidão, que O assimilaria a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis Lhe conquistariam mais simpatia e Lhe trariam mais adeptos do que as que pudessem passar por fruto de destreza, não tocando o coração. (nº 27)

A rigor, o fenômeno pode ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica, que assim como o magnetismo oferece-nos exemplos, teria mudado as propriedades da água e lhe dado o gosto do vinho; essa hipótese é pouco provável, visto que em caso semelhante a água teria conservado sua cor, o que não poderia deixar de ser notado. É mais racional ver aí uma dessas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do Filho Pródigo, da Festa de Bodas, do Rico Mau, da Figueira Seca e tantas outras que têm, no entanto, o caráter de fatos consumados. Ele teria feito durante a refeição uma alusão ao vinho e à água, dos quais tiraria alguma instrução. O que justifica essa opinião são as palavras que Lhe dirige a esse respeito o mestre de cerimônias: “Todos servem primeiro o bom vinho e, depois de já terem bebido muito, serve-se, então, o de inferior qualidade; mas vós reservastes o bom vinho até esta hora”.

Entre as duas hipóteses, será necessário escolher a mais racional, e os espíritas não são pessoas tão crédulas que vejam por toda a parte casos de manifestações, nem tão absolutas para pretenderem tudo explicar pelos fluidos.

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação de pães é um dos milagres que mais tem intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que alimenta a imaginação dos incrédulos. Sem se dar ao trabalho de sondar o sentido alegórico, estes últimos viram nele apenas um conto pueril, mas a maior parte

das pessoas sérias viu nesse relato, embora sob uma forma diferente do comum, uma parábola, comparando o alimento espiritual da Alma ao sustento do corpo.

Pode-se ver, no entanto, mais que uma figura e admitir, sob certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem por isso recorrer ao prodígio. Sabe-se que uma grande preocupação de espírito, a atenção fixada sobre um dado assunto, fazem esquecer a fome. Ora, os que seguiam a Jesus eram pessoas ávidas de ouvi-Lo; não há, portanto, nada de espantoso que, fascinados por Sua palavra e talvez também pela forte ação magnética que exercia sobre eles, não tenham sentido a necessidade material de comer.

Jesus, que previa esse resultado, pôde, pois, tranquilizar Seus discípulos, dizendo na linguagem figurada que Lhe era habitual, e admitindo-se que realmente houvesse trazido alguns pães, e que eles seriam suficientes para matar a fome da multidão. Ao mesmo tempo, dava-lhes uma lição: “Dai-lhes vós mesmos de comer”, dizia Ele; ensinava-lhes com isso que eles também poderiam alimentar pela palavra.

Assim, ao lado do sentido alegórico moral, pôde produzir-se um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, nesse caso, está na ascendência da palavra de Jesus, bastante poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa, a ponto de fazê-la esquecer de comer. Essa força moral testemunha a superioridade de Jesus, bem mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado como uma alegoria.

Esta explicação se encontra, aliás, confirmada pelo próprio Jesus, nas duas passagens seguintes:

O fermento dos fariseus

49. Ora, Seus discípulos, tendo passado para o outro lado do mar, tinham se esquecido de pegar os pães. Jesus lhes disse: Tende cuidado de vos guardar do fermento dos fariseus e dos saduceus. Porém eles pensavam e diziam entre si: É porque não pegamos os pães.

Jesus, conhecendo isso, lhes falou: Homens de pequena fé, por que comentais entre vós a respeito de não terdes trazido os pães? Não compreendestes

ainda, e não vos lembrais de que cinco pães bastaram para cinco mil homens e quantos vos sobraram nas cestas? Como não compreendeis que não é do pão que vos falo, quando vos disse para guardar-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus?

Então eles compreenderam que não lhes dissera para se guardarem do fermento que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, XVI:5 a 12)

O pão do Céu

50. *No dia seguinte, o povo que permaneceu no outro lado do mar, notou que aí não havia outro barco, e que Jesus não entrara no que Seus discípulos tomaram, mas que os discípulos partiram sós, e como chegaram outros barcos de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após ter rendido graças, os alimentara com cinco pães e eles verificando, enfim, que Jesus não estava ali nem Seus discípulos. Entraram nos barcos e foram para Cafarnaum procurar Jesus. E tendo-O encontrado além do mar, disseram-Lhe: Mestre, quando viestes aqui?*

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo, vós me procurais, não por causa dos milagres que haveis visto, mas porque Eu vos dei pão para comer e vós ficastes saciados.

Trabalhai para ter não o alimento que perece, mas o que permanece para a vida eterna, e que o Filho do homem vos dará, porque é Nele que Deus Pai imprimiu Seu selo e Seu caráter.

Ao que Lhe disseram: Que faremos nós para fazer as obras de Deus? Jesus respondeu-lhes: A obra de Deus é que acrediteis naquele que Ele enviou.

Perguntaram-lhe: Que milagre, portanto, operarás, a fim de que vendo-o nós creiamos em Vós? Que fazeis de extraordinário? Nossos pais comeram o maná no deserto, segundo o que está escrito: Ele lhes deu de comer o pão do Céu.

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade, vos digo, Moisés não deu o verdadeiro pão do Céu; mas é meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do Céu. Porque o pão de Deus é o que desceu do céu e que dá vida ao mundo.

Eles lhe disseram, pois: Senhor, dai-nos sempre desse pão.

*Jesus lhes respondeu: **Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim***

não terá fome, e aquele que acredita em mim não terá jamais sede.

– Mas Eu já vos disse: vós me tendes visto e não me credes.

Em verdade, em verdade, vos digo, aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Mas eis o pão que desceu do Céu, a fim de que quem dele comer não morra. (João, VI:22 a 36 e de 47 a 50)

51. Na primeira passagem, Jesus, lembrando o fato produzido precedentemente, dá claramente a entender que não se tratava de pães materiais; de outro modo, a comparação que estabeleceu com o fermento dos fariseus teria sido sem objetivo. *Não compreendeis ainda*, disse Ele, *e não vos recordais de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e que sete pães foram suficientes para quatro mil homens? “Como não compreendeis ainda que não é do pão que vos falo, quando vos disse para vos guardar do fermento dos fariseus?”* Este confronto não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato teria sido bastante extraordinário em si mesmo para atingir a imaginação dos discípulos que, no entanto, não pareciam lembrar-se.

É o que ressalta, não menos claramente, do discurso de Jesus sobre o pão do Céu, no qual se esforça para fazer compreender o sentido verdadeiro do alimento espiritual. *Trabalhai*, diz Ele, *não para ter o alimento que perece, mas aquele que dura para a vida eterna, e que o Filho do homem vos dará. Esse alimento é a Sua palavra, que é o pão que desceu do Céu e que dá vida ao mundo. Eu sou*, diz Ele, *o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que acredita em mim jamais terá sede.*

Porém, tais distinções eram muito sutis para aquelas naturezas brutas, que compreendiam apenas coisas tangíveis. O maná que alimentou o corpo de seus ancestrais era para eles o verdadeiro pão do Céu: ali estava o milagre. Se, portanto, o fato da multiplicação dos pães tivesse se realizado materialmente, como é que esses mesmos homens, em cujo proveito ele se produzira há poucos dias antes, teriam ficado tão pouco impressionados, para dizer a Jesus: *Qual milagre, pois, fazeis, a fim de que vendo-o acreditemos em vós? Que fazeis de extraordinário?* É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, quer dizer, sinais no Céu operados por Sua ordem, como para o bastão de um

encantador. O que Jesus fazia era muito simples e não se afastava das leis da Natureza. As curas mesmo não tinham um caráter muito estranho, muito extraordinário. Os milagres espirituais não tinham muita substância para eles.

A tentação de Jesus

52. Jesus, transportado pelo diabo ao alto do Templo, e depois a uma montanha e tentado por ele, é uma das parábolas que Lhe eram familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais⁸.

53. “Jesus não foi transportado, mas queria fazer com que os homens compreendessem que a Humanidade está sujeita a falhar e que ela deve estar sempre em guarda contra as más inspirações às quais sua natureza falível a leva a ceder. A tentação de Jesus é, portanto, uma figura, e era preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como quereríeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, fosse submetido *por um tempo*, tão curto que fosse, às sugestões do demônio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio O tenha deixado, por um tempo, o que daria base para pensar que estava ainda submetido a seu poder? Não. Compreendi melhor os ensinamentos que vos foram dados. O espírito do mal nada poderia sobre a essência do Bem. Ninguém diz ter visto Jesus sobre a montanha nem no alto do Templo. Certamente, teria sido um fato de natureza a ser propagado entre todos os povos. A tentação não foi, portanto, um ato material ou físico. Quanto ao ato moral, pode-se admitir que o espírito das trevas pudesse dizer Àquele que conhecia Sua origem e Sua força: ‘Adora-me, e eu te darei todos os reinos da Terra’? O demônio teria, então, ignorado quem era aquele a quem fazia tais ofertas, o que não é provável. Se ele O conhecia, sua proposta seria um contrassenso, porque bem sabia que ele seria recusado por Aquele que viria a arruinar seu império sobre os homens.

“Compreendi, portanto, o sentido desta parábola, porque é uma delas, assim como as do *Filho Pródigo* e do *Bom Samaritano*. Ela nos mostra os perigos que correm os homens, se não resistirem a essa voz

⁽⁸⁾ A seguinte explicação foi tirada, textualmente, de uma instrução dada a esse respeito por um Espírito.

íntima que lhes grita sem cessar: ‘Podes ser mais do que és; podes possuir mais do que possuis; podes crescer, adquirir; cede à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos’. Ela nos mostra o perigo e o meio de evitá-lo, ao dizer às más inspirações: *Retira-te, Satanás!* Ou de outra forma: *Para trás, tentação!*

“As duas outras parábolas que fiz recordar vos mostram o que pode ainda esperar aquele que, muito fraco para expulsar o demônio, sucumbiu a suas tentações. Elas vos mostram a misericórdia do pai de família estendendo sua mão sobre a cabeça do filho arrependido, e concedendo-lhe, com amor, o perdão implorado. Elas mostram o culpado, o cismático, o homem repelido por seus irmãos, tendo aos olhos do Juiz supremo mais valor que aqueles que o desprezam, porque ele pratica as virtudes ensinadas pela lei do Amor.

“Pesai bem os ensinamentos dados nos Evangelhos. Sabei distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e os erros que vos cegaram durante tantos séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à brilhante luz da verdade”. (Bordeaux, 1862, *João, Evangelista*).

Prodígios por ocasião da morte de Jesus

54. *Ora, depois da sexta hora do dia até a nona, toda a terra foi coberta de trevas.*

Ao mesmo tempo, o véu do Templo se rasgou em dois, desde o alto até embaixo; a Terra tremeu, as pedras se fenderam; os sepulcros se abriram, e muitos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; e saindo de suas tumbas após Sua ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por várias pessoas. (Mateus, XXVII:45, 51, 52 e 53)

55. É estranho que tais prodígios, cumprindo-se no mesmo momento em que a atenção da cidade fixava-se no suplício de Jesus, que era o evento do dia, não tenham sido notados, visto que nenhum historiador os tenha mencionado. Parece impossível que um tremor de Terra e *toda a terra* coberta de trevas durante três horas, em um país onde o Céu é sempre de uma perfeita limpidez, pudessem passar despercebidos.

A duração dessa obscuridade corresponde com boa aproximação a de um eclipse do Sol, mas essas espécies de eclipses se produzem apenas na lua nova, e a morte de Jesus teve lugar durante a lua cheia, no dia 14 do mês de nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol pode também ser produzido pelas manchas que se notam em sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz é sensivelmente enfraquecido, mas jamais a ponto de produzir obscuridade e trevas. Supondo que um fenômeno dessa natureza teve lugar naquela época, seria uma causa perfeitamente natural⁹.

Quanto aos mortos ressuscitados, pode ser que *algumas pessoas* tenham tido visões ou aparições, o que não é excepcional, mas, como não se conhecia a causa desse fenômeno, pensavam que os indivíduos aparecidos saíam do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, emocionados com a morte de seu Mestre, sem dúvida, a isso ligaram alguns fatos particulares aos quais não teriam prestado nenhuma atenção em outros tempos. Bastaria que um fragmento de rocha se destacasse, naquele momento, para que pessoas predispostas ao maravilhoso vissem aí um prodígio e que, ampliando o fato, dissessem que as pedras se fenderam.

Jesus é grande por Suas obras, e não pelos quadros fantásticos que um entusiasmo pouco esclarecido entendeu cercá-Lo.

Aparições de Jesus após Sua morte

56. *Mas Maria (Madalena) se manteve fora, perto do sepulcro, vertendo lágrimas. E enquanto chorava, abaixou-se para olhar no sepulcro, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um no lugar da cabeça, e outro no dos pés. Eles lhe disseram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: É que levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram.*

⁽⁹⁾ **Nota:** Há, constantemente, na superfície do Sol, manchas fixas, que seguem seu movimento de rotação e servem para determinar a duração deste. Mas estas manchas aumentam às vezes em número, extensão e intensidade, e é então que se produz uma diminuição na luz e no calor. Esse aumento no número de manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e a posição relativa de alguns planetas, o que resulta no seu retorno periódico. A duração desse escurecimento é muito variável; às vezes é apenas duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou quatorze meses.

Tendo dito isto, ela se voltou e viu Jesus em pé, sem saber sequer que fosse Jesus. Então Jesus lhe disse: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, pensando que fosse o jardineiro, disse-lhe: Senhor, se fostes vós que o levastes, dizei-me onde O colocastes que eu O levarei.

Jesus lhe disse: Maria. Logo ela se voltou e Lhe disse: Rabboni, que quer dizer: Meu Mestre. Jesus lhe respondeu: Não me toques, porque não subi ainda para meu Pai, mas vai buscar meus irmãos, e dize-lhes de minha parte: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena veio, pois, dizer aos discípulos que ela vira o Senhor e que Ele lhe dissera essas coisas. (João, XX:11 a 18)

57. *Naquele mesmo dia, dois dentre eles, indo para uma aldeia chamada Emaús, distante sessenta estádios de Jerusalém, falavam sobre tudo o que se passara. E sucedeu que, quando eles conversavam e conferenciavam sobre isso, o próprio Jesus veio se juntar a eles e se pôs a andar com eles; **mas Seus olhos estavam tolhidos, a fim de que eles não pudessem reconhecê-Lo.** E lhes disse: Sobre o que conversais assim, andando, e de onde viestes que estais tão tristes?*

Um deles, chamado Cléofas, tomando a palavra, disse-Lhe: Sois vós tão estranho em Jerusalém, que não sabeis o que se passou nestes dias? E que foi? perguntou Ele. Eles Lhe responderam: A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso diante de Deus e diante de todo o povo; e de qual modo os príncipes dos sacerdotes e nossos anciãos O entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, esperávamos que fosse Ele quem resgataria Israel e, no entanto, após tudo isso, eis o terceiro dia que tais coisas se passaram. É verdade que algumas mulheres daquelas que estavam conosco nos espantaram; porque, tendo ido antes do romper do dia a Seu sepulcro, e não tendo aí encontrado o corpo, elas vieram dizer que anjos lhes apareceram, e lhes disseram que Ele vive. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas como as mulheres lhes haviam relatado; mas quanto a Ele, eles não O encontraram.

Então Jesus lhes disse: Ó, insensatos, cujo coração é lento para crer em tudo o que os profetas disseram! Não necessitaria que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na glória? E a começar por Moisés, e em

seguida passando por todos os profetas, lhes explicava o que em todas as Escrituras fora dito Dele.

*Quando estavam próximos da aldeia para onde eles iam, Ele deu mostras de ir mais longe. Mas os dois O obrigaram a se deter ao Lhe dizerem: Ficai conosco, porque é tarde e o dia já está em seu declínio. E ele entrou com eles. Estando com eles à mesa, tomou o pão e o abençoou e tendo-o partido, deu a eles. **Ao mesmo tempo seus olhos se abriram e eles O reconheceram, mas Ele desapareceu diante de seus olhos.***

*Então eles disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando Ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras? E levantando-se na mesma hora, retornaram a Jerusalém e encontraram reunidos os onze Apóstolos e os que continuavam com eles e diziam: O Senhor em verdade ressuscitou e Ele **apareceu** a Simão. — Então, eles também relataram o que lhes acontecera no caminho e como O reconheceram ao partir o pão.*

*Enquanto eles conversavam assim, **Jesus apresentou-se no meio deles**, e lhes disse: A paz esteja convosco; sou Eu, não tendes medo. Mas na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram ver um **Espírito**.*

E Jesus lhes disse: Por que vos perturbais? E por que sobem dúvidas em vossos corações? Observai minhas mãos e meus pés e reconhecereis que sou Eu mesmo; tocai-me e reconhecei que um Espírito não tem nem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho. Após dizer isso, mostrou-lhes Suas mãos e Seus pés.

Mas, como eles não acreditavam ainda, tão transportados estavam de alegria e de admiração, Ele lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que se coma? Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e, tomando os restos, lhes deu e disse-lhes: Eis que estando ainda convosco Eu vos dizia: que era necessário que se cumprisse tudo o que foi escrito de mim na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.

Ao mesmo tempo, lhes abriu o espírito, a fim de que entendessem as Escrituras; e lhes disse: É assim que está escrito e assim era necessário que o Cristo sofresse e que ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; e que se pregasse em Seu nome o arrependimento e a remissão dos pecados em todas as nações, a começar por Jerusalém. Ora, vós sois testemunhas dessas coisas. E vou enviar-vos o dom de meu Pai, o qual vos foi prometido; mas, por

enquanto, permaneci na cidade até que Eu vos haja revestido da força do Alto. (Lucas, XXIV:13 a 49)

58. *Ora, Tomé, um dos doze Apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos então lhe disseram: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que as atravessaram e se eu não puser meu dedo nos furos feitos pelos cravos e minha mão no furo de seu lado, não acreditarei.*

*Oito dias depois, estando os discípulos ainda no mesmo lugar, e Tomé com eles, Jesus veio, achando-se **as portas fechadas** e se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz esteja convosco.*

Disse, em seguida, a Tomé: Põe aqui teu dedo e olha minhas mãos; estende também tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel. Tomé lhe respondeu: Senhor meu e Deus meu! Jesus lhe disse: Tu creste, Tomé, porque viste; felizes aqueles que acreditaram sem ter visto. (João, XX:24 a 29)

59. *Jesus se fez ver então a Seus discípulos na margem do mar de Tiberíades, apresentando-se desta forma:*

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Canaã, Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de Seus discípulos estavam juntos. Simão Pedro lhes disse: Vou pescar. Eles lhe disseram: Vamos também contigo. Eles foram e entraram em um barco; mas naquela noite não apanharam nada.

A manhã chegara, Jesus apareceu na margem, sem que esses discípulos reconhecessem que era Ele. Jesus lhes disse, pois: Filhos, não tendes nada para comer? Eles Lhe responderam: Não. Ele lhes disse: Lançai a rede do lado direito do barco, e encontrareis. Eles a lançaram logo e não puderam retirá-la, porque estava carregada de peixes.

Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro sabendo que era o Senhor, colocou suas vestes (pois estava nu), e atirou-se ao mar. Os outros discípulos vieram com o barco. E como não estavam longe da praia senão por volta de duzentos côvados, puxaram a rede cheia de peixes. (João, XXI:1 a 8)

60. *Após isso, Eles os conduziu para fora, para Betânia; e tendo elevado as mãos, Ele os abençoou; e ao abençoá-los, Ele se separa deles e se eleva ao Céu.*

Após terem-No adorado, eles retornaram a Jerusalém, cheios de alegria;

e estavam sem cessar no Templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém.
(Lucas, XXIV:50 a 53)

61. As aparições de Jesus após Sua morte são relatadas por todos os Evangelistas com detalhes circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do fato. Elas se explicam, aliás, perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e não apresentam nada de anormal comparadas com os fenômenos do mesmo gênero, dos quais a História Antiga e a Contemporânea oferecem numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias que acompanharam Suas diversas aparições, reconheceremos Nele, nesses momentos, todos os caracteres de um ser fluídico. Ele aparecia inopinadamente e desaparecia do mesmo jeito; é visto por uns e não por outros sob aparência que não O fez ser reconhecido nem mesmo por Seus discípulos; mostra-se em lugares fechados onde um corpo carnal não poderia penetrar; mesmo Sua linguagem não tem a vivacidade da de um ser corpóreo; tem o tom breve e sentencioso, particular aos Espíritos que se manifestam dessa maneira. Todas as Suas atitudes, em uma palavra, têm alguma coisa que não é do mundo terrestre. Sua presença causa, ao mesmo tempo, surpresa e medo. Seus discípulos, ao vê-Lo, não Lhe falam com a mesma liberdade; eles sentem que não é mais o homem.

Jesus revelou-se, pois, com Seu corpo perispiritual, o que explica por que foi visto apenas por aqueles a quem queria se mostrar. Se estivesse em corpo carnal, teria sido visto por qualquer um, como quando vivo. Seus discípulos, ignorando a causa primeira do fenômeno das aparições, não se deram conta dessas particularidades que eles, provavelmente, não notavam. Viam Jesus e O tocavam, para eles isso deveria ser Seu corpo ressuscitado. (capítulo XIV, n^{os} 14 e 35 a 38)

62. Ao passo que a incredulidade rejeita todos feitos de Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e considera-os, sem exceção, como lendários. O Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova sua possibilidade, não somente pela teoria das leis fluídicas, mas por sua identidade com os acontecimentos análogos produzidos por uma multidão de pessoas nas condições as mais comuns. Visto que

estão de algum modo no domínio público, eles não provam nada, em princípio, quanto à natureza excepcional de Jesus¹⁰.

63. O maior dos milagres que Jesus fez, aquele que atesta, verdadeiramente, Sua superioridade, é a revolução que Seus ensinamentos operaram no mundo, malgrado a exiguidade de Seus meios de ação.

De fato, Jesus, desconhecido, pobre, nascido na condição mais humilde, em um pequeno povoado quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, prega apenas por três anos. Durante esse curto espaço de tempo, Ele foi desentendido e perseguido por Seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor. Foi obrigado a fugir para não ser lapidado. Foi traído por um de Seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que caiu nas mãos de Seus inimigos. Ele fazia apenas o Bem, e isso não O colocou ao abrigo da malquerença, a qual voltava contra Ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morreu ignorado pelo mundo, visto que a História contemporânea se cala a Seu respeito¹¹. Ele nada escreveu e, no entanto, ajudado por alguns homens desconhecidos como Ele, Sua palavra bastou para regenerar a Humanidade. Sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso e tornou-se a tocha da civilização. Tinha, portanto, contra Si tudo o que podia fazer malograr os homens, por isso nós dizemos que o triunfo de Sua doutrina é o maior de Seus milagres, ao mesmo tempo em que prova Sua missão divina. Se, em lugar de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do Homem, Ele tivesse a oferecer à posteridade apenas alguns fatos maravilhosos, hoje mal se conheceria, talvez, Seu nome.

Desaparecimento do corpo de Jesus

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após Sua morte tem sido

⁽¹⁰⁾ **Nota:** Os numerosos fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, vista dupla e outros, que são relatados na *Revista Espírita* e lembrados nas notas anteriores, oferecem, até nas circunstâncias de detalhe, uma analogia tão fricante com os que conta o Evangelho, que a semelhança dos efeitos e das causas fica evidente. Pergunta-se, portanto, por que o mesmo fato teria uma causa natural hoje e sobrenatural naquele tempo; diabólico para alguns e divino para outros. Se fosse possível colocá-los aqui a frente uns dos outros, a comparação seria mais fácil; mas seu número e os desenvolvimentos que a maior parte necessitassem, não o teriam permitido.

objeto de numerosos comentários. É atestado pelos quatro Evangelistas, firmados nos relatos das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia, e ali não O encontraram. Uns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros supuseram uma remoção clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria revestido um corpo carnal, mas somente um corpo fluídico. Teria sido, durante toda Sua vida, uma aparição tangível, em uma palavra, uma espécie de agêner. Seu nascimento, Sua morte e todos os atos materiais de Sua vida seriam apenas uma aparência. E assim, dizem, Seu corpo voltando ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e é com esse mesmo corpo que Ele se mostrou após Sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, após o que se sabe hoje sobre as propriedades dos fluidos; mas seria ao menos um feito excepcional e em oposição formal com o caráter dos agêneres (capítulo XIV, nº 36). A questão é saber, portanto, se uma tal hipótese é admissível, se ela é confirmada ou contraditada pelos fatos.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à Sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa na mãe, como nas condições comuns da vida¹². Depois de Seu nascimento até Sua morte, tudo, em Seus atos, em Sua linguagem e nas diversas circunstâncias de Sua vida, apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produzem Nele são acidentais e não têm nada de anormal, visto que se explicam pelas propriedades do perispírito, e são encontrados em diferentes graus em outros indivíduos. Após Sua morte, ao contrário, tudo revela Nele o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão marcada, que não é possível assemelhá-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, que diferem essencialmente daquelas dos fluidos etéreos; a desorganização se opera nele pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, seu funcionamento se detém

⁽¹¹⁾ **Nota:** O historiador judeu Josefo é o único que fala disso e pouca coisa diz.

e a morte ocorrerá, quer dizer, a falência do corpo. Essa coesão não existe nos corpos fluídicos; neles a vida não repousa no funcionamento de órgãos especiais nos quais não se podem produzir desordens análogas. Um instrumento cortante, ou qualquer outro, penetra ali como em um vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Eis por que essas espécies de corpos *não podem morrer*, os seres fluídicos designados sob o nome de *agêneres* não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, Seu corpo ficou ali, inerte e sem vida; foi sepultado como os corpos comuns, e cada um pôde vê-lo e tocá-lo. Após Sua ressurreição, quando Ele quis deixar a Terra, Ele não morre. Seu corpo se eleva, esvai-se e desaparece, sem deixar nenhum traço, prova evidente de que esse corpo era de outra natureza que não a daquele que pereceu na cruz. Se, portanto, Jesus morreu, é porque tinha um corpo carnal. Em consequência de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, de onde se conclui que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula. Pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode provar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria; donde é igualmente necessário concluir que se Jesus sofreu materialmente, como se sabe não se poderia duvidar, é porque tinha um corpo material, de natureza semelhante ao de todo mundo.¹³

66. Aos fatos materiais vêm ajuntar-se as considerações morais muito poderosas. Se Jesus estivesse, durante Sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria provado nem a dor nem nenhuma das necessidades do corpo. Supor que tivesse sido assim, é retirar-Lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que Ele escolhera como exemplo de resignação. Se tudo Nele fosse apenas aparência, todos os atos de Sua vida, o anúncio reiterado de Sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, Sua prece a Deus para afastar o cálice de Seus lábios, Sua paixão, Sua agonia, tudo, até Seu último grito no momento de entregar

(12) Não falamos do mistério da encarnação, do qual não temos de nos ocupar aqui, e que será examinado ulteriormente.

o Espírito, não teria sido senão um vão simulacro, para enganar com relação à Sua natureza e fazer acreditar no sacrifício ilusório de Sua vida, uma comédia indigna de um homem simples e honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Em uma palavra, Ele teria abusado da boa-fé dos Seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, que não são admissíveis, porque seria diminuí-Lo moralmente, em lugar de O elevar.

Jesus teve, portanto, como todo mundo, um corpo carnal e um fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e psíquicos que assinalaram Sua vida.

67. Essa ideia a respeito da natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos *apolinistas*, pretendia que Jesus não havia tomado um corpo como o nosso, mas, sim, um corpo *impassível* que descera do Céu no seio da Santa Virgem, e não nascera dela. Como Jesus não nascera, teria sofrido e morrido apenas em *aparência*. Os apolinaristas foram anatematizados no Concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374, e no de Constantinopla, em 381.

Os *docetas* (do grego, *dokein*, aparecer), seita numerosa dos *gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença.

⁽¹³⁾ **N. E:** Allan Kardec não pôde cumprir em vida essa promessa visto que, no ano seguinte, após a publicação desta obra, retornou à Pátria Espiritual.

AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O
ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

1. Como o conhecimento do futuro é possível? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que são a consequência do estado atual, mas não daqueles que não tenham nenhuma relação com este, e, ainda menos, dos que são atribuídos ao acaso. As coisas futuras, dizem, não existem. Elas ainda estão no nada. Como, então, saber se elas acontecerão? Os exemplos de predições realizadas são, no entanto, numerosos, do que é preciso concluir que ocorre aí um fenômeno do qual não se tem a chave, pois não há efeito sem causa. É essa causa que vamos procurar e é, ainda, o Espiritismo, ele mesmo a chave de tantos mistérios, que nos fornecerá, e que, além do mais, nos mostrará que mesmo o fato das predições não se afasta das leis naturais.

Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas usuais, e que ajudará a fazer compreender o princípio que desenvolveremos.

2. Suponhamos um homem colocado no alto de uma montanha, observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e ele poderá facilmente abarcar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho. O viajante que segue esse caminho pela primeira vez sabe que, andando, chegará ao fim: eis uma simples previsão da consequência de sua marcha; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a vencer, os bosques a atravessar, os precipícios

nos quais poderá cair, os salteadores escondidos para saqueá-lo, as casas hospitaleiras em que poderá repousar, tudo isso é independente de sua pessoa: é para ele o desconhecido, o porvir, porque sua visão não se estende além do pequeno círculo que o rodeia. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que consome para percorrer o caminho. Retire os pontos de referência e a duração se apaga. Para o homem que está na montanha e que segue com os olhos o viajante, tudo isso é o presente. Suponhamos que o observador desça para perto do viajante e lhe diga: “A tal momento encontrareis tal coisa, sereis atacado e socorrido”; Ele estará predizendo o futuro. O futuro existe, está para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3. Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais e se entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à sua depuração e à sua elevação na hierarquia espiritual. Eles são, com relação aos espíritos inferiores, como o homem armado de um poderoso telescópio, ao lado daquele que tem, apenas, seus olhos. Para estes últimos, a visão é circunscrita, não somente porque não podem se afastar do globo ao qual estão presos, mas porque a grosseria de seu perispírito lhes vela as coisas afastadas, como o faz a bruma para os olhos do corpo.

Compreende-se que, segundo o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e mesmo de vários milhares de anos, pois o que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes do caminho para o viajante: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período. Todos os eventos que, naquele período, são o porvir para o Homem da Terra, significam para ele o presente. Poderia, portanto, vir nos dizer com certeza: Tal coisa ocorrerá em tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha sabe o que aguarda o viajante no caminho. Se ele não o faz, é porque o conhecimento do porvir será nocivo ao Homem; entravaria seu livre-arbítrio; paralisá-lo-ia no trabalho que deve realizar para seu progresso. O bem e

o mal que o aguardam, estando no desconhecido, são para ele a prova.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de poder não deve se elevar no Criador, que abarca o infinito? Para Ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. No entanto, como o Homem deve concorrer para o progresso geral, e que certos acontecimentos devem resultar de sua cooperação, pode ser-lhe útil, em casos especiais, que ele pressinta esses eventos, a fim de que prepare o caminho e esteja pronto para agir quando chegar o momento. É por isso que Deus permite, às vezes, que uma ponta do véu seja levantada; mas será sempre com um fim útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, portanto, ser dada não a todos os Espíritos, visto que há os que não conhecem melhor o futuro que os próprios homens; mas a alguns suficientemente avançados para isso. Ora, é de se notar que essas espécies de revelações são sempre feitas espontaneamente e, jamais, ou pelo menos raramente, em resposta a uma pergunta direta.

5. Tal missão pode, igualmente, ser dada a certos homens, e eis de que maneira:

Aquele a quem é confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode receber, à sua revelia, a inspiração dos Espíritos que a conhecem e, então, ele a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Sabe-se que, seja durante o sono, seja no estado de vigília nos êxtases da vista dupla, a Alma se desprende e possui em maior ou menor grau faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito evoluído, se tiver, como os profetas, recebido uma missão especial para esse efeito, gozará, nos momentos de emancipação da Alma, da faculdade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso e ver, como presentes, os acontecimentos desse período. Pode, então, revelá-los no mesmo instante, ou conservar a memória ao despertar. Se esses eventos devem ficar em segredo, ele perderá a lembrança deles, ou não lhe restará senão uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente.

6. É assim que se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente

em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maior parte das seitas perseguidas têm tido numerosos *videntes*. É ainda assim que se veem grandes capitães avançarem resolutamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguirem um objetivo, predizendo, por assim dizer, o momento em que o atingirão. É que eles viram esse fim, que não o é desconhecido para seu Espírito.

O dom da predição não é, pois, mais sobrenatural que uma porção de outros fenômenos; ele repousa nas propriedades da Alma e na lei das relações do mundo visível com o invisível, que o Espiritismo vem tornar conhecido.

Esta teoria da presciência não resolve talvez de maneira absoluta todos os casos que a revelação do porvir pode apresentar, mas temos de admitir que ela lhe estabelece o princípio fundamental.

7. Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, quando no estado extático ou sonambúlico, veem os acontecimentos se desenharem como em um quadro. Isso poderia também se explicar pela fotografia do pensamento. Um evento que está no pensamento dos Espíritos que trabalham em sua concretização, ou no dos homens cujos atos devem provocá-lo, tal pensamento atravessando o espaço, como os sons atravessam o ar, pode tornar a imagem visível para o vidente; mas como a realização pode ser apressada ou retardada por um concurso de circunstâncias, ele vê o fato sem poder precisar o momento de sua realização. Às vezes, mesmo, esse pensamento pode ser apenas um projeto, um desejo que pode não ter seguimento; daí os erros frequentes quanto ao fato e à data, nas previsões. (capítulo XIV, nº 13 e seguintes)

8. Para compreender as coisas espirituais, quer dizer, para delas se ter uma ideia tão nítida quanto aquela que fazemos de uma paisagem que está sob nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão, sem o contato. Também, é apenas por um esforço da imaginação que nós aí chegamos, ajudados pelas comparações extraídas das coisas que nos são familiares. Mas, as coisas materiais podem dar somente ideias muito imperfeitas das espirituais.

É por isso que não se devem tomar ao pé da letra essas comparações e acreditar, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos se relaciona com a elevação em que estão e que eles têm necessidade de estar no alto de uma montanha, ou acima das nuvens, para abarcarem o tempo ou o espaço.

Esta faculdade é inerente ao estado de espiritualização ou, se quiserem, de desmaterialização. Quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, àquele da visão de conjunto do homem que está no alto da montanha. Essa comparação tinha simplesmente por finalidade mostrar que acontecimentos que estão no porvir para alguns, estão no presente para outros e podem, assim, ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para gozar dessa percepção, o Espírito não tem necessidade, pois, de se transportar para um ponto qualquer do espaço. Aquele que está na Terra, a nosso lado, pode possuí-la em sua plenitude, tanto como se estivesse a mil léguas de distância, enquanto nós não vemos nada além do horizonte visual. A visão, nos Espíritos, não se produz da mesma maneira nem com os mesmos elementos que no homem; seu horizonte visual é todo outro. Aí está precisamente o sentido que nos falta para concebê-lo; *o Espírito ao lado do encarnado é como um vidente ao lado de um cego.*

9. Além disso, é necessário que se compreenda que essa percepção não se limita em extensão, visto que ela penetra em todas as coisas. É, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, mas não é completamente anulada, pois a Alma não está fechada no corpo como em uma caixa. O encarnado a possui, embora sempre em um grau menor que quando está inteiramente liberto. É o que dá a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, uma maior justeza no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, mas se lembra do que viu no estado de Espírito, e essa lembrança é como um quadro que se recompõe em seu pensamento. Na encarnação, ele vê, porém vagamente

e como que através de um véu; no estado de liberdade ele vê e concebe claramente. *O princípio da visão não está fora dele*, mas nele. É por isso que ele não tem necessidade de nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alterariam a delicadeza das percepções. Donde se compreende que a extensão de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

10. É o grau da extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, torna-o mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, esta aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência. A ciência comum não a dá: é por isso que se veem homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais como outros o são para as coisas materiais. Eles são refratários, porque não as compreendem. Isto significa que seu progresso *ainda* não se realizou nesse sentido; enquanto que se veem pessoas de instrução e de inteligência vulgares, dominando-as com grande facilidade, o que prova que eles tinham a intuição delas antecipadamente. É, para essas pessoas, uma lembrança retrospectiva daquilo que já viram e sabiam, seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como outros têm a intuição das línguas e das ciências que possuíram.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o triunfo próximo, malgrado os entraves que se lhe opõem. Esta previsão é-lhes fácil, primeiro porque sua propagação é obra pessoal deles: concorrendo para o movimento ou dirigindo-o, eles sabem, por consequência, o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes abarcar um período de curta duração e, nesse tempo, eles vêem os poderosos auxiliares que Deus lhes suscita e que não tardarão a se manifestarem.

Sem serem Espíritos desencarnados, transportem-se os espíritas somente a trinta anos adiante, no meio da geração que surge; que, dali, considerem o que se passa hoje; que sigam a marcha progressiva, e verão se consumir em vãos esforços aqueles que se acreditam chamados a anulá-lo. Eles os verão pouco a pouco desaparecerem da cena, ao lado da árvore que cresce e cujas raízes se estendem cada dia mais.

12. Os acontecimentos comuns da vida privada são, o mais das vezes, a consequência da maneira de agir de cada um: este será bem-sucedido segundo suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, sua prudência e sua energia, em que outro malogrará por sua incapacidade; de modo que se pode dizer que cada um é o artesão de seu próprio futuro, o qual não está jamais submetido a uma fatalidade cega independente de sua pessoa. Ao se conhecer o caráter de um indivíduo, pode-se facilmente predizer-lhe a sorte que o espera na rota para a qual se encaminha.

13. Os eventos que dizem respeito aos interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve se cumprir de fato, seja por um meio, seja por outro. Os homens concorrem para a sua execução, mas nenhum é indispensável; de outro modo, o próprio Deus estaria à mercê de Suas criaturas. Se aquele a quem incumbe a missão de executá-la falha, outro dela será encarregado. Não há missão fatal. O Homem é sempre livre para cumprir o que lhe é confiado e que ele voluntariamente aceitou. Se não o faz, perde seu benefício e assume a responsabilidade dos atrasos que podem ocorrer por sua negligência ou sua má vontade. Se ele se tornar um obstáculo para seu cumprimento, Deus pode quebrá-lo com um sopro.

14. O resultado final de um evento pode, portanto, ser certo, quando está nos desígnios de Deus, mas como, o mais das vezes, os detalhes e o modo de execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, os rumos e meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos revelar o conjunto, se for útil que sejamos prevenidos, mas, para precisar o lugar e a data seria necessário que eles conhecessem antes a determinação que tomará este ou aquele indivíduo. Ora, se essa decisão ainda não está em seu pensamento, então conforme ela for, poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento, modificar os meios secundários de ação, embora o mesmo resultado sempre é atingido. É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra está mais ou menos próxima, que é inevitável, sem poder precisar o dia em que começará nem os incidentes de detalhes que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para fixar a época dos eventos futuros é necessário, por outro lado, levar em conta uma circunstância inerente à mesma natureza dos Espíritos.

O tempo, da mesma forma que o espaço, pode ser avaliado apenas com a ajuda de pontos de comparação ou de reparo, que o dividem em períodos os quais se podem contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e em anos é marcada pelo nascimento e ocaso do Sol, e pela duração do movimento de translação da Terra. As unidades de medida do tempo devem variar segundo os mundos, visto que os períodos astronômicos são diferentes. É assim, por exemplo, que em Júpiter, os dias equivalem a dez das nossas horas, e os anos perto de doze anos terrestres.

Há, portanto, para cada mundo, uma maneira diferente de computar a duração, segundo a natureza das revoluções astrais que ali se realizam. Isso apresentaria já uma dificuldade para a determinação de nossas datas, para Espíritos que não conhecessem nosso orbe. Outrossim, fora dos mundos esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito no espaço, não há nem nascimento nem ocaso do Sol, marcando os dias, nem revoluções periódicas marcando os anos. Há, para ele, somente a duração e o espaço infinitos (capítulo VI, nº 1 e subsequentes). Portanto, aquele que nunca tivesse vindo à Terra, não teria nenhum conhecimento de nossos cálculos que, de resto, lhe seriam completamente inúteis. Há mais: aquele que não se encarnara jamais em algum mundo não teria nenhuma noção das frações da duração do tempo. Quando um Espírito estranho à Terra vem se manifestar, ele não pode assinalar a data dos eventos que se identificam com nossos usos, o que está, sem dúvida, em seu poder, mas que, o mais das vezes, não julga ser útil fazer.

16. Os Espíritos que compõem a população invisível de nosso globo, onde já viveram e onde continuam a viver em meio a nós, estão naturalmente identificados com nossos hábitos, dos quais conservam a lembrança na erraticidade. Eles poderiam, por consequência, mais facilmente, assinalar uma data aos eventos futuros, já que eles a conhecem; mas, além de não lhes ser sempre permitido, são impedidos de fazê-lo pela razão de que todas as vezes em que as circunstâncias de

detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à eventual decisão do Homem, a data precisa não existe realmente senão quando o evento se cumpre.

Eis por que as predições circunstanciadas não oferecem certeza e devem ser aceitas apenas como probabilidades, mesmo quando não tragam com elas um cunho de *legítima suspeita*. Também os Espíritos verdadeiramente sábios não predizem jamais nenhuma época fixa. Eles se limitam a nos prevenir sobre o andamento das coisas que nos é útil conhecer. Insistir para ter detalhes precisos é se expor às mistificações dos espíritos levianos, que predizem tudo o que querem, sem se preocuparem com a verdade e se divertem com os temores e decepções que causam.

17. A forma geralmente empregada até hoje, para as predições, faz delas verdadeiros enigmas, frequentemente indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, da qual Nostradamus mostra ser o tipo mais completo, dá às predições um certo prestígio aos olhos do vulgo, que lhes atribui tanto maior valor quanto mais incompreensíveis forem. Por sua ambiguidade, elas se prestam a interpretações muito diferentes; de tal sorte que segundo o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou de convenção, segundo a maneira de computar o cálculo bizarramente complicado de datas, e com um pouco de boa vontade ali se encontra um pouco de tudo quanto se quer.

Seja como for, não se pode deixar de convir que algumas predições têm caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que a forma velada tivesse, em algum tempo, sua razão de ser e mesmo sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias não são mais as mesmas. O positivismo do século se acomodaria pouco com a linguagem sibilina. Também, as predições de nossos dias não imitam mais essas formas estranhas; as que são feitas pelos Espíritos não têm nada de místico. Eles falam a linguagem de todo mundo, como o faziam quando vivos, visto que não deixaram de pertencer à Humanidade. Eles nos previnem sobre as coisas futuras, pessoais ou gerais, desde que isso possa ser útil, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam os conse-

lheiros ou amigos. Suas previsões são, portanto, mais de advertências, que não tiram nada do livre-arbítrio, do que predições propriamente ditas que implicariam uma fatalidade absoluta. Sua opinião é, por outro lado, quase sempre motivada, visto que eles não querem que o Homem aniquile sua razão sob uma fé cega, o que nos permite apreciar-lhes a justeza.

18. A Humanidade contemporânea tem também seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiram, em seus escritos, a marcha futura das coisas que viriam a se realizar hoje.

Esta aptidão tem, muitas vezes, sem dúvida, a retidão de julgamento dos que deduzem as consequências lógicas do presente, mas, muitas vezes, também ela é o resultado de uma clarividência especial inconsciente ou de uma inspiração estranha. O que esses homens fazem em vida, podem, com mais forte razão, fazê-lo e com mais exatidão no estado de Espírito, quando a visão espiritual não é mais obscurecida pela matéria.

CAPÍTULO XVII

PREDIÇÕES DO EVANGELHO

Ninguém é profeta em sua terra – Morte e Paixão de Jesus
– Perseguição aos Apóstolos – Cidades impenitentes — Ruína do
Templo e de Jerusalém – Maldição contra os fariseus – Minhas
palavras não passarão – A Pedra Angular – Parábola dos vinhateiros
homicidas – Um só Rebanho e um só pastor – Advento de Elias
– Anunciação do Consolador – Segundo advento do Cristo – Sinais
precursores – Vossos filhos e vossas filhas profetizarão – Juízo final

Ninguém é profeta em sua terra

1. E vindo à sua terra, Ele os instruía em suas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto diziam: De onde vieram a este aqui essa sabedoria e esses milagres? Não é o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e Seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? E Suas irmãs não se acham todas entre nós? E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: Um profeta nunca é honrado em sua terra e em sua casa. E não fez lá muitos milagres, por causa da incredulidade deles. (Mateus, XIII:54 a 58)

2. Jesus anunciou lá uma verdade transformada em provérbio, que é de todos os tempos, e à qual poder-se-ia dar mais extensão dizendo-se que *ninguém é profeta enquanto vivo.*

Na linguagem usual, essa máxima se aplica ao crédito que alguém goza entre os seus e entre aqueles no meio dos quais vive, à confiança

que Ele lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se sofre exceções, estas são raras e, em todo o caso, não são jamais absolutas; o princípio dessa verdade é uma consequência natural da fraqueza humana, e pode ser explicada assim:

O hábito de se verem desde a infância, nas circunstâncias vulgares da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que faz com que, muitas vezes, se recusem a reconhecer uma superioridade moral naquele que foi o companheiro ou o comensal, que saiu do mesmo meio e de quem se viram as primeiras fraquezas. O orgulho sofre pelo ascendente que é obrigado a suportar. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e com a inveja. Aqueles que se sentem incapazes de atingir sua altura, se esforçam por rebaixá-lo e denegri-lo pela maledicência e pela calúnia. Gritam tanto mais forte quanto menores se veem, acreditando engrandecerem-se e eclipsá-lo pelo barulho que fazem. Assim tem sido e tal será a história da Humanidade, enquanto os homens não compreenderem sua natureza espiritual e não alargarem seu horizonte moral. Também esse preconceito é próprio dos espíritos estreitos e vulgares, que tudo medem por sua personalidade.

Por outro lado, faz-se, geralmente, de homens conhecidos apenas por seu Espírito, um ideal que cresce com o afastamento dos tempos e dos lugares. São despojados quase que da Humanidade. Parece que não devem nem falar nem sentir como todo mundo; que sua linguagem e seus pensamentos devem estar constantemente no diapasão da sublimidade, sem cuidar que o Espírito não estará incessantemente em um estado perpétuo de superexcitação. No contato diário da vida privada, vê-se muito o homem material, que nada distingue do vulgar. O homem corporal, que impressiona os sentidos, apaga quase o homem espiritual, que impressiona apenas o Espírito. *De longe veem-se apenas os lampejos do gênio; de perto, vê-se o repouso do Espírito.*

Após a morte, a comparação não existe mais, só fica o homem espiritual e parece tanto maior, quanto a lembrança do homem corporal estiver mais afastada. Eis por que os homens que marcaram sua passagem pela Terra, por suas obras de real valor, são mais apreciados após sua

morte que em vida. São julgados com mais imparcialidade, visto que os invejosos e os ciumentos já desapareceram, e os antagonismos pessoais não existem mais. A posteridade é juiz desapaixonado ao apreciar a obra do Espírito, aceita-a sem entusiasmo cego se ela for boa, rejeita-a sem ódio se for má, abstraindo-a da individualidade que a produziu.

Jesus podia tanto menos escapar às consequências desse princípio, inerente à natureza humana, por viver em um meio pouco esclarecido e entre homens devotados inteiramente à vida material. Seus compatriotas viam Nele apenas o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e perguntavam-se o que podia torná-Lo superior a eles e dar-Lhe o direito de censurá-los. Ao ver que Sua palavra tinha menos crédito entre os seus, que O menosprezavam, do que sobre os estrangeiros, Ele foi pregar entre aqueles que O escutavam, no meio no qual encontrava simpatia.

Pode-se julgar que seus parentes estavam animados em relação a Ele, pelo fato de que Seus próprios irmãos, acompanhados de Sua mãe, vieram a uma assembleia em que Ele se encontrava, para apoderarem-se Dele, dizendo que *perdera o espírito*. (Marcos, III:20, 21 e de 31 a 35; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XIV)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir pelo demônio; do outro, Ele fora tachado de louco por Seus próprios parentes. Não é assim que se costuma, em nossos dias, fazer com relação aos espíritas, e estes devem se queixar de não serem melhor tratados por seus concidadãos do que o foi Jesus? O que não tinha nada de espantoso há dois mil anos, em um povo ignorante, é mais estranho no século XIX em nações civilizadas.

Morte e Paixão de Jesus

3. (Após a cura do lunático). *Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E estando todos presos de admiração pelo que Jesus fazia, Ele disse a Seus discípulos: Guardai bem nos vossos corações o que vos direi. O Filho do homem tem de ser entregue às mãos dos homens. Mas eles, porém, não entendiam essa linguagem; era-lhes totalmente oculta, que não compreendiam nada e temiam mesmo interrogá-Lo a esse respeito.* (Lucas, IX:44 e 45)

4. Desde então, Jesus começou a revelar a Seus discípulos que seria necessário que Ele fosse a Jerusalém; que sofreria muito da parte dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes, que tinha de ser levado à morte e que ressuscitaria ao terceiro dia. (Mateus, XVI:21)

5. Quando estavam na Galileia, Jesus lhes disse: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens; e eles O farão morrer, e Ele ressuscitará no terceiro dia, o que os afligiu extremamente. (Mateus, XVII:22 e 23)

6. Ora, Jesus, indo a Jerusalém, toma à parte Seus doze discípulos e lhes disse: Vamos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que O condenarão à morte, e O entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias e que O açoitem e O crucifiquem; e Ele ressuscitará ao terceiro dia. (Mateus, XX:17 a 19)

7. Em seguida Jesus, tomando à parte Seus doze Apóstolos, lhes disse: Eis que temos de ir a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas no tocante ao Filho do homem vai se cumprir; Porque Ele será entregue aos gentios; zombarão Dele, açoitarão-Lo-ão e Lhe escarrarão no rosto. E após O tiverem açoitado, matá-Lo-ão, e Ele ressuscitará ao terceiro dia.

Mas eles não compreenderam nada disso tudo; essa linguagem lhes era oculta, e eles não entendiam o que Ele lhes dizia. (Lucas, XVIII:31 a 34).

8. Jesus, tendo concluído todos estes discursos, disse a Seus discípulos: Sabeis que a Páscoa se fará daqui a dois dias, e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo sacerdote, chamado Caifás, e entraram a consultar-se mutuamente para encontrar o meio de se apoderarem habilmente de Jesus, e de fazê-Lo morrer. E diziam: É necessário que não seja durante a festa, de modo que não excite algum tumulto entre o povo. (Mateus, XXVI:1 a 5)

9. No mesmo dia, alguns dos fariseus vieram dizer-Lhe: Vai-Te, sai deste lugar, porque Herodes quer matar-Te. Ele lhes respondeu: Ide dizer a essa raposa: Tenho ainda de expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado por minha morte. (Lucas, XIII:31e 32)

Perseguição aos Apóstolos

10. *Guardai-vos dos homens, porquanto eles vos farão comparecer em suas assembleias, e vos farão açoitar em suas sinagogas; e vós sereis apresentados, por minha causa, aos governantes e aos reis, para lhes servir de testemunhas, assim como às nações. (Mateus, X:17 e 18)*

11. *Eles vos expulsarão das sinagogas; e tempo virá em que aquele que vos fizer morrer julgará fazer uma coisa agradável a Deus. Eles vos tratarão desse modo, porque não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, digo-vos estas coisas a fim de que quando o tempo vier, vos lembreis do que Eu vos disse. (João, XVI: 2 a 4)*

12. *Sereis traídos e entregues aos magistrados por vossos pais e vossas mães, por vossos irmãos, parentes, amigos, e farão morrer a vários entre vós; e sereis odiados de todo o mundo, por causa de meu nome. No entanto, não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. Pela vossa paciência é que possuireis vossas almas. (Lucas, XXI:16 a 19)*

13. (Martírio de São Pedro). *Em verdade, em verdade, vos digo que, quando vós éreis mais jovens, vos cingíeis a vós mesmos e íeis aonde queríeis; mas quando fordes velhos, estendereis vossa mão, e outro vos cingirá a vós e vos conduzirá aonde não queríeis ir. Ora, Ele dizia isto para marcar de que morte Pedro deveria glorificar a Deus. (João, XXI:18 e 19)*

Cidades impenitentes

14. *Então, ele começou a reprovar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem feito penitência.*

Ai de ti, Corazim, ai de ti Betsaida!, porque se os milagres que foram feitos no meio de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sidon, há muito tempo elas teriam feito penitência com sacos e cinzas. Por isso vos declaro que no dia do julgamento, Tiro e Sidon serão tratadas menos rigorosamente do que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre ao Céu? Serás abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, ela subsistiria talvez ainda hoje. É por isso que Eu te declaro que, no dia do julgamento, Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu. (Mateus, XI:20 a 24)

Ruína do templo e de Jerusalém

15. *Quando Jesus saiu do Templo para ir embora, Seus discípulos se aproximam Dele para Lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. Mas Ele lhes disse: Vedes todas essas construções? Eu vos digo, em verdade, que serão totalmente destruídas, que não ficará pedra sobre pedra. (Mateus, XXIV:1 e 2)*

16. *Tendo em seguida chegado perto de Jerusalém e olhando a cidade, Ele chorou por ela, dizendo: Ah! se reconhecesses ao menos neste dia, que te é ainda dado, aquele que pode te conseguir a paz! Mas agora tudo isto está oculto a teus olhos. Também virá um tempo, infeliz para ti, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e te apertarão de todos os lados; eles te deitarão por terra, a ti e a teus filhos que estarão dentro de ti, e não deixarão pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que Deus te visitou. (Lucas, XIX:41 a 44)*

17. *No entanto, é preciso que Eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porquanto é necessário que nenhum profeta morra fora de Jerusalém.*

Jerusalém! Jerusalém, que matas os profetas e que lapidas os que te são enviados, quantas vezes Eu quis reunir teus filhos, como a galinha que reúne seus pintainhos sob suas asas, e vós não o quisestes. O tempo se aproxima em que vossa casa ficará deserta. Ora, digo-vos, em verdade, que vós não me vereis mais, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor. (Lucas, XIII:33 a 35)

18. *Quando virdes um exército cercando Jerusalém, sabei que sua destruição está próxima. Então, os que estão na Judeia fujam para as montanhas; os que estiverem dentro dela se retirem; e os que estiverem nas regiões vizinhas não entrem nela. Porquanto são, então, os dias da vingança; a fim de que tudo o que está na Escritura seja cumprido. Infelizes das que estiverem grávidas ou amamentando naqueles dias, porque este país será acabrunhado de males, e a cólera do Céu cairá sobre este povo. Passarão pelo fio da espada; serão levados cativos para todas as nações, e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que o tempo das nações seja cumprido. (Lucas, XXI:20 a 24)*

19. (Jesus caminhando para o suplício). *Ora, Ele era seguido por uma grande multidão de pessoas e de mulheres que batiam no peito e choravam.*

Mas Jesus, voltando-se, lhes disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorai por vós mesmas e por vossos filhos; porque virá um tempo em que se dirá: Felizes as estéréis e as entranhas que não geraram filhos e os seios que não alimentaram. Começarão, então, a dizer às montanhas: Cai sobre nós! e às colinas. Cobri-nos! Porque se tratam desse modo ao lenho verde, como a madeira seca será tratada? (Lucas, XXIII:27 a 31)

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da Alma, e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como a todas as outras, em alto grau. Pôde, portanto, prever os eventos que se seguiriam à Sua morte, sem que houvesse feito nada de sobrenatural, visto que os vemos reproduzirem-se sob nossos olhos nas condições mais comuns. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante de sua morte. É que sua Alma, no estado de desprendimento, é como o homem na montanha (capítulo XVI, nº 1): ela abrange o caminho a percorrer e vê o termo.

21. Tanto melhor haveria de ser com Jesus, que, tendo consciência da missão que vinha cumprir, sabia que a morte pelo suplício era a consequência necessária. A visão espiritual que era permanente Nele, assim como a penetração do pensamento, devia mostrar-Lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, Ele podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que iam atingir seus habitantes e a dispersão dos judeus.

Maldição contra os fariseus

22. (João Batista). *Vendo vários fariseus e saduceus que vinham a Seu batismo, Ele lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que deve tombar sobre vós? Fazei, portanto, frutos dignos de penitência; e não penseis em dizer a vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque Eu vos declaro que Deus pode fazer nascer mesmo dessas pedras filhos de Abraão; Porque o machado já está posto à raiz das árvores; e toda árvore, portanto, que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo. (Mateus, III:7 a 10)*

23. *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, pois fechais aos homens o reino dos céus, porque lá não entraís e vos opondes a que outros entrem!*

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sob o pretexto de longas preces, vós devorais as casas das viúvas. É por isso que recebereis um julgamento mais rigoroso!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e que, após o conseguir, vós o tornais digno do inferno duas vezes mais que vós mesmos!

Ai de vós, condutores cegos que dizeis: Se um homem jura pelo Templo, isso não é nada; mas quem jura pelo ouro do Templo é obrigado a cumprir seu juramento! Insensatos e cegos que sois! A qual se deve mais estimar: ao ouro ou ao Templo que santifica o ouro? E se um homem, dizeis, jura pelo altar, isso é nada; mas quem quer que jure pelo donativo que está sobre o altar fica obrigado a seu juramento Cegos que sois! A qual se deve mais estimar, ou o donativo, ou ao altar que santifica o donativo? Aquele, portanto, que jura pelo altar, jura não só pelo altar como por tudo o que está sobre ele; e quem jura pelo Templo, jura por ele e por aquele que o habita; e o que jura pelo Céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da menta, do endro e do cominho, e que abandonais o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Estão aí as coisas que deveis praticar sem, contudo, omitir as outras. Guias cegos, que tendes grande cuidado em coar o que bebeis, de medo de engolir um mosquito, e engolis um camelo!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais por fora o copo e o prato, e estais por dentro cheios de rapinas e de impurezas! Fariseus cegos! limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que o exterior fique limpo também.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque vos assemelhaiis aos sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de esqueletos de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora, pareceis justos, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Ai de vós, escribas e fariseus, que construís túmulos aos profetas e adornais os monumentos dos justos, e que dizeis: Se tivéssemos estado no tempo de nossos pais, não teríamos nos associado a eles para derramar o sangue dos

profetas! – Acabais, portanto, também de encher a medida de vossos pais! Serpentes, raças de víboras, como podereis evitar a condenação ao inferno? Por isso vos enviarei profetas, sábios e escribas, e matareis a uns, crucificareis a outros e açoitareis a outros, em vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade; a fim de que todo o sangue inocente que fora derramado sobre a Terra recaia sobre vós, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar! Digo-vos, em verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje. (Mateus, XXIII:13 a 36)

Minhas palavras não passarão

24. *Então Seus discípulos, aproximando-se Dele, Lhe disseram: Sabes bem que os fariseus, tendo ouvido o que acabaste de dizer, se escandalizaram? – Mas Ele respondeu: Toda planta que meu Pai Celeste não plantou será arrancada. – Deixa-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego guia um outro, cairão ambos na fossa. (Mateus, XV:12 a 14)*

25. *O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. (Mateus, XXIV:35).*

26. As palavras de Jesus não passarão, porque são verdadeiras em todos os tempos; Seu código moral será eterno, porque encerra as condições do Bem que conduz o Homem a seu destino eterno. Mas Suas palavras terão chegado até nós puras de toda mistura e de falsas interpretações? Todas as seitas cristãs terão apanhado o seu espírito? Alguma não terá deturpado o verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da Natureza? Alguma não fez delas um instrumento de dominação para servir à ambição e interesses materiais, um degrau, não para elevar-se ao Céu, mas para elevar-se na Terra? Todas terão adotado como regra de conduta a prática das virtudes da qual Jesus fez a condição expressa da salvação? Todas são isentas das apóstrofes que Ele dirigia aos fariseus de Seu tempo? Todas, enfim, são, em teoria assim como na prática, a expressão pura de Sua doutrina?

Sendo a verdade uma só, não se pode encontrá-la em afirmações contrárias, e Jesus não poderia querer dar duplo sentido às Suas palavras. Se as diferentes seitas se contradizem, se umas consideram como

verdadeiro o que outras condenam como heresias, é impossível que todas elas estejam com a verdade. Se todas houvessem tomado o verdadeiro sentido do ensinamento evangélico, elas se teriam encontrado no mesmo terreno, e não haveria seitas.

O que *não passará* é o sentido verdadeiro das palavras de Jesus. O que *passará* é o que os homens construíram sobre os sentidos falsos que deram a Suas palavras.

Tendo Jesus a missão de trazer aos homens o pensamento de Deus, Sua doutrina *pura* é a única que pode ser a expressão desse pensamento. É por isso que Ele disse: *Toda planta que meu Pai Celeste não plantou será arrancada.*

A pedra angular

27. Nunca lestes isto nas Escrituras: A pedra que foi rejeitada pelos que edificavam tornou-se a principal pedra do ângulo? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos O veem com admiração. É por isso que declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que nele produzirá frutos. Aquele que se deixar cair sobre esta pedra se despedaçará, e ela esmagará aquele sobre quem cair.

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo ouvido essas palavras de Jesus, conheceram que era deles que falava; e, querendo prendê-lo, receberam o povo, pois que este o olhava como um profeta. (Mateus, XXI:42 a 46).

28. A palavra de Jesus tornou-se a pedra angular, quer dizer, o símbolo da consolidação do novo edifício da Lei, elevado sobre as ruínas do antigo; os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo rejeitado essa palavra, ela os esmagou, como quebrará aqueles que, mais tarde, desprezarem-na, ou que lhe desnaturarem o sentido, em proveito de sua ambição.

Parábola dos vinhateiros homicidas

29. Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, cercou-a com uma sebe; e cavando a terra, construiu uma torre; depois tendo-a arrendado a vinhateiros, ele vai para uma terra distante.

Ora, estando próximo o tempo dos frutos, enviou seus servidores aos vinhateiros, para recolher o fruto de sua vinha. Mas os vinhateiros, apoderando-se de seus servidores, feriram a um, mataram a outro e lapidaram ao terceiro. Ele lhes enviou ainda outros servidores, em maior número que da primeira vez, e eles os trataram da mesma maneira. Enfim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: Eles terão algum respeito por meu filho. Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre eles: Eis o herdeiro; vinde, matemo-lo e nós seremos senhores de sua herança. Assim, apoderaram-se dele, expulsaram-no da vinha e o mataram.

Quando o dono da vinha vier, como tratará os vinhateiros? Responderam-lhe: Fará perecer miseravelmente esses malvados e arrendará a outros vinhateiros, que lhe entregarão os frutos na estação própria. (Mateus, XXI:33 a 41)

30. O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que Ele estabeleceu. Os vinhateiros aos quais alugou sua vinha são os homens que devem ensinar e praticar Sua lei. Os servidores que lhes enviou são os profetas, que eles fizeram perecer. Seu filho, que por fim enviou, é Jesus, que eles fizeram perecer também. Como, então, o Senhor tratará Seus mandatários prevaricadores de Sua lei? Ele os tratará como trataram Seus enviados, e chamará outros que Lhe prestarão melhor conta de Seu bem e da condução de Seu rebanho.

Assim tem sido com os escribas, príncipes dos sacerdotes e fariseus. Igualmente será quando Ele vier de novo pedir conta, a cada um, do que fez de Sua doutrina. Retirá a autoridade de quem dela houver abusado, porque Ele quer que Seu campo seja administrado segundo Sua vontade.

Após dezoito séculos, a Humanidade, tendo chegado à idade viril, está madura para compreender aquilo que o Cristo apenas tratou de leve, pois, como Ele mesmo o disse, não teria sido compreendido então. Ora, a que resultado chegaram os que, durante esse longo período, foram encarregados da educação religiosa? Ao de verem a indiferença suceder à fé, e a incredulidade erigir-se em doutrina. Em nenhuma outra época, de fato, o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo são veladas sob alegorias, Ele é claro, explícito e sem ambiguidade, em tudo o que concerne à regra de conduta, às relações do homem com o homem, aos princípios de moral de que Ele faz condição expressa da salvação. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XV)

O que fizeram de Suas máximas de caridade, amor e tolerância? das recomendações que fez a Seus Apóstolos, de converter os homens pela *doçura e persuasão*? da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes das quais Ele deu o exemplo? Em Seu nome, os homens reciprocamente se lançaram anátema e maldição. Enganaram-se em nome Daquele que disse: Todos os homens são irmãos. Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial, dAquele que Jesus proclamou ser infinitamente justo, bom e misericordioso. Sacrificaram a esse Deus de paz e da verdade mais de milhares de vítimas nas fogueiras, pela tortura e pelas perseguições, o que jamais os pagãos sacrificaram aos falsos deuses. Venderam-se as preces e os favores do Céu em nome Daquele que expulsou os mercadores do Templo e que disse a Seus discípulos: Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente.

Que diria o Cristo, se vivesse hoje entre nós? Se visse Seus representantes ambicionarem honras, riquezas, poder e o fausto dos príncipes do mundo, enquanto que Ele, mais rei que os reis da Terra, fez Sua entrada em Jerusalém montado em uma jumenta? Não teria Ele direito de dizer-lhes: Que tendes feito de meus ensinamentos, vós que incensais o bezerro de ouro, que atribuíis, em vossas preces, uma larga parte aos ricos e uma pequena parte aos pobres, embora vos tenha dito: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas, se Ele aqui não está carnalmente, entre vós está em Espírito, e, como o senhor da parábola, virá pedir conta a Seus vinhateiros do produto de Sua vinha, quando o tempo da colheita chegar.

Um só rebanho e um só pastor

31. *Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: é necessário que também Eu as conduza; elas escutarão minha voz, e haverá apenas um só Rebanho e um só Pastor.* (João, X:16)

32. Por estas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se unirão em uma crença única, mas como essa unificação poderá se fazer? Isso parecerá difícil, se considerarmos as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas entretêm entre seus respectivos adeptos, a obstinação de cada uma em crer que tem a posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas todas se ufanam de que ela se fará em seu proveito, e nenhuma pretende fazer concessões em suas crenças.

No entanto, a unidade se fará em religião, como tende a se fazer social, comercial e politicamente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem. Os povos do mundo inteiro já fraternizam, como os da província de um mesmo império. Pressente-se essa unidade, e todos a desejam. Ela se fará pela força das coisas, porque se tornará uma necessidade para que se estreitem os liames de fraternidade entre as nações. Ela surgirá pelo desenvolvimento da razão humana, que fará compreender a puerilidade dessas dissidências; pelo progresso das ciências que demonstram a cada dia os erros materiais em que elas se apoiam, e soltam pouco a pouco as pedras estragadas de seus alicerces. Se a Ciência é a demolidora, nas religiões, daquilo que seria obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, ela não pode destruir, malgrado a opinião de alguns, o que é obra de Deus e eterna Verdade. Eliminando os acessórios, ela prepara os caminhos da unidade.

Para chegar à unificação, as religiões deverão se encontrar em um terreno neutro, mas, no entanto, comum a todas. Para isso, todas terão de fazer concessões e sacrifícios maiores ou menores, segundo a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas, em virtude do princípio de imutabilidade que todas elas professam, a iniciativa das concessões não poderia vir do campo oficial. Em lugar de tomarem seu ponto de partida do alto, elas sairão de baixo, pela iniciativa individual. Desde algum tempo opera-se um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões consideram até aqui como égide conservadora, tornar-se-á um elemento destruidor, visto que os cultos se imobilizam, enquanto

a sociedade caminha para a frente, eles serão ultrapassados, e depois absorvidos pela corrente das ideias progressistas.

A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína porque não segue o movimento geral. Ela rompe a unificação, porque os que querem ir adiante se separam dos que se obstinam em ficar para trás.

No estado atual de opiniões e de conhecimentos, a religião que um dia deverá ligar todos os homens sob uma mesma bandeira será a que melhor satisfizer a razão e as legítimas aspirações do coração e do Espírito; que não será, em nenhum ponto, desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, siga a Humanidade em sua marcha progressista sem jamais se deixar ultrapassar; que não seja nem exclusiva nem intolerante; que será emancipadora da inteligência, nada admitindo senão a fé raciocinada; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais racional, mais em harmonia com as necessidades sociais, a mais apropriada, enfim a fundar na Terra o reino do Bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia que cada uma tem de seu deus particular, e a pretensão de somente ele ser o verdadeiro e o mais poderoso, em constante hostilidade com os deuses de outros cultos e ocupado em combater a influência deles. Quando as religiões se convencerem de que há um Deus no Universo e que, em definitivo, é o mesmo que elas adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; quando elas estiverem de acordo quanto aos Seus atributos essenciais, compreenderão que um Ser único pode ter uma só vontade; elas se estenderão as mãos como os servidores de um mesmo Senhor e os filhos de um mesmo Pai, e terão realizado um grande passo em direção à unidade.

Advento de Elias

33. *Então, Seus discípulos perguntaram-lhe: Por que, então, os escribas dizem que é necessário que Elias venha antes? Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e que ele restabelecerá todas as coisas.*

Mas Eu vos declaro que Elias já chegou e eles não o conheceram, mas o trataram como lhes aprouve. É assim que eles matarão o Filho do homem.

Assim, Seus discípulos compreenderam que era de João Batista que lhes falara. (Mateus, XVII:10 a 13)

34. Elias já viera na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de maneira explícita. Ora, como ele apenas poderá voltar em um novo corpo, é a consagração formal do princípio da pluralidade de existências. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo IV, nº 10)

Anunciação do Consolador

35. *Se vós me amais, guardai meus mandamentos e Eu orarei a meu Pai, e Ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que ele fique eternamente convosco: o **Espírito de Verdade**, que este mundo não pode receber, pois não o vê; mas vós o conhecereis, pois ficará convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, **vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar de tudo o que vos tenho dito.** (João, XIV:15, 16 e 17, 26; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo VI)*

36. *No entanto, digo-vos a verdade: É preciso que eu me vá; porque se não for, o Consolador não virá a vós; mas irei e vo-lo enviarei, e, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao julgamento: no que diz respeito ao pecado, porque eles não terão acreditado em mim; no tocante à justiça, porque vou para meu Pai e vós não me vereis mais; no tocante ao julgamento, porque o príncipe deste mundo foi já julgado.*

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora.

Quando este Espírito de Verdade vier, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras.

Ele me glorificará, visto que receberá daquilo que está em mim e vos anunciará. (João, XVI:7 a 14)

37. Esta predição é, sem contradita, uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque ela comprova da maneira menos equivocada que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, porque eles não teriam compreendido, mesmo Seus Apóstolos, pois é a estes que Ele se

dirigia. Se lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam feito menção no Evangelho. Desde que Ele não disse tudo a Seus Apóstolos, os sucessores destes não podiam saber mais que eles. Portanto, poderiam ter-se enganado sobre o sentido das palavras de Jesus, dar uma falsa interpretação a Seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma de parábolas. As religiões fundadas no Evangelho não podem, pois, se dizerem na posse de toda a verdade, já que Ele (Jesus) reservou para si completar ulteriormente Suas instruções. O princípio de imutabilidade das religiões é desmentido pelas próprias palavras de Jesus.

Ele anuncia sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade* aquele que deverá *ensinar todas as coisas* e fazer *recordar* o que Ele dissera; portanto, Seu ensinamento não estava completo. Além disso, previu que haviam de esquecer o ensinamento que dissera e que haviam de desnaturá-lo, pois o *Espírito de Verdade* lhes devia fazer *recordar* e, de acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, quer dizer, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. Quando esse novo revelador deverá vir? É bem evidente que, se na época em que Jesus falou os homens não estavam em estado de compreender as coisas que Lhe restava dizer, não seria em alguns anos que eles poderiam adquirir as luzes necessárias. Para compreensão de certas partes do Evangelho, com exceção dos preceitos de moral, serão necessários conhecimentos que somente o progresso das ciências poderia dar, o que deveria ser obra do tempo e de várias gerações. Se, portanto, o novo Messias viesse pouco tempo depois do Cristo, encontraria o terreno tão pouco propício e não teria feito mais que Jesus. Ora, depois do Cristo até nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que haja elucidado as partes obscuras, indício certo de que o Enviado ainda não aparecera.

39. Qual deverá ser esse Enviado? Jesus disse: “Orarei a meu Pai e Ele vos enviará um outro Consolador”. Isto indica claramente que não será Ele mesmo, senão diria: “E voltarei para completar o que vos ensinei”. Depois, Ele acrescenta: *A fim de que permaneça eternamente convosco, e estará em vós*. Isto não poderia dizer respeito a

uma individualidade encarnada, pois que não pode ficar eternamente conosco e, ainda menos, estar em nós; mas compreende-se muito bem que se referia a uma doutrina que, quando assimilada, pode estar eternamente em nós. O *Consolador* é, portanto, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador deve ser o *Espírito de Verdade*.

40. O *Espiritismo* realiza, como foi demonstrado (capítulo 1, nº 30), todas as condições do *Consolador* prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma concepção humana. Ninguém pode dizer-se seu criador. É o produto do ensinamento coletivo dos Espíritos ao qual preside o Espírito de Verdade. Ele não suprime nada do Evangelho: completa-o e o elucida. Com a ajuda das novas leis que revela, unidas às da Ciência, faz compreender o que era ininteligível, admitir a possibilidade do que a incredulidade olharia como inadmissível. Ele teve seus precursores e seus profetas, que pressentiram sua vinda. Por sua força moralizante, ele prepara o reino do Bem na Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu. A de Jesus, mais completa, espalhou-se por toda a Terra, pelo Cristianismo, mas não converteu todo o mundo. O Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a Humanidade¹.

41. Quando Jesus disse a Seus Apóstolos: *Um outro virá mais tarde, que vos ensinará o que Eu não pude vos dizer agora*, proclamava, por isso mesmo, a necessidade da reencarnação. Como esses homens poderiam aproveitar o ensinamento mais completo que deveria ser dado ulteriormente? Como estariam mais aptos para compreender, se não deviam viver novamente? Jesus teria dito uma inconsequência se os homens futuros devessem, segundo a doutrina vulgar, ser homens novos, almas saídas do nada no seu nascimento. Admitamos, ao contrário, que os Apóstolos e os homens daquele tempo tenham vivido depois; *que eles revivem ainda hoje*, e a promessa de Jesus se encontra justificada. A inteligência deles, que deve ter-se desenvolvido ao contato do progresso

⁽¹⁾ **Nota:** Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome da individualidade fundadora. Diz-se: o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianoismo, o Fourierismo, o São-Simonismo etc. A palavra Espiritismo, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade. Ela encerra uma ideia geral, que indica ao mesmo tempo o caráter e a fonte múltipla da Doutrina.

social, pode suportar agora o que não podia então. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus seria ilusória.

42. Se disserem que essa promessa foi realizada no dia de Pentecostes pela descida do Espírito Santo, responderíamos que o Espírito Santo os inspirou, que pôde abrir-lhes a inteligência, desenvolver neles as aptidões mediúnicas que deveriam facilitar-lhes sua missão, mas que não lhes ensinou nada mais do que teria ensinado Jesus, porque não se encontra nenhum traço de um ensinamento especial. O Espírito Santo não realizou o que Jesus anunciara do Consolador: porque, então, os Apóstolos elucidariam, durante as suas vidas, tudo o que ficou obscuro no Evangelho até nossos dias e cuja interpretação contraditória deu lugar às inumeráveis seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

Segundo advento do Cristo

43. *Então Jesus disse a Seus discípulos: Se algum quiser vir após mim, tome sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar sua vida perdê-la-á e aquele que perder sua vida por amor a mim a reencontrará.*

E de que serviria a um Homem ganhar todo o mundo e perder sua Alma? Ou a que preço o homem poderia resgatar sua Alma, depois que a tivesse perdido? Porque o Filho do homem deve vir na glória de Seu Pai com Seus anjos e, então, dará a cada um segundo suas obras.

Digo-vos, em verdade, há alguns dos que aqui estão que experimentarão a morte apenas depois de terem visto o Filho do homem vir em Seu reino. (Mateus, XVI:24 a 28)

44. *Então, o sumo sacerdote, levantando-se no meio da assembleia, interrogou Jesus e Lhe disse: Vós não respondeis nada aos que depõem contra vós? Mas Jesus permaneceu em silêncio e não respondeu nada. O sumo sacerdote O interrogou ainda e Lhe disse: Sois vós o Cristo, o Filho de Deus abençoado para sempre? – Jesus lhe respondeu: Eu o sou, e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus, vindo sobre as nuvens do Céu.*

Logo o sumo sacerdote, rasgando suas vestes, lhes disse: Que necessidade temos de mais testemunhas? (Marcos, XIV:60 a 63)

45. Jesus anuncia o Seu segundo advento, mas não diz que virá à Terra com um corpo carnal, nem que o *Consolador* será personificado Nele. Ele se apresenta como devendo vir em Espírito, na glória de Seu Pai, julgar o mérito e o demérito, e dar a cada um segundo suas obras, quando os tempos forem chegados.

Estas palavras: “Há alguns dos que estão aqui que experimentarão a morte apenas depois de terem visto o Filho do homem vir em Seu reino”, parecem uma contradição, pois é certo que Ele não veio durante a vida de nenhum dos que estavam presentes. Jesus não poderia, no entanto, enganar-se em uma previsão dessa natureza e, sobretudo, em uma coisa contemporânea que Lhe concernia pessoalmente. É necessário, primeiro, se perguntar se Suas palavras foram sempre fielmente transmitidas; pode-se duvidar, se lembrarmos que os Apóstolos nada escreveram; que elas foram recolhidas apenas após Sua morte; e quando se vê o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada Evangelista, é prova evidente que não são as expressões textuais do Cristo. É, por outro lado, provável que o sentido tenha sido, às vezes, alterado ao passar por sucessivas traduções.

Por outro lado, é certo que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, teria se expressado sobre todas as coisas de maneira nítida e precisa, que não desse lugar a nenhum equívoco, como o fez quanto aos princípios de moral, enquanto que foi obrigado a velar Seu pensamento sobre assuntos que julgava não dever aprofundar. Os Apóstolos, persuadidos de que a geração presente seria testemunha daquilo que Ele anunciava, interpretaram o pensamento de Jesus segundo suas ideias. Por consequência, redigiram-no no sentido do presente, de maneira mais absoluta do que Jesus mesmo, talvez, teria feito. De qualquer modo, o fato prova que as coisas não se passaram como eles acreditaram.

46. Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver, visto que os homens desse tempo não estavam suficientemente preparados para tal ordem de ideias e suas consequências, mas do qual, no entanto, Ele estabeleceu o princípio, como fez com todas as coisas, é a grande e importante Lei da Reencarnação. Esta lei, estudada e posta à luz de nossos dias

pelo Espiritismo, é a chave de muitas passagens do Evangelho, as quais, sem ela, pareceriam um contrassenso.

É nessa lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras acima, ao admiti-las como textuais. Visto que elas não se aplicam a nenhuma pessoa dos Apóstolos, é evidente que dizem respeito ao reino futuro do Cristo, quer dizer, ao tempo em que Sua doutrina, mais bem compreendida, será a Lei Universal. Ao lhes afirmar que *alguns dos que estão presentes* verão Seu advento, isto poderia apenas ser entendido no sentido de que eles reviveriam em tal época. Mas os judeus acharam que veriam tudo aquilo que Jesus anunciava, e tomavam Suas alegorias ao pé da letra.

De resto, algumas de Suas predições se cumpriram no tempo Dele, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que dela resultaram e a dispersão dos judeus; mas Jesus lança Sua visão mais longe e, ao falar do presente, constantemente faz alusão ao porvir.

Sinais precursores

47. E ouvireis também falar de guerras e de rumores de guerras; mas tratai de não vos perturbardes, porque é preciso que essas coisas aconteçam. Mas isso não é ainda o fim, pois vereis se levantar povo contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fome e tremores de terra em diversos lugares, e todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (Mateus, XXIV:6 a 8)

48. Então o irmão levará o irmão à morte; e o pai, o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães, e os farão morrer. E sereis odiados de todo o mundo por causa de meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (Marcos, XIII:12 e 13)

*49. Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, **está no lugar santo** (aquele que lê, entenda); então, os que estiverem na Judeia fujam para as montanhas²; quem estiver no telhado não desça para levar alguma coisa de sua casa; e aquele que estiver no campo não volte para apanhar suas vestes. Mas infelizes das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Rezai a Deus que vossa fuga não se dê durante o inverno nem no dia de sábado, porque a aflição desse tempo será tão grande, que não terá nada de semelhante desde*

o começo do mundo até o presente e que não terá jamais. E se esses dias não tiverem sido abreviados, nenhum homem seria salvo, mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (Mateus, XXIV:15 a 22)

50. *Logo após esses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais sua luz; as estrelas tombarão do céu e os poderes dos céus serão abalados.*

Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu, e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos e verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens do céu com grande majestade.

E Ele enviará Seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, desde uma extremidade do céu até a outra.

Aprendeí uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos são já tenros e dão folhas, sabeis que o estio está próximo. Assim também, quando verdes todas essas coisas, sabeí que o Filho do homem está próximo, e que Ele está como que às portas.

*Eu vos digo, em verdade, que esta **raça** não passará senão depois que todas essas coisas forem cumpridas. (Mateus, XXIV:29 a 34)*

E acontecerá no advento do Filho do homem o que aconteceu no tempo de Noé – porque, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca – e assim como conheceram o momento do dilúvio apenas quando este sobreveio e arrebatou todo o mundo, assim será no advento do Filho do homem. (Mateus, XXIV:37 e 38)

51. *Quando esse dia e essa hora chegarão, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas só o Pai. (Marcos, XIII:32)*

52. *Em verdade, em verdade vos digo: vós chorareis e gemereis, e o mundo se rejubilará. Vós estareis em tristeza, mas vossa tristeza se transformará em alegria. Uma mulher, quando dá à luz, está na dor, porque sua hora chegou, mas após ter um filho, ela não se lembrará mais de seus males,*

⁽²⁾ **Nota:** Esta expressão: a *abominação da desolação*, não somente não tem sentido, mas se presta ao ridículo. A tradução de Ostervald diz: “A abominação que *causa* a desolação”, o que é bem diferente. O sentido então torna-se perfeitamente claro, porque se compreende que as *abominações* devem trazer a *desolação* como castigo. Quando, diz Jesus, a abominação vier ao lugar santo, a desolação virá ali também, e isso será um sinal de que os tempos estão próximos.

pela alegria que ela tem por ter trazido um homem ao mundo. É assim que vós estais agora na tristeza; mas Eu vos verei de novo, e vosso coração se rejubilará e ninguém vos arrebatará a vossa alegria. (João, XVI:20 a 22)

53. *Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão muitas pessoas; e porque a iniquidade abundará, a caridade de muitos se esfriará, mas será salvo aquele que perseverar até o fim. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações; e é então que o fim chegará.* (Mateus, XXIV:11 a 14)

54. Este quadro do fim dos tempos é, evidentemente, alegórico, como a maior parte dos que Jesus apresentava. As imagens que contém são pela sua energia, de natureza, a impressionar as inteligências ainda subdesenvolvidas. Para atingir essas imaginações pouco sutis, seria necessário pinturas vigorosas, com cores fortes. Jesus dirigiu-se sobretudo ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreenderem as abstrações metafísicas e de apreenderem a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era essencial falar aos olhos com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos pelo vigor da linguagem.

Como consequência natural dessa disposição de espírito, o Poder Supremo poderia, segundo a crença de então, se manifestar apenas por coisas extraordinárias, sobrenaturais; quanto mais elas eram impossíveis, melhor eram aceitas como prováveis.

O Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade, rodeado de Seus anjos e com o barulho das trombetas, parecia-lhes bem mais imponente que um ser investido de apenas força moral. Também os judeus, que esperavam no Messias um rei da Terra, poderoso entre todos os reis, para colocar sua nação em primeiro lugar e restaurar o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-Lo no humilde filho do carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, este pobre proletário da Judeia tornou-se o maior entre os maiores. Ele conquistou para Sua soberania mais reinos que os mais poderosos potentados, apenas com Sua palavra e alguns pobres pescadores revolucionou o mundo, e é a Ele que os judeus devem sua reabilitação. Ele estava, portanto, com a verdade, quando a esta pergunta de Pilatos: “Sois rei?”, respondeu: “Vós o dizeis”.

55. É de se notar que, para os antigos, os tremores de terra e o obscurcimento do Sol eram os acessórios obrigatórios de todos os eventos e de todos os presságios sinistros. Encontram-se na morte de Jesus, na de César e em inúmeras circunstâncias da História do Paganismo. Se esses fenômenos fossem produzidos tão frequentemente como são relatados, parece impossível que os homens não tivessem conservado a memória deles pela tradição. Aqui se ajuntam *as estrelas que caem do céu*, como para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que se trata apenas de uma ficção, visto que se sabe agora que as estrelas não podem cair.

56. No entanto, sob essas alegorias se ocultam grandes verdades. É, primeiro, o anúncio das calamidades de todos os gêneros que atingirão a Humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema entre o Bem e o mal, a Fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as retrógradas. Em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho *restabelecido em sua pureza primitiva*; depois, o reino do Bem, que será o da paz e da fraternidade universal, sairá do código de moral evangélica posto em prática por todos os povos. Esse será verdadeiramente o reino de Jesus, porque Ele presidirá a seu estabelecimento e os homens viverão sob a égide de Sua Lei. Reino da felicidade, porque disse Ele, *após os dias de aflição virão os dias de alegria*.

57. Quando se cumprirão essas coisas? “Ninguém o sabe, diz Jesus, *nem mesmo o Filho*”; mas, quando o momento vier, os homens serão advertidos pelos indícios precursores. Esses indícios não estarão nem no Sol nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenômenos mais morais que físicos, e que se podem, em parte, deduzir de Suas alusões.

É bem certo que tais mudanças não se operariam durante a vida dos Apóstolos, porque então Jesus não poderia ignorá-las e, aliás, uma tal transformação não se realizaria em alguns anos. No entanto, Ele lhes fala como se os Apóstolos devessem ser testemunhas. É que, com efeito, eles poderiam renascer na época em que elas ocorrerão, e trabalhar eles mesmos na mudança. Uma vez Ele fala da sorte próxima de Jerusalém, e outra vez toma esse fato como ponto de comparação para o futuro.

58. É o fim do mundo que Jesus anuncia com Sua nova vinda e quando diz: *Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim chegará?*

Não é racional supor que Deus destrua o mundo precisamente no momento em que entrará no caminho do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal, que, em tais condições, não seria justificada.

A prática geral do Evangelho, devendo resultar em uma melhoria do estado moral dos homens, trará, por isso mesmo, o reinado do Bem e resultará na queda do reinado do mal. É, portanto, o fim do *velho mundo*, do planeta governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez e por todas as más paixões, a que o Cristo faz alusão quando diz: *Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim chegará*; mas esse fim trará luta, e é dessa batalha que advirão os males que Ele previu.

Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

59. *Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei meu Espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Naqueles dias, espalharei meu Espírito sobre meus servidores e sobre minhas servidoras e profetizarão.* (Atos, II:17 e 18; Joel, II:28 e 29)

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e o do moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias que se debatem em vão desde um século contra as ideias novas, não se pode duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o velho mundo chega a seu termo.

Se, agora, levando em conta a forma alegórica de certos quadros e perscrutando o sentido íntimo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos descritos por Ele, como devendo marcar a era da renovação, não se pode deixar de convir que várias de Suas predições se cumprem hoje. Daí concluir-se que chegamos aos tempos anunciados, o que é confirmado em todos os pontos do globo pelos Espíritos que se manifestam.

61. Assim, como vimos (capítulo I, nº 32), o advento do Espiritismo, coincidindo com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que deve, forçosamente, exercer sobre as ideias. É, por outro lado, claramente anunciado naquilo que é reportado nos Atos dos Apóstolos: *Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei o meu Espírito sobre toda a carne: vossos filhos e vossas filhas profetizarão.*

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, que se revela em nossos dias nos indivíduos de todas as idades, de todos os sexos e de todas as condições e, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, porque sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso, diz-se, sucederá *nos últimos tempos*. Ora, porque nós não estamos no fim do mundo, mas, ao contrário, na sua regeneração, é preciso entender por aquelas palavras: os últimos tempos do mundo moral que termina. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XXI)

Juízo final

62. *Ora, quando o Filho do homem vier em Sua majestade acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de Sua glória; e estando todas as nações reunidas diante Dele, separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à Sua direita e os bodes à Sua esquerda. Então, o Rei dirá àqueles que estão à Sua direita: Vinde, vós que tendes sido abençoados por meu Pai (...).* (Mateus, XXV:31 a 46; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XV)

63. Devendo o Bem reinar na Terra, será necessário excluir dela os espíritos endurecidos no mal e que poderiam acarretar-lhe perturbações. Deus os deixou pelo tempo necessário à sua melhoria; mas no momento em que o globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, tendo chegado tal tempo, a estada nele, como Espíritos e como Encarnados, será interditada àqueles que não aproveitaram as instruções que aí vieram receber. Eles serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra, os da raça adâmica, ao passo que serão substituídos por Espíritos melhores. É a essa separação que Jesus presidirá, o que é figurado por estas palavras do

juízo final: *Os bons passarão à minha direita e os maus, à minha esquerda* (capítulo XI, nº 31 e subsequentes).

64. A doutrina de um juízo final, único e universal, que coloque fim a toda a Humanidade, repugna à razão, porque ela implicaria na inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e a eternidade que seguirá à sua destruição. Pergunta-se qual seria então a utilidade do Sol, da Lua e das estrelas que, segundo o Gênesis, foram feitos para iluminar nosso mundo. É espantoso que uma obra tão imensa fora feita para durar tão pouco tempo e para benefício de seres cuja maior parte estaria votada de antemão aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um juízo final era, até certo ponto, admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, enquanto se acreditasse estar toda a Humanidade concentrada na Terra, e que tudo no Universo fora feito para seus habitantes. Ela é inadmissível desde que se sabe que há milhares de mundos semelhantes que perpetuam as Humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível, dos menos consideráveis.

Vê-se por este único fato que Jesus tinha razão ao dizer a Seus discípulos: *Há várias coisas que não vos posso dizer, porque vós não as compreenderíeis*, pois que o progresso das Ciências era indispensável para uma sã interpretação de algumas de Suas palavras. Certamente, os Apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido certos dogmas de modo diferente, se os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Por isso Jesus adiou o complemento para Suas instruções e anunciou que todas as coisas deveriam ser restabelecidas.

66. Moralmente, um juízo definitivo e sem apelo é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, que deixa sempre uma via aberta ao arrependimento, e está pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se o Divino Mestre houvesse entendido o juízo naquele sentido, estaria contradizendo Suas próprias palavras.

E, ainda, se o juízo final deve surpreender os homens pelo imprevisto, no meio de seus trabalhos comuns, e as mulheres grávidas,

pergunta-se com que finalidade Deus, que não faz nada de inútil nem de injusto, faria nascer crianças e *criaria almas novas* nesse momento supremo, no termo fatal da Humanidade, para fazê-las passar por julgamento ao saírem do seio da mãe, antes que tomassem consciência de si mesmas, enquanto que outros tiveram milhares de anos para conhecerem a si mesmos? De que lado, à direita ou à esquerda, tomariam lugar essas almas que ainda não eram nem boas nem más e a quem todo caminho ulterior de progresso estaria sempre fechado, pois que a Humanidade não existirá mais? (capítulo II, nº 19)

Aqueles cuja razão se contenta com crenças semelhantes e as conservam, estão em seu direito e ninguém nada tem de objetar, mas que não levem a mal que nem todos sejam da mesma opinião.

67. O julgamento, pela via de emigração, tal como foi definido anteriormente (nº 63), é racional. É fundado na mais rigorosa justiça, visto que deixa eternamente ao Espírito seu livre-arbítrio; que ele não constitui privilégio de ninguém; que uma igual possibilidade é dada por Deus a todas as Suas criaturas, sem exceção, para progredir; que, mesmo no aniquilamento do mundo, trazendo a destruição do corpo, não causaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tal é a consequência da pluralidade dos mundos e da multiplicidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *julgamento final* não é exata, pois que os Espíritos passam por semelhantes depurações a cada renovação dos mundos que habitam, até que tenham atingido um certo grau de perfeição. Não há, portanto, propriamente dito, *julgamento final*, mas há *julgamentos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos; e em consequência delas se operam as grandes emigrações e imigrações dos Espíritos.

CAPÍTULO XVIII

OS TEMPOS CHEGARAM

Sinais dos tempos – A nova geração

Sinais dos tempos

1. Os tempos marcados por Deus chegaram, dizem-nos de todas as partes, em que grandes eventos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido é preciso entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; a seus olhos, é apenas a expressão de uma crença pueril, sem fundamento; para o maior número de crentes, têm alguma coisa de místico e de sobrenatural, que lhes parece ser o precursor do transtorno das leis da Natureza. Essas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, no que implica a negação da Providência; a segunda, em que essas palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas seu cumprimento.¹

2. Tudo é harmonia na Criação. Tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores. Devemos, então, primeiro afastar toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha do conjunto.

⁽¹⁾ N. E: Veja-se também interessante comunicação intitulada “Do Espírito Profético”, à página 101, da *Revista Espírita* do ano de 1867.

Isto posto, diremos que nosso globo, como tudo o que existe, está sujeito à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente, pela depuração dos Espíritos, encarnados e desencarnados, que o povoam. Estes dois progressos se seguem e andam paralelamente, pois a perfeição da habitação está em relação com a perfeição do habitante. Fisicamente, o planeta sofreu transformações, constatadas pela Ciência, e que o têm, sucessivamente, tornado habitável por seres mais e mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade evolui pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que a melhoria do globo se opera sob o império das forças materiais, os homens concorrem para ela pelos esforços de sua inteligência. Eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Este duplo avanço se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas; para cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido, o que marca, por caracteres nítidos, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados nos *pormenores* ao livre-arbítrio dos homens, são de alguma forma fatais em seu conjunto, visto que estão submetidos a leis, como as que atuam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. É por isso que o movimento progressivo é, às vezes, parcial, quer dizer, limitado a uma raça ou a uma nação, e outras vezes é geral.

O progresso da Humanidade, portanto, se efetua em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é o efeito delas é o resultado da vontade de Deus, não uma vontade acidental e caprichosa, mas imutável. Portanto, quando a Humanidade está madura para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se diz, também, que em tal estação chegou o tempo para a maturidade dos frutos e a colheita.

3. Porque o movimento progressivo da Humanidade é inevitável, por estar na Natureza, não se segue que Deus lhe seja indiferente, e que

após ter estabelecido Suas leis, retornou à inação, deixando as coisas seguirem sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque Sua vontade mesma é eterna e constante e Seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção. Seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia. Se esse pensamento cessar de agir um só instante, o Universo seria como um relógio sem o pêndulo regulador. Deus vela, portanto, incessantemente, pela execução de Suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são Seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições relativas ao seu grau de adiantamento.

4. O Universo é, por sua vez, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo em que cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Mestre, cuja vontade *única* mantém em toda parte a *unidade*. Sob o império desse vasto poder regulador tudo se move e funciona em uma ordem perfeita. O que nos parecem perturbações são os movimentos parciais e isolados que nos parecem irregulares apenas porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que essas irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam no todo.

5. A Humanidade realizou até hoje incontestáveis avanços. Os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que jamais atingiram, sob o ponto de vista das Ciências, das Artes e do bem-estar material; resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: é o de *fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral*. Mas isso não lhes era possível nem com suas crenças nem com suas instituições superadas, restos de outra era, boas para uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que comportavam, são hoje um ponto de estagnação. Não é necessário somente o desenvolvimento da inteligência aos homens, mas a elevação do sentimento, e por isso destruir tudo o que poderia superexcitar neles o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período em que vamos entrar a partir de agora, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Este estágio, que se

elabora neste momento, é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude. Ela poderia, portanto, ser prevista e predita antes, e é por isso que se diz que época marcada por Deus chegou.

6. Nesses tempos chegados, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça. É um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que lhe fazem oposição, nela trabalham contra sua vontade. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se encontrará animada a idéias e sentimentos completamente diferentes dos da geração presente, que se retira a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na História, como hoje os tempos da Idade Média com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De resto, cada um sabe o quanto a ordem atual de coisas ainda deixa a desejar. Após ter, de certo modo, esgotado o conforto material, o qual é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar apenas pode estar no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, no entanto, poder ainda defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; têm-se desejos, aspirações, que são o pressentimento de um estado melhor.

7. Mas uma mudança tão radical, como a que se elabora, não pode se realizar sem comoção; há a luta inevitável entre as ideias. Desse conflito nascerão, forçosamente, perturbações temporárias, até que o terreno esteja desobstruído e o equilíbrio restabelecido. É, portanto, da luta das ideias que surgirão os graves eventos anunciados e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra; *hoje, não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade*.

8. Se a Terra não tem mais a temer os cataclismos gerais, ela não está menos submetida a revoluções periódicas cujas causas são explicadas, do ponto de vista científico, nas instruções seguintes dadas por dois eminentes Espíritos²:

“Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações etc., tem revoluções que demandam milhares de séculos para sua perfeita realização, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até um máximo de efeito, após o qual há decréscimo até o limite inferior, para recomençar, em seguida, a percorrer as mesmas fases.

“O homem abarca apenas as fases de duração relativamente curta e das quais pode constatar a periodicidade, mas há outras que compreendem várias gerações de seres, e mesmo de sucessões de raças, cujos efeitos, por consequência, têm para ele, as aparências de novidade e de espontaneidade, enquanto que, se seu olhar pudesse se lançar para alguns milhares de séculos atrás, veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação da qual nem sequer suspeita. Esses períodos, que confundem a imaginação dos humanos pela sua relativa extensão, são, no entanto, apenas instantes na duração eterna.

“Em um mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são solidárias, e não há um só dos efeitos que vós designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a consequência da componente de influências de todo esse sistema.

“Eu vou mais longe: eu digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, em razão da proximidade ou da distância que resulta de seus movimentos de translação através das miríades de sistemas que compõem nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidão, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas das quais se aproxima.

“Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e, assim, sucessivamente, até o átomo. Daí, em cada mundo, as revoluções locais e as

⁽²⁾ **Nota:** Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris, e publicadas na *Revista Espírita* de outubro de 1868, p. 313. Elas são o corolário das de Galileu, relatadas no capítulo VI, e um complemento ao capítulo IX, sobre as revoluções do globo.

gerais, que parecem perturbações apenas pela brevidade da vida, que permite ver apenas os efeitos parciais.

“A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências. As perturbações que ela sofre podem, portanto, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas de suas doenças, que atacam de maneira geral as plantas, os animais e os homens. Estes males, como todos os flagelos, são para a inteligência humana um estímulo que a impele, pela necessidade, à pesquisa de meios de combatê-los e à descoberta das leis da Natureza.

“Mas a matéria orgânica reage, a seu turno, sobre o Espírito; ele, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, sofre também as influências que modificam suas disposições, sem, no entanto, tirar-lhe seu livre-arbítrio, superexcitando ou moderando sua atividade e, por isso mesmo, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que se manifesta às vezes em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita nem o resultado de um capricho. Ela tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, de início inconsciente, que é apenas um vago desejo, uma aspiração não definida por alguma coisa melhor, de uma necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, as quais, crede-o bem, têm também sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a visão espiritual não estivesse circunscrita pelo véu da matéria, veríeis essas correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

“Quando se diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos, não vedes nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, o cumprimento de uma das grandes leis inevitáveis do Universo” — ARAGO.

9. “Sim, é certo, a Humanidade se transforma como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam

com elas as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

“A Humanidade terrestre, chegada a um desses períodos de crescimento, está totalmente, há quase um século, no trabalho da transformação. É por isso que ela se agita de todos os lados, presa de uma espécie de febre, e como que movida por uma força invisível, até que retome seu assento sobre novas bases. Quem a vir, então, encontrá-la-á bem mudada em seus costumes, seu caráter, suas leis, suas crenças, em uma palavra, em todo o seu estado social.

“Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que nem por isso é menos uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos que vos rodeia sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que ele aí toma parte ativa. Isto não tem nada de surpreendente para quem sabe que os Espíritos e a Humanidade formam um todo; que eles saem dela e devem nela reentrar; é, portanto, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Estejais, portanto, certos de que, quando uma revolução social se realiza na Terra, ela agita igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más estão superexcitadas, como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte de vosso mundo e que aguardam o momento de nele reentrarem.

“À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, às vezes, o mais das vezes mesmo, pois que tudo se relaciona na Natureza, as perturbações dos elementos físicos. É então que, por algum tempo, se dá uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, após o qual o Céu volta a ser sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, percorre nova etapa de progresso.

“É no período que se abre que se verá florescer o Espiritismo, e que produzirá seus frutos. É, portanto, para o porvir, mais que para o presente, que vós trabalhais; mas é necessário que tais trabalhos fossem preparados antes, porque que eles preparam as vias da regeneração pela unificação e a racionalidade das crenças. Felizes aqueles que disso aproveitam desde hoje, pois será para eles um passo ganho, e penas poupadas.” — DOUTOR BARRY

10. Resulta do que precede que, em consequência de seu movimento de translação pelo espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, uma influência maior, ou menor, conforme sua aproximação e sua posição respectivas; que essa influência pode causar uma perturbação momentânea em seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade de seus habitantes; que a regularidade dos movimentos deve resultar da volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se a duração de certos períodos é muito curto para ser apreciada pelos homens, outros veem passar gerações e raças que não os percebem e para elas o estado de coisas é normal. Mas, ao contrário, as gerações contemporâneas da transição sofrem-lhe o contragolpe e tudo parece se afastar das leis ordinárias. Elas veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa, no que é, em realidade, apenas o cumprimento das leis da Natureza.

Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovações morais da Humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, elas podem ser acompanhadas ou precedidas de fenômenos naturais, insólitos para aqueles que não estejam habituados, de meteoros que lhes parecem estranhos, de uma recrudescência e de intensidade desacostumadas de flagelos destruidores. Estes flagelos não são nem causa nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no moral.

Ao predizer a era de renovação que deveria abrir-se para a Humanidade e marcar o fim do velho mundo, Jesus pôde dizer, portanto, que ela seria assinalada por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que não são outra coisa senão meteoros, sem sair das leis naturais; mas o povo ignorante viu nessas palavras o anúncio de fatos miraculosos.³

⁽³⁾ **Nota:** A terrível epidemia que, de 1866 a 1868, dizimou a população da ilha Maurice foi precedida por uma chuva tão extraordinária e tão abundante de estrelas cadentes, em dezembro de 1866, que os habitantes ficaram terrificados. A partir desse momento, a doença, que grassava desde alguns meses de maneira muito benigna, torna-se um verdadeiro flagelo devastador. Sem dúvida houve um sinal dos céus, e talvez nesse sentido que era preciso entender as *estrelas caindo do céu* de que fala o Evangelho, como um dos sinais dos tempos. (Detalhes sobre a epidemia da ilha Maurice, *Revista Espírita*, julho de 1867, p. 208; novembro de 1868, p. 321.)

11. A previsão dos movimentos para progresso da Humanidade não tem nada de surpreendente para os seres desmaterializados que veem a finalidade para a qual tendem todas as coisas, pois alguns deles possuem o pensamento direto de Deus, e julgam pelos movimentos parciais, o tempo no qual poderá se realizar um movimento geral, como se julga antecipadamente quanto tempo é necessário a uma árvore para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo necessário para um astro realizar sua revolução.

12. A Humanidade é um ser coletivo no qual se operam as mesmas revoluções morais por que passa cada ser individual, com esta diferença: que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Se a seguirmos em suas evoluções pelos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada fase uma fisionomia particular.

13. A marcha progressiva da Humanidade opera-se de duas maneiras, como temos dito: uma gradual, lenta insensível, se considerarmos as épocas próximas, as quais se traduzem por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe senão a distância, como as mudanças que as correntes de água ocasionam na superfície do globo; outra, por movimentos relativamente bruscos, rápidos, semelhantes àqueles de uma torrente rompendo os diques, que lhe fazem transpor em alguns anos o espaço que levou séculos a percorrer. É, então, um cataclismo moral que traga em alguns instantes as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Para quem viver tempo suficiente para abarcar as duas versões da nova fase parecerá que um mundo novo haja saído das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo muda. É que, com efeito, surgiram homens novos, ou melhor, regenerados. As ideias trazidas pela geração que se extingue dão lugar às novas da geração que surge.

14. A Humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais amplas, mais elevadas. Ela compreende o vazio das ideias nas quais foi acalentada, a insuficiência das suas instituições para sua felicidade. Não

encontra mais no estado das coisas as satisfações legítimas cujo apelo sente. É por isso que ela deixa suas coisas infantis, e se lança, impelida por uma força irresistível, em direção a praias desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos limitados.

É a um desses períodos de transformação, ou se quiserem, de *crescimento moral*, que chegou a Humanidade. Da adolescência passou à idade viril. O passado não pode mais bastar para suas novas perspectivas, suas novas necessidades. Não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios. Não se contenta mais com ilusões e prestígios: são necessários à sua razão amadurecida alimentos mais substanciais. O presente é muito efêmero; a Humanidade sente que seu destino é mais vasto e que a vida corporal é muito restrita para encerrá-la toda inteira. É por isso que ela lança seus olhares no passado e no porvir, a fim de descobrir o mistério de sua existência e daí extrair uma segurança consoladora.

E é no momento em que ela se encontra mais acanhada em sua esfera material, em que a vida intelectual transborda, em que o sentimento da espiritualidade se expande, que homens que se dizem filósofos esperam preencher o vácuo com as doutrinas do negativismo e do materialismo! Estranha aberração! Estes mesmos homens que pretendem empurrá-la para a frente se esforçam em circunscrevê-la no círculo estreito da matéria de onde ela aspira a sair. Eles lhe fecham o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, ao lhe mostrar o túmulo: *Nec plus ultra!*⁴

15. Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências, e não o circunscreve à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre para a Humanidade um novo caminho, e lhe revela os horizontes do infinito; iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, ele lhe mostra seu verdadeiro papel na Criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no corporal. O Homem não anda mais cegamente: ele sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O porvir mostra-se em sua realidade, desembaraçado dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele como a sucessão do dia

⁽⁴⁾ **N. E:** *Nec plus ultra*, expressão latina que significa “não mais além”. Serve para designar um limite além do qual não se pode passar.

e da noite. Ele sabe que seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que ele já viveu, que ainda reviverá, e que tudo o que ele adquire em perfeição pelo trabalho, nada é perdido. Encontra em suas existências anteriores a razão do que é hoje; e: *do que o Homem faz de si hoje, ele pode deduzir o que será um dia.*

16. Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, que antes nada foi e que não será nada, de que vale ao Homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no porvir os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Pois se ele não vai retirar daí nenhum fruto, esse progresso não é perdido para ele? Que lhe serve trabalhar para os que vierem após, se jamais conhecerá, se são seres novos que logo depois reentrarão eles mesmos no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se reduz forçosamente às insignificantes proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade de seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a corporal são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo e de mais consolador do que a ideia dos mesmos seres progredirem sem parar, de início por meio das gerações do mesmo mundo, e em seguida, de mundo em mundo até a perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm, então, uma finalidade, pois, ao trabalharem para todos, trabalha-se para si mesmo e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais são estéreis; eles beneficiam as gerações e as individualidades futuras que não são outras que as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de desenvolvimento.

17. A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social, mas não há fraternidade real, sólida e efetiva, se não estiver apoiada em uma base inquebrantável. Esta base é *a fé*; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e se lançam

pedras, porque ao se anatematizarem alimentam o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: *Deus, a Alma, o porvir*, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; que este Deus, soberanamente justo e bom, não pode querer nada de injusto; de que o mal vem dos homens e não Dele, eles se olharão como as crianças de um mesmo Pai e estender-se-ão as mãos.

É esta a fé que o Espiritismo proporciona, e que será, de agora em diante, o eixo sobre o qual se moverá o gênero humano, quaisquer que sejam o modo de adoração e as crenças particulares.

18. O progresso intelectual realizado até hoje nas mais vastas proporções é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade; mas, sozinho, é impotente para regenerá-la; enquanto o Homem estiver dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele utilizará sua inteligência e seus conhecimentos para satisfazer suas paixões e seus interesses pessoais. É por isso que ele os aplica no aperfeiçoamento dos meios de prejudicar a seus semelhantes e de os destruir.

19. Somente o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens na Terra ao colocar um freio às más paixões. Apenas ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz, a fraternidade.

Será ele que romperá as barreiras dos povos, que fará cair os preconceitos de casta, e calar os antagonismos das seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos chamados a se ajudarem mutuamente e não a viverem às expensas uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aqui pelo avanço intelectual, que irmanará os homens em uma mesma crença construída sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isso mesmo, aceitas por todos.

A unidade da crença será o liame mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrada pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias que fazem ver nos dissidentes inimigos que é necessário afastar, combater, exterminar, em vez de irmãos que é preciso amar.

20. Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical no sentimento das massas, uma evolução que só pode realizar-se se sairmos das ideias estreitas e terra a terra que formam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram impulsionar os Seres Humanos para esse caminho; mas a Humanidade, ainda demasiada jovem, permanece surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente que cai na pedra. Hoje, ela está madura para lançar seus olhares mais alto, para assimilar ideias mais amplas e compreender o que antes não pudera.

A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros. A geração que surge, embebida em uma fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo o movimento ascensional para o progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade.

21. Esta etapa já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas que vêm à luz e começam a encontrar ecos. É assim que se vê surgir uma variedade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados para a obra da regeneração; e que leis penais se impregnam a cada dia de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça enfraquecem-se, os povos começam a se olhar como membros de uma grande família. Pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem-se as barreiras que os dividiam; em todas as partes do mundo, eles se reúnem em conclave universais para os debates pacíficos da inteligência.

Mas falta a essas reformas uma base para desenvolverem-se, completarem-se, consolidarem-se, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitar pelas massas. Isso não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio do que se realizará em mais larga escala, à medida que o terreno se torne mais propício.

22. Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera em direção às ideias espiritualistas; uma repulsa instintiva se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e fizera-as rejeitar, com a forma, o próprio fundo de toda

crença, parece ter sido um sono, ao sair do qual sente-se a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vácuo é feito, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

23. Se supusermos que a maioria dos homens esteja imbuída desse sentimento, pode-se facilmente imaginar as modificações que eles trarão para as relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças, tal será sua divisa. É o objetivo para a qual tende evidentemente a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que ela se dê conta dos meios de os realizar. Ela ensaia, tateia, mas é detida por resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. É necessário vencer essas resistências, e isto será a obra da nova geração. Se se segue o curso atual das coisas, reconhece-se que tudo parece predestinado a lhe abrir caminho. Ela terá para si a dupla força do número e das ideias, e mais a experiência do passado.

24. A nova geração caminhará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. O Espiritismo também caminha para o mesmo objetivo, realizando suas finalidades, por isso ambos estarão no mesmo terreno. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo a achará, nos novos homens, Espíritos predispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, o que poderão fazer os que quiserem colocar-se em oposição?

25. Não foi o Espiritismo que criou a renovação social; é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizante, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador. É por isso que eles lhe é contemporâneo. Ele veio no momento em que poderia ser útil, porque para ele também os tempos chegaram. Mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis e teria sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam ainda necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado

para recebê-lo; os Espíritos, cansados das dúvidas e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre diante deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

26. O número de retardatários é ainda grande, sem dúvida, mas o que podem eles contra a onda que sobe, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, enquanto que eles desaparecerão com a geração que se vai a cada dia a passos largos. Até lá, defenderão o terreno palmo a palmo. Há, pois, uma luta inevitável, mas desigual, porque é a do passado decrépito que cai em farrapos, contra o futuro jovem; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, pois são chegados os tempos marcados por Ele.

A nova geração

27. Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada apenas por bons Espíritos encarnados e desencarnados, que queiram apenas o Bem. Esse tempo tendo chegado, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam. Aqueles que praticam o mal pelo mal, e que o sentimento do Bem *não os afeta*, não sendo mais dignos da Terra transformada, serão excluídos, porque lhe trariam novamente a perturbação e a confusão, e seriam um obstáculo ao progresso. Eles expiarão seu endurecimento, uns em mundos inferiores; outros, nas raças terrestres atrasadas que serão o equivalente de mundos inferiores, e para ambos levarão seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazê-los progredir. E serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar entre eles a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não deve ser transformada por um cataclismo que anulará subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.

Exteriormente, portanto, tudo se passará como de hábito, com esta única diferença, mas uma divergência capital: que uma parte dos Espíritos que aí encarnavam, não encarnarão mais. Em uma criança que nascerá, em lugar de um espírito atrasado e inclinado ao mal virá encarnar nela um Espírito mais adiantado e *inclinado ao Bem*.

Trata-se, portanto, bem menos que uma nova geração corporal, que de uma nova geração de Espíritos, e é nesse sentido, sem dúvida, o que Jesus entendia, quando disse: *Eu vos digo, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos sejam realizados*. Assim, aqueles que esperarem ver a transformação operar-se, por efeitos sobrenaturais e maravilhosos, ficarão decepcionados.

28. A época atual é de transição; e os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhes são próprios.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vistas opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições *intuitivas* e *inatas*, é fácil saber a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento *inato* do Bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de um certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, são predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que difere, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiramente a revolta contra Deus pela recusa de reconhecer qualquer poder superior à Humanidade; a propensão *instintiva* para paixões degradantes, e para os sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, da inveja, do ciúme; enfim, a preferência por tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avariza.

São estes os vícios de que a Terra deve ser expurgada pelo afastamento daqueles que recusam emendar-se, porque são incompatíveis com o reino da Fraternidade, e que os homens de bem sofrerão sempre com seu contato. Quando a Terra estiver liberta deles, os homens marcharão sem entraves em direção a um futuro melhor que lhes está reservado aqui neste mundo, como prêmio por seus esforços e sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos Mundos Superiores.

29. Por essa emigração de Espíritos, não se deve entender que todos os espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aqui retornarão, porque muitos cederam à interferência das circunstâncias e do exemplo; a superfície era neles pior que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maior parte verá as coisas de maneira inteiramente diferente de quando vivos, como nos é confirmado por numerosos exemplos. São nisso ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles, e se apressam em esclarecê-los e lhes mostrar o falso caminho que seguiam. Com nossas preces e nossas exortações, nós mesmos podemos contribuir para a melhoria, visto que há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e como se vê, é toda moral e não se afasta em nada das leis da Natureza.

30. Quer os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos, superiores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que eles tragam melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, segundo suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem; de outra, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade, em um povo, em uma raça ou no mundo inteiro, será, portanto, conforme a categoria, a que tiver a preponderância.

31. Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento composto em sua grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: trarão sem cessar desordens que a severidade da lei penal terá muitas vezes dificuldade em reprimir. Estes homens serão os mais fortes, porque são mais numerosos. Eles se sustentam, encorajam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; eles são ridicularizados, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não está aí a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retire tais homens do regimento um a um, de dez em dez, de cem em cem, e sejam substituídos na mesma medida por

um número igual de bons soldados, mesmo pelos que foram expulsos, mas que seriamente se corrigiram: no fim de algum tempo ter-se-á o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem sucederá à desordem. Assim será com a Humanidade regenerada.

32. As grandes partidas coletivas não têm por objetivo somente ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar maior ascendências às ideias novas.

É porque muitos, malgrado suas imperfeições, estão maduros para essa transformação, que muitos partem a fim de se retemperarem em uma fonte mais pura. Enquanto eles ficarem no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Uma permanência no mundo dos Espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali veem o que não podia ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista poderão, portanto, voltar com *ideias inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. Ao retornarem, encontrarão as coisas mudadas e sofrerão a ascendência do novo meio em que nascerem. Em vez de oporem-se às novas ideias, eles serão auxiliares.

33. A regeneração da Humanidade não tem, absolutamente, necessidade da renovação integral dos Espíritos: é suficiente uma modificação em suas disposições morais. Essa transformação se opera em todos aqueles que estão predispostos, assim que são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Os que retornam, então, nem sempre são outros Espíritos, mas muitas vezes os mesmos que agora pensam e sentem diferentemente.

Quando este melhoramento é isolado e individual, passa despercebido e não tem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é diferente, quando ele se opera simultaneamente sobre grandes massas; porque, então, segundo as proporções, em uma geração as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É o que se nota quase sempre após os grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores assolam apenas o corpo, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo

corporal e o espiritual, e, por consequência, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de se notar que em todas as épocas da História, as grandes crises sociais são seguidas de uma era de progresso.

34. É um desses movimentos gerais que se opera neste momento e que deve trazer o remanejamento da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é sinal característico dos tempos, porque devem acelerar a eclosão dos novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida, porque os Seres Humanos têm suas estações, como os indivíduos têm suas idades. As folhas mortas da Humanidade caem carregadas pelas rajadas e pelos golpes do vento, mas para renascer mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, pois que, segundo ele, *aniquilam os seres para sempre*. Mas para aquele que sabe que a morte destrói apenas o envoltório, os flagelos não têm as mesmas consequências e não lhe causam o menor temor. Ele compreende a finalidade deles, e sabe também que os homens não perdem mais por morrerem juntos, ou isoladamente, já que, de uma maneira ou de outra, é necessário sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras; mas, o que quer que eles digam, não escaparão à lei comum. Tombarão por sua vez como os outros e, então, o que será deles? Dizem: *Nada!* mas viverão a despeito de si mesmos e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.

NOTA EXPLICATIVA

“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita, de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)”

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre por meio de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall e as da fisiognomonia de Lavater eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “*resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.*” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, há apenas consanguinidade”. (O Livro dos Espíritos, item 207, p. 142).

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor”. (Revista Espírita, 1861, p. 432.)

“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e

progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes”. (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”. (A Gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p. 373).

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”. (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1863 – 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005 – janeiro de 1863.)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”. (O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. XVII, item 3, p. 348)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No Capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos

espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica”. (A Gênese, Cap. XI, item 43, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações”. (Revista Espírita, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (*“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”*), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora